

SÉRIE CEO
LIVRO UM

Operação CEO

ANNE MILLER

OPERAÇÃO CEO

ANNE MILLER 1

O IRMÃO DO CEO

ANNE MILLER 2

A ESCOLHA DO CEO

ANNE MILLER 3



Trilogia
CEO

BOX COMPLETO

ANNE MILLER

Copyright ©2017 by Anne Miller.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, total ou parcial, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Capa: Icaro Trindade

Edição digital: setembro de 2017.

ÍNDICE

OPERAÇÃO CEO — LIVRO 1

Capítulo 01 — De Volta ao Lar

Capítulo 02 — Novos Dias, Novos Problemas

Capítulo 03 — A Mulher do Cafezinho

Capítulo 04 — Stalker

Capítulo 05 — Ruiva

Capítulo 06 — Trabalho Duro

Capítulo 07 — Primeiras Impressões

Capítulo 08 — Pesquisa Exploratória

Capítulo 09 — Promoção

Capítulo 10 — Depois do Expediente

Capítulo 11 — Sábado de Manhã

Capítulo 12 — Caridade

Capítulo 13 — Bianca

Capítulo 14 — Hora Extra

Capítulo 15 — Despedida

Capítulo 16 — Parte do Plano

Capítulo 17 — Cartada Final

Capítulo 18 — O Primeiro Encontro

Capítulo 19 — Um Novo Começo

Capítulo 20 — Ligação

Capítulo 21 — Casa de Campo

Capítulo 22 — Calmaria

Capítulo 23 — Tempestade

O IRMÃO DO CEO — LIVRO 2

Capítulo 01 — O Sabor da Vitória

Capítulo 02 — Naquela Noite

Capítulo 03 — Meses de Garantia

Capítulo 04 — Novo Cargo

Capítulo 05 — Quente e Molhado

Capítulo 06 — Confiança

Capítulo 07 — Jantar em Família

Capítulo 08 — O Retorno

Capítulo 09 — Karaokê

Capítulo 10 — Ressaca

Capítulo 11 — Reconciliação

Capítulo 12 — Surpresa

Capítulo 13 — Convite

Capítulo 14 — Com os Pés na Estrada

Capítulo 15 — Verdade

Capítulo 16 — O Confronto

A ESCOLHA DO CEO — LIVRO 3

Capítulo 01 — O Começo do Fim

Capítulo 02 — Apenas Verdades

Capítulo 03 — Uma Nova Cor

Capítulo 04 — Chuva de Incertezas

Capítulo 05 — Uma Luta Perdida

Capítulo 06 — Segundas Impressões

Capítulo 07 — Caminho Para Casa

Capítulo 08 — Café da Manhã

Capítulo 09 — Mudança de Planos

Capítulo 10 — Água Gelada

Capítulo 11 — Um Banho Quente

Capítulo 12 — Durante a Noite

Capítulo 13 — Indesejado

Capítulo 14 — Planos Futuros

Capítulo 15 — A Escolha do CEO

Capítulo 16 — Consequências

Capítulo 17 — A Partida

Epílogo

CONTO ESPECIAL 1

Estranho Encontro — Parte 1

Mensagens Trocadas — Parte 2

Verdades — Parte 3

Caminhada — Parte 4

CONTO ESPECIAL 2

Parte 1 — Casamento

Parte 2 — Dourado

Parte 3 — Adeus

Parte 4 — Uma Escolha

CONHEÇA MEUS OUTROS TRABALHOS

ANNE MILLER

OPERAÇÃO CEO — LIVRO 1

Operação
CEO

SÉRIE CEO - LIVRO UM
ANNE MILLER

PARTE 1: CHAMANDO A ATENÇÃO

- * *Chamar a atenção do CEO (Bryan ~~deleia~~ Leal).*
- * *Conversar com ele (sem ser relacionado ao meu trabalho).*
 - * *Fazê-lo simpatizar comigo.*
- * *Ser promovida.*

Capítulo 01 — De Volta ao Lar

Ainda bastante hesitante com toda a ideia de voltar para aquela parte do meu passado — uma que não costumava visitar nem mesmo nos meus pensamentos —, eu dei dois passos e três batidas na porta de Bia.

E, então, o meu estômago se revirou enquanto esperava para ser atendida.

Fiquei ainda mais nervosa do que eu já estava há alguns segundos, quando precisei convencer o porteiro a me deixar entrar no prédio. Não foi muito difícil enrolá-lo, o ganhei com a péssima desculpa de que queria fazer uma grande surpresa para a minha amiga e se ele avisasse que eu estava subindo, automaticamente, estragaria tudo.

Em um primeiro momento, ele barrou a minha entrada, dizendo que isso lhe daria problemas e mais um monte de coisa que eu não fiz questão de ouvir. Mas tudo o que eu precisei fazer, foi inclinar um pouquinho o meu corpo, deixando-o encarar o decote da minha blusinha e, como em um passo de mágica, ele me deixou entrar.

E esse era o grande problema com os homens.

Eles não costumavam pensar muito com a cabeça de cima — pelo menos, não quando a de baixo se “animava”.

Nunca fui do tipo orgulhosa e envergonhada — definitivamente, isso não combinava muito comigo —, mas quando se tratava de Bianca — talvez a única pessoa com quem eu realmente me importava —, as coisas mudavam completamente.

E, de repente, eu já estava me odiando por incomodá-la e tornar a ser um encosto em sua vida, que já era bastante complicada sem a minha presença e influência — nem um pouco positiva.

Quando a porta escura finalmente se abriu, a primeira coisa que a minha amiga olhou, não foram os meus olhos verdes, nem mesmo os meus lábios avermelhados — o que ela mais invejava em mim, com exceção do meu peso, segundo a própria — e tampouco os fios dourados muito bem hidratados em minha cabeça.

Bianca encarava as duas malas que estavam aos meus pés.

Certamente, ela já devia imaginar o que eu estava fazendo ali — e quem não imaginaria? —, tão tarde e daquela maneira, com todas aquelas coisas a minha volta, como se eu estivesse gritando que precisava de um lugar para ficar.

Mas o que eu poderia fazer? Sempre fui uma pessoa muito previsível.

— Oi... — Bianca disse, aparentemente, surpresa em me ver, o que fez com que aquela desculpa que eu havia inventado para entrar no prédio se tornasse uma espécie de meia verdade.

Depois de alguns segundos em silêncio, ela deu dois passos para trás e terminou de abrir a porta, dando-me espaço suficiente para entrar, antes de prosseguir, dizendo: — en... entre!

— Como você está? — perguntei, antes de abraçá-la com força.

Voltei o meu olhar em direção ao seu corpo e notei que, provavelmente, ela havia engordado mais um pouco desde a última vez em que nos vimos.

— Nossa, você está tão diferente... mais magra?

A morena a minha frente me lançou um olhar cético, antes de responder: — mais magra? Olha, Vanessa, você já foi bem melhor do que isso!

— Mas você não emagreceu? — insisti, fingindo estar surpresa pela negativa. — Eu juro que tive essa impressão quando você abriu aquela porta.

Ela deixou escapar um riso sarcástico, respondendo: — vai se ferrar... e, que fique bem claro, eu só vou te deixar ficar aqui porque não vou conseguir te expulsar.

— O.K — concordei com a sua visão das coisas.

Ela realmente não conseguiria me expulsar.

Levantei o dedo indicador, roubando novamente a sua atenção.

— Tem um táxi parado lá na rua e eu meio que disse pro cara que você pagaria a corrida quando chegássemos aqui...

Depois de me lançar mais um olhar incrédulo, Bianca caminhou até a mesa, pegou a sua carteira cor de rosa e deixou o apartamento apressada.

Nesse meio tempo, sentei-me no sofá marrom da sala e me odiei novamente por ter voltado para aquele lugar, o maldito e pequeno “*apartamento*” — o mesmo que jurei nunca mais precisar.

Infelizmente, o universo não estava sendo muito generoso comigo.

Tudo bem, talvez não fosse culpa do universo.

No entanto, eu precisava culpar alguém que não fosse eu mesma, pois não aguentaria carregar ainda mais culpa — provavelmente, a única coisa que eu já havia conseguido na vida por mérito próprio.

— Agora, me conte tudo... o que aconteceu com você? — questionou

Bianca quando retornou.

Não respondi, deixei com que ela se sentasse no sofá primeiro.

Eu não queria que a minha amiga corresse o risco de desabar com o meu relato.

— Brigas no paraíso?

Paraíso?

Estava mais para uma espécie de inferno.

Um em que eu havia reinado como o demônio.

— Não deu muito certo com o Roberto — respondi, limitando-me a poucas palavras. Mas o olhar de Bia tornou a queimar o meu rosto, forçando-me a prosseguir, revelando mais detalhes: — eu... droga... ele me pegou beijando o Jean.

— E quem é Jean? — indagou ela.

Suspirei fundo e, de maneira ainda hesitante, respondi a sua pergunta com uma voz baixa, como se estivesse lhe contando um segredo: — o irmão dele.

— Droga!

Realmente, uma grande “*droga!*”.

A cena só não foi cômica, porque meu ex-namorado começou a chorar na nossa frente.

Ele não tentou bater no irmão, não tentou me ofender com palavrões — que eu merecia muito ouvir —, simplesmente, nos encarou e os seus grandes olhos castanhos encheram-se de lágrimas.

Não havia sido a primeira vez que eu o traí com o seu irmão — ou com outro cara mais interessante do que ele, o que não era muito difícil de encontrar, diga-se de passagem —, mas aquela foi a primeira em que eu realmente me senti culpada por isso.

Naquele instante, eu me senti, de alguma maneira, suja e não digna da pessoa que nos observava — completamente destroçada com a terrível cena.

E, estranhamente, eu realmente me odiei por alguns poucos segundos — o que, sem dúvida alguma, era algo inédito na minha vida.

Só não fiquei mais triste com tudo o que aconteceu, porque eu não o amava o suficiente para algo assim. Toda a minha culpa e dor limitou-se a aquele momento em que o observei chorar, decepcionado ao descobrir o meu segredinho.

No fundo, eu estava mais triste porque precisei deixar o seu apartamento e devolver os seus cartões de créditos — incluindo o dourado com bastante limite. Mas eu ainda tive sorte por ele não querer pegar de volta alguns dos presentes caros que me deu durante o tempo em que passamos juntos.

Todo o luxo e conforto que eu tinha, desapareceu, junto com a última lágrima que Roberto deixou cair.

Não, eu não era uma monstra, era apenas uma pessoa completamente entediada com o namoro e que encontrou algo mais divertido para fazer — com o irmão dele, por sinal.

E, não, eu não me arrependia.

— Você não se arrepende?

Eu nunca havia visto a minha amiga tão chocada com algo que havia

saído da minha boca, foi como se ela não reconhecesse a pessoa a sua frente, o que era bem irônico.

— Não foi uma traição qualquer, Vanessa, foi uma traição dupla!

Esforcei-me para tentar fazê-la ver da mesma forma que eu enxergava tudo: — se eu não tivesse traído ele, continuaria lá, completamente entediada com a vida de merda que estávamos levando. Eu sei que não deveria ter traído ele, que deveria ter terminado o nosso namoro e blá blá blá, mas estar com ele era confortável... tipo uma cama confortável que você não quer deixar pela manhã, mesmo sabendo que em um determinado momento terá que levantar.

— E quanto a esse Jean?

Balancei a cabeça, negando também.

— Ele foi só uma distração boba... algo sem muita importância.

Não, eu não era uma sociopata — pelo menos, achava que não.

Afinal, não devia existir um teste de farmácia pra isso, não é?

A verdade era que eu não tinha uma desculpa boa o bastante para justificar os meus atos e também não queria inventar uma, tornando-me uma espécie de vítima.

Eu, definitivamente, também não era uma vítima.

E aceitava bem o fato de ter machucado Roberto, não precisava do olhar de desaprovação de Bianca para me dar conta disso.

— Eu, provavelmente, já te disse isso, mas vou repetir... Você é uma vaca desalmada! — concluiu a minha amiga, antes de se levantar para me abraçar. Depois do nosso breve abraço, ela sussurrou: — mesmo assim, eu

confesso que senti a sua falta... mas só um pouquinho.

Antes que eu pudesse responder que também senti a dela, Bia completou: — só não vá achando que eu vou te sustentar agora, garota.

Não pude deixar de rir com as suas palavras.

— Você... me sustentar? O meu estilo de vida é caro demais pra você bancar, querida — respondi, como se realmente tivesse ficado ofendida com a sua frase. — Você não conseguiria nem se tentasse.

— Ótimo então, querida! — retrucou ela, com um olhar que eu conhecia muito bem.

A minha amiga, com toda a certeza, me irritaria muito com a sua próxima frase.

— Amanhã você irá trabalhar comigo na Leal, eles estão precisando de uma pessoa nova por lá.

Bianca trabalhava de secretária em uma grande organização, Leal Corp, uma das maiores empresas que ofereciam serviço de previdência privada no Brasil — e também presente em vários outros países.

E, por algum motivo — um bem estranho —, ela adorava o trabalho, mesmo sendo completamente insuportável, do tipo que a obrigava ficar sentada em uma mesa pequena atendendo telefone o dia inteiro.

Eu tinha quase certeza que esse cargo era um dos maiores culpados pelos seus quilinhos a mais — depois de todos aqueles venenos que ela consumia como comida, claro.

Afinal, ficar sentada atendendo a vários telefonemas, não ajudava a queimar nenhuma caloria, não é mesmo?

Como eu já conhecia a sua reação — AKA “*você está me chamando de gorda?*”, somado a uma expressão histérica estampada no rosto —, optei por guardar essa teoria somente para mim.

— Eu como secretária? Sem chance! — respondi de imediato, ainda não acreditando no que ela estava me propondo.

Eu era uma pessoa refinada demais para um cargo tão medíocre.

— Caso você tenha se esquecido, eu sou formada em Marketing, não posso sair aceitando qualquer tipo de emprego, amiga... Isso aí faz uma mancha irreversível no nosso currículo. Imagina eu, Vanessa Waller, atendendo telefone o dia inteiro? Não mesmo!

— Secretária? Não, amiga — explicou Bia, segurando-se para não começar a rir, o que já me deixou bem nervosa e apreensiva para as suas próximas palavras. — A vaga disponível é pra copeira, o que é bom, já que você não vai precisar atender telefone nenhum... só vai fazer e servir café.

Capítulo 02 — Novos Dias, Novos Problemas

— Não, não precisa! Eu vou encontrar alguma coisa na minha área mesmo — respondi, mais uma vez, tentando convencê-la de que servir cafezinho na Leal Corp não combinava muito com uma mulher do meu nível. — Eu sou formada...

Quase virei a noite tentando colocar na cabeça dela que eu, Vanessa Waller, não tinha perfil para esse tipo de função e que, obviamente, mancharia o meu currículo. Depois que eles — os meus possíveis futuros chefes — descobrissem que eu havia passado um tempo servindo cafezinho, não me contratariam para mais nada importante.

No entanto, Bianca parecia não compreender, era como se não estivéssemos conversando no mesmo idioma. Ela só sabia repetir “*sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui*”, como um papagaio de pirata irritante.

E mesmo na manhã seguinte, ela continuava com o mesmo papo.

— Você está desempregada e sem dinheiro — interrompeu-me ela, jogando, desnecessariamente, mais um pouco de verdade na minha cara. Depois de alguns segundos, ela tornou a agir como um disco riscado: — sem contribuir com as contas, você...

— Não vai ficar — completei, devolvendo a interrupção. Respirei fundo, controlando-me, antes de prosseguir: — eu já saquei, flor. E, só pra que fique claro, você não precisa me lembrar de que eu não tenho uma casa ou dinheiro, os zeros em minha conta já dão conta do recado... O Itaú mostra o meu saldo bancário pelo aplicativo de celular.

Bianca não precisou dizer mais nenhuma palavra — incluindo aquelas que formavam a frase “*sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui*”.

Aparentemente, eu estava prestes a me tornar a mulher do cafezinho — o que, certamente, era uma grande piada de mau gosto.

— O universo me odeia — constatei outro fato bem evidente, já conformada com todo aquele carma que me cercava.

Ao me ouvir sussurrar isso, Bia se virou, voltando o seu olhar e sorriso sarcástico em minha direção: — com mais de sete bilhões de pessoas na terra, você acha mesmo que o universo perderia o tempo dele para focar em você, uma vaca egoísta, desempregada e sem um tostão? Ah, querida, por favor, você não é tão importante assim. — Ela não conseguiu continuar segurando a risada e entre uma gargalhada e outra, completou: — agora, se arrume, pois, no meu mundo, as pessoas costumam sair de casa cedo.

Foi quase como se ela dissesse “*agora você vai aprender a ralar de verdade, vadia*”.

No entanto, ela estava se esquecendo de que eu já havia passado por coisas ainda mais duras do que “*sair de casa cedo*” ou, simplesmente, servir um pouco de café.

De qualquer forma, eu merecia suas palavras e até mesmo o seu ódio. Era natural Bianca estar com raiva por eu tê-la procurado somente quando precisava de ajuda.

A essa altura do campeonato, ela não deveria se surpreender com nada do que partisse de mim.

Não tentei discutir mais.

Retornei ao meu antigo quarto, onde havia deixado as minhas malas e peguei algumas peças de roupa, antes de seguir até o banheiro para me arrumar para o meu primeiro dia de trabalho — algo que não acontecia em um longo período de tempo.

Eu já não conseguia nem me lembrar de quando havia sido a última vez em que trabalhei de verdade.

Roberto possuía um restaurante no centro da cidade, mas eu nunca realmente trabalhei lá. Quando ia até o “*Cheirinho do Campo*” — sim, o nome era ridículo, lembro-me até de comentar isso com ele diversas vezes —, era pra jantar com alguma amiga ou escapar do tédio que seria passar parte da noite sozinha em nosso apartamento.

Depois que terminei de me arrumar, encarei o meu reflexo no espelho e tentei sorrir, pensando nas coisas boas que ainda me restavam.

Se eu fizesse uma listinha, estariam os seguintes itens: * *Rosto de Barbie versão fashion.*

* *Cabelo loiro maravilhoso, extremamente bem cuidado.*

* *Corpo magro, com todo o peso muito bem distribuído.*

Em um resumo, eu ainda era uma mulher “*linda, loira e magra*”. Não tinha motivos para não estar com um grande sorriso no rosto, deixando-o ainda mais belo do que ele já era.

— Eu acho que estou pronta — gritei, ao deixar o banheiro.

Encontrei a minha amiga na sala e, pelo seu olhar, eu realmente devia estar linda.

Passei a mão em minhas madeixas douradas, enquanto a encarava.

— Vamos?

Bianca continuou me olhando, analisando-me dos pés a cabeça, como se eu fosse uma espécie de mercadoria. Mas, por algum motivo, esse olhar não estava mais parecendo ser um dos “*bons*”, como cogitei anteriormente.

Depois de mais alguns segundos me secando, ela começou a rir, debochando: — estamos indo para o trabalho e não para o bailão do seu João.

Ignorei a sua frase sarcástica — que, provavelmente, era apenas inveja por não caber em minha blusinha — e peguei a minha bolsa azulada, que acrescentou ainda mais para o meu *look* incrível.

— Quem vem te buscar? — questionei, fingindo interesse quanto ao modo que ela ia para o trabalho.

— Ninguém... — respondeu Bia, como se aquele fato fosse óbvio. — Eu vou de ônibus, como qualquer outra pessoa.

Foi como um tapa bem forte na minha cara.

— Ônibus?

Eu estava mesmo ferrada.

Capítulo 03 — A Mulher do Cafezinho

A triste realidade era que eu não tinha nem ideia da tortura que seria voltar a andar com o maravilhoso — só que não — transporte público.

Mas eu logo descobri.

E realmente era bastante complicado.

Pegamos um ônibus biarticulado vermelho, completamente lotado, não tínhamos nem mesmo espaço para apoiar uma das mãos. Mas, ainda sim, nem havia perigo de cairmos. O ônibus estava tão cheio que as pessoas ficavam empilhadas, lado a lado, espremidas, sem espaço no chão até para cair.

Infelizmente, eu ainda nem havia chegado na pior parte do relato — quando o ônibus realmente começou a se movimentar, torturando-me com o passeio até a Leal Corp.

Conforme ele se mexia e toda a sua estrutura balançava, empurrando-nos uns em cima dos outros, eu tinha a impressão de que parecíamos animais, um simples bando de gado sendo transportado para uma fazenda qualquer.

O motorista, com toda a certeza, também devia achar isso — para dirigir daquela forma, com toda a lotação do veículo.

Eu não havia nascido para isso e se desconfiasse do que aconteceria, certamente, teria me empurrado lá pra dentro do útero de volta, recusando a vida miserável que me esperava do lado de fora — pelo menos, até que a situação financeira dos meus futuros pais fosse maravilhosa. O meu primeiro choro seria uma espécie de “*eu não sou obrigada*”.

Quando o ônibus estacionou em um tubo grande, questionei Bianca,
NACIONAIS-ACHERON

perguntando se nós já estávamos perto do prédio em que ela trabalhava.

Ela respondeu com um curto e seco “*não, não chegamos*”.

E, de repente, eu havia me tornado o burro do *Shrek*, perguntando a todo instante, “*a gente já chegou?*”.

Em oitenta por cento do tempo, confesso que só fiz a pergunta para irritá-la.

O fato é que quando nós finalmente chegamos, eu fiquei surpresa com o tamanho da empresa, era enorme, muito diferente da corporação que imaginei. E Bianca me disse que esse era apenas um dos vários prédios que a empresa possuía espalhados por todo o mundo.

Nosso trabalho era o terceiro andar, mas Bianca me contou que, muito em breve, ela seria promovida e passaria a trabalhar no sétimo, como a secretária do CEO, Bryan “*alguma coisa que não consegui compreender muito bem*”.

Ela não era muito ambiciosa, qualquer promoçõzinha boba parecia ser a melhor coisa do universo.

Eu não conseguia compreender.

Fiquei na mesa de Bianca enquanto ela foi tentar convencer a sua supervisora a me contratar. Sentei em sua cadeira — que não era muito confortável — e, como não tinha mais nada de interessante para fazer, eu comecei a girar nela, como uma criança de cinco anos de idade.

Mas fui completamente interrompida por um furacão que se aproximou rapidamente, levando tudo o que encontrava pela frente — incluindo a minha atenção.

Ele era alto, loiro, com um terno bonito — Armani? —, barba bem

NACIONAIS-ACHERON

feita e parecia desfilhar em minha direção. Sem dúvida, era o cara mais gato que eu havia visto no dia — e talvez o que tinha mais grana também, o que somava mais alguns pontos.

No mesmo instante, eu me levantei da cadeira, endireitei o meu corpo rapidamente, empurrei o meu busto para frente, tentando deixar os meus seios maiores do que eles realmente eram e sorri, esperando ele passar por mim e ficar maravilhado com a minha beleza.

Ele passou, mas foi como se eu não estivesse ali, toda maravilhosa, encarando-o com um olhar de desejo. Nunca havia sido tão ignorada por um homem — aparentemente, heterossexual — antes.

E para alguém tão incrível como eu, isso era inadmissível, quase uma ofensa.

Talvez ele realmente fosse gay ou tinha sérios problemas de visão. Essas eram as únicas justificativas para o que havia acabado de acontecer, eu não conseguia pensar em mais nada.

— Conseguimos — gritou Bianca, mais animada do que eu com a minha contratação.

Fiz uma careta de frustração, pois, no fundo, estava com esperanças de me dispensarem com um *“eu sinto muito, mas não estamos contratando no momento”*.

No entanto, dessa vez, nem mesmo a crise no país estava do meu lado.

— Ah, qual é? Não vai ser tão ruim trabalhar no mesmo lugar que eu.

Mesmo duvidando muito disso, optei por mudar de assunto, comentando sobre algo que me interessava mais do que o meu novo emprego na Leal.

— Quem é o loiro delícia?

Instantaneamente, ela me lançou o seu olhar de “*não... nem pense nisso*”.

— Bryan... O CEO e... Não, ele não é para o seu bico, Vanessa — respondeu ela, não me convencendo com aquelas palavras desencorajadoras. — E, de qualquer forma, ele acabou de terminar um namoro agora... não deve estar querendo um novo relacionamento tão cedo.

Só forcei um sorriso, pensativa.

Bianca não tentou levantar o seu braço gordinho para mim, enquanto me julgava por algo que eu ainda nem havia feito. Em vez disso, ela me acompanhou até uma dispensa, onde eu, supostamente, deveria fazer o café — outra coisa em que eu era péssima.

— Não se preocupe, vou fazer o café hoje. — Após eu concordar sorridente com a cabeça, ela completou, arrancando o sorriso do meu rosto sem nenhuma piedade: — mas não se acostuma, quando estivermos em casa, eu te ensinarei a fazer isso sozinha.

Depois de pronto, eu fiquei encarregada de limpar a bagunça e servi-lo em algumas salas.

Estranhamente, a parte mais fácil foi lavar a louça e limpar a pequena pia.

Se há duas semanas alguém me contasse que eu molharia as minhas mãozinhas lindas na água fria, lavando uma louçanojenta, eu não acreditaria.

Responderia com um “*eu, Vanessa Waller, lavando louça suja? Sem chance, amada!*”.

Infelizmente, a era “*Empreguete*” chega para todo mundo.

No entanto, difícil mesmo foi entrar nas salas e servir para um monte de gente mal encarada, com expressões de superioridade estampadas no rosto. Para completar a peça “*a escrava do café*”, obrigaram-me a usar um avental azul quadriculado, completamente fora de moda.

Em relação aos olhares, eu confesso que no rosto de algumas mulheres, me reconheci, encarando eu mesma de frente, em minha versão mais arrogante. Mas nos de alguns homens, fiquei enjoada ao notar a maneira com que me olhavam, cheios de desejos.

Eu imaginava exatamente o que muitos deles deviam estar pensando. Os seus olhos tagarelas contavam-me mais a cada movimento em direção aos meus seios.

Sempre gostei de ser desejada, adorava estar presente na mente de homens poderosos — como o CEO que me ignorou mais cedo. Mas não daquela forma, como a empregadinha do café. Eu queria ser vista como a mulher incrível que eu era e não por uma fantasia de “*mulher do cafezinho servindo o patrão*” de um homem casado e, provavelmente, frustrado com o próprio relacionamento.

Eu era boa demais pra algo assim.

Mas talvez eu já estivesse morta, vivendo em uma espécie de purgatório, devido ao meu grande saldo de pecados — o que, por um lado, até fazia certo sentido.

Eu não sabia se realmente era isso, mas se fosse, tinha que dar os parabéns ao Diabo, que estava sendo bem criativo com a minha punição.

O dia foi longo e eu não tornei a ver o loiro delícia pelos corredores novamente, tampouco algum outro homem do nível dele — um em que eu realmente adoraria ser encarada com olhares carregados de desejo e malícia.

Tudo o que eu fiz foi limpar, servir café e limpar de novo.

Foi extremamente longo e exaustivo.

Sempre que eu fazia uma careta ou alguma expressão de desânimo, a minha amiga me lançava um olhar de “*bem vinda à realidade, fofa*”, como se eu já não tivesse experimentado disso antes — como se não tivéssemos passado por coisas muito piores juntas, ainda em nossa infância.

Eu não suportava nem lembrar, porém, já havia vivido de maneira ainda pior no orfanato e em algumas casas de casais que me adotaram e, logo em seguida, descartaram-me, como se eu fosse um produto defeituoso.

O fato de eu não gostar de determinada coisa, não significava que eu não era capaz de fazê-la com perfeição.

E eu realmente fiz, não deixando nenhuma brecha para comentários negativos em relação ao trabalho desempenhado durante o dia. Devia muito disso a minha ótima capacidade de disfarçar minhas expressões faciais.

Quando o relógio marcou dezoito horas, fiquei até aliviada. Nunca havia estado tão feliz pela chegada de um determinado horário.

— Vamos embora?

— Pensei que nunca fosse perguntar — respondi prontamente, com um enorme sorriso no rosto, como se nem precisasse voltar no dia seguinte.

Essa minha felicidade durou até eu me dar conta de que nós duas precisaríamos pegar o ônibus para voltar ao apartamento.

Como eu já estava imaginando, foi aquela mesma tortura de cedo.

Várias pessoas amontoadas em muito pouco espaço.

A diferença era que, pela manhã, essas mesmas pessoas estavam

limpinhas e cheirosas, já no período da tarde, todo mundo estava fedendo suor — e outras coisas que, graças a Deus, eu não pude identificar — e cansadas, escorando-se em você.

Nunca fiquei tão feliz em ver aquele apartamento minúsculo antes. Depois do dia exaustivo que tive, não o chamaria mais de “*apartamento*”.

Capítulo 04 — Stalker

— Ele tem facebook? — questionei, tentando soar totalmente despretensiosa.

A minha amiga me encarou, não entendendo a pergunta e me forçando a completar: — Bryan... O loiro delícia, dono da Letal Corp.

Diferente do que pensei, ela não criou todo um sermão e me deu a resposta logo: — LEAL CORP. E, sim, ele tem... eu até cheguei a mandar um convite de amizade, mas ele nunca me aceitou.

Depois que ela me soletrou a maneira em que o nome dele estava escrito lá, “*Bryan Leal*” — estranhamente, um nome bem americanizado, daqueles em que noventa por cento dos que possuem são pobres —, eu o encontrei e era o primeiro resultado.

Mandei convite de amizade e, finalmente, Bianca tornou a agir como Bianca.

— Você enlouqueceu?

— Eu não mandei o convite do meu Facebook... não sou tão burra assim — respondi, com um sorriso nos lábios. — É um dos meus perfis *fakes*.

— E o que seria exatamente um perfil *fake*?

Depois de perceber que ela estava falando sério, que realmente não sabia, eu expliquei: — um meio que pessoas modernas encontraram para

NACIONAIS-ACHERON

espionar a vida alheia sem se comprometerem.

Quando a notificação chegou, não consegui deixar de rir.

Ele havia aceitado o meu convite de amizade em menos de um minuto.

— Ele aceitou? — questionou Bia, surpresa com o fato. — Como assim?

— Ele é um cara solteiro e a minha *fake* parece ser uma mulher bem gostosa, é claro que ele aceitaria — comentei, como se aquele fato fosse algo bem óbvio, assim como a maior parte dos homens. — Você sabe que eu não jogo se for pra perder, não é?

A primeira coisa que eu fiz, foi correr em direção as fotos dele. O cara era bem viajado, estava sempre acompanhado por pessoas que aparentavam possuir o mesmo estilo de vida que ele. Engravatado, sorridente, atleta e gostava de esportes radicais. Estava sempre em hotéis luxuosos e aventurando-se em carros importados.

É, de acordo com o seu perfil, ele serviria perfeitamente pra mim.

Bryan possuía o “Selo *Vanessa Waller de Qualidade*”.

Entretanto, existia um padrãozinho nas fotos em que ele estava acompanhado por alguma mulher. Em setenta por cento delas, as jovens eram ruivas.

— Aparentemente, esse cara curte uma ruivinha...

— A ex-namorada dele realmente era ruiva... — Bianca me confidenciou, surpresa com todo o poder de uma “*stalkeada*” básica. — Você é boa.

— Eu sei!

Eu era uma mulher muito alto confiante — e até demais, devo confessar —, entretanto, eu realmente parecia ser o tipo do Bryan.

Com exceção de um único detalhe: eu era loira e o CEO delícia gostava de uma “*pimentinha*”.

Voltei o meu olhar em direção a Bia, com um sorriso de canto a canto.

E, no mesmo segundo, ela sacou exatamente o que estava pairando por minha mente.

— Não... não...

— SIM! — gritei, levantando-me, completamente animada. Ainda com o sorriso bobo no rosto, prossegui, mal acreditando nas minhas próprias palavras: — pode dar certo... eu estou solteira e ele também, duas pessoas descompromissadas. Quem sabe não estamos destinados?

Ela não continuou tentando me convencer do quanto isso era idiota, provavelmente, porque achava que eu não teria chance com ele.

Mas, realmente, as minhas chances eram quase nulas, afinal, por mais incrível que eu fosse, ainda trabalhava servindo cafezinho na empresa dele.

— Tem alguma farmácia por aqui?

— Por quê?

— Estou precisando mudar um pouquinho o meu visual.

Obviamente, arrastei ela comigo até a farmácia vinte e quatro horas mais próxima do apartamento. Eu precisava urgentemente de uma tinta de cabelo ruiva, era a única maneira de ficar completamente o “*tipo*” de Bryan.

— Esse é, sem dúvida alguma, o plano mais estúpido que eu já ouvi em toda a minha vida — reclamou Bianca no meio do caminho, ainda

empenhada no seu próprio plano, um para me desencorajar. — Ele nunca ficaria com você, sua iludida. Acorde, Alice!

Entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

— Eu não estou planejando furar uma camisinha e transar com ele... Pelo menos, não ainda — respondi, brincando com ela. — Sério... eu não sou uma mulher tão idiota assim. Se não der certo, eu, no mínimo, vou conseguir uma vaga melhor que a de mulher do cafezinho. E, de qualquer forma, o que eu tenho a perder?

— Antes que você diga o dinheiro da tinta, estou contando com esse seu investimento em mim — completei, ainda com o sorriso nos lábios.

Capítulo 05 — Ruiva

Eu odiei muito o meu cabelo daquela cor.

Uma das coisas em que eu mais me orgulhava, era em ser loira. Costumava repetir a frase *“uma mulher só gosta de ser morena porque nunca foi loira”*.

Agora, eu também havia deixado de ser.

E o que mais me assustava era que se tudo desse errado no meu plano *“infalível”*, nem dinheiro para arrumar toda aquela bagunça eu teria.

— Pare com todo esse drama desnecessário... você está linda, como sempre estive — Bianca disse, tentando me consolar. Ela riu, de maneira frustrada. — Olhe pra mim, cor de cabelo nenhum dá jeito nisso.

Revirei os olhos.

Odiava quando ela começava com aquele papinho depressivo. Bianca sempre teve a autoestima baixa — arrastando na lama — e isso a afetava demais, principalmente quando era relacionado ao seu peso.

— E você ainda fala que eu estou fazendo drama desnecessário?

A minha amiga realmente não era a pessoa mais bonita do universo, talvez ela também não fosse a mais magra, mas eu a achava bonita — daquela sua maneira esquisita e, ao mesmo tempo, fofa, mas achava.

— Eu estou com noventa e cinco quilos, Vanessa — respondeu ela, pegando-me de surpresa com aquele número. — Então, não, eu não estou fazendo um drama desnecessário, só quis te mostrar que ao seu redor, existem pessoas que não são tão perfeitas quanto você e ficar reclamando da

NACIONAIS-ACHERON

cor do cabelo, que está perfeito, por sinal, é quase que uma ofensa para elas.

Depois disso, fiquei em silêncio.

No instante em que ela começou com o seu sermão, quase respondi “*e eu também sou a culpada por você engordar?*”. Mas, dessa vez, por sorte, eu consegui me segurar e ficar de boca fechada.

Bianca não era como Roberto.

Eu não suportaria perdê-la e se precisasse ouvir os seus sermões em silêncio, teria que fazer esse sacrifício, por mais que fosse difícil.

A minha amiga sempre foi “gordinha”, desde a nossa infância. Ela era ansiosa e sentimental demais, e acabava compensando isso com comida. Quando algo ruim acontecia comigo, eu contornava, sem nem descer do salto. Mas com Bianca era diferente, ela se isolava, sofria sozinha, enquanto comia alguma coisa bem gordurosa.

Entretanto, Bianca, ao contrário de mim, sempre seguia pelo caminho mais complicado. Ela realmente lutava pelas coisas que possuía e, por esse motivo, nos momentos ruins, as frustrações eram maiores. Eu sempre optei pelos atalhos — bem trapaceiros, assumo —, chegando ao fim da estrada mais rápido do que ela.

Então, não, eu não poderia julgá-la por não lutar as vezes. Diferente dos meus braços, os dela já estavam bem cansados de empunhar espadas e ser derrotada em todas as batalhas.

— Acho melhor eu ir pra cama ou vou acabar chutando você daqui — comentou ela, antes de se afastar.

Dei de ombros, sentei-me no sofá e apanhei o controle da televisão.

E, como a minha amiga não possuía TV à cabo, fui obrigada a assistir

NACIONAIS-ACHERON

novela mesmo.

Aparentemente, os meus dias de Telecine Pipoca haviam chegado ao fim.

Estranhamente — e de uma maneira bem sarcástica — uma das personagens da novela, era uma golpista, tentando seduzir um empresário cheio da grana. E ver aquilo acontecendo com os meus próprios olhos, mostrou-me o quanto aquele meu plano de pegar Bryan era ridículo.

Essa constatação — bem óbvia — fez com que eu odiasse ainda mais o meu novo cabelo ruivo.

Desliguei a televisão e caminhei em direção a minha cama, pois, pela manhã, seria obrigada a vivenciar mais um dia péssimo no trabalho. Afinal, os cafezinhos não se serviriam sozinhos, tampouco os sacos de lixos seriam trocados por aqueles engravatados folgados.

Coloquei o meu pijama e, instantaneamente, eu me senti bem melhor. De alguma forma, o tecido aconchegante e o cheiro lembraram-me do meu antigo quarto — principalmente, do colchão — e tudo o que a minha vida costumava ter de bom.

Capítulo 06 — Trabalho Duro

Diferente do que cheguei a pensar, a minha noite foi ótima. Não demorei muito para dormir, não tive nenhum pesadelo segurando uma vassoura — ou uma bandeja com café — e consegui descansar bastante.

No entanto, nem isso fez com que eu despertasse com um sorriso no rosto.

Levantei-me com bastante dificuldade.

Até mesmo aquele colchão horrível parecia confortável, implorando para que eu continuasse deitada ali. Mas não queria irritar ainda mais Bianca — não depois daquela conversa desagradável que tivemos.

Fiz a minha higiene matinal e, ao encarar o espelho do banheiro, já não odiava tanto aquela cor que cobria os meus cabelos. Talvez eu não pudesse voltar a ser “*linda, loira e magra*”, mas ainda poderia tentar ser “*linda, ruiva e magra*” e, no final das contas, não podia ser tão ruim assim.

Encontrei Bianca em pé na sala, encarando alguma coisa na tela de seu celular.

E, de maneira hesitante, aproximei-me, dizendo: — quais são as chances de você me deixar pedir demissão hoje?

O seu sorriso respondeu a pergunta.

E, felizmente, não tornamos a falar sobre o peso dela e nenhum outro assunto desagradável. Foi como se a nossa discussão da noite anterior nunca tivesse acontecido.

— Você deveria estar pensando em como vai fazer pra seduzir o nosso

NACIONAIS-ACHERON

chefe e não em pedir demissão — comentou Bia em um tom completamente irônico. — Não vá desistir agora amiga, esse plano é incrível.

Revirei os meus olhos, sem paciência para toda aquela gozação da parte de Bianca.

Ficar com o meu chefe rico e gostoso? Muito possível, mas só em um livro bem clichê.

— Cheguei a essa conclusão sozinha, não preciso da sua ironia, amiga — respondi enquanto caminhava até a mesinha de centro para pegar a minha bolsa. Encarei a mulher rindo, parada próxima do sofá e tornei a falar, ansiosa para mudar de assunto: — vamos?

Sim, eu, oficialmente, havia abandonado aquele plano estúpido e voltado ao mundo real — que eu ainda não conseguia aceitar —, onde eu não passava da mulher do cafezinho, desprezada por boa parte daquelas pessoas que eu era obrigada a servir.

Só queria ter desistido disso antes de tingir o meu cabelo de vermelho. Mas ninguém pode ter tudo, era a minha sanidade ou o cabelo loiro.

Como não podia enrolar mais para começar a trabalhar, eu fiz o café, exatamente da maneira que Bianca havia me ensinado, antes de eu pegar o computador e começar a *stalkear* Bryan. Se eu tivesse sorte — principalmente, eles que beberiam —, ficaria melhor do que aquele que fiz em meu treinamento com ela.

Preparei uma bandeja com algumas xícaras e açúcar, e comecei a servi-lo.

Eu só precisava levar o café para algumas pessoas, mais

NACIONAIS-ACHERON

especificamente quatro, pois as outras tinham bom senso e o pegavam por contra própria.

Só não odiava mais a porcentagem que me obrigava a ir de sala em sala, porque, se estivesse no lugar deles, provavelmente, também obrigaria a mulher do café a me servir.

A primeira da fila era Caroline de Alcantra, uma mulher de trinta e poucos anos, completamente arrogante, daquelas que te enjoa só com a expressão facial. “*Cadeline*”, como eu a apelidara, gostava do café bem amargo — mas não tanto quanto ela.

Melissa, uma estagiaria que ficou encarregada de servir o café até eu ser contratada, contou-me que sempre devíamos perguntar à Cadeline se ela queria açúcar no café, mesmo que ela deixasse claro sobre o quanto detestava a bebida adoçada.

— Logo quando comecei a servir o café, eu cometi esse erro. Acabei me baseando no dia anterior, como qualquer ser humano e não perguntei como ela preferia, já que a vaca, basicamente, riu quando perguntei se podia adicionar açúcar — comentou a estagiaria, não deixando de rir, após pronunciar o “*vaca*”. — Então, eu tentei não ser repetitiva e não ofereci a opção, simplesmente servi o café preto, sem nada. A resposta dela foi um “*e se hoje eu quisesse com açúcar?*”, só que de maneira extremamente grossa.

— Aí você a mandou tomar no meio do orifício anal, né? — lembro-me de ter respondido. — Esse mau humor é consequência de falta de sexo.

Melissa riu, colocando as mãos sobre os lábios, antes de comentar: — bem que eu queria mesmo, mas, infelizmente, gosto do meu trabalho e foi só um “*sim, senhora*”.

Então, graças a antiga servidora de café, eu já estava bem informada

NACIONAIS-ACHERON

sobre a maneira com que os chefes sempre gostavam de serem servidos. E isso fez com que eu me livrasse de bastante cara feia no período da manhã.

No entanto, não me livrou de uma encrenca ainda maior — com alguém ainda mais poderoso.

Eu sempre costumava bater na porta antes de entrar em uma determinada sala, mas, justamente naquele momento, acabei não fazendo.

É sempre assim, não é?

Simplesmente, abri ela e, segurando a bandeja, adentrei a sala. Mas, no momento em que eu estava entrando, alguém estava saindo e acabamos nos esbarramos, o que resultou em uma bandeja caída no chão e um homem com bastante café quente em sua camisa branca.

O detalhe mais importante daquele desastre era que não se tratava de um homem qualquer.

Era Bryan Leal.

Basicamente, o chefe dos meus chefes.

MERDA.

Capítulo 07 — Primeiras Impressões

— Eu... eu... — tentei me desculpar, mas acabei falhando miseravelmente nisso também. — Sinto...

Droga.

Droga.

Droga.

As palavras não deixavam a minha boca e muito poucas foram as vezes em que isso aconteceu — e, novamente, isso não combinava muito comigo. Dessa vez, por mais que eu tivesse uma resposta pronta na ponta da minha língua, não conseguia pronunciá-la.

Mas, mesmo sem conseguir concluir uma única frase, agarrei o braço dele e o arrastei para a salinha da limpeza, onde eu fazia o café.

O mínimo que poderia fazer — ou tentar, pelo menos — era tirar parte daquele líquido de seu corpo.

Bryan estava calado e com a cara amarrada — com toda a razão —, como se não estivesse acreditando naquilo que havia acontecido. A minha segunda teoria era de que ele, provavelmente, também devia estar pensando na bronca que me daria, um pouco antes de me demitir.

Quando chegamos à sala, o meu chefe me surpreendeu — um pouco mais do que eu estava acostumada. Ele não me deixou tentar limpar a sua camisa branca — talvez porque soubesse que eu a teria manchando ainda mais —, simplesmente, a tirou do corpo.

E, meu Deus, que corpo!

NACIONAIS-ACHERON

Confesso que eu tinha uma certa noção de como ele devia ser por baixo de todas aquelas roupas formais, entretanto, nunca imaginei um físico tão perfeito.

Era, definitivamente, ainda mais bonito que o seu rosto de deus grego.

O meu chefinho tinha o abdome completamente trabalhado —fruto de muita academia e rotina de exercícios, eu imaginava —, fazendo-me ficar completamente hipnotizada nos seus gominhos esculturais. No entanto, eu também era capaz de enxergar manchas avermelhadas, uma consequência do café quente que derrubei ali.

— Como eu, provavelmente, vou ser demitida, acho que não tem problema em ser vista secando a sua barriga — comentei, finalmente recuperando as minhas palavras, enquanto passava o guardanapo úmido em seu corpo.

Por algum motivo, vê-lo daquela forma, descamisado, deixou-me mais a vontade.

Era exatamente dessa forma que eu sempre imaginava a banca em minhas apresentações no tempo em que eu ainda cursava a faculdade de Marketing.

Continuei tentando tirar o líquido escuro de sua pele, mas a sua risada fez com que eu perdesse a minha concentração e voltasse o olhar para cima, questionando: — o quê foi? Isso... isso não deve dar justa causa, não é?

Bryan continuou rindo, sem responder a minha pergunta.

E pela primeira vez — desde que eu entrei na empresa —, notei que ele realmente me olhava. Ele finalmente estava encarando a Vanessa e não, simplesmente, a mulher encarregada de servir o seu café.

Ele me enxergava de verdade.

Dessa vez, Bryan não tinha como me ignorar, pelo menos, não como havia acontecido lá no corredor em meu primeiro dia de trabalho.

— Eu não vou te demitir — respondeu, ainda encarando as queimaduras em sua pele, que a cada segundo pareciam crescer um pouco mais. — Talvez eu deva só te remanejar para um outro setor... De preferência, um em que você não possa ferir mais ninguém fisicamente.

Por mais que, aparentemente, a sua frase tivesse soado como uma espécie de brincadeira, uma simples descontração, a expressão de seu rosto continuava bem séria e isso fez com que eu segurasse o meu riso.

— Eu acho... acho que você já terminou aí — completou Bryan, com os olhos fitando a minha mão, que ainda estava em cima do seu peitoral gostoso.

Rapidamente, afastei-a de lá, dizendo, de maneira desajeitada: — des... desculpe!

Finalmente, eu me permiti sorrir.

E, enquanto o fiz, joguei o meu cabelo para o lado e, sutilmente, inclinei o meu busto para frente. Depois da minha falha humilhante no dia anterior, agora eu tinha certeza de que havia dado certo, pois os olhos dele, discretamente, secaram aquela parte do meu corpo.

— Eu acho que vou voltar pra lá... — Ele pegou a camisa e o paletó e, em seguida, caminhou em direção à porta da salinha. Mas antes de deixá-la, Bryan se virou, encarando-me uma vez mais. E, após me analisar bem, ele finalizou: — Bom... bom dia.

Sorri em agradecimento e, então, ele deixou a salinha do café.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 08 — Pesquisa Exploratória

Aquele meu breve momento ao lado de Bryan foi mais do que o suficiente para que eu retomasse o meu antigo plano — sim, o mesmo que há menos de vinte horas eu estava achando completamente ridículo e vergonhoso.

Por mais que, em parte, ainda fosse tão ridículo e vergonhoso quanto antes, eu não tinha nada a perder a não ser o meu trabalho na empresa dele — o que, com toda a certeza, não era algo que eu podia considerar como uma perda — e, definitivamente, eu não era uma pessoa que sentia vergonha com muita facilidade.

E quando não se tem nada a perder, o que aparecer pelo caminho pode ser considerado como lucro.

Quando chegamos ao “*apertamento*” — o mesmo que havia prometido não voltar a chamar disso —, eu contei sobre a mudança de planos para Bianca, que, obviamente, não gostou muito da ideia e, como de costume, fez questão de expressar esse sentimento em um de seus sermões casuais.

Nada novo sob o sol.

— Eu... eu não estou acreditando nisso... — começou Bianca, voltando o olhar em minha direção, com uma expressão completamente incrédula, reforçando ainda mais as suas palavras.

A minha amiga adorava dramatizar e não se limitava nem um pouco em fazer isso.

— Você sabe que ele só tirou a camisa na sua frente porque você

derramou café quente nela, certo?

Eu poderia explicar detalhadamente para ela que a nossa conversa foi muito além de um “*momento constrangedor após eu, literalmente, queimar parte do corpo dele*”, algo que agora, depois de todo o climão que passei naquela salinha, soava até sexy — ou quase isso.

No entanto, isso levaria bastante tempo e Bianca, certamente, continuaria contra argumentando, insistindo no quanto eu estava errada e, conseqüentemente, roubando ainda mais do meu precioso tempo.

Em um resumo simples, só de pensar em começar aquela discussão, eu já ficava com uma tremenda preguiça.

— Preciso fazer uma pesquisa exploratória sobre isso — respondi, mudando completamente de assunto.

Eu realmente precisava encontrar algumas coisinhas que me ajudassem a “*conquistá-lo*” da maneira certa. Sabia que não existia nenhum manual secreto sendo vendido na *Amazon* ou um tutorial “*passo a passo*” específico no *Youtube*, mas, ainda sim, precisava encontrar dicas.

Eu precisava desesperadamente de um pouco de auxílio.

— Pesquisa exploratória?

— Sim, eu realmente preciso explorar. Essa pesquisa é, basicamente, uma busca por dados já existentes — expliquei a ela, extremamente orgulhosa de mim mesma por ainda me lembrar de toda aquela porcaria de conteúdo que estudei na faculdade. — Ela pode ser feita com base em dados bibliográficos, que são l...

— Eu sei o que é uma droga pesquisa exploratória e, principalmente, o significado de bibliográfico. Obrigada! — Bianca me interrompeu de maneira

bruta, como se eu, literalmente, a tivesse chamado de estúpida, o que não havia acontecido. — Mas você dificilmente vai encontrar um livro com o título “*como dar o golpe no meu chefe?*”.

Revirei os olhos com a sua última frase, algo totalmente desnecessário.

Eu não “*daria o golpe*” em ninguém. Preferia pensar que eu ganharia uma ótima vida — regada a luxo e todo o tipo de conforto — e ele também ganharia e muito com a minha inestimável companhia, algo que não tinha valor.

Ao meu ver, tudo seria apenas uma espécie de troca de duas coisas que se equivaliam e não um roubo — como a minha amiga fazia questão de destacar.

— Eu preciso despertar interesse nele, mas isso tem que acontecer da maneira certa, como se fosse algo natural — comentei, mais uma vez, tentando explicar para ela a minha dificuldade. — Eu tenho potencial para ser a mulher e não a amante suja dele... Não aceitarei menos do que isso.

Por mais que eu parecesse estar confiante, essa realmente era a minha maior preocupação. Se eu investisse abruptamente — aparentasse ser “*facil demais*” —, Bryan teria uma imagem errada sobre mim, eu seria um simples passatempo, a pessoa com quem ele, secretamente, passaria a se encontrar como uma espécie de diversão noturna — ou diversão da “*copa*”, já que eu servia o seu café.

Em contrapartida, se a minha postura fosse dura demais, não demonstrando muito interesse, ele poderia achar que a “*batalha*” já estava perdida antes mesmo de tentar lutar.

Sendo assim, a única opção que me restava era caminhar pelo “*meio termo*”, não poderia facilitar demais, mas também deveria deixar explícito o

meu interesse por ele.

Sim, tudo era bem mais complicado do que aparentava ser, mas não complicado o suficiente para que eu desistisse novamente da ideia.

Talvez eu...

— Já pensou em tentar ler o livro “*Cinquenta Tons de Cinza*”? Pode te ajudar nisso aí — sugeriu a minha amiga, quebrando completamente a minha linha de raciocínio.

Como ela não começou a rir descontroladamente após dizer o título do livro, eu deduzi que não se tratava de uma piada e resolvi prestar atenção em suas próximas palavras.

— Ele conta a história de uma jovem estudante de literatura que conquista um CEO dominador e muito, muito rico... Aparentemente, exatamente o teu tipo de homem, amiga.

Por mais estranho que pudesse soar, eu havia gostado muito da ideia. Seria como uma pesquisa exploratória, uma com base em um livro com várias cenas de sexo — e um pouquinho clichê —, mas, ainda sim, uma pesquisa exploratória, com base em dados bibliográficos.

A parte que não me agradava nem um pouco era a da leitura. Só de pensar em encarar aquelas várias letrinhas miúdas, eu já ficava com sono.

Não li nada nem quando precisava escrever o meu TCC.

Como foquei os meus esforços na decoração do restaurante, Roberto, meu namorado na época, pagou para outra pessoa fazer o trabalho para mim.

— Não tem um filme desse livro? — lembrei-me daquele detalhe maravilhoso.

Talvez, no final das contas, eu não precisasse ler para absorver a ideia que o livro passava.

Bia balançou a cabeça, confirmando a minha dúvida.

— Então, pronto, problema resolvido! — respondi, animada com a ideia.

Após me lançar um olhar que parecia dizer “*como assim?*”, a minha amiga prosseguiu, dizendo: — mas, por acaso, você conhece alguma locadora aqui por perto?

Encarei a expressão de seu rosto procurando vestígios de graça e devolvi o olhar “*como assim?*”, pois eu não conseguia acreditar que ela realmente estava falando sério sobre ir até uma vídeo-locadora.

Isso ainda existia?

— E, por acaso, você não tem *Netflix* não menina? — questionei o óbvio, pois, aparentemente, era necessário.

Mais uma vez, Bianca se ofendeu e começou a rir, provavelmente, prestes a usar o sarcasmo como escudo.

— Não. Desculpe, mas a minha televisão não é smart e, geralmente, não gasto o meu tempo com essas coisas bobas... E, principalmente, eu trabalho, não preciso enganar homem nenhum pra me sustentar.

Ignorei a sua última frase, onde ela, praticamente, me chamava de “*desocupada barra manipuladora barra golpista*” e respondi: — então, baixe o filme na internet em uma versão pirata mesmo, como alguém normal.

Diferente do que eu cheguei a pensar, ela não se importou com o “*como alguém normal*” e emendou: — vamos fazer assim, você cuida do filme e eu vou lendo alguns livros pra te ajudar a enganar o Bryan.

Por mais que odiasse o “*enganar*”, não discuti com ela — pelo menos, não depois de ela ter dito, voluntariamente, que me ajudaria nisso.

— Qual outro livro você conhece? — quis saber, já interessada nos títulos, para ter uma noção se eles podiam ou não me ajudar. — Não tem um chamado “*O Gostoso do Meu Chefe*”, não?

Depois de pensar por alguns segundos, Bianca respondeu: — tem um que comprei chamado “*Seduzida Pelo Bilionário*”, é de uma autora que não sei o nome... — ela roeu um pouco da unha de sua mão esquerda e continuou: — tem também “*Um Jogo de Sedução*” da Anne Miller, mas a personagem é sonsa demais... — Ela ficou alguns minutos em silêncio, provavelmente, se lembrando de mais algum livro. Pensei que ela fosse parar por ali, mas a minha amiga continuou: — ah... tem também “*Garoto à Venda*” do Icaro Trindade...

— “*Garoto à Venda*”? — questionei confusa, interrompendo-a. — Deixe-me adivinhar, é de uma mulher que compra um cara?

Ela balançou a cabeça negando, antes de tornar a falar: — na verdade, é de um cara que compra outro cara... é um romance gay... Afinal, nunca se sabe né, vai que ele também curte uns ruivinhos?

Não consegui me controlar e comecei a rir.

— Não teria nenhum problema... Iriamos aproveitar juntos esse outro lado dele...

Capítulo 09 — Promoção

Depois daquele meu momento especial com Bryan — sim, aquele em que eu derrubei café nele —, pensei que as coisas finalmente fluiriam entre a gente.

Tinha absolutamente tudo em mente, inclusive algumas dicas de Bianca, que realmente estava lendo aqueles livros para me ajudar a conquistá-lo.

— Você precisa morder o lábio inferior... em “*Cinquenta Tons de Cinza*”, isso é algo que chama muito a atenção do Christian Grey — comentou Bianca, enquanto estávamos dentro do ônibus, em direção ao nosso trabalho. Ela me encarou de uma maneira estranha e prosseguiu: — vai... deixa eu ver como você fica mordendo o lábio.

Mesmo achando um pouco idiota aquela ideia de seguir dicas de livros, eu não reclamei, deixei com que Bianca realmente achasse que me ajudaria com esses trechos tirados de livros estúpidos.

A principal função dessa “*ideia genial*” era encaixar a minha amiga, de alguma forma, em todo o plano. Se Bia sentisse que era necessária, não continuaria pegando no meu pé por estar, literalmente, enganando o nosso chefe.

Mordi o meu lábio inferior e virei o meu rosto em sua direção, deixando-a me analisar.

— Não dessa forma... tem que morder de maneira sexy e não passar a impressão de que você está com fome.

Tentei morder de outra forma, da maneira mais sexy que eu conseguia.

E, mais uma vez, esperei por sua aprovação: — Ainda não! Assim parece que você está com paralisia facial.

Antes que eu pudesse tentar de forma diferente, Bianca completou: — acho melhor pularmos essa dica.

De qualquer forma, nem cheguei a ter a oportunidade de esbarrar “*acidentalmente*” com Bryan. Durante o dia todo, eu não o encontrei nas salas ou nos corredores do prédio.

Mais tarde, quando já estávamos em casa, Bia contou-me que isso era bem comum, que ele não aparecia todos os dias e, em alguns casos, ficava até semanas sem dar as caras por lá.

E essa situação se estendeu por mais de duas semanas.

Se o meu chefe apareceu nesse meio tempo, foi em um horário bem incomum, pois eu estava me esforçando bastante para vigiar sempre todos que entravam e saiam do prédio. Afinal, eu era a moça do cafézinho, uma das poucas funcionárias que podiam circular por todos os cantos sem chamar muita atenção.

Não me importava tanto por toda a demora para o nosso próximo “*encontro*”, pois sabia que não seria fácil e que, se realmente acontecesse algo, ocorreria apenas se Bryan pensasse ser uma coisa completamente natural — algo que ele tivesse escolhido, que pensasse ter controle sobre.

Mas as piadinhas de Bianca já estavam me irritando.

Sempre que tinha uma chance, ela soltava um “*vish, pelo jeito, você terá que encontrar um novo alvo, amiga*” ou “*o Frederico do RH tem um Uno amarelo novinho, não quer investir nele não Van?*”.

A maneira que encontrei de não estrangulá-la foi entrar na brincadeira também, respondendo coisas como “*adoro amarelo, eu vou pensar nisso*” e “*se ele tiver uns cupons de desconto do Burguer King, quem sabe*”.

O meu trabalho como copeira foi ficando mais fácil a cada dia, pois fui conhecendo um pouco do temperamento de cada um dos funcionários. Já sabia quem não queria ser incomodado pela manhã, os que gostavam de receber elogios e, estranhamente, aqueles que se interessavam por uma simples conversa.

Só não me acostumei com o meu trabalho, porque só conseguia me acostumar com coisas boas — onde, certamente, servir café não estava incluso.

Depois de organizar a salinha, fazendo a faxina intensa de sexta-feira, comecei a preparar o café da tarde. E, como já havia passado das dezesseis horas, comecei a ficar mais animada por se tratar do último dia de trabalho naquela semana.

Por conta dessa estranha animação, até o meu café ficou um pouco melhor.

Peguei uma bandeja, passei um pano e já comecei a me preparar para servi-lo nas salas. Mas antes que eu pudesse sair da salinha, fui interrompida por Márcia, uma espécie de supervisora que tomava conta dos funcionários menores como zeladoras e a “*mulher do café*”.

— Ei, Vanessa... Preciso de um favorzinho seu — começou ela, já acabando completamente com a minha breve animação.

Márcia era uma espécie de chefe pra mim, então ela não pedia favores, dava ordens.

E se usou a palavra “*favorzinho*”, eu, provavelmente, não gostaria de executá-la.

— Larissa, que toma conta da limpeza, precisou ir embora buscar a filha doente na escola e um dos banheiros não foi limpo...

Meu cérebro, automaticamente, parou de prestar atenção depois que ela pronunciou o “*um dos banheiros não foi limpo*”. Eu tinha certeza do que ela me pediria para fazer e, definitivamente, não era o meu trabalho e não estava com a mínima vontade de fazê-lo.

Mas como eu diria isso pra ela? Eu não podia ser demitida ainda, não antes de, pelo menos, tentar forçar alguma coisa com Bryan.

— Vanessa... — continuou ela, chamando a minha atenção de volta para a conversa. — Você cuida disso pra mim?

Não respondi com palavras, pois não conseguiria.

Simplesmente, balancei a minha cabeça, confirmando positivamente a sua pergunta.

Aparentemente, eu havia sido promovida de “*mulher do café*” à “*zeladora de banheiro masculino*” e, tudo isso, em menos de um mês.

Um feito e tanto.

Como eu era sortuda.

Abandonei a bandeja com café e caminhei em direção a dispensa para pegar os materiais de limpeza. E deixaria para servir os chefes só depois de limpar a porcaria do banheiro.

Eles não queriam fazer a mulher que preparava o café deles limpar banheiros também? Então, teriam que sofrer com essa pequena consequência.

Ainda com bastante ódio, caminhei até o banheiro masculino do sétimo andar e comecei a limpeza. Como já estávamos entrando para o final da tarde de uma sexta-feira, nenhum dos homens que usavam aquele banheiro continuavam no prédio.

Os desgraçados sempre deixavam o serviço mais cedo.

Felizmente, o ambiente não estava tão sujo quanto eu pensei que estaria.

Eu só precisei passar pano no chão, recolher os vários sacos de lixo e deixá-lo organizado.

Deixei tudo muito bonitinho, mas confesso que não me aprofundei muito na limpeza, pois, novamente, não era trabalho meu e poderia usar um *“não sei como a Larissa e as outras meninas fazem isso, então desculpe”*.

Sim, eu já tinha até uma espécie de desculpa para o meu trabalho porco.

Recolhi os materiais, agradei por ter finalizado com aquela porcaria de tarefa e caminhei em direção a porta do banheiro.

Mas antes que tivesse a chance de deixar a droga do banheiro, eu fui interrompida por um homem que entrou. A primeira coisa que notei, foram os seus olhos azulados, que pareciam clarear todo aquele lugar, torná-lo, de alguma forma, melhor do que realmente era.

Ele usava o mesmo estilo de traje, extremamente elegante — e, aparentemente, desenhado para o seu corpo. Seu terno escuro fazia com que a camisa ciana e a gravata violeta se destacassem.

Bryan, mais uma vez, surgia como um furacão em minha frente.

Mas, dessa vez, ele não olhava para outra direção que não fosse a

NACIONAIS-ACHERON

minha.

Sem dúvida alguma, isso se devia ao nosso último encontro lá na salinha, quando ele finalmente me viu como eu realmente era — uma mulher maravilhosa.

Sua expressão mudou de surpresa para confusa, antes de ele questionar, com um belo sorriso colorindo os seus lábios rosados: — você sabe que aqui é o banheiro masculino, não é?

Eu tinha me esquecido desse pequeno detalhe.

Talvez ele não estivesse me encarando daquela forma porque tinha ficado encantado comigo há duas semanas em nosso pequeno acidente.

Bryan apenas estranhava o que uma mulher fazia em um banheiro que, geralmente, só era frequentado por homens.

Apontei na direção do balde de água aos meus pés.

— Aparentemente, a mulher do café também limpa o banheiro nas horas vagas — comentei de maneira extremamente rude, sem nem perceber.

Como ele era o dono do lugar, a minha frase, certamente, não pegou muito bem.

Em uma tentativa de consertar isso, tentei soar engraçada em minhas próximas palavras: — mas, se eu bem me lembro, você realmente disse que me remanejaria de setor.

Ele balançou a cabeça, sorrindo e acrescentando: — pra que você não pudesse ferir mais ninguém enquanto servia café.

Concordei com a cabeça, retribuindo o sorriso.

— Vou te deixar terminar o que veio fazer aqui — disse, pegando o

balde de água, junto com o restante dos materiais de limpeza.

Não esperei por uma resposta da sua parte e nem mesmo olhei para trás. Se eu quisesse que o meu plano realmente tivesse algum sucesso, precisaria que tudo corresse de forma mais natural possível.

Não conseguia parar de rir, completamente animada com os últimos minutos. Nem mesmo parecia que eu havia acabado de sair de um banheiro com um rodo e um balde de água suja — um em que eu realmente havia limpado, o que era bem estranho.

A parte mais irônica era que realmente havia sido “natural”, sem que eu precisasse forçar a barra pra cima dele. Se eu tivesse planejado tudo — por mais que com um bom plano —, não ficaria tão bom.

Deixei os materiais na dispensa e, sorridente, caminhei para a sala, pronta para servir o café. E, como a minha chefe havia, mesmo que indiretamente, me ajudado, optei até por lavar a mão para servir aquela porcaria — descumprindo com a minha promessa de se vingar deles.

Depois que cumpri com mais uma das minhas várias tarefas como copeira, eu queria muito xingá-los e gritar bem alto sobre o quanto eles me ajudaram, fazendo com que eu limpasse aquele banheiro nojento. E, por muita sorte, consegui me controlar, não gritando ao entrar em “minha” sala.

Bryan estava lá.

E, desta vez, sem uma camisa manchada de café.

O meu chefe estava parado em frente a pia, encarando a garrafa escura. Por alguns segundos, eu permaneci atônita, sem saber o que dizer ou fazer.

Não estava esperando uma visita sua.

Mais tarde, quando abandonei o transe, notei que uma xícara estava cheia com o café.

Ele mesmo havia se servido, o que era até bacana — vindo de pessoas como eles.

— Eu não tive tempo de provar... então, estou torcendo pra isso estar bom — menti, em uma tentativa de puxar assunto, antes de sorrir pra ele.

Bryan balançou a cabeça confirmando, daquele seu jeitinho caladão e sexy.

— Está ótimo... — Após dizer, ele pegou a xícara e levou até os lábios, completando: — vou até tomar mais um pouquinho pra provar.

Mesmo não havendo motivos para graça, forcei um riso, pois homens adoravam se sentir engraçados, uma verdadeira fonte de entretenimento para alguma mulher.

Eles sempre faziam isso e sem nem mesmo perceber.

— E eu posso te ajudar como? Além do café, claro — prossegui, torcendo para não ter soado rude demais.

Eu não podia passar a impressão de que estava me jogando em cima dele, as coisas não podiam ser dessa maneira. Mas a sua expressão mostrou-me que eu não havia feito nada de errado. Bryan continuava sorridente, encarando-me de maneira pensativa, como se estivesse planejando exatamente o que faria a seguir.

— É que, por algum motivo, não consegui encontrar um currículo teu em nosso sistema, é como se você n...

— Não tivesse enviado um? — completei, interrompendo-o.

Ele balançou a cabeça, respondendo a minha *“interrupção pergunta”*.

— É que eu realmente não entreguei. Como a minha amiga trabalha aqui, eu meio que tive uma ajudinha... ela, praticamente, implorou pra vocês me contratarem.

Ele não riu, continuava pensativo, como se ainda tivesse com um problema nas mãos para resolver.

— Mas eu posso dizer as coisas que estariam nele... se você quiser, claro — completei, finalmente dizendo algo que ele queria ouvir.

Soube disso porque a sua expressão pensativa e misteriosa se dissipou.

Após ele gesticular com a mão para que eu prosseguisse, tornei a falar: — Vanessa Waller. Vinte e seis anos, mas não espalhe por aí, por que eu, provavelmente, vou negar. Sou formada em Marketing e, não que eu queria me gabar, como o destaque da turma. Inglês e espanhol fluente. Uma profissional muito organizada, responsável e, quando a empresa coopera, motivada. Tem mais algumas coisas lá pra enfeitá-lo, mas é, basicamente, isso aí.

Meu Deus, ele ficava tão lindo enquanto pensava.

— Bacana... — concluiu ele, fazendo com que eu quisesse derramar uma xícara de café em seu peito novamente. Depois de mais alguns segundos, de maneira hesitante, ele continuou: — eu sei que sou o seu chefe e que não deveria dizer isso, mas o que você faz aqui, com um currículo, no mínimo, interessante?

Finalmente alguém estava me entendendo.

Eu, obviamente, menti um pouquinho nele, pois não era organizada,
NACIONAIS-ACHERON

responsável e, muito menos, sabia falar espanhol, mas eram coisas que ele não tinha como saber e que eu, provavelmente, nem mesmo chegaria a usar. No entanto, ainda que tenha aumentado o meu currículo um pouquinho, ele era bom demais para a minha função.

— Eu não tenho muita experiência e, atualmente, está complicado encontrar qualquer tipo de emprego, principalmente no marketing, o primeiro setor que cortam em tempos de crise — respondi, tentando parecer sincera e, ao mesmo tempo, muito inteligente em minha resposta. — Mas, não se preocupe, eu adoro trabalhar aqui... pelo menos, nesses quase um mês.

Talvez essa tivesse sido a maior mentira que já contei em toda a minha vida.

Não... definitivamente, não era a maior mentira.

Mas era uma das grandes, devia circular no top trinta ou quarenta — eu não tinha muita certeza, pois mentia pra caramba.

— Pelo que eu ainda me lembro, disse que te remanejaria de setor — Bryan falou, antes de tomar mais um gole do líquido quente na xícara azulada. — E costume ser um cara de palavra.

De maneira espontânea, comecei a rir.

— Estou rezando pra você não dizer que vai me deixar de vez na limpeza... — Após dizer, eu me dei conta de que ele continuava sendo o meu chefe, o maior deles. Levantei as minhas mãos, rendendo-me a ele, antes de levá-las a boca e cochichar um “*droga*”. — Não que eu esteja reclamando...

Merda.

Eu tinha que começar a aprender uma maneira de deixar a minha boca fechada. Caso contrário, esse meu plano de conquistá-lo nunca daria certo.

— Eu tenho algo melhor em mente... — Ele voltou o olhar em direção ao relógio e isso fez com que eu me lembrasse de que, provavelmente, estava muito atrasada com os cafés. — Mas acho melhor conversarmos mais tarde... tudo bem pra você?

— Você sabe que como meu chefe, pode só dar uma ordem, não é? — respondi, roubando mais um sorriso tímido de seus lindos lábios. Quando notei que ele ainda estava esperando por uma resposta, balancei a cabeça, finalizando: — claro, “*mais tarde*” está ótimo pra mim.

Ele sussurrou algo como “*você é uma figura*” e deixou a salinha do café com a xícara na mão. Provavelmente, porque precisava de uma justificativa para ter vindo a sala da “*mulher que servia café*”.

Não tive nem tempo de comemorar o nosso segundo “encontro” — ou segundo esbarrão? —, pois logo os meus olhos foram em direção à garrafa de café e pronunciei um longo “*cacete*”, lembrando-me de que eu ainda tinha que servir os folgados dos meus outros chefes.

Capítulo 10 — Depois do Expediente

O restante do dia foi passando e nada do loiro delícia aparecer para continuarmos a nossa agradável conversa. Como faltava apenas cinco minutos para o meu expediente chegar ao fim, desisti de esperar e já comecei a me preparar para deixar o prédio.

Olhei ao me redor e fiquei extremamente orgulhosa ao constatar o quanto a salinha estava limpa e organizada. Só caprichei na limpeza porque pensei que Bryan me faria uma visita surpresa antes do meu horário chegar ao fim e eu não queria dar motivos para ele cancelar a minha futura promoção.

Mas ele não apareceu.

Desta vez, eu não me irritei.

Diferente das últimas semanas, esse dia trouxe bastante progresso em minha relação com ele.

Eu não poderia nem pensar em reclamar.

Guardei os produtos de limpeza no pequeno armário próximo da pia e fui até o canto da sala para pegar a minha bolsa, pois, felizmente, já eram seis horas — os minutos mais felizes de todos os meus dias.

— Você não iria embora sem falar comigo antes, não é? — questionou a voz que já se tornara familiar para mim.

Como não estava mais esperando-o, acabei me assustando.

Depois de respirar fundo, virei-me com a mão esquerda envolvendo os meus lábios.

NACIONAIS-ACHERON

Ao notar o meu estado, o loiro se desculpou: — eu não deveria ter entrado de surpresa...

Ainda com a expressão assustada, respondi: — não... mas agora que já entrou — encarei um dos banquinhos, convidando-o a sentar-se: — fique a vontade, a minha salinha é a sua salinha... literalmente.

Ele aceitou o convite e riu da minha brincadeira.

Já sentado no banco, Bryan continuou: — eu não tenho nada relacionado a sua área no momento...

Tentei não demonstrar nenhuma emoção relacionada a decepção. Simplesmente, balancei a cabeça sorrindo, enquanto sussurrava um “*tudo bem*” baixinho.

— Mas estou precisando de uma secretária — completou ele, fazendo com que o meu coração batesse mais rápido. — A minha antiga está de saída.

No instante em que iria dizer um “*é sério? Muito obrigada!*”, lembrei-me de Bianca, que estava esperando muito tempo por essa promoção.

Geralmente, eu faria a sonsa e aceitaria sem nem pensar e depois diria pra ela algo como “*eu não tenho culpa se o meu currículo é mais convidativo que o seu*” ou “*e a culpa é minha?*”.

Mas quando tentei pronunciar qualquer coisa, aceitando aquela ótima promoção, minhas palavras ficaram entaladas em minha garganta. Por algum motivo — provavelmente, uma mandinga de Bia —, eu não consegui.

Talvez não fosse macumba, talvez fosse apenas eu amolecendo — o que também não conseguia ser uma coisa muito boa.

— Obrigada, de verdade, mas...

— Mas? — A voz de Bryan não soou apenas confusa com a minha negativa. Pude sentir um traço de decepção também e isso fez com que eu me odiasse ainda mais por ser tão fiel a um simples laço de amizade. — Eu pensei que...

— A vaga é incrível e eu queria muito poder aceitar, mas eu tenho uma amiga que trabalha aqui há anos e já tinham prometido isso a ela — respondi, torcendo para que a minha resposta não soasse tão ridícula quanto era em minha mente. E, então, ainda tentando justificar o meu “*não*” idiota, menti: — e eu não costumo passar por cima das pessoas, principalmente daquelas que eu amo.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria pisado em cima da cabeça para conseguir a promoção, pois era a melhor função do mundo — a que mais me ajudaria a ficar por dentro da vida de Bryan.

Mas, aparentemente, a minha amizade com Bianca era maior até mesmo que o meu plano para conquistá-lo.

Ele ficou em silêncio, pensativo e isso me deixou desesperada, pois tudo o que eu conseguia notar era um grande balão “*você ferrou com tudo, sua idiota!*” pairando em cima da cabeça dele.

— Acho que, nesse caso, então vou precisar de duas secretárias — disse o meu chefe, após concluir aquele seu longo pensamento.

— O...

— Se você pensar em dizer mais uma espécie de “*mas*”...

— Eu não vou — o interrompi, aproximando-me de onde ele estava sentado.

E, ainda eufórica com a minha promoção dupla, eu, por algum motivo

desconhecido, o abracei, tornando a cena ainda mais estranha.

— Muito, muito, muito obrigada.

Os braços dele envolveram o meu corpo, retribuindo o meu abraço. Enquanto estávamos ligados, quase entrei em transe com o cheiro do seu perfume.

Não tinha a mínima ideia do que ele estava usando, mas era completamente divino.

Ao me dar conta da cena patética que eu protagonizava, afastei-me rapidamente de seu corpo, enquanto tentava desamassar o seu paletó escuro. Assumo que me aproveitei disso para tocar em seu peito e, talvez, conseguir passar uma imagem de “*garota desajeitada*”.

Mesmo não tendo ideia se realmente tinha colado, fiquei feliz e isso era bem evidente devido ao sorriso em meu rosto, que também poderia ser justificado pela promoção.

O CEO apontou para a porta e despediu-se, dizendo: — eu tenho que ir agora, mas na segunda terá alguém para treinar vocês duas...

E, então, ele deixou a sala, sem nem me perguntar o nome dessa amiga, o que só comprovou que ele havia mesmo feito uma pesquisa sobre mim.

Pela primeira vez desde que dei início a essa minha operação maluca — e um tanto doentia —, realmente acreditava que conseguiria sucesso.

Não conseguia disfarçar a minha animação. E, enquanto caminhava em direção ao elevador, alguns funcionários me encaravam, provavelmente fofocando a respeito das visitas frequentes do meu chefe — e do meu sorrisinho suspeito que sempre aparecia após elas.

Mas eu não me importava.

NACIONAIS-ACHERON

Logo seria a patroa deles e muitos estariam na rua.

Foquei na minha amiga, que devia estar no primeiro andar, esperando por mim. Desta vez, ela não teria nem vontade de me xingar por demorar para descer — pelo menos, não depois de eu contar a mais nova notícia.

Quando a avistei, logo notei a sua cara de poucos amigos. Ao ver o quanto eu estava feliz, Bianca ficou ainda mais mal humorada, como se a minha felicidade ofuscasse o seu bom humor.

— Que demora Vanessa... — reclamou ela, como eu já imaginava. E, em um tom bem amargo, Bianca completou: — você estava transando com ele na salinha do café?

Não consegui conter uma risada, imaginando a cena, que, no fundo, não me desagradava em nada.

— Quem me dera — respondi, irritando-a ainda mais. Mas antes que ela tivesse a chance de soltar mais uma das suas frases amargas, eu emendei: — nós fomos promovidas, vadia!

— O q...

— Somos as novas secretárias do Bryan Leal! — continuei, em um tom eufórico, interrompendo-a e a deixando sem palavras.

PARTE 2: SEDUZINDO O CHEFE

** Ser uma ótima secretária.*

** Deixá-lo ciente de que tenho interesse nele.*

** Beijá-lo.*

** Ser promovida a “algo a mais”.*

Capítulo 11 — Sábado de Manhã

A última vez que vi a minha amiga tão feliz, foi quando um casal se interessou por ela no orfanato.

Bianca ficou eufórica, dizendo a todo instante um “*mas*”, como se precisasse de uma justificativa boa o suficiente para que ela pudesse realmente acreditar em mim.

E lá no fundo — onde o meu ego era um pouquinho menor —, eu também estava surpresa com aquela promoção.

Tudo havia acontecido de maneira rápida demais.

Eu não precisei nem mesmo beijá-lo pra ganhar esse novo cargo — o que não fazia muito sentido. Mas não seria eu quem reclamaria desse fato — principalmente, porque o universo já não era muito meu fã.

Depois daquela ótima notícia, a nossa noite de sexta-feira foi incrível. Nós fizemos um jantar especial para comemorar — Bia cozinhou e eu ajudei com a minha companhia contagiante —, dançamos um pouco pelos corredores do apartamento, enquanto tomávamos vinho — um bem barato e qualidade horrível, mas o que valia era a intenção de comemorar.

Aqueles foram os primeiros momentos — desde que eu havia voltado ao apartamento dela —, em que realmente me reconectei com a minha melhor amiga. Lembrei-me das nossas comemorações bobas e do quanto costumava ser — e ainda era — bom estar ao lado dela, comemorando uma conquista pequena, mas bastante significativa para nós.

Foi tudo maravilhoso, mas só até o dia amanhecer e Bianca voltar a

agir como Bianca.

— Eu já disse... foi uma promessa que eu fiz, criatura! — continuou ela, tentando me explicar o motivo de ter me acordado às sete e meia da manhã em pleno sábado. — Eu prometi que se eu conseguisse a promoção, voltaria ao orfanato em que crescemos para ajudar as crianças de lá.

Revirei os meus olhos, não acreditando naquele monte de baboseira que deixava a boca dela.

— Como, tecnicamente, fui eu quem conseguiu a sua promoção, você não precisa ajudar a porra de orfanato nenhum — respondi, sem muita paciência. — Viu só? Você não vai estar quebrando nenhuma promessa idiota. Problema resolvido, agora me deixe voltar a dormir, cacete!

Ela me lançou um olhar indignado, mostrando-me que não desistiria daquela ideia idiota facilmente, o que me forçou a completar: — O.K... vá ajudar a porcaria de orfanato, só não me inclua nisso!

Quando pensei que finalmente tinha dado um fim naquela discussão e Bianca sairia do meu quarto, a minha amiga tornou a falar: — ou você me ajuda ou eu acabo com esse seu plano ridículo de tentar conquistar o Bryan. Você quem decide!

Não consegui controlar o meu riso sarcástico.

Eu, Vanessa Waller, estava mesmo sendo chantageada pela minha amiga tapada?

Aparentemente, sim, eu estava.

— Bem cobrinha você, hein? — comentei, no fundo gostando de toda aquela atitude da minha amiga.

Bianca sempre fez a linha “*sonsa e santinha*”, então, a sua chantagem

NACIONAIS-ACHERON

me surpreendeu de uma maneira bem positiva.

Adorei ver esse novo lado dela.

— Eu aprendi com a melhor — rebateu ela, esticando os lábios em um sorriso cínico.

— Gostei — admiti, sentando-me na cama para encará-la melhor.

Passei a mão sobre as pálpebras, esforçando-me para não me atirar sobre a cama novamente.

— Isso é um “*sim*”? — ela quis saber, ainda com o olhar voltado em minha direção.

— Não, minha filha. Isso é um “*infelizmente*” — respondi, já conformada com a situação.

Mesmo odiando completamente aquela ideia, acabei aceitando ir com Bianca ao orfanato em que crescemos.

Eu — ao que tudo indicava — seria a voluntária mais obrigada da história daquele lugar.

Mesmo dando vários indícios — vários mesmo, eu confesso —, eu não era a pessoa mais insensível do universo e lá no fundo — bem embaixo, escondido na escuridão —, uma parte de mim pensava nas crianças e no quanto uma espécie de ajuda poderia fazer diferença.

Só não queria — e não estava preparada para — ter que voltar a pisar em um lugar que me trazia tantas memórias tão ruins, de um tempo que eu sempre tentava esquecer.

Eu queria me proteger do passado.

NACIONAIS-ACHERON

E tinha certeza de que não era a única.

Bianca também devia estar em uma situação bem parecida ou não teria me chantageado daquela forma para acompanhá-la. Por mais que ela já tivesse contribuído com pequenas doações, Bia nunca havia se voluntariado de verdade, colocando-se na frente da instituição.

A sua ajuda, até então, havia sido à distância.

Mas já que eu realmente seria obrigada a voltar para aquele lugar, não existia nenhuma pessoa no mundo melhor do que a Bianca para me acompanhar.

Começamos a nossa história lá e retornaríamos para encerrar esse ciclo.

Outro detalhe bem importante: as coisas seriam bem mais fáceis se a minha amiga tivesse a droga de um carro.

Já era bem chato o fato de estarmos voltando pra lá e — como se não fosse ruim o suficiente — nós duas ainda tivemos que pegar um ônibus, que demorou um século para chegar ao ponto, já que no sábado a frota do transporte público era reduzida.

O lado bom foi que, dessa vez, conseguimos nos sentar. Não que ficar em cima daquele banco duro fosse de grande ajuda, mas, pelo menos, tinha mais liberdade para ficar mexendo no meu celular, ou melhor, jogando “*Candy Crush*”.

— Você poderia, pelo menos, fingir que quer ir ajudar essas crianças — comentou Bianca ao notar a minha expressão facial, que não me deixava mentir. Depois de ouvi-la, desviei a minha atenção, abandonando um pouco o joguinho e sorri de maneira debochada. — Pensando bem, a expressão anterior estava melhor.

Estranhamente, um pouco de culpa me alcançou.

Eu não conseguia bancar a insensível quando se tratava do orfanato, o lugar, definitivamente, mexia demais comigo — talvez, mais do que qualquer outro.

Depois de respirar fundo, respondi, tentando explicar a minha versão dos fatos: — você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa... Sabe que eu odeio voltar para um desses determinados lugares do passado, pois é como se a minha vida estivesse retrocedendo.

O sentimento de voltar seria ainda pior do que aquele que senti ao retornar para o apartamento de Bianca, pois seria bem mais doloroso do que passar por cima de todo o meu orgulho. Eu teria que revisitar o tempo de escola e relembrar coisas que me esforcei para conseguir esquecer.

Eu odiava completamente isso.

Odiava estar sentada em um banco de ônibus, encarando a janela com uma expressão de paisagem, como se estivesse em uma espécie de videoclipe de música triste.

Odiava parecer uma maldita vítima.

Mas nem mesmo eu conseguia ignorar um sentimento como aquele.

— E, como eu já estava esperando, esse lugar não mudou nada — comentou Bianca, quando o ônibus estacionou no ponto que ficava ao lado da instituição. A minha amiga voltou o seu olhar em minha direção e prosseguiu, dizendo: — você está pronta?

Eu não sabia nem o que responder.

Estava pronta?

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 12 — Caridade

Deixei de interpretar a órfã amedrontada por lembranças e caminhei em direção ao portão da Casa Santa Clara (CSC) — instituição para meninos e meninas de onze a dezessete anos de idade.

E, junto com Bianca, eu entrei naquele lugar que me assustava tanto.

Bastou um simples olhar em direção ao lado externo para que toda a minha casca grossa se desfizesse. De repente, eu tornei a ser a mesma garotinha revoltada e assustada que costumava ser quando morava ali.

Por mais que a fachada não tivesse mudado muito, sofrendo apenas uma restauração, o lado interno estava completamente diferente. A situação era tão crítica que não reconheci nem mesmo o corredor que levava à diretoria — um lugar que eu cansei de visitar.

Mas ao cruzar a porta da sala da diretora, notei que algumas coisas continuavam exatamente como antes.

Tanto Tereza quanto a sua sala, permaneciam paradas no tempo. Talvez a única mudança fosse algumas rugas espalhadas por seu rosto e os fios brancos que invadiam a sua cabeça. Entretanto, todo o restante continuava igual, inclusive o seu olhar autoritário, que sempre vinha antes de uma de suas broncas.

— Com licença — disse Bianca, mesmo depois de já termos entrado na sala. — Tudo bem, diretora?

Ela já havia falado com Tereza por telefone, informando sobre a visita. Além disso, a minha amiga costumava contribuir com a instituição, fazendo

doações de roupa e entre outras coisas, o que sempre a colocava em contato com a mulher a nossa frente.

Mas, no meu caso, era a primeira vez que via Tereza desde que deixei o orfanato.

O sentimento era bem esquisito, quase nostálgico.

Eu ainda não havia decidido se era bom ou não.

Com um sorriso no rosto, a senhora — que estava bem acabadinha, por sinal — aproximou-se da minha amiga e a cumprimentou com um beijo no rosto.

— É tão bom ver as minhas garotas já crescidas, voltando para ajudar outras crianças — respondeu ela, referindo-se apenas a Bia, obviamente.

Seu olhar voltou-se em minha direção e o sorriso que estava ali desapareceu.

— Você por aqui? É como dizem, um bom filho a casa torna — disse Tereza, tão surpresa quanto eu pela minha presença. Depois de um riso debochado, ela completou: — com exceção de que você era uma péssima filha.

— Obrigada — respondi, tentando não tornar a odiá-la tanto quanto eu costumava odiar naquele tempo. Usando o mesmo tom de deboche, prossegui: — e você está ótima.

Ela riu e, estranhamente, partiu em minha direção, abraçando-me de uma maneira calorosa.

Essa cena certamente foi para a minha grande coleção de coisas mais imprevisíveis e estranhas que já haviam acontecido comigo.

— Bem vinda de volta — sussurrou ela, enquanto ainda estávamos ligadas pelo abraço.

Foi impossível não me sentir acolhida.

De certa forma, a instituição Santa Clara era a coisa mais próxima que eu tinha de um lar naquele tempo, toda a minha infância se resumia a ela.

— Como já havia dito na ligação, nós estamos aqui como voluntárias — comentou a minha amiga, toda sorridente, deixando com que constatássemos a cada uma de suas expressões faciais o quanto queria estar ali, ajudando.

Era irritante.

— Então, o que nós podemos fazer? — questionou Bianca, extremamente ansiosa.

— Podem se juntar aos outros voluntários e ajudá-los nas tarefas que estiverem executando — respondeu ela, com aquela expressão que eu conhecia muito bem, uma que parecia dizer “*já podem sair da minha sala, pirralhas*”. — Até depois, meninas... e obrigada.

Aos sábados a instituição sempre mudava a rotina diária, dando aos alunos atividades mais divertidas do que as convencionais. Tinha o cinema, Educação Física e campeonatos envolvendo alguma atividade esportiva e, por fim, as histórias contadas.

E mesmo com o avanço da tecnologia, ao notar o que os outros voluntários estavam fazendo, percebi que algumas coisas nunca mudavam — principalmente, se estivessem sob o controle rigoroso de Tereza.

Bianca caminhou em direção a duas mulheres que estavam preparando a sessão de cinema. Além de arrumar o filme, cuidar das crianças, elas ainda

teriam que estourar as pipocas e servir para todos eles.

Só de pensar em toda aquela gordura próxima do meu cabelo, optei por seguir em outra direção — de preferência, uma que também ficasse bem longe da cozinha. E como eu não me encaixava bem na Educação Física ou toda a questão envolvendo os esportes, sobrou-me apenas as histórias contadas.

Eu realmente teria ido até o outro lado do salão para passar horas lendo algum livro infantil estúpido se uma cena não tivesse fígado a minha atenção.

O voluntário da Educação Física era um homem bem familiar.

Eu, literalmente, encarava o meu chefe vestindo uma regata e um short curto, enquanto chutava uma bola de futebol.

E isso era muito, muito estranho.

O que um cara de alta classe como Bryan Leal fazia de voluntário em uma instituiçãozinha meia boca como a Santa Clara?

Nem pensei para me aproximar de onde ele estava.

E, quando os seus olhos voltaram-se em minha direção, descobri que não fui a única a ficar completamente surpreendida com a presença de alguém conhecido ao redor.

— Galerinha, vamos fazer uma pausa de três minutos e depois começamos a segunda rodada, beleza? — disse o alvo de meus olhares, antes de caminhar em minha direção, tendo-me como alvo dos seus também.

Quando nós dois finalmente ficamos frente a frente, as nossas vozes saíram ao mesmo tempo, de maneira completamente engraçada.

Eu pronunciei um “*o que você está fazendo aqui?*” e ele “*o que a minha nova secretária está fazendo aqui?*”.

Depois de sorrir daquele seu jeitinho extremamente sexy, ele completou, indagando: — você está me seguindo ou...

— Eu te seguindo? Não... não! — eu me defendi, não deixando de sorrir, como se aquela ideia, por mais que aparentasse ser uma brincadeira da parte dele, fosse absurda.

E, dessa vez, eu tinha mesmo razão, pois o nosso encontro realmente não havia sido armado por mim.

— Eu cresci aqui nessa instituição, o que, automaticamente, faz com que você seja a pessoa que está me seguindo — continuei, jogando a peteca para o lado dele.

O meu chefe não parecia muito convencido e o seu olhar despejava desconfiança.

— É que eu venho pra cá na maior parte dos sábados e nunca te vi por aqui — respondeu ele, explicando-se e, de certa forma, foi como se Bryan realmente estivesse achando que eu estava seguindo-o.

Eu poderia contar a verdade, dizendo que era a minha primeira vez como voluntária na instituição. Mas queria tirar alguma vantagem disso, fazer parecer que eu realmente era uma mulher caridosa e, de quebra, tirar aquela ideia — bem verdadeira — de que eu era uma *stalker* da mente dele.

— É que eu só costumo vir aos domingos — menti, enquanto sorria, na esperança de finalmente convencê-lo. — Mas, como eu terei um compromisso inadiável amanhã, resolvi vir hoje e matar a saudade das crianças.

Com uma expressão confusa estampada na face, ele tornou a falar: — eu... eu achei que não aceitavam voluntários aos domingos aqui...

Droga.

Droga.

E mais droga.

— E não aceitam mesmo, mas, como já te disse, cresci aqui — apressei-me em responder, tentando sustentar aquela mentira que já estava cansando as minhas costas. — É como se fosse o meu lar...

— Bacana.

“Bacana”?

Ele, definitivamente, não estava muito convencido do *“é como se fosse o meu lar”*.

— Eu costumo contar histórias — continuei, tentando mudar a situação, antes que o *“game over”* chegasse. — Quando eu era criança... — Apontei em direção ao outro lado da instituição, onde ficava uma sala e completei: — sentávamos no chão e ouvíamos essas histórias que estranhos apareciam para contar. E através delas, eu encontrei uma forma de deixar esse lugar, mesmo que só na minha imaginação. — A expressão de Bryan mudou, ele realmente estava interessado no que eu estava falando. — Então, eu optei por voltar e contar histórias, dar uma chance para essas crianças também viajarem através delas.

Ele não disse nada e isso foi o suficiente para que eu soubesse que havia acertado em cheio com aquela mentira, ela sustentaria bem toda aquela farsa.

Se eu aprendi alguma coisa mentindo, era que as melhores mentiras
NACIONAIS-ACHERON

eram aquelas repletas de meias verdades. Por mais que eu nunca tivesse sido voluntária ou gostasse das “*histórias contadas*” — uma atividade que sempre me deixava entediada —, realmente gostava de sentar no chão do quarto que dividia com outras crianças e me imaginar fora daquele lugar, fantasiando um futuro maravilhoso e completamente diferente daquele que eu vivia.

— Vai começar a contar as histórias agora? — questionou ele, como se estivesse se preparando para voltar a depositar a sua atenção nas crianças. — É que estou precisando muito de uma juíza aqui...

— Eu vou ganhar hora extra? — brinquei, arrancando mais um daqueles sorrisos que amava ver nos belos lábios de Bryan. — E tem que vim com um adicional por eu estar trabalhando longe do local da empresa.

Ele balançou a cabeça, concordando, antes de responder: — não se preocupe... — E, com os olhos queimando o meu rosto, ele completou, não conseguindo controlar o tom de malícia em sua voz: — eu prometo fazer valer a pena.

Em uma tentativa de jogar um balde de água fria em toda a tensão sexual que estávamos tendo, comentei: — então, perfeito! Quando eu cheguei, Tereza me disse pra procurar um dos voluntários e ajudar no que ele precisar...

Ele sorriu, animado — ou desconcertado — com a minha resposta.

Por mais que eu quisesse ter uma conversa cheia de frases em duplo sentido com ele — principalmente, enquanto ele usava um short que marcava bem aquilo que escondia dentro da cueca —, eu precisava ir com calma, sem nenhuma sede ao porte ou acabaria morrendo afogada.

Com um apito vermelho na mão, Bryan deu um fim ao assunto, antes de assoprar: — então, vamos animar isso aqui!

Com uma expressão de animação, eu acompanhei os jogos, ajudando o meu chefe a coordená-lo. Entretanto, dessa vez, eu nem mesmo precisei forçar, fingindo uma diversão que não existia. Bryan era bem engraçado e as crianças se divertiam demais ao lado dele.

Ao que tudo me indicava, ele seria um ótimo pai para os nossos futuros filhos. Sinceramente, eu não era a maior fã de crianças, mas ele era o tipo de homem que conseguiria me convencer facilmente a tentar “*fazê-las*”.

Essa era uma face do meu chefe que pensei que nunca chegaria a conhecer.

O homem engravato com quem eu interagia na Leal Corp não parecia ser o mesmo que estava ali do meu lado, vestindo uma regata e gritando “*falta!*” e “*solta ele, Diogo*”, antes de impedir que duas crianças comessem uma briga — lembrando-me da época em que eu me juntava a rodinha que berrava o tradicional “*briga, briga, briga!*”.

E mesmo sem toda aquela roupa cara e elegante, ele continuava lindo, tão perfeito quanto no dia em que derramei café em sua camisa branca.

— O time vermelho é o campeão — disse Bryan, anunciando o resultado bem óbvio, já que o azul não fez um só gol.

— Mas todos vocês vão ganhar o prêmio, que é um mega sanduíche — completei, animando um pouco as crianças do time azul.

Servimos o lanche, que era, basicamente, um pão de forma recheado com presento, queijo e maionese. Algo bem simples, mas que as crianças pareciam adorar comer.

No meu tempo era algo um pouquinho mais simples, mas, ainda sim, não deixava de ser bom.

Enquanto elas comiam, caminhei em direção a arquibancada e sentei-me ali, surpresa ao notar o quanto aquele lugar tinha crescido. Agora possuía quadras abertas e cobertas, diversos tipos de jogos e, principalmente, mais pessoas interessadas em ajudar as crianças.

— Eu trouxe um pra você — disse Bryan, entregando-me um dos sanduíches.

Eu não era a maior fã de pão com queijo e presunto, mas não faria aquela desfeita.

Depois que aceitei, ele sentou-se ao meu lado e indagou: — então, parceira, como era viver aqui?

Fui pega de surpresa com a sua pergunta.

— Não era muito bom... — confessei, lembrando exatamente do sentimento de estar trancafiada naquela instituição. — Eu não era mal tratada ou algo parecido... — Lembrei-me das minhas várias visitas a sala de Tereza e isso me fez rir. — Mas também não era uma criança muito comportada ou estudiosa, então tive bastante problema.

Ele riu e foi como se tivesse se identificado com o *“eu não era uma criança muito comportada”*.

— Mas a pior parte não era as várias broncas ou os puxões de orelha que eu levava... era o sentimento de abandono e rejeição que sempre me acompanhava. E era quase diário, eu sentia isso sempre que uma família entrava aqui e me ignorava, seguindo em direção as crianças mais jovens.

Quando percebi o quanto a nossa conversa estava se tornando depressiva e inteiramente focada em mim, questionei: — mas e você?

— O quê? — ele quis saber, não entendendo a minha pergunta.

— O motivo pra você estar se voluntariando aqui?

Ele sorriu, mas de maneira completamente desconcertada. Sabia que havia acabado de pisar em um de seus calos mais antigos.

E não estava com a mínima vontade de recuar.

— Caridade.

Continuei com o olhar em seu rosto, antes de completar: — você poderia ter só mandado um cheque, como a maior parte das pessoas com grana. Mas o fato de estar aqui, se voluntariando, significa que você realmente se importa e que isso é, de alguma forma, algo pessoal.

Não precisei perguntar novamente, pois, surpreendentemente, Bryan respondeu: — eu fui adotado, tinha pouco mais de um ano...

Ele ficou em silêncio, como se não soubesse o que dizer ou, simplesmente, quisesse mudar de assunto.

— Então você era, basicamente, uma das crianças que tiraram a minha chance de ser adotada — brinquei, não percebendo o quão sério era aquele assunto. Em uma tentativa de consertar a burrada que acabara de fazer, continuei: — mas não posso culpar os seus pais, você devia ser um daqueles bebês bem fofinhos, impossível de não querer ter como filho.

Sua mão sobrepôs a minha, fazendo com que eu voltasse o meu olhar em sua direção. Encarei os seus olhos azuis e foi impossível não corar com aquelas esferas sobre a minha face, queimando-me.

— Sobre aquelas famílias que te ignoraram na infância, quem perdeu foram eles... — disse ele, ainda tocando em minha mão. — Tenho certeza que você teria sido uma filha maravilhosa.

Se não estivéssemos cercados de crianças, eu teria investido em um
NACIONAIS-ACHERON

beijo, pois aquele, definitivamente, era o momento perfeito para algo assim.

— Achei você! — ouvi a voz de Bianca e isso destruiu completamente o clima que estava rolando. — Eu pensei que você estivesse no...

Quando me virei, entendi o motivo pelo qual ela havia interrompido a própria frase. A minha amiga ficou completamente chocada ao ver Bryan ali, bem ao meu lado e com a mão em cima da minha.

Afastei a minha mão da dele, antes de dizer: — chefe... essa aqui é a Bia... Bianca, a sua outra nova secretária. — Antes que ele pudesse questionar, eu completei: — ela começou com o trabalho de voluntária hoje, veio me acompanhar.

Se Bianca já não estivesse completamente vermelha, ficaria no instante em que as lanternas azuladas de Bryan voltaram em direção a ela.

De uma maneira formal, completamente diferente de como sempre acontecia comigo, ele estendeu a mão, cumprimentando-a: — eu já vi você algumas vezes lá na Leal... mas, ainda sim, é um prazer!

Um sinal alto e irritante soou, avisando-nos de que as atividades do período da manhã haviam chegado ao fim.

Isso fez com que Bryan encarasse o relógio prateado em seu pulso esquerdo e questionasse: — vocês vão ficar para o período da tarde?

Balancei a cabeça, nem dando a chance de Bianca dar uma resposta negativa.

— Sim, nós vamos.

Ele sorriu, aparentemente, muito satisfeito com a resposta.

— Eu adoraria poder ficar mais, mas tenho um daqueles compromissos

inadiáveis daqui a pouco — comentou ele, fazendo referência ao que eu havia dito quando o encontrei, sobre ter algo “*inadiável*” no domingo.

Antes de nos deixar, ele voltou o seu olhar em minha direção e disse: — obrigado por me ajudar com as crianças... — De uma maneira hesitante, ele concluiu: — nós formamos uma ótima dupla, Waller.

Sorri em agradecimento e o observei se afastar lentamente. Os meus olhos o seguiram até que ele desaparecesse, foi como se ele tivesse me enfeitiçado, conectando-nos de uma forma fora do normal, mágica.

Só fui perceber o quanto estava desligada quando ouvi a voz da minha amiga — a mesma voz que me trouxe de volta para a realidade —, seguida por uma risada.

Depois que Bryan deixou o nosso campo de visão, Bianca começou a debochar, enquanto fazia aspas com os dedos: — “*formamos uma ótima dupla*”... — Com uma expressão de surpresa, Bia prosseguiu: — garota, eu não estava apostando nenhum tostão em você, mas acho que vou considerar colocar todo o meu décimo terceiro nisso aí.

Joguei o meu cabelo para o lado, fazendo uma pose poderosa.

Sim, eu, definitivamente, havia arrasado.

— Mas o que foi esse “*ela veio me acompanhar*”? Conhecendo você, deve ter dito pra ele que fundou essa instituição, que construiu com as próprias mãos — continuou Bianca, que não conseguia ficar um minuto sem criticar alguma coisa. — Ou que Santa Clara é o nome da sua avó, que fundou a instituição.

Revirei os olhos, como se estivesse ficado ofendida com aquelas palavras.

— Eu só disse que sempre fui voluntária aqui... Nada demais, só uma mentirinha boba.

Bianca desistiu do sermão que tinha pronto na ponta da língua. Dessa vez, estranhamente, a minha amiga conseguiu guardar todo aquele senso de moralismo — que, na maior parte das vezes, funcionava só na teoria — apenas para ela.

— As meninas vão precisar de ajuda com a louça lá na cozinha...

Quando ouvi o *“ajuda com a louça”*, eu tive que interrompê-la: — o quê? Eu não vou perder o resto do meu sábado aqui nesse lugar, querida.

O nosso combinado era que só ficaríamos de voluntárias no período da manhã. Eu só mudaria esse nosso acordo se Bryan também tivesse ficado, o que não aconteceu.

Ela me lançou um olhar confuso e, logo em seguida, prosseguiu, lembrando-me: — mas você acabou de dizer para o Bryan que ficará no período da tarde!

Às vezes, era como se Bianca ainda não me conhecesse.

— Ele não vai saber que eu não estava aqui, criatura! — disparei, como se isso não fosse óbvio. Olhei ao redor, antes de completar: — agora, vamos embora logo, antes que essas crianças suadas voltem aqui.

Capítulo 13 — Bianca

No final da primeira semana no novo cargo, eu e Bianca já estávamos nos virando muito bem sozinhas como as novas secretárias do CEO.

Por mais que a parte de atender telefone fosse um pouco cansativa, o trabalho era, sem dúvida alguma, muito melhor do que o da “*mulher do café*”.

A segunda parte do meu plano estava quase completa, eu só precisava ter algum contato mais físico com Bryan. Em um resumo, só precisava beijar ele e tornar a nossa afinidade em algo mais romântico.

Falando no meu chefe, ele — como era de se esperar — não aparecia todos os dias. Mas quando dava as caras na empresa, eu mesma fazia questão de servir um café pra ele.

Na primeira vez que eu fiz isso, Bryan brincou, dizendo “*da última vez que eu te vi com uma bandeja dessa na mão, você deixou uma marca bem feia na minha barriga. Devo me preocupar?*”. Depois de garantir que “*não iria feri-lo fisicamente e de nenhuma outra forma que ele não quisesse*” — sim, havia usado um pouquinho de malícia no final da frase —, servi o seu café preto puro, do jeitinho que ele gostava.

Por mais bacana que o meu chefe fosse — Bryan realmente era legal comparado com todos os outros embustes com que já me envolvi —, ele ainda era um homem e não conseguia disfarçar o quanto gostava de se sentir no controle, de ter a sua amada superioridade. E, por mais que eu fosse bem mais controladora do que ele, conseguia fingir bem o suficiente para que ele pensasse que estava no comando de tudo.

Outra ótima coisa era que trabalhar ao lado da minha melhor amiga tornava o meu dia bem menos cansativo. Bianca me divertia, mesmo quando não tinha essa intenção. Nunca deixava de soltar as suas famosas pérolas, debochando do meu plano de conquistar o nosso chefinho.

Mas como nem tudo eram flores, também tinha uma parte bem ruim. Naquela mesma semana, ela inventou que começaria uma espécie de regime — ou, de acordo com ela, a “*dieta do líquido*” — e só consumiria sucos naturais e água por uma semana inteira.

Tentei alertá-la do quanto toda aquela ideia era estúpida — e muito perigosa —, mas ela não me ouviu. De qualquer forma, eu nem precisei insistir muito pra que ela a abandonasse. No final do primeiro dia, Bianca não aguentou e comeu um sanduíche recheado com um pouco de tudo o que tinha dentro da geladeira — minutos antes de se jogar em cima do sofá e odiar a si mesma por não ter conseguido suportar um mísero dia daquela dieta.

Era sempre a mesma coisa, mas, desta vez, eu observava com outros olhos. Tudo o que eu pensei ser um “*drama chato*”, tornou-se algo que me partiu ao meio.

Não conseguia nem disfarçar sobre o quanto eu realmente me importava.

Desde a adolescência, a minha amiga sempre surgia com uma dieta maluca e nunca conseguia concluí-la. Depois do fracasso, Bianca era muito dura com ela mesma, fazia comentários horríveis, evidenciando a sua autoestima baixa.

Mas, diferente das outras vezes — em que eu, simplesmente, voltava para a minha casa quando o assunto começava a ficar depressivo e “*dramático*” —, vê-la tão devastada e acompanhar a parte “final” daquele

processo me chocou demais.

Como eu não era a melhor das amigas, nunca me envolvi de verdade nos problemas dela.

No entanto, como agora eu não tinha uma casa para voltar, fui obrigada a presenciar tudo.

E era horrível.

A pior parte é que constatei que em todas aquelas fases horríveis, ela sempre esteve sozinha, sem ninguém por perto para ajudá-la — e, principalmente, sem a péssima melhor amiga que ela possuía.

Nesse dia, eu me dei conta de que sempre que Bianca realmente precisava de mim, eu dava as costas, para dar atenção a qualquer outra coisa — como, por exemplo, a minha “*operação CEO*” para conquistar Bryan.

— Ficar aí sentada se odiando, não vai melhorar nada — disse, aproximando-me do sofá.

Ela não queria falar sobre aquilo e a sua expressão deixava isso bem claro.

Mas, ainda sim, continuei: — dane-se essa dieta, você é incrível da forma que é... não precisa de um corpo magro.

Ela balançou a cabeça, com uma expressão incrédula.

Foi como se eu estivesse ofendendo-a e não tentando ajudá-la a passar por aquilo.

— Falou a menina que poderia ser confundida com uma das modelos da “*Victoria’s Secret*” — respondeu ela, em um tom bem sério.

Em uma outra ocasião, eu sorria com o elogio, antes de dizer um

“sério? você acha mesmo?”.

Dessa vez, não era o meu ego que importava, mas o de Bia.

Eu não sabia como lidar com essa situação dramática. Nunca tive problemas com a minha autoestima — minha autoconfiança era grande demais, de uma maneira não tão positiva.

Sem experiência, não podia ajudar na parte emocional.

Mas talvez eu conseguisse na física e foi nesse tipo de ajuda que eu foquei.

— Vamos fazer um acordo, um desafio pra nós duas? — comecei a dizer, enquanto sentava-me no sofá ao seu lado. — Eu não tenho a alimentação mais saudável do mundo e você também não...

A minha alimentação não era perfeita, mas nem se comparava com a da Bianca, que só comia coisas que faziam qualquer nutricionista torcer o nariz.

Mas precisava fazer isso parecer um problema meu também ou não teria sucesso.

— Vamos melhorar a nossa alimentação juntas — continuei, finalmente roubando a atenção dela. Peguei a mão da minha amiga, antes de concluir: — acho que podemos resolver essa situação de uma só vez.

E, depois disso, realmente começamos essa nova dieta, juntas. Simplesmente, cortamos alguns tipos de alimentos que não possuíam nada de bom, como refrigerantes — algo que ela consumia mais do que água —, bolachas recheadas, salgadinhos do tipo chips e entre outras coisas que costumava sempre vê-la beliscar.

Nos primeiros dois dias foi bem difícil, pois ela estava acostumada demais a todas essas coisas. No meu caso, foi infinitamente mais fácil, só

NACIONAIS-ACHERON

sentia falta do requeijão que sempre cobria as minhas fatias de pão e de algumas bebidas ricas em açúcares, como os sucos de caixinha — que possuíam apenas 1% de fruta.

Mas o simples fato de não estar fazendo isso sozinha, já a ajudou bastante, foi a força que ela precisava para vencer toda aquela compulsão, que também se devia a ansiedade que ela possuía.

Essa nossa primeira semana no novo cargo foi seguida de breves encontros com Bryan — olhares se encontrando, sorrisos bobos e centenas de palavras não ditas —, almoços mais *lights* com Bianca — onde ela era obrigada a comer todos os legumes e verduras que sempre evitava — e uma função mais mental e extremamente confortável, com uma das pessoas que eu mais amava.

Capítulo 14 — Hora Extra

Na sexta-feira à tarde, as coisas ficaram um pouco mais intensas na Leal Corp.

O trabalho parecia estar multiplicando, não acabava nunca e eu não conseguia nem enxergar uma previsão para o fim. Até mesmo Bryan precisou ficar no período da manhã e no da tarde — o que, certamente, era algo inédito desde que eu cheguei à empresa.

— Você desmarcou aquelas duas reuniões que ele pediu? — questionou Bianca, lembrando-me de algo que devia ter feito ainda pela manhã.

Depois de analisar a careta que fiz, Bia obteve a resposta, uma que ela não gostou muito.

Ainda mais pilhada do que eu, ela sussurrou: — droga, Vanessa... Desse jeito, nós vamos acabar sendo demitidas.

Peguei o *headphone* em cima da mesa que dividíamos e tentei resolver isso, discando a porcaria do número dos executivos com quem ele se encontraria.

O único problema era que faltava cerca de duas horas para a reunião acontecer.

Estava muito em cima da hora.

Mas, por sorte, essas duas pessoas não gritaram comigo — mesmo eu merecendo e muito —, aceitando numa boa o meu erro, um que eu não havia assumido a culpa, obviamente. Disse que Bryan teve um imprevisto, um

NACIONAIS-ACHERON

problema pessoal grave de última hora e não poderia comparecer aos compromissos marcados.

Ele não saberia que eu havia mentido.

Até mesmo Bianca — que sempre gritava o quanto eu estava errada — não pegou no meu pé por ter mentido dessa vez.

Ela aceitando ou não, as mentiras eram incrivelmente necessárias na vida das pessoas, por mais bobas que elas pudessem ser. Todas as pessoas, sem nem mesmo perceber, mentem dezenas de vezes por dia.

Depois que eu desliguei a ligação, suspirei fundo, bem aliviada, como se tivesse tirado centenas de quilos das minhas costas.

Em um estado mais calmo, voltei o meu olhar para a tela do computador, buscando pelo horário.

Faltava exatamente cinco horas e vinte cinco minutos para que a droga do meu expediente finalmente chegasse ao fim. Ou seja, muito, muito tempo, o que fez com que eu quisesse começar a chorar.

No tempo que estava servindo o café, o máximo que acontecia era eu ter que limpar — de maneira porca — um dos banheiros. Mas como secretária, todos os problemas de Bryan desabavam como uma bomba prestes a explodir no meu colo. E eu nem podia jogá-la para Bianca, pois, como ela estava do meu lado, morreria junto na explosão.

— Quem é que decidiu que deveríamos trabalhar cinco dias na semana e folgar só dois? — questionei, voltando a minha atenção para Bia, que balançou a cabeça de forma negativa, sinalizando que não sabia a resposta. — Eu espero que esse ser tenha morrido de forma bem dolorosa.

Apanhei alguns papéis que precisavam da assinatura do loiro delícia e

caminhei em direção a sua sala, já planejando exatamente como deveria agir em sua presença.

Ainda estava em dúvida entre a “*boa secretária*” ou “*a boa secretária sexy*”.

Depois de bater três vezes na porta, entrei, tentando não dar a impressão de que já estava prestes a surtar.

Mas foi só Bryan olhar para o meu rosto que ele pegou tudo no ar, sem eu precisar pronunciar uma única palavra. E, de repente, aquele meu plano desmoronou, pois a “*boa secretária*” foi ofuscada pela minha péssima personalidade, que também não era a “*boa secretária sexy*”.

No fim das contas, não consegui ficar com nenhuma das duas.

O loiro sorriu, provavelmente, bem acostumado com isso — ou porque os verdadeiros problemas nem era ele quem resolvia, mas pessoas como eu e Bianca.

— Dia corrido, né?

Limitei-me a balançar a cabeça.

O plano era fazer isso e agir como a funcionária perfeita — bem capachinho do chefe —, mas não aguentei segurar nada em minha garganta — novamente, perdendo mais espaço para o meu “*eu*” interior —, algumas palavras, simplesmente, pularam para fora da minha boca.

— Dia corrido? — questionei, não acreditando na forma com que ele usou para descrever o dia infernal que estávamos vivendo. — Eu estou quase pedindo pra você me mandar de volta para o café.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, eu acrescentei rapidamente, repetindo aquela frase que eu sempre usava quando falava demais: — não...

não que eu esteja reclamando...

— Senta aí, estressadinha — Bryan me interrompeu, apontando em direção à cadeira que ficava em frente a sua mesa. Como fiquei parada, encarando-o com uma expressão confusa, ele prosseguiu, repetindo: — senta logo, Waller!

Definitivamente, adorava quando ele me chamava pelo meu último nome.

Não esperei um terceiro pedido — ou ordem, aparentemente — para me sentar.

Sentei-me e o encarei, tentando manter uma expressão séria em meu rosto. No entanto, foi impossível não começar a rir com a maneira com que Bryan me encarava, como se estivesse tentando memorizar os traços do meu rosto.

Era completamente intimidador e isso me deixou bem sem graça — o que não acontecia sempre —, forçando-me a rir para disfarçar todo o meu desconforto.

— Eu vou receber uma daquelas broncas agora? — quis saber, pois não tinha ideia do que ele queria falar comigo. Na verdade, eu até tinha, mas não queria nem pensar nessa possibilidade.

Entretanto, Bryan continuou em silêncio e, automaticamente, eu liguei isso a minha mentira sobre os “*problemas pessoais*” dele para desmarcar as reuniões.

— Se for sobre aquela mentira que contei para desmarcar as suas reuniões, eu...

— Quê?

Eu me achava tão inteligente, mas havia caído no famoso truque do olhar sério — um método de jogo verde amis velho do que Tereza, a diretora do orfanato.

Queria muito gritar um “*caralho*” bem alto, mas já havia falado coisa de mais — péssimas coisas, infelizmente — para um único dia.

— Nada — respondi, de maneira automática, tornando a situação ainda mais ridícula e embaraçosa.

Agora era a vez dele de rir.

E com um simples gesto de mão, o meu chefe fez com que eu explicasse exatamente o que havia acabado de revelar por “engano”.

— Talvez, eu posso ter dito que você tinha uns certos problemas pessoais graves e isso te impossibilitava de estar presente nas duas reuniões... — Como Bryan não falou nada, tentei me livrar daquela bomba-relógio da melhor maneira que eu podia: — mas a ideia foi da Bianca.

O olhar dele continuou sobre o meu rosto, como se tivesse dizendo “*não, não foi*”.

— Tá bom... a ideia foi minha!

Após a minha confissão, ele balançou a cabeça. E rindo, antes de se levantar, ele disse: — voltando ao que eu estava tentando te dizer, ou melhor, te oferecer... você aceita um copo de café?

Virei-me, não entendendo absolutamente nada daquela conversa.

Ele estava mesmo se oferecendo para me servir? Aparentemente, sim, ele estava!

E imitando o tom de voz que ele havia usado quando me pegou no

flagra mentindo, questioneei: — quê?

— Você sempre me serviu café, mesmo quando isso deixou de ser uma função sua... Então, eu pensei em servir café pra você hoje.

Depois de dizer, ele deixou a sala, nem me dando a chance de recusar, uma coisa que também não aconteceria, afinal, eu não poderia perder a chance de ser servida por ele, perderia?

Em menos de um minuto, o meu chefe retornou a sua sala, carregando uma bandeja de prata, bem parecida com as que eu usava para servi-lo.

Antes de se aproximar da mesa, ele brincou: — não, se preocupe... não vou derramar café quente em você, como já fizeram comigo.

— Derrubaram café em você? — entrei na brincadeira, fazendo-me de desentendida. — Eu espero que ela tenha sido demitida da empresa.

Enquanto caminhava em direção a sua cadeira, bem a minha frente, Bryan completou: — mandei pra outro setor... não se preocupe, ela não vai mais ferir ninguém com essa bandeja.

O mundo — pelo menos o da Leal Corp — estava desabando, mas estávamos ali, conversando sentados, enquanto tomávamos café.

Dessa vez, durante a nossa conversa, não tentei pensar previamente nas coisas que deixariam a minha boca, não tentei planejar nada. Simplesmente, disse o que pensava e isso — enquanto aqueles olhos penetrantes focavam em mim — foi assustador e novo.

Quando notei que encarava demais a maneira com que ele ria ou o tic que Bryan possuía, balançando a perna descontroladamente, como se estivesse nervoso, voltei a ser a Vanessa Waller, a mulher que estava jogando com ele.

Se apaixonar por ele, definitivamente, não estava nos meus planos — pelo

NACIONAIS-ACHERON

menos, não antes de fazê-lo sentir isso por mim. Uma pessoa “enfeitiçada” pelo amor, não consegue ser calculadora sem deixar isso bem aparente.

Mas também não poderia me culpar por me sentir atraída por um homem como ele, um alguém que parecia ser tão perfeito, realmente merecedor de ser um dos sinônimos de perfeição.

Então, finalmente percebi o quanto a nossa conversa havia se prolongado.

Eu não podia continuar ali sentada, por mais que ele me quisesse exatamente onde eu estava.

Coloquei a minha xícara em cima da bandeja e recolhi a dele também, antes de dizer: — deixe-me levar isso de volta lá pra copa... — Ainda encarando-o, eu agradei a gentileza: — obrigado pela conversa e pelo café... ambos estavam ótimos.

— Nós temos que repetir isso...

Um único sorriso meu bastou para que ele soubesse que eu havia — no mínimo — gostado da ideia e, principalmente, evitou que eu dissesse que eu queria de forma literal, deixando a resposta nas entrelinhas.

Sim, havia voltado a agir de forma calculadora.

Cair de paixão pelo meu alvo seria tudo o que ganharia se não seguisse o meu plano a risca. Como amor não pagaria o meu cabeleireiro e muito menos as minhas comidinhas *lights*, teria que deixá-lo para depois que tivesse sucesso no que eu estava almejando.

— O que vocês ficaram fazendo lá dentro esse tempo todo? — questionou Bianca, como se dissesse “*vocês estavam fodendo lá dentro?*”.

— A gente ainda não transou, se você quer tanto saber — respondi prontamente, dando a resposta que ela queria, mas não tinha coragem o

suficiente para perguntar de forma direta.

Ela arregalou os olhos, fazendo uma expressão de “*eu não estava pensando isso!*”. Mas, como qualquer outra pessoa que notava o meu relacionamento com Bryan, ela estava. No entanto, como eu realmente me encaixava no rótulo de “*interesseira*”, não poderia reclamar das fofocas que aconteciam na empresa.

— Ele me serviu café, acredita? — comentei, me gabando, como se fosse uma conquista gigantesca. Antes que a minha amiga pudesse dizer alguma coisa, continuei: — mas o mérito não é todo meu... devo muito ao azar dele também. A única explicação pra isso estar realmente dando certo, é que o universo deve odiá-lo muito mais do que me odeia.

Depois de rir um pouco, Bia respondeu, de maneira bem irônica: — faz sentido, essa deve ser a única explicação lógica mesmo.

Eu não era idiota e não comprava a ideia de superstições e coisas parecidas, mas acreditava muito em sorte e azar — um dos nomes que o carma possui. Mesmo sendo uma pessoa bem racional, não tinha como engolir como coincidência, algo como o fato de alguém como ele estar se voluntariando no mesmo lugar em que eu cresci.

E, como eu já estava esperando, a tarde se arrastou e brotou vários problemas, era como se todas aquelas bombas não pudessem esperar até o fim de semana para explodirem. Mas, felizmente, sobrevivi até o momento em que o meu relógio marcou dez minutos para as dezoito.

— Batemos o ponto dez minutos antes hoje — lembrou-me Bianca, fazendo-me sorrir com a notícia de que poderia deixar a Leal com dez minutos de antecedência. — Vamos indo, então?

Balancei a cabeça, respondendo: — com certeza... eu só preciso levar mais
NACIONAIS-ACHERON

alguns papéis pro chefinho. Eu te encontro lá embaixo, pode ser?

O fato de eu me referir a Bryan como “*chefinho*” era bem engraçado — e estranho —, já que ele estava mais para um “*chefão*” gostoso da porra.

Quando entrei em sua sala e o encontrei sentado em sua mesa, falando ao telefone, com uma expressão séria no rosto, eu tive ainda mais certeza disso. E, com aquele celular na mão, costas coladas na cadeira e voz grossa, Bryan Leal nunca esteve tão sexy antes.

O poderoso chefão estava bem a minha frente e isso fez com que eu salivasse de desejo.

Fiquei tão desconcentrada que no meu quinto passo em direção a ele, o meu pé virou, fazendo com que o meu salto quebrasse, desabando-me com força em direção ao chão. Por muita sorte, as minhas mãos chegaram ao piso antes do meu rosto e, mesmo sentindo dor, isso amorteceu bastante a queda.

Depois que me viu protagonizar aquela cena humilhante, Bryan colocou o celular em cima da mesa e partiu apressado em minha direção.

Eu nunca fiquei tão envergonhada em frente a outro homem antes — com exceção do meu ex-namorado, quando me flagrou com o irmão dele, pois não tinha como viver uma cena mais constrangedora do que essa.

— Ei... tudo bem? — perguntou ele, preocupado, enquanto me ajudava a juntar as folhas espalhadas pelo chão. Balancei a cabeça, ainda tentando me recuperar do tombo. Não aceitando o meu aceno como resposta, o meu chefe reforçou: — tem certeza... não quebrou nada?

Novamente, confirmei com a cabeça, juntando uma das folhas próxima da mão esquerda dele. No instante em que nossas mãos se tocaram, foi automático, os meus olhos se voltaram em direção ao seu rosto e, para a

minha surpresa, ele já estava olhando para mim.

Meu coração disparou com a nossa proximidade e podia sentir o meu sangue ferver. Tinha certeza que nunca havia ficado tão corada em frente a outro cara — pelo menos, não depois que deixei a minha adolescência.

Lentamente, fomos nos aproximando até que os nossos lábios se encostaram, em um toque inevitável. Foi como uma espécie de acidente em que não havia tempo suficiente para que os carros desviassem. E, com toda a certeza, em seus lábios, eu senti o impacto da nossa colisão.

Ao sentir a maciez de sua boca, voltei para a personagem de “*secretária boa*” — retomando o controle sobre mim — e não retribuí o beijo de primeira, mas não o impedi de continuar a me beijar daquela forma intensa.

Bryan me explorava com a sua língua habilidosa de uma maneira insaciável e isso fez com que eu me rendesse depois dos primeiros três segundos. Sua mão agarrou o meu cabelo, unindo-nos ainda mais, como se ele quisesse me devorar através de seu beijo.

Foram poucos minutos, mas carregados de sensações incrivelmente fortes. Quando nos afastamos, fiquei perdida, grogue por alguns instantes, completamente sem rumo.

E, no final dele, provavelmente, saí mais surpresa do que o meu chefe.

Com um simples beijo, Bryan conseguiu me deixar completamente entregue a ele, apenas confirmando as minhas suspeitas de que sentia alguma coisa por ele. Talvez ainda não fosse uma grande paixão, mas que existia alguma coisa — por menor que fosse —, eu não tinha dúvidas.

Eu não havia planejado aquele beijo — não daquela forma, naquela

intensidade —, mas ele caiu como uma luva de grife no meu plano de sedução. E, ao me dar conta do quanto aquele acontecimento era perfeito, afastei-me rapidamente do homem abaixado ao meu lado.

Entreguei o restante das folhas para ele, dizendo: — você precisa assinar isso.

Depois disso, deixei a sua sala as pressas, não dando tempo para que ele me seguisse pelos corredores ou — o mais provável — que se desculpasse pelo ocorrido.

Capítulo 15 — Despedida

— Agora, me conte direitinho essa história, garota. Como assim vocês se beijaram? — Bianca pediu, retomando o assunto que conversamos de maneira apressada e limitada no ônibus, devido a todo o tumulto costumeiro da sexta-feira, com o bônus do salto do meu sapato quebrado. De maneira afobada, minha amiga continuou, nem me deixando responder a primeira pergunta: — como é beijar ele?

Como era? Estranhamente, eu não conseguia explicar — pelo menos, não em palavras e para outra pessoa. Talvez não houvesse uma explicação, talvez fosse aquele tipo de coisa que você precisava sentir para realmente compreender.

Mas, ainda sim, tentei: — tipo quando beijei o Anderson Augusto.

Anderson Augusto — também conhecido pela sigla do Alcoólicos Anônimos, o “AA” — era um dos garotos com quem eu me relacionei no tempo do orfanato Santa Clara. E, por mais que o meu “eu” atual o considerasse um babaca, foi o único cara que eu realmente cheguei a gostar — e, ainda sim, não havia sido nada tão intenso quanto o meu último beijo com o meu chefe.

— Podemos fazer alguns sanduíches naturais e assistir “*Cinquenta Tons Mais Escuros*”? Seria perfeito! — comentou a minha amiga, como se a sua proposta fosse a melhor forma de comemorar a minha conquista. — Vai que você finalmente aprende a seduzir um cara mordendo o lábio?

Voltei o meu olhar em direção a ela, antes de responder: — eu meio que prefiro seduzir um cara mordendo outra coisa.

Ela revirou os olhos e me deixou seguir para o quarto, onde tomei uma chuveirada bem quente e, estranhamente, até me permiti cantar enquanto a água caía sobre o meu corpo, completamente animada.

Eu realmente estava feliz e queria comemorar isso da melhor forma que eu conhecia.

Deixei o banheiro e peguei um vestidinho preto — um que sempre conseguia me deixar ainda mais gostosa —, um sapato de salto alto e, por fim, dei um jeito no meu cabelo, deixando-o solto e extremamente liso — pelo menos, o máximo que eu conseguia com a minha progressiva já vencida.

Quando cruzei a porta do meu quarto, esbarrei em Bianca, que me olhou de cima a baixo, surpresa, descobrindo que eu não tinha planos de ficar vendo a sequencia de *“Cinquenta Tons de Cinza”* com ela.

— Eu te convidaria pra vir comigo, mas odiaria fazer você perder o filme — disse, fugindo dela. Caminhei em direção a mesa da sala para pegar a minha bolsa e de lá, gritei: — não precisa me esperar para o jantar.

“E, provavelmente, nem para o café da manhã”, pensei, mas não disse.

Não convidei Bianca porque eu queria me divertir, beber bastante e ficar com algum cara bem gostoso. Queria fazer tudo isso sem ter os olhos julgadores dela me observando a cada cinco segundos, como se eu estivesse traindo um cara que apenas havia beijado.

E também, essa seria, basicamente, a minha última chance de estar com outra pessoa que não fosse o Bryan. Tinha que aproveitar bastante o fato de ainda estar solteira, pois, se o meu plano continuasse naquele mesmo caminho, em breve esse meu status do *Facebook* não seria mais o mesmo.

Saí do apartamento o mais rápido possível, não dando nenhuma chance para

Bianca me impedir ou tentar vir comigo — o que era tão ruim quanto.

Depois de todo o trabalho que eu estava tendo, merecia demais aquela noite só pra mim — e a teria.

Como não conhecia muito bem a cidade, joguei no Google “*o melhor barzinho da cidade*” e ele me deu um nome bem estranho. “*Karaokê Bar*”. Ignorei o “*karaokê*” e foquei mais no “*bar*” e isso me animou para ir até lá.

O lugar realmente era bem agradável. A única coisa ruim, como eu já estava esperando, era que a cara dois minutos algum infeliz interrompia a música pra “*cantar*” — da pior forma possível — no karaokê. Mas tirando isso — algo que alguém que vai a um lugar chamado “*Karaokê Bar*” não pode nem reclamar — era muito bacana.

A melhor parte era o “*open bar*” para mulheres com um valor bem pequeno. Depois de pegar uma caipirinha de morango, fui para a pista de dança, ignorando completamente que a música cantada parecia estar sendo gritada por uma gralha velha.

Por mais que eu goste muito de sair sozinha, sempre tem as partes ruins — algumas que, em certos casos, acabam até superando as boas. E esta coisa ruim, obviamente, era uma dessas.

Alguns homens, por algum motivo — um bem estranho —, pensam que uma mulher dançando sozinha, precisa — ou melhor, necessita desesperadamente — da companhia dele, o que está muito longe de ser verdade — principalmente, se parte da barriga de chope desse mesmo cara fica completamente caída, devido a calça apertada e os vários quilos sobrando.

— Uma mulher tão linda não deveria estar aqui... dançando sozinha — disse o desconhecido, aproximando-se de mim, movimentando-se de acordo com o

ritmo da música, como se estivesse arrasando nos passos de dança, algo bem típico dessa raça peculiar de homem.

Optei por não responder de primeira, dar uma chance dele notar o quanto era indesejado e cair fora por conta própria. Mas, novamente, alguns homens tem esse probleminha de não entender um “*não*”, nem mesmo quanto ele está bem explicito.

É como se o “*não*” de uma mulher nunca significasse um simples e direto “*não*”, mas um “*talvez*”, ou pior, um “*me convença*” e isso é extremamente desagradável e desrespeitoso.

— Você é daqui, gata? É que nunca te vi antes...

— Eu não estou interessada em você ou nessa conversa — fiz questão de deixar claro, antes que ele continuasse a se aproximar, tocando no meu corpo, enquanto me chamava de “*gata*”. Mas, infelizmente, ele continuou se aproximando, falando alguma coisa que não consegui compreender, o que me obrigou a continuar: — eu não vou a...

— Calma, minha delícia... — interrompeu-me ele, colocando a mão sobre o meu braço, passando dos limites. Esse simples toque fez com que eu perdesse completamente a minha paciência, que já não era muito grande. — Você é muito, muito estressadinha, mas eu adoro esse tipo de mulher.

Tirei a mão dele do meu braço, como se estivesse pegando em algo podre, dando um último aviso: — se você encostar essa sua mão nojenta em mim mais uma vez, eu vou ser obrigada a quebrar a única coisa que deve fazer sexo com você.

Então, o desgraçado a colocou de novo, no mesmo lugar, só pra me provocar. Mas antes que eu pudesse dar uma joelhada no saco dele — provavelmente, pequeno —, fui interrompida por outro cara, que, diferente dele, tentava

bancar a “*linha herói*”.

Ou seja, dois caras idiotas, mas só que de modalidades diferentes.

— Ele está incomodando você? — questionou o moreno de jaqueta de couro importada, com uma voz grossa. Como fiquei em silêncio, ele voltou o olhar feroz para o tarado do meu lado e disse, em um tom bem agressivo: — vaza daqui ou eu vou acabar com você... seu lixo!

Quando aquele idiota se afastou, consegui prestar mais atenção no que estava tentando ser o “*meu herói*” e, surpreendentemente, ele era muito, muito gostoso.

Os seus cabelos morenos eram jogados para o lado, em um topete desarrumado. Seus lábios eram mais rosados que os meus — o que me deixou com um pouquinho de recalque — e, o que mais chamou a minha atenção, seus olhos eram cinzentos e pareciam ter o poder de me hipnotizar.

— Você está bem? — perguntou-me o estranho, trazendo-me de volta dos meus pensamentos.

— Sim... E também estava antes de você aparecer aqui, bancando o herói do dia — respondi, ainda incomodada com o “*heroísmo*” patético dele. — Eu estava dando conta daquele idiota sozinha.

Ele começou a rir, como se não tivesse acreditando nas coisas que estavam deixando a minha boca.

“Realmente, deve ser muito difícil para um cara como você acreditar que uma mulher pode se defender sozinha. Babaca!” pensei, quase dizendo isso em voz alta.

— Não pareceu que você estava controlando bem a situação — continuou ele, como se gritasse sobre o quanto eu deveria estar grata por ele

ter me livrado daquele homem.

E, ainda com a mesma expressão arrogante estampada na cara, ele continuou: — mas se você diz...

Antes que eu pudesse me afastar, ele tornou a falar, mostrando o que ele realmente queria com a sua “*ajuda*” e “*heroísmo*”: — ainda acho que deveria me deixar te pagar uma bebida como agradecimento.

— Só aceito se for a mais cara desse lugar — respondi, arrancando um sorrisinho bobo do rosto dele.

O “meu herói” estendeu o braço em direção ao bar, completando: — o seu pedido é uma ordem.

Caminhamos em direção ao bar e sentamos em uma das mesinhas espalhadas ali no fundo. A principio, eu confesso que não aceitaria o pedido, mas queria beber algumas das coisas que não estavam inclusos no *open bar* — e, de preferência não precisar pagar pela bebida depois — e não podia negar que o homem sentado a minha frente era muito gostoso — um “moreno delícia”, que se enquadrava tão bem no meu “*tipo de homem*” quanto Bryan, o loiro.

Um dos atendentes se aproximou para tirar os pedidos e, como ele cumprimentou o ser a minha frente, eu soube que ele devia ser do tipo de cliente que diz “*o mesmo de sempre*”.

O homem barbudo puxou uma caderneta e mordendo a tampa da caneta, perguntou: — eu já posso tirar o pedido de vocês? — Depois do moreno delícia balançar a cabeça, confirmando, ele prosseguiu: — o que posso trazer pra v...

— Duas doses da porcaria mais cara que você tem aqui nesse lugar —

disse, interrompendo-o, com um sorriso colorindo os meus lábios vermelhos.

Mas antes que o barman pudesse se afastar, o metido a herói me surpreendeu, dizendo: — pode trazer a garrafa inteira dessa... — Após dar um sorrisinho bobo e bem sedutor, confesso, ele completou, repetindo a palavra que eu havia usado: — porcaria cara.

Quando o cara que estava tirando os pedidos se afastou, eu me levantei, preparando-me para me afastar do homem a minha frente.

— Você tem cara de traficante... um bem gostosão, mas, ainda sim, um traficante — comentei, explicando o motivo de me levantar, pronta para deixá-lo ali. Não dei nem a chance dele responder a minha frase, completando: — e isso é barra pesada até pra mim...

O mais correto seria continuar o que eu estava fazendo — ou melhor, prestes a fazer —, correr dele, mas como eu não estava procurando por um marido — Bryan já estava bem reservadinho para ocupar esse cargo —, não precisava procurar por perfeição e muito menos por um caráter melhor do que o meu, já que tinha planos de nunca mais cruzar com esse cara de novo.

Sendo assim, automaticamente, sentei-me de volta, completando a minha frase anterior: — mas não posso sair sem aproveitar essa bebida na faixa, não é mesmo?

Ele era bem observador e alguma coisa em seu olhar profundo gritava um “*corra*”, mas, ainda sim, eu continuava lá, enfeitiçada por aquele pedaço de mau caminho. Estava decidida a não voltar a me afastar sem antes lhe dar uma bela mordida.

— Fica tranquila... eu não sou traficante — tranquilizou-me ele, como se a minha teoria fosse ridícula. — Mas não vou dizer que não sou perigoso.

Ele, com toda a certeza, tinha o selo “*bad boy*” de qualidade — aquele que costumava enlouquecer qualquer mulher. E, por mais que eu fosse um pouco diferente do restante das mulheres — que eram bem mais parecidas com Bianca —, não podia dizer que isso também não me atraía.

— Perigoso? — indaguei, tentando não soar de forma debochada. — Que tipo de perigo?

Sem hesitar, ele respondeu, encarando-me seriamente: — do tipo que quando pega, faz um estrago feio em uma garotinha safada como você.

Antes que eu pudesse provocá-lo com uma voz sexy, perguntando “*que tipo de estrago?*”, o barman retornou com a garrafa que havíamos pedido.

O moreno delícia o dispensou com um aceno de mão e se prontificou a nos servir uma dose da garrafa azulada — a mais cara do bar.

E, enquanto o encarava, lembrei-me de Bianca dando-me a dica de morder o meu lábio inferior para seduzir o meu chefe.

Naqueles dias, eu falhei miseravelmente nas tentativas e nem mesmo isso me impediu de tentar uma outra vez com o desconhecido.

Sabe aquelas coisas idiotas que sabemos que vai dar errado, mas que, ainda sim, damos continuidade na ideia? Então, essa era uma dessas situações.

No entanto, assim que eu mordi levemente o meu lábio, notei que o olhar dele foi parar direto em minha boca, como se eu os tivesse puxado com as minhas próprias mãos e isso me deu uma satisfação incrível.

“*Amém, Cinquenta Tons de Cinza*” agradei mentalmente.

Peguei o meu copo e bebi todo o líquido em um único gole e isso chamou a atenção dele, pois, provavelmente, devia pensar que além de não

NACIONAIS-ACHERON

ser capaz de se defender sozinha, uma mulher não podia beber tanto quanto um homem.

— Eu também sou perigosa, muito perigosa — disparei, enquanto os seus olhos ainda me secavam.

Olhei para as mesas ao lado da nossa e a maior parte delas estavam vazias. Com quase a totalidade das pessoas concentradas na pista de dança e no karaokê, tomei a liberdade de fazer algo bem explícito e inusitado.

De uma maneira muito impulsiva, levantei-me e contornei a mesinha seguindo em direção a ele.

Eu estava com vontade de voltar a agir por impulso e de me embriagar com a sensação de perigo constante, como sempre fiz antes de voltar a morar com Bianca.

A sensação era completamente viciante, como se fosse uma droga capaz de causar dependência.

Os olhos dele continuaram comigo e se arregalaram no instante em que eu, literalmente, sentei em seu colo, segundos antes de pegar o copo de bebida de sua mão e o tomar, novamente, de uma só vez.

— Além de safada é ousada — observou ele, arqueando-se em minha direção.

Fiquei em silêncio por alguns segundos, apenas ouvindo o som ofegante de sua respiração. Ele estava completamente na minha.

— Você não faz ideia do quanto... — respondi, antes de beijá-lo com força, sentindo o gosto da bebida em sua boca.

Enquanto nossos lábios estavam juntos, ele puxou-me pelas pernas, trazendo-me para mais perto de seu corpo e, como eu esperava, aproveitando

NACIONAIS-ACHERON

a situação para explorá-las sem nenhum receio.

Mesmo por cima de todo aquele tecido grosso de sua calça, eu podia sentir o volume em sua calça crescendo rapidamente, era como se tivesse um monstro lá dentro — um bem grande —, lutando para escapar e me encontrar.

Antes de me afastar, mordi levemente o seu lábio inferior, provocando-o ainda mais.

Então, eu me recompus, colocando-me de pé, mas, diferente do que ele pensou, não voltei para a outra cadeira. Simplesmente, comecei a caminhar em direção a saída, deixando-o ali, enfeitiçado pelo meu canto de sereia.

Os meus passos foram interrompidos por sua voz, que soou ainda mais sexy: — já vai? Mas eu... eu ainda não sei nem o seu nome.

Sem me virar, respondi: — é porque eu não disse.

Depois disso, retomei os meus passos e o deixei lá, sem nem mesmo olhar para trás.

Era ótimo me sentir como antes e fazer coisas de maneira impulsiva, mas não podia prolongar a minha pegação com o moreno delícia — não com as coisas com o meu chefe avançando tão rápido.

E, de certa forma, a noite foi como uma despedida daquela antiga Vanessa Waller, a mulher poderosa que sempre brincava com os homens que queria. Infelizmente, no momento atual, não havia mais espaço para ela em minha vida.

Então, ao sair do “*Karaokê Bar*”, eu a demiti, enquanto ainda sentia o gosto da bebida e daquele desconhecido em meus lábios.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 16 — Parte do Plano

Cheguei ao apartamento por volta das três horas da manhã — muito, muito bêbada.

O “*Karaokê Bar*”, felizmente, não havia sido o único barzinho que visitei durante a minha noite — mas aquele desconhecido foi o único cara que beijei. Aproveitei o máximo que pude e isso me deixou muito exausta — e, por outro lado, completamente satisfeita.

No instante em que desabei sobre a cama, apaguei totalmente. Só fui acordar horas depois com os gritos de Bianca, lembrando-me que tínhamos que ir ao maldito orfanato para o nosso trabalho de voluntárias.

— Eu não vou hoje — avisei ela, com uma voz sonolenta e típica de quem está sofrendo com ressaca.

Bianca, obviamente, caminhou em minha direção, pronta para me dar mais um de seus longos e insuportáveis discursos moralistas — quase um monólogo —, sobre o quanto eu era uma pessoa horrível e egoísta, o que não era bem uma mentira — só muita redundância da parte dela.

Mas antes que ela tivesse a chance, completei: — o chefinho perguntará sobre mim... Só responda que eu não estava me sentindo bem e mais nenhuma palavra sobre isso. Entendeu?

Bianca balançou a cabeça, de maneira positiva.

Mas ela não havia entendido, o que era bem compreensível — e, de certa forma, parte do meu plano.

— Só faça isso e tudo vai dar certo...

Ela tentou me dizer que eu não podia deixar de ir — já no meu segundo dia —, mas argumentei, explicando, sem muitos detalhes, que essa falta era de extrema importância em meu plano para seduzir o nosso chefe.

Depois que a minha amiga deixou o apartamento, voltei a dormir e só acordei com um grande barulho de porta batendo. Ao olhar para o relógio, eu até me assustei. O ponteiro menor já marcava quatro horas da tarde — o que era demais, até mesmo para alguém como eu.

Levantei, fiz a minha higiene matinal — que já estava mais pra vespertina — e encontrei Bia na cozinha, lavando o resto da louça do dia anterior. Estranhamente, prontifiquei-me a ajudá-la, secando algumas coisas que estavam no corredor.

— Como foi? — quis saber, bastante curiosa sobre o que ocorrera na minha ausência, principalmente naquilo que se referia a Bryan e as perguntas sobre a minha ausência. — Ele perguntou sobre mim?

Ela balançou a cabeça, confirmando e me deixando extremamente satisfeita.

— Ele estava sem jeito... só me perguntou se você estava bem, como se ele tivesse te dado um bom motivo para não estar — comentou ela, sem saber o quanto tudo aquilo me deixava feliz. — Eu só disse que você não estava se sentindo muito bem e que preferiu ficar em casa.

Fiquei feliz e aliviada por tudo estar correndo tão bem.

Mas depois que descobri a respeito de Bryan, parti pra um outro assunto — um igualmente importante.

— Você não comeu nenhuma porcaria por lá, destruindo a nossa dieta, não é? — interoguei-a, já em um tom de acusação. Como ela demorou muito

para responder, pressionei: — Bianca Ferreira...

Ela riu, finalmente deixando de fazer suspense, antes de responder com um grande sorriso no rosto: — NÃO! Fique tranquila, porque eu não comi nenhum grãozinho de pipoca.

— Isso aí, garota! — elogiei o comprometimento dela, muito surpresa com a notícia.

Estávamos a semana inteira nessa dieta dos infernos.

Não cortamos nada de extrema importância, como naquelas que brotavam na internet, prometendo milagres do tipo “*perca dez quilos em sete dias*”, exatamente como aquela “*dieta líquida*” que Bianca havia tentado fazer. Simplesmente, excluimos as porcarias que sempre estavam presentes em nossa alimentação. Mas, ainda sim, era uma espécie de sacrifício, um que merecia ser honrado com o comprometimento dela.

— Daqui a pouco farei um suco de laranja e enquanto estiver bebendo, eu vou fingir que é um copo grande e gelado de Coca-Cola — disse Bia, ensaboando uma das panelas. — Quer me acompanhar?

— Claro! Até porque, nos últimos meses também estou fazendo isso. Só que no meu caso, eu uso aquela porcaria do seu shampoo e finjo que é o que eu costumava usar, no tempo em que ainda tinha dinheiro.

Pensei que ela fosse dizer um “*além de usar as minhas coisas, você ainda reclama, vadia?*”, como já havia acontecido, mas Bianca ficou em silêncio, surpreendendo-me mais uma vez, em um mesmo dia, o que realmente era “*surpreendente*”.

Aproveitamos o restante do final de semana da melhor forma possível. Bianca até me obrigou a ver “*Cinquenta Tons mais Escuros*” com ela — que

já estava assistindo pela segunda vez —, um filme que eu, definitivamente, odiei muito gostar.

Comecei dizendo *“como podem ter lançado tão rápido a sequencia dessa porcaria?”*. E, cinco minutos antes do final, estava lamentando *“Vão demorar quase dois anos pra lançar o próximo, que droga. É muito tempo sem saber o que acontece, que tortura!”*.

Após me ouvir dizer isso, a minha amiga comentou *“você pode ler o último livro e descobrir. Se quiser, posso te emprestar”*. E essas palavras me obrigaram a concluir a conversa com um *“pensando bem, dois anos passam voando, né? Já estamos na metade do ano”*.

O domingo foi, como de costume, bem entediante. As pessoas só não o odeiam mais porque, lá no sábado, ele parece incrível.

“O sábado praticamente acabou, mas, pelo menos, eu ainda tenho o domingo”, pensamos como se fosse de grande coisa. Aí quando o maldito dia chega, ficamos plantadas em um sofá, *“descansando”* e nos odiamos por não fazer absolutamente nada de útil. Mas se saímos de casa nesse dia, nos odiamos por não termos usado ele para o *“descanso”*.

No fim das contas, o domingo parece ser um trailer bacana de um filme ruim, promete muito e não nos entrega absolutamente nada.

É complicado.

Quando a segunda chegou, só não fiquei mal humorada porque não tinha intenção de ir para a Leal Corp, tampouco deixar a cama antes que o ponteiro menor do relógio estivesse em cima do número doze.

— Como assim você não vai, Vanessa? — quis saber a pessoa que dividia a mesa de trabalho comigo. Eu havia acabado de explicar que não ir

para a Leal também fazia parte daquele meu plano, mas, ainda sim, ela continuava buscando por uma outra explicação: — você enlouqueceu, acordou abobada ou o quê?

Como Bianca não voltou a questionar e, nem conseguia olhar em minha direção, optei por dizer o que ela devia falar para o Bryan: — se ele perguntar alguma coisa, diga aquilo que falou lá no orfanato.

Ela não respondeu, só saiu do quarto e bateu a porta com força, como uma adolescente de quinze anos revoltada.

Bianca não estava com raiva pelo fato de eu não ir para a Leal Corp, deixando todo o trabalho do dia em suas costas. A minha amiga odiava estar sendo deixada de fora, de ser parte de um plano que nem mesmo ela conhecia.

E eu não podia culpá-la e muito menos explicar tudo — pelo menos, não antes de eu dar a minha cartada final.

Fiquei o dia inteiro aguardando pela chegada dela, ansiosa para saber tudo o que o meu chefe havia dito, o que a minha ausência — poucos dias depois do nosso beijo em sua sala — havia causado a ele.

E quando Bia finalmente chegou, odiei tudo o que deixou a boca dela.

— Ele nem perguntou sobre você — respondeu ela, com um sorriso de canto a canto, como se estivesse muito satisfeita com a minha desgraça. — Talvez você não seja assim tão boa quanto pensa que é.

Eu precisei engolir umas trinta palavras, pois, se as pronunciasse, seria expulsa do seu apartamento.

Por mais que eu adorasse pensar que Bianca só havia respondido isso para me irritar, que Bryan perguntara sobre mim e realmente sentira o

impacto que eu estava tentando causar, lá no fundo, sabia que era verdade.

De qualquer forma, a parte final do meu plano também daria um jeito nisso e me levaria para o próximo — e último — estágio do meu plano.

Diferente do dia anterior, não precisei esperar pelos gritos de Bianca para acordar. Dessa vez, tentei não me arrumar muito, ir com a aparência de alguém que não estava muito bem — com uma cara bem “*sofredora*” mesmo — ou, simplesmente, ir da forma que a minha amiga costumava ir todos os dias, também funcionaria muito bem.

— Você brigou com a maleta de maquiagem? — brincou ela, quando eu me aproximei.

Respondi com um careta, fazendo com que ela emendasse: — provavelmente, com o pente e metade do seu guarda roupa também.

Continuei misteriosa em relação ao verdadeiro motivo de estar me vestindo daquela forma desleixada. Se Bianca soubesse da verdade antes da hora certa, todo o meu plano genial seria comprometido.

Quando chegamos ao prédio, disse a Bia que iria passar no banheiro e que a encontraria depois em nossa mesa, como de costume. No entanto, quando deixei o seu campo de visão, caminhei para a direção contrária, seguindo até o RH, enquanto buscava as palavras que havia planejado usar.

Encarei uma das pessoas responsáveis pelo setor, basicamente, uma das novas estagiárias, Beatrice. E, com a expressão mais triste que eu consegui incorporar em frente a ela, disse: — eu... eu gostaria de assinar a minha demissão.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 17 — Cartada Final

Depois de garantir — mais de uma vez — que aquela era mesmo a minha decisão final, deixei o RH e, em seguida, o prédio da Leal Corp, com a mesma expressão de menina sofrida.

Tomei um extremo cuidado para não cruzar com o meu chefe e nem mesmo com a minha amiga. Caso eu fosse azarada demais e isso acontecesse, todo o impacto da notícia “*a sua secretária, Vanessa Waller, se demitiu*” seria desperdiçado.

A surpresa de Bianca era fundamental para que o meu plano tivesse sucesso. Se ela soubesse antecipadamente, entregaria todo o meu plano para o nosso chefe, com uma simples expressão facial.

Minha única certeza era que Bryan a procuraria ao saber que eu havia deixado a empresa sem avisá-lo. E, Bianca — caso soubesse disso previamente —, por mais que não dissesse uma única palavra, entregaria tudo a ele e eu era esperta demais para permitir que uma coisa assim acontecesse.

Dessa forma, a surpresa da minha amiga, tornaria tudo ainda mais real.

O fato de eu não ter ido ao orfanato no sábado, só mostrou pra ele que eu — como uma boa secretária — estava, aparentemente, incomodada com o nosso beijo do dia anterior. A minha cartada final foi a demissão surpresa, que o obrigaria a falar comigo.

Já podia dizer que conhecia o meu chefe — pelo menos, em partes — e ele não parecia ser o tipo de cara que beijava uma funcionária e a deixava ir embora completamente constrangida com o acontecido.

Além do “*processinho*” de assédio, ele não gostaria de ferir os meus sentimentos.

Se tudo desse errado, eu ficaria sem o meu emprego — perdendo um ótimo cargo —, dinheiro e, principalmente, teria desistido da minha antiga cor de cabelo por absolutamente nada. Mas se ganhasse, finalmente deixaria de ser a secretária de Bryan para me tornar algo bem maior do que isso.

Os riscos eram bem altos — assim como a recompensa —, com toda a certeza valia a aposta.

Então, entreguei tudo o que tinha e estava na esperança de quebrar aquela mesa de pôquer, possuía, sem dúvida alguma, as melhores cartas da rodada.

E ao que tudo indicava a sorte também estava do meu lado.

“*E no de todos os outros viciados em jogo*”, pensei, amargando os meus pensamentos otimistas.

Como a maior parte do estrago já estava feito, não me torturei pensando nos inúmeros “*e se*” que poderiam ter se tornado realidade caso o meu pedido de demissão não tivesse acontecido.

Voltei para o apartamento de Bianca, vesti um dos pijamas horríveis dela e me atirei no sofá.

No período da manhã, assisti a alguns programas de televisão sobre culinária. Almocei um pote de sorvete, que foi a melhor forma que encontrei para me presentear por toda a maravilhosa segunda fase do meu plano — uma que eu ainda não tinha nem mesmo certeza se seria bem sucedida.

E, obviamente, durante todo esse tempo, fiquei com o meu celular próximo de onde eu estava, na esperança de receber uma ligação de um certo

chefe — o que não aconteceu.

“As segundas são sempre corridas... E só com a Bianca por lá, ele deve estar bem ocupado”, dizia para mim mesma, na esperança de voltar a sorrir.

Quando notei que já havia passado das quatro horas da tarde, terminei de devorar o pote de sorvete, já entrando em completo desespero.

Depois de rapar o conteúdo do pote, joguei tudo lá no lixo da portaria, pois se Bianca descobrisse que eu havia trapaceado em nossa dieta, poderia desanimar e desistir, mesmo depois de todo o esforço e dedicação investidos.

Voltei para o sofá e me senti um lixo, enquanto assistia a nova Malhação.

Então, cansada de me sentir daquela maneira, volvei o meu olhar para o celular e comecei a dizer, de uma maneira bem autoritária: — toca.

— Toca!

— Toca... toca... toca... toca... TOCA!

Não deu muito certo.

A porcária não tocou.

— Celular idiota — gritei, antes de soltar um *“aaaaaaaaa!”* histérico.

E isso fez com que eu me sentisse ainda mais idiota do que já me sentia enquanto pronunciava somente o *“toca”*.

E, como toda viciada em jogo, eu terminava perdendo tudo durante uma partida.

A sorte não estava mesmo do meu lado.

Já conformada com a derrota e imaginando o tanto que Bianca me encheria por abandonar o emprego. Deitei no sofá, eu sonhei com a minha amiga e os seus típicos sermões, acordei após ouvi-la dizer no sonho a frase que eu mais odiava “*sem contribuir, você não vai ficar aqui*”.

Peguei o celular — com uma pequena pontinha de esperança, bem lá no fundo —, mas não havia nenhuma mensagem de Bryan. E inúmeras de Bianca, provavelmente, já me expulsando do apartamento dela.

Nem fiz questão de abrir, voltando para debaixo das cobertas.

No entanto, eu não tive nem tempo de me cobrir.

A porta se abriu.

Automaticamente, fiz uma careta, enquanto pensava nas palavras que usaria para explicar tudo pra Bianca.

Só não comecei a me desculpar porque a voz da minha amiga soou primeiro do que a minha: — por favor, não repare nessa bagunça.

Ela não estava sozinha.

Um homem em um terno elegante surgiu ao lado dela e, assim que adentrou o apartamento, encontrou o meu rosto. Como a porta ficava na sala, não consegui nem correr para vestir uma roupa mais apresentável.

Bianca, diferente de Bryan — que me analisava de forma intensa, daquela sua maneira da qual já havia me acostumado —, encarava-me com um olhar raivoso, como se quisesse me bater por tê-la surpreendido daquela forma.

Nem todas as pessoas gostavam de surpresas.

— Eu acabei de lembrar que preciso passar no mercadinho ali da

esquina — disse a minha amiga, fazendo o caminho de volta para fora, deixando-me sozinha com o nosso chefe.

Um detalhe importante: não havia nenhum mercadinho “*ali na esquina*”.

Eu não sabia o que dizer, pois não tinha planejado aquela reviravolta.

Mas, como precisava fazer alguma coisa, sentei-me e afastei o cobertor, mostrando a ele o pijama horrível de Bianca.

— Oi... — disse, de maneira desconcertada.

Sem dizer nada, ele aproximou-se do sofá e sentou-se ao meu lado.

E, nesse instante, tão próxima dele, eu senti o meu coração disparar novamente — exatamente como havia ocorrido antes do nosso beijo — e isso fez questionasse se essa minha reação fisiológica — ou emocional — se tornaria um hábito constante durante a sua presença.

— Eu...

— Eu sinto muito — Bryan me interrompeu, ainda olhando diretamente para o meu rosto. Enquanto ele encarava os meus olhos, era como se pudesse enxergar a minha alma e ver toda a verdade através da profundidade dos meus olhos. — Eu não devia ter...

— Me beijado? — completei, formulando em uma pergunta.

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— E eu não devia ter deixado a empresa sem te avisar — continuei, desviando olhar. — Mas...

— Eu prometo que isso não vai mais acontecer... e você sabe que eu sou um homem de palavra — ele disse, de maneira confiante, como se

acreditasse ou quisesse acreditar nas próprias palavras. Não consegui evitar sorrir de maneira frustrada, obrigando-o a prosseguir: — se você não se sentir segura próxima de mim, eu posso te mudar pra outro andar ou setor...

— Eu... eu não vou voltar, Bryan — fez questão de deixar isso claro.

E antes que ele pudesse insinuar novamente que nunca mais me beijaria, levei a minha mão até o seu rosto e o acariciei, esforçando-me ao máximo para não provar mais uma vez daqueles lábios.

— Eu não pedi demissão porque estava constrangida com o nosso beijo... — Novamente, desviei o olhar, fugindo dele. — Fiz isso porque gostei dele.

Como ele ficou em silêncio, aparentemente, surpreso com a minha resposta, eu finalizei, torcendo para convencê-lo com as minhas próximas palavras: — e não queria te causar nenhum problema.

Dessa vez, foram os seus dedos que tocaram o meu rosto, trazendo os meus olhos assustados de volta a ele. E, pela primeira vez, eu me senti intimidada. Não sabia nem mesmo descrever a sensação que estava sentindo.

— Você não me causou problema nenhuma, Waller...

Ele sorriu, como se estivesse lembrando-se de algo bom — talvez daquele nosso beijo, eu não sabia — e finalmente afastou as suas mãos de mim, fazendo-me sentir saudade de um toque que havia acabado de sentir.

— Então, pelo jeito, eu não vou ter a minha secretária preferida de volta, não é? — questionou ele, como se já estivesse convencido da minha resposta.

Neguei com a cabeça, retribuindo o sorriso que ainda estava em seu rosto.

— Não...

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, deixando clara o que eu realmente queria dele, Bryan tornou a falar: — sendo assim, nada me impede de te convidar para jantar.

Eu não precisei responder com uma palavra, pois o meu sorriso deu conta do recado. Foi algo tão espontâneo que nem mesmo a melhor das atrizes conseguiria imitá-lo com tamanha perfeição.

— Eu... eu estarei te esperando, às oito — respondi, com uma felicidade fora do normal tomando conta de todo o meu corpo.

Parecia uma espécie de garotinha que acabara de receber um “*sim*” na cartinha de namoro que enviara para o coleguinha do primário.

— Tenho algumas coisas para resolver agora... — Ele se levantou, sem nem tirar o olhar do meu rosto. — Então, até amanhã... — Era como se o loiro estivesse preso a mim, como se estivéssemos presos um ao outro ao ponto de não conseguir romper aquela ligação de nossos olhos. — Boa noite, Vanessa.

Depois de dizer, ele caminhou até a porta, mas, antes de cruzá-la, o meu antigo chefe tornou a sorrir, enquanto olhava uma última vez para o meu rosto.

PARTE 3: RELACIONAMENTO SÉRIO

** Conseguir o posto de “namorada”.*

** Não ferrar com tudo.*

** Ficar rica.*

Capítulo 18 — O Primeiro Encontro

Voltei o meu olhar — um bem confiante — em direção ao espelho do banheiro e, pela primeira vez desde que embarquei naquele plano maluco, eu gostei bastante daquilo que eu vi refletido.

Eu me achar incrivelmente linda não era algo inédito — muito longe disso, não é? —, mas não estava mais me importando com a cor do meu cabelo. Ao olhar em direção ao meu reflexo, esqueci completamente de que há algumas semanas eu ainda não aceitava bem o fato de não estar mais loira.

Era como se não houvesse mais nada faltando.

Eu finalmente me sentia completa de novo.

Se não fosse pela interrupção da minha amiga, continuaria me admirando por mais alguns minutos.

Bianca entrou no banheiro de maneira abrupta, retomando uma conversa que eu pensava já ter resolvido com ela na noite anterior, logo após Bryan ir embora.

— Se me permite dizer... eu ainda não acho que você fez uma escolha inteligente ao deixar a Leal Corp, amiga.

Eu passei horas explicando a ela o porquê a minha demissão era imprescindível para o sucesso do plano, mas, aparentemente, a minha amiga absorvia as coisas de maneira bem seletiva.

Antes que ela pudesse continuar, dizendo alguma coisa sobre a necessidade de eu contribuir com as contas, disparei: — quando eu for a esposa do Bryan, Vanessa Waller Leal, vou te comprar um apartamento

novinho... — Com um sorriso debochado nos lábios, completei: — e, não se preocupe, ele também será bem maior do que esse aqui.

Virei-me para ouvir o que ela estava prestes a pronunciar, provavelmente um *“está chamando o lugar em que você mora de favor de pequeno, sua vaca?”*.

No entanto, ao ver o meu rosto, ela engoliu todo o seu sermão — um que certamente a deixaria com indigestão mais tarde.

— Uau... — Bia continuava me encarando, como se eu fosse uma espécie de extraterrestre, mas, aparentemente, no bom sentido. — Nossa... você está linda.

Não foi um *“você está arrumada demais”* ou nenhum outro tipo elogio em forma de crítica e isso fez com que eu sorrisse em agradecimento.

Por mais que a minha autoestima fosse boa — até demais em certos momentos —, a insegurança estava começando a me encontrar sempre que o assunto era Bryan.

E ouvir aquilo de Bianca me tranquilizou bastante.

Ouvimos o interfone tocar e foi impossível controlar o sorriso em nossos lábios.

O meu grande momento havia chegado, eu estava a poucos passos de conquistar aquilo desejei durante todo o período em que trabalhei na Leal.

Eu havia mesmo vencido ou ainda era cedo demais para cantar uma vitória?

Estava usando um vestido vermelho que havia ganhado em meu último relacionamento — com Roberto, o cara que acabei traindo com o irmão. Meu cabelo ruivo estava solto e a mesma cor coloria os meus lábios, tornando-me,
NACIONAIS-ACHERON

em um primeiro olhar, a mulher mais poderosa do mundo — ao menos, era assim que eu me sentia.

O vermelho dominava a minha aparência.

— Ele está te esperando lá embaixo — comentou a minha amiga, com o telefone na mão. Ela abafou o microfone e prosseguiu: — eu posso dizer que você já está descendo?

Balancei a cabeça, confirmando, ainda decidindo se realmente estava pronta para o meu primeiro encontro oficial com Bryan Leal.

Ele realmente estava lá embaixo, esperando por mim.

O meu antigo chefe vestia um de seus ternos pretos caros, por cima de uma camisa de botão azulada, com uma gravata azul marinha se destacando. Seus cabelos dourados estavam penteados para o lado em um topete charmoso.

E, ao me ver se aproximar, ele colocou os lábios entre os dentes, antes de elogiar-me: — você está... — Depois de alguns segundos, com os olhos ainda a me analisando, ele completou: — não consigo nem encontrar uma palavra pra descrever toda essa perfeição.

Sorri de maneira tímida, como se não estivesse acostumada a receber elogios e o acompanhei até o seu carro, onde ele fez questão de abrir a porta, portando-se como um verdadeiro cavalheiro.

Enquanto encarava-o por cima do ombro, imaginava qual devia ser o seu defeito — se é que ele realmente possuía um —, se existia uma parte sua tão horrível ao ponto de compensar toda aquela perfeição.

Depois de entrar no carro, Bryan voltou o olhar em minha direção e antes de girar a chave, disse: — eu não vou mentir... nessa questão de primeiros encontros, eu estou meio que enferrujado...

Eu, definitivamente, não conseguia acreditar.

Um homem como ele, devia ter primeiros encontros todos os dias. Em sua cama, sem dúvida alguma, devia ter passado mais mulheres que na passarela que eu e Bianca precisávamos atravessar de ônibus para chegar até a Leal Corp.

E sem contar que ele estava namorando há alguns meses, o que também poderia invalidar aquela sua história de “*enferrujado*” — caso fosse um namoro, tecnicamente, recente.

Mas se ele queria jogar, também entraria na brincadeira.

— Eu te entendo completamente... não tenho um primeiro encontro há muito tempo — comentei, desviando o olhar, observando a paisagem que se formava e desaparecia rapidamente. — Não sei se devia estar falando isso, mas fui bem azarada no amor.

Ele sorriu com a minha frase e, também com os olhos voltados para a estrada, respondeu: — com o tempo, descobrimos que a parte mais complicada sobre o amor não é encontrá-lo, mas mantê-lo vivo.

Não disse nada, apenas balancei a cabeça, como se compreendesse alguma coisa sobre amor. No entanto, de acordo com as suas últimas palavras, ele já havia encontrado isso uma vez — e, pela maneira com que a sua voz soou, não devia ter acabado muito bem.

Eu precisaria me preocupar com uma espécie de ex-namorada, daquelas que surgem em todo o tipo de comédia romântica tentando roubar o

homem da protagonista? Se ela aparecesse, a mandaria pastar em três segundos, pois eu não era uma típica mocinha sonsa e irritante.

— Como estão as coisas na Leal?

A última coisa que eu queria era emendar um assunto relacionado ao trabalho, havia me demitido justamente para desassociar essas duas coisas. No entanto, eu precisava fazer essa pergunta, pois não queria correr o risco de transparecer que eu não me importava com a empresa ou com o que a minha ausência lá havia causado a ele — basicamente, a verdade.

— Eu não vou responder... — a voz dele soou de forma animada, o que me fez rir, mesmo que questionando o motivo da negativa. — Se começar a falar sobre a empresa, eu vou passar a noite inteira tentando te convencer a voltar pra lá... e, não sei se você sabe, mas sou um cara que consegue ser bem convincente quando quer.

Se Bryan soubesse o quanto eu estava ansiosa para descobrir sobre todo o seu poder de persuasão, nós faríamos a nossa janta ali naquele carro mesmo. E, provavelmente, sairíamos mais satisfeitos do que em qualquer *buffet* caro e refinado.

Quando chegamos ao restaurante, eu já havia queimado metade dos assuntos que tinha programado de conversar com ele. Comentei sobre o quanto eu gostava de ser voluntária no orfanato e que não ir no final de semana me deixou incompleta. Continuei forçando a imagem de boa moça, preocupada com o ambiente em que cresceu.

Depois disso, com a desculpa de “*eu não posso comer nada muito gorduroso*”, contei sobre a dieta que eu e Bianca estávamos fazendo. No fundo, só toquei no assunto para que ele soubesse o quanto eu era uma amiga incrível e que me admirasse por estar tentando ajudá-la com a questão do

peso.

O fato de eu tentar tirar vantagem da única coisa realmente boa que eu estava fazendo só comprovava o quanto eu não era uma amiga incrível.

Entramos e seguimos para a mesa que ele havia reservado.

O restaurante era bem bacana e parecia custar o olho da cara — o que pra mim, era a melhor parte. Foi impossível não me lembrar do dia em que pedi para aquele desconhecido me pagar uma dose da bebida mais cara do “*Karaokê Bar*” — e ele comprou uma garrafa inteira para me impressionar.

Ao olhar para os lados, encarando as outras mulheres e os seus vestidos deslumbrantes, cheguei a me sentir um pouco desconfortável com o meu, por mais que ele nem de longe fosse feio.

— Eu acho que o ponto é esquecermos o passado e começarmos de novo, da maneira certa... — disse a ele, logo após me sentar na cadeira que ele havia arrumado, novamente, ganhando do príncipe encantado no quesito cavalheirismo. Estendi a minha mão em direção a ele, dizendo, com um sorriso animado no rosto: — meu nome é Vanessa? Prazer em conhecê-lo!

Ele não apertou a minha mão, o que me deixou bem desconfortável.

— Eu não quero começar de novo... — Bryan levou a mão dele até a minha e a abaixou, colocando-a em cima da mesa, antes de cobri-la com a sua. — Foi esse mesmo passado que fez com que eu gostasse de você. Eu gosto da mulher desastrada que derramou café quente em mim. Eu gosto das vezes em que entrava triste naquela sua salinha e saía sorrindo. Eu gosto da mulher que se voluntaria em um orfanato e que faz uma ótima equipe comigo, cuidando de todas aquelas crianças. — Depois de apertar a minha mão, roubando todo o meu fôlego com o seu toque quente e intenso, ele concluiu: — e se isso é começar de maneira errada, eu não sei se quero estar

certo.

Após todas aquelas palavras lindas, durante alguns poucos segundos, não fui capaz de esboçar nem mesmo um sorriso amarelo.

Bryan gostava de tudo o que eu não era.

Ele estava amando a mentira que eu contava e isso, de certa forma, me incomodou — por mais que significasse o sucesso do meu plano.

— Eu adorei cada um desses momentos também — respondi, finalmente com um sorriso convincente nos lábios. — Mas até quando você vai jogar essa história de café derramado na minha cara?

Ele riu, mas nem teve tempo de responder.

Um homem alto surgiu ao lado da nossa mesa, entregando-nos o cardápio. O garçom ficou ali parado, plantado próximo de mim, aguardando os pedidos serem feitos.

De forma automática, eu fui direto para os vinhos e apontei um que gostava bastante — e não sentia o gosto desde que fui expulsa do apartamento e, conseqüentemente, do restaurante de Roberto.

O homem tirou o pedido sem que eu pronunciasse uma única frase e então voltou o seu olhar para o meu acompanhante, que parecia nem precisar de cardápio.

— Só um copo de água por enquanto... Obrigado!

Se eu pudesse gritar um “MERDA” bem grande, teria gritado pra todo mundo ouvir e saber da minha frustração. O cara do meu lado havia pedido um copo de água, logo depois que eu pedi um vinho? Merda!

— Esqueça o vinho e nos traga dois copos de água — disse

apressadamente, tentando consertar toda aquela situação.

Quando o garçom se afastou, Bryan questionou a minha mudança de pedido repentina: — o vinho é ótimo, você devia ter deixado o garçom trazer.

Balancei a cabeça de forma negativa, respondendo: — algo me diz que a água desse lugar deve ser ainda melhor que o vinho.

Ele entendeu a minha indireta ao seu pedido nada convencional.

E, por um milésimo de segundo, eu tive certeza de que ele me contaria o real motivo pelo qual não bebia — ou, pelo menos, não estava bebendo comigo. Mas, no segundo seguinte, tudo o que o seu rosto me entregou foi hesitação.

— Costumo ser aquele cara chato da turma que sempre vai pra dirigir — Bryan comentou, com um sorriso sem graça, mostrando-me o quanto aquele assunto o desconcertava.

Como ele não se sentia confortável para me contar o verdadeiro motivo, optei por não insistir, forçando algo que ele, obviamente, não estava a fim de partilhar. No entanto, naquele instante, eu percebi que talvez o grande defeito do loiro — aquela parte horrível que devia existir para equilibrar com todas as boas — devia se tratar das coisas em seu passado que ele não gostava de compartilhar.

— Se eu tivesse um carro, provavelmente, também seria essa pessoa — menti descaradamente, como se não pertencesse a parcela que praticamente dormia bêbada nas festas. — Bianca sempre me chama de chata ou sem graça quando bebo refrigerante nas festas que frequentamos.

— Então, você frequenta muita festa? — indagou ele, bem curioso.

Comecei a rir e coloquei as minhas mãos sobre o meu rosto, antes de

responder: — sim, a última que fomos era do avô de setenta anos de uma amiga nossa.

Bryan embarcou na risada comigo, talvez a dele fosse de frustração por eu ter contornado muito bem toda aquela situação.

— Eu me diverti bastante — completei, admirando o quanto o sorriso dele era lindo. — Dançamos bastante uma música sertaneja estranha que ele gostava... e fiquei bem louca com o ponche sem álcool.

A minha vontade era de pular em cima daquela mesa e agarrá-lo com toda a minha força e, logo em seguida, lambê-lo todinho — até a minha língua ficar seca e dolorida.

— Vanessa? — ele me trouxe de volta do meu pensamento erótico. Depois que respondi com um “oi”, seguido por “*desculpe*”, ele prosseguiu: — eu perguntei se você tem alguma família na cidade?

Balancei a cabeça na vertical, respondendo: — sim, Bianca é a coisa mais próxima disso que eu tenho.

Como eu não queria entrar em um assunto desagradável, emendei rapidamente: — mas e você, chefe, tem algum irmão ou irmã?

— Não... sou só eu.

— Bem que eu suspeitava... mimadinho assim só podia ser filho único mesmo — brinquei, tentando descontrair e me afastar mais do assunto “*a família inexistente da Vanessa*”. Tomei um gole de água e tornei a falar: — eu só disse isso porque agora não corro mais o perigo de você me demitir.

Alguma coisa em sua expressão me entregou que ele havia amado quando o chamei de “*chefe*”, comprovando a minha teoria de a maior parte dos homens adoravam possuir certa autoridade, que — assim como uma boa

parte de mim — achavam isso bem excitante.

Em uma ocasião normal, já estaria roçando o meu pé em sua perna por baixo da mesa. Mas essa não era uma dessas situações — como aquela em que eu sentei no colo do desconhecido —, precisava ser o tipo de mulher que ele achava que eu era e algo me dizia que a Vanessa Waller dele não devia ser tão tarada assim — não tanto quanto eu realmente era, pelo menos.

Comemos e, felizmente, o papo surgiu com muita naturalidade. Como eu já havia observado, Bryan realmente era uma boa companhia, do tipo que você podia ficar conversando por horas e horas sem se cansar.

Ele sabia como ser engraçado, sem bancar o babaca “*engraçadinho*”, sabia como ser sério e ouvir tudo o que você tinha para falar — ou então fingia muito bem — e tinha um ótimo gosto pra culinária, pois a sua escolha para o jantar havia sido maravilhosa.

As horas ao seu lado voaram, só fui prestar atenção no horário quando já havíamos voltado para o seu carro e estávamos no caminho para o apartamento de Bia.

Normalmente, eu daria um jeito de me convidar para conhecer a sua casa — e algumas partes específicas de seu corpinho gostoso —, mas não queria apressar as coisas — não quando elas estavam fluindo tão bem de forma “*natural*”.

Ele, novamente, fez questão de descer, dar a volta no carro e abrir a porta pra mim. Era algo bobo e, ao mesmo tempo, muito especial, fazia com que você se sentisse importante, valiosa pra ele.

Paramos em frente a portaria e eu já estava me torturando, pois sabia que a nossa noite estava chegando ao fim, era como se em alguns minutos, a minha carruagem fosse se transformar em uma abóbora e o meu vestido em

trapos.

Bryan segurou a minha mão, fazendo com que o meu olhar subisse até o seu rosto.

— Eu... eu me diverti muito essa noite, Waller — ele disse, arrancando um sorriso de mim ao pronunciar o meu último nome daquela forma. Como fiquei em silêncio, ele tornou a falar, questionando: — e você, o que achou desse tempo comigo, quando eu não estou bancando o seu chefe?

“Foi tão boa ao ponto de eu querer te convidar pra subir e terminá-la lá no meu quarto” pensei, realmente tentada a dizer em voz alta.

— Por que você não me pergunta amanhã? — respondi com outra pergunta, deixando claro a minha intenção de querer falar com ele quando o dia amanhecesse.

Ele balançou a cabeça verticalmente, com um meio sorriso.

Retribuí o sorriso e me preparei para me afastar, mas não cheguei a ter essa chance. Em meu segundo passo, o loiro delícia me puxou pelo braço com força, trazendo-me de volta para perto de seu corpo.

Já em seus braços, eu encarei aquelas duas lanternas azuladas, que pareciam estar ainda mais belas — como se isso fosse possível. Não demorou muito para que os nossos lábios se encontrassem em um beijo que ambos estávamos ansiando desde que sentamos naquela mesa do restaurante.

Dessa vez, eu não hesitei em me entregar completamente, retribuindo-o de maneira tão intensa quanto Bryan me envolvera com o seu toque, dominando-me completamente com a sua língua hábil.

Seu beijo foi tão voraz que eu conseguia sentir os seus lábios nos meus mesmo após eles terem se afastado.

— Boa noite, Waller — disse ele, antes de se virar e me deixar ali, em êxtase, observando-o partir.

Capítulo 19 — Um Novo Começo

Quando Bryan finalmente deixou o meu campo de visão, eu levei os dedos da minha mão direita até os lábios, como se pudesse replicar a maravilhosa sensação de beijá-lo. E, ao me lembrar de seu toque arrebatador, suspirei, sorrindo como uma boba.

A cena durou até eu perceber o quanto estava sendo estúpida por estar ali, parada, protagonizando a mocinha sonsa que havia acabado de beijar o *bad boy* gostoso.

“*Recomponha-se Vanessa, se recomponha!*”, disse pra mim mesma, ou melhor, ordenei, enquanto me dirigia até o apartamento de Bia.

Ao empurrar a porta, encontrei a minha amiga sentada no sofá, ao lado de várias embalagens abertas. Barra de chocolate, salgadinhos e mais um monte de outras porcarias estavam espalhadas pelo chão e isso me deixou completamente enfurecida.

Eu queria, literalmente, socar a cara de Bianca.

Mas quando os olhos marejados dela encontraram os meus, eu perdi todas as palavras de ódio. Encarar-me ali, bem a sua frente — assistindo a todo o seu fracasso —, fez com que ela se quebrasse rapidamente.

Não demorou muito para que os olhos dela se enchessem de lágrimas, fazendo com que toda a raiva que eu estava sentindo dela evaporasse, transformando-se em um aperto forte no coração.

— Eu não consegui... — sussurrou ela, em meio aos soluços. — Eu... eu não consegui...

Aproximei-me de onde ela estava sentada e não gritei, dizendo o quanto ela tinha extrapolado. A minha amiga não precisava que ninguém lhe mostrasse o óbvio nesse momento. Simplesmente, a abracei, sussurrando que tudo ficaria bem, que nós daríamos um jeito naquilo.

Concentrei-me tanto em tentar acalmá-la que me esqueci de fazer o mesmo comigo. Demorou até que eu percebesse que já estava chorando junto com ela, tomando parte de sua dor.

Foi algo tão natural que quase nem me dei conta.

E, por alguns poucos minutos, continuamos ali, chorando abraçadas.

Tomei a iniciativa e a acompanhei até o seu quarto, disse para não se preocupar com a bagunça lá na sala, que no dia seguinte — quando ela acordasse — seria como se nada daquilo tivesse acontecido.

Depois de conseguir convencê-la a ficar na cama e descansar um pouco, voltei para lá e fui recolhendo todas aquelas porcarias do sofá e chão.

Joguei tudo dentro da lata de lixo e me atirei em cima do sofá, estranhamente, me culpando por não estar ali com ela, por não ter evitado.

“Mas como eu poderia saber que ela esperaria eu sair para comprar todas as coisas que estávamos evitando comer?” argumentei comigo mesma, tentando me absolver, sem nenhum sucesso, daquela culpa.

Adormeci ali mesmo e só fui despertar com os raios de sol incomodando o meu rosto. Após de abrir os meus olhos, a primeira coisa que eu fiz foi voltá-los para o relógio na parede da sala, como se tivesse algo interessante para fazer pelo período da manhã — além de assistir aos desenhos animados.

Eram exatamente dez e meia da manhã.

Ou seja, tarde demais para estar acordando.

Ansiosa para conferir todas as notificações, eu apanhei o meu celular e sorri ao ver uma mensagem de Bryan. Nem esperei para clicar e lê-la, a minha ansiedade não deixou.

“Como já é oficialmente amanhã, o que você achou de ontem à noite?”, Bryan às 00:01.

Ele mandou um *emoji* de macaquinho cobrindo os olhos após o ponto de interrogação.

“A noite foi tão perfeita ao ponto de eu querer muito repeti-la”, enviei.

Soltei o celular e fui escovar os meus dentes e fazer o restante da minha higiene matinal. Voltei para a sala com uma xícara de café com leite na mão e ansiosa para ver o que mais ele tinha respondido.

Mas, pra minha infelicidade, o meu loiro delícia não havia nem mesmo visualizado a mensagem.

No entanto, meia hora depois, quando eu estava jogada no sofá realmente assistindo a porcaria do desenho animado — que não era ruim —, o meu celular tocou e o nome *“Bryan Leal”* na tela foi o suficiente para me animar de volta, como se estivesse me plugando a uma tomada.

— Nossa... ao que devo essa honra, chefe? — atendi, não controlando a minha própria animação com aquela ligação.

Bryan brincou, dizendo *“dormiu comigo, foi? Bom dia pra você também”* indicando de que eu não havia cumprimentando-o adequadamente. Ele, obviamente, também usou a oportunidade para usar um pouco de malícia com a frase — de duplo sentido — *“dormiu comigo, foi?”*.

Se ele soubesse que havia sido a estrela dos meus sonhos mais quentes

NACIONAIS-ACHERON

— e selvagens.

— Bom dia... quase tarde — respondi, atendendo ao seu pedido. — Satisfeito agora, chefe?

— Agora sim, Waller...

Do outro lado da linha, ele continuou: — se você soubesse que o simples fato de te ouvir me chamando de chefe faz com que eu tenha vontade de ir aí te buscar pra te empregar de novo, não ficaria me tentando tanto.

Respondi com um riso baixinho e bobo, como se ele pudesse me ver.

— Eu amo a Bianca, não me leve a mal, mas você faz muita falta aqui — Bryan prosseguiu, deixando claro que essa seria uma ligação relacionada a Leal Corp e não sobre a ótima noite que compartilhamos. — Preciso que você me explique algumas coisas da minha agenda dessa semana... fiz o máximo de esforço pra compreender o que você fez aqui, mas não entendi praticamente nada do que está aqui.

— Tudo bem, sem problemas, chefe — respondi, tentando me lembrar dos principais compromissos que eu havia marcado quando ainda era uma de suas funcionárias.

Conforme ele foi lendo as coisas que eu havia anotado no computador de lá, eu fui explicando exatamente sobre o que elas se tratavam, dando sentido as coisas aleatórias que havia escrito. Bem no fundo, a culpa nem era dele por toda essa confusão, mas minha, que gostava de organizar as coisas do meu jeito — algo que ninguém além de mim mesma conseguia decifrar.

— Mande um beijão pra Bianca — comentei, quando terminamos todo aquele assunto relacionado a empresa. — E sempre que precisar de alguma coisa, pode me ligar pra tirar dúvida.

— Olha que eu ligo mesmo... Enfim, obrigado pela força — respondeu ele, deixando-me pronta para desligar a ligação e afastar o celular da orelha. E ainda bem que não o fiz, pois ele continuou, finalmente focando naquilo que eu realmente queria ouvir: — eu também quero... Quero muito repetir aquela ótima noite que tivemos.

Capítulo 20 — Ligação

Depois do meu primeiro encontro com Bryan, as coisas desaceleraram um pouco. Durante duas semanas, trocávamos apenas mensagens de texto.

Nos primeiros dias, isso me deixou bem receosa, fiquei com medo de que ele estivesse perdendo o interesse em mim ou que aquela nossa noite não tivesse sido tão boa pra ele quanto foi pra mim.

Várias coisas passaram por minha mente e em todas essas teorias, eu terminava sozinha, sem o Bryan ou o meu antigo cargo. E, estranhamente, depois de pensar muito sobre isso, cheguei a conclusão de que já não se tratava apenas do dinheiro.

Não tinha ideia do que sentia por ele, mas sabia que era alguma coisa — uma coisa bem forte.

Talvez todo esse receio fosse apenas o meu orgulho com medo de sair ferido.

Eu não sabia e, lá no fundo, tinha medo de descobrir a verdade.

Conforme esses dias foram se passando e as nossas mensagens tornando-se cada vez mais frequentes, aquele primeiro medo — o de ele não estar me correspondendo da mesma forma — desapareceu por completo.

Quando recebia um “*bom dia*”, tinha certeza que havia sido a primeira coisa em que ele pensou ao acordar. E sempre quando eu enviava um “*boa noite*”, também torcia para ser a última em que ele pensaria antes de dormir.

No final da segunda semana, ele me ligou. Disse que precisava da minha ajuda para entender mais alguma coisa da sua agenda e isso, de certa

forma, me deixou chateada. Não queria que aquela ligação fosse sobre o cargo que eu costumava ocupar dentro da organização dele.

No entanto, a sua dúvida era óbvia demais.

Bryan queria saber se eu havia mesmo desmarcado uma de suas reuniões no mês anterior — algo que era impossível ele não saber, mesmo com a minha demissão.

— Eu tenho quase certeza que sim, mas por quê? — indaguei, como se realmente estivesse interessada em saber mais sobre aquele assunto. — Alguém aí te acusou de furar nessa reunião?

Pensei que ele fosse continuar falando sobre a Leal Corp ou sobre o seu desejo de me ter de volta como a sua secretária. Mas, felizmente, as suas próximas palavras me surpreenderam: — Na verdade, eu não liguei porque precisava tirar uma dúvida... pelo menos, não sobre o meu trabalho aqui na Leal — confessou ele, fazendo com que o meu coração acelerasse. Os seus segundos em silêncio pareceram uma eternidade, uma longa sessão de tortura. — Eu não sei exatamente porque te liguei... estava pensando em você e queria ouvir a sua voz.

Por mais que o meu plano fosse ir com calma, sem muita sede ao pote, eu não resisti: — então, porque você nunca me convidou para um segundo encontro?

Quando me dei conta, as palavras já haviam escapado e eu não tinha mais como consertar. E se os segundos anteriores pareceram uma eternidade, esses não poderiam nem mesmo ser descritos.

E em cada um desses longos segundos silenciosos, eu me odiei por assustá-lo, intimidando-o com uma cobrança estúpida e desnecessária.

— Eu não sei... — respondeu ele, deixando-me ainda mais preocupada.

Se Bryan não falasse mais comigo, eu nunca me perdoaria.

Mas, felizmente, antes que eu pudesse finalizar o pensamento pessimista, ele tornou a se abrir comigo: — eu... eu sei sim. Realmente gosto de você e, sinceramente, esse sentimento me assusta bastante... — Depois de dar um riso tímido, disfarçando o seu desconforto, ele usou a frase que pronunciei dentro do seu carro, no dia em que estávamos seguindo para o restaurante em nosso jantar de primeiro encontro: — eu também não tenho muita sorte no amor... não certeza se isso serve como desculpa.

— Eu também gosto de você, muito mesmo — disse prontamente, tentando não assustá-lo ainda mais por algo que nem havia começado. — E, acredite, eu não sou a pessoa mais sortuda quando se trata de amor... mas nós podemos ir devagar, sem nenhuma pressa.

Quando pensei saber exatamente o que se passava na mente dele, descobri que estava enganada. Bryan não era tão previsível quanto o restante dos homens com quem eu já me relacionei, não poderia lê-lo facilmente, como se ele fosse uma espécie de revista que vinha com instruções.

— Eu não quero ir devagar — respondeu ele, surpreendendo-me. Essa era uma das poucas vezes em que era surpreendida no meu próprio jogo. — Eu tentei ignorar isso, mas não deu muito certo... só consigo pensar em você e isso faz com que eu me sinta um idiota por estar perdendo tanto tempo.

— Então, deixa eu ver se entendi bem... você está me convidando para um segundo encontro? — resolvi facilitar as coisas e sair daquela crise existencial que parecíamos estar tendo ao telefone.

Ele riu de uma forma gostosa, antes de responder: — significa exatamente isso, Waller.

NACIONAIS-ACHERON

— Estou disponível no sábado à noite — comentei, lembrando-me de que já nos encontraríamos lá na instituição em que nos voluntariávamos. — Combinamos o horário lá no orfanato, tudo bem?

Ele concordou e depois de dizer um “*boa noite*”, despedindo-se de mim.

Então, eu desliguei a ligação e foi impossível não suspirar segundos após me jogar na cama, tampouco deixar de pensar nele no exato momento em que os meus olhos se fecharam.

Capítulo 21 — Casa de Campo

Eu nunca fiquei tão ansiosa para fazer um trabalho voluntário antes — e em pleno sábado de manhã, diga-se de passagem.

Ainda que estivéssemos nos falando pelo celular e, em algumas ocasiões, por ligação, queria muito encontrá-lo pessoalmente e ver bem de perto aquele seu belo par de olhos azulados.

Bianca também estava animada, inclusive torcendo pelo meu sucesso — o que era algo inédito, até então. Ela já não enxergava o meu plano como um “*roubo*”, mas como um romance previamente planejado, que beneficiaria muito a situação amorosa e financeira da sua melhor amiga.

Nós duas tomamos café — com adoçante — e também comemos bolacha integral.

O gosto não era dos melhores, mas eu estava disposta a fazer esse sacrifício por ela.

E, sim, havíamos continuado a dieta como se nada tivesse acontecido. Felizmente, depois daquele incidente — que ocorreu após o meu primeiro encontro com Bryan —, Bianca não teve outra recaída.

Chegamos adiantadas ao orfanato, mas a pessoa que eu queria ver já havia chegado.

Ele estava organizando os materiais da Educação Física.

Diferente da semana anterior, Bryan usava um moletom escuro e isso me impossibilitava de dar uma conferida em suas lindas coxas grossas ou o contorno perfeito de seu peitoral. Mas, ainda sim, ele continuava

extremamente atraente, como aqueles professores que nos seduziam com um sorriso enquanto tentavam explicar o conteúdo no quadro negro.

— Bom dia, chefe — comentei, aproximando-me de onde ele estava. Eu o ajudei pegando uma das bolas no chão, antes de prosseguir: — ouvi dizer que você está precisando de uma ajudante?

Com aquele sorriso, uma de suas marcas registradas, ele respondeu: — eu já estava quase surtando aqui sozinho... acho que depois da última vez, acabei ficando mal acostumado.

Como da vez passada, o trabalho de voluntária ao seu lado era bem divertido e nós dois realmente formávamos uma bela equipe, até mesmo as crianças concordavam com isso. Rimos bastante, trocamos vários olhares e dezenas de palavras não ditas.

E, dessa vez, por um milagre — e um pouquinho de ajuda da minha parte, roubando nos pontos —, o time azul ganhou o campeonato.

A nossa manhã foi tão corrida que nós só fomos conversar sobre o que faríamos mais tarde, quando já estávamos lanchando o pão com queijo e presunto, esperando pelo soar do sinal, que marcava o fim das atividades do período da manhã.

Pensei que o loiro delícia fosse me levar para uma espécie de restaurante, como havia acontecido da última vez e, por esse motivo, sugeri que o fizéssemos isso próximo das vinte e uma horas. No entanto, ele contestou a minha resposta com um *“tem que ser um pouquinho mais cedo... tipo daqui a pouco!”*.

Eu não entendi e esperei por uma explicação, uma que não tardou a vir.

— Pensei em irmos para a minha casa de campo e aproveitarmos todo

o restante do final de semana juntos... o que você acha da ideia? — comentou Bryan, pegando-me de surpresa com o convite de última hora.

Eu, obviamente, não recusaria passar um final de semana inteiro ao lado dele.

— Eu adoraria... só preciso avisar a Bianca e pegar algumas peças de roupa lá em casa — respondi, agradando-o com a minha resposta.

Quando o nosso período como voluntários chegou ao fim, Bryan levou eu e a minha amiga para o apartamento e ficou de me buscar uma hora mais tarde, pois garanti que nesse meio tempo já teria me arrumado para o nosso final de semana juntos.

Recrutei minha amiga para me ajudar a escolher as coisas que levaria pra lá. Enquanto ela foi enfiando algumas peças de roupa em minha mochila, eu parti para o banheiro, ansiosa para tirar todo aquele suor do meu corpo.

Estranhamente, as coisas que ela selecionou não eram ruins e combinavam bem com a proposta de tudo o que estava me esperando na casa de campo de Bryan. Mas como não vestiria nada de parar quarteirão por lá, optei por me arrumar bem, pelo menos, para ir.

Coloquei um vestido branco florido e um sapato vermelho aberto, deixando as minhas unhas — que havia feito há dois dias — bem destacadas. Era impressionante o quanto tudo o que era vermelho agora parecia se encaixar perfeitamente em meu corpo. Essa, sem dúvida alguma, havia passado a ser a minha nova preferida.

Quando o interfone tocou, peguei a mala no chão do quarto e me despedi de Bianca com um breve abraço. A minha amiga sussurrou um “*boa sorte lá*”, como se eu ainda precisasse de sorte.

A essa altura do campeonato, nem mesmo todo o ódio do universo por mim conseguiria derrubar o meu plano. Era quase oficial, eu havia ganhado, só estava esperando o placar ser anunciado para começar a comemorar.

Bryan estava me esperando na recepção e isso meio que me lembrou do nosso primeiro encontro, pois ele estava parado próximo do lugar em que havia me tomado nos braços, antes de me beijar com aquela sua pegada dominadora — uma que me surpreendeu bastante e deixou-me ansiosa para ver mais um pouco daquela sua outra face.

Mas, diferente da última vez — quando ele surgiu tão elegante quanto o príncipe encantado —, o meu loiro vestia apenas uma camisa polo branca e uma calça jeans bege, o que, sem dúvida, não tirou nem um pouco da sua beleza.

— Você sabe que não precisava se arrumar tanto pra ir visitar um lugar cercado por mato, não é? — comentou ele, encarando-me.

Eu, definitivamente, detestava esses elogios em forma de crítica, pois me lembravam do que Bianca sempre fazia para me chatear. Depois de dizer isso, o meu ex-chefe se prontificou em pegar a mala da minha mão e levá-la em direção ao carro.

No entanto, no momento em que ele entrou no veículo e seus olhos tornaram a me encontrar, não foi preciso de nenhum elogio da parte dele para que eu soubesse o quanto aquele homem me desejava.

Mas ainda sim, Bryan fez questão de me dizer isso em palavras: — antes que eu me esqueça, você está muito, muito bonita.

Agradei com um sorriso tímido e coloquei o sinto de segurança, pronta para pegar a estrada ao lado dele.

Diferente do que eu estava pensando, a casa de campo não ficava a apenas uma hora de distância da cidade. Nós gastamos mais de quatro horas dentro daquele carro, mas também não podia dizer que isso foi ruim.

Usamos esse tempo para conversar, conhecendo um pouquinho mais um do outro — pelo menos, eu soube mais um pouco dele. E, dessa vez, eu até tentei manejar na quantidade de mentiras que contava, pois não queria que isso fugisse do meu controle. No entanto, para sustentar uma única mentira, eram necessárias várias outras.

Lá no fundo, eu começava a me preocupar em fazê-lo realmente gostar de mim — da verdadeira Vanessa Waller. Então, ia inserindo um pouco da minha personalidade aos poucos, em uma tentativa de não me contradizer com as informações que eu já havia fornecido.

— Eu costumava ser loira... — comentei, curiosa a respeito da opinião dele sobre isso. Eu sabia bem da preferência que ele tinha pelas ruivas, isso ficou evidente em apenas uma visita ao seu perfil do *Facebook*. — Consegue me imaginar assim?

Ele tirou os olhos da estrada, voltando-os em minha direção por um breve momento, antes de responder: — te imaginar mais linda do que você já está? Definitivamente, não.

E em meio a aquele elogio, eu tive a minha resposta. Precisava ir com mais calma, pois Bryan amava demais a pessoa que pensava que eu era e apressar as coisas, destruindo tudo o que ele mais gostava em mim não ajudaria em nada.

Quando finalmente chegamos, quase não acreditei naquilo que estava em frente aos meus olhos. O lugar não era apenas gigante, era fantástico, de

NACIONAIS-ACHERON

uma beleza absurda. E, muito em breve, também seria meu.

Com toda a certeza, eu daria uma festinha na casa de campo, convidando todas aquelas vacas — e cobras traiçoeiras — que já foram minhas amigas, para que se roessem de inveja do meu novo homem e, principalmente, da minha nova vida.

A “*casa de campo*” era, na realidade, uma mansão no campo. Tudo o que consegui pensar quando os meus olhos a encararam, foi naquelas locações luxuosas para filmes em que os protagonistas eram podres de ricos. O lugar era tão grande que para chegar até a casa, precisávamos percorrer vários metros em uma rua bem asfaltada.

O quintal de Bryan era do tamanho de três quarteirões de uma cidade. E o que mais chamava a atenção — além da casa em si — era a paisagem de tirar o fôlego.

Era demais, extremamente exagerada.

Mas o que eu estava esperando, uma casinha de madeira ao lado do rio?

— Gostou? — quis saber ele, ao notar o quanto eu estava impressionada com tudo aquilo. Depois de alguns segundos, ainda sem uma resposta minha, ele tornou a dizer: — eu sei que é um pouquinho exagerado.

Um pouquinho exagerado? A casa de campo de Bryan devia estar no dicionário de português como um dos sinônimos para “*exagero*”.

— É linda... eu, definitivamente, não estava imaginando algo assim Foi tudo o que eu consegui dizer e, pelo sorriso em seu rosto, parecia ser o suficiente. Sem duvida alguma, os meus momentos naquele lugar seriam inesquecíveis.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 22 — Calmaria

Passei o restante da tarde conhecendo aquele lugar maravilhoso, um que mais tarde descobri pertencer a família de Bryan por várias gerações. O meu antigo chefe era extremamente atencioso, guiando-me por toda a propriedade — pelo menos, nas partes mais próximas a mansão.

Durante esse tempo, além dos beijos constantes, chegamos até a andar de mãos dadas, o que, pra mim, foi apenas uma confirmação de que eu havia sido vitoriosa em meu plano — o mesmo que, em um primeiro momento, havia considerado como algo insano.

Estar daquela forma com ele, era só uma recompensa por todo o esforço que eu tive para conquistá-lo. Demorou, mas eu consegui laçá-lo bem — e, se dependesse de mim, não o deixaria escapar.

Quando escureceu, voltamos para a casa e nos jogamos em um grande sofá, que ficava em frente a uma espécie de lareira — uma bem bonita, como tudo que estava dentro daquela propriedade. Sem dúvida, era a primeira vez que eu via uma sem ser em algum filme americano.

Compartilhei essa informação com o loiro ao meu lado, roubando-lhe um sorriso.

Aproximei-me mais de seu corpo, deitando-me sobre ele e já dando uma deixa para que ele contornasse o meu corpo com o seu braço.

Meu Deus, como aquele cara conseguia ser tão cheiroso?

Voltei o meu olhar para cima, encarando o seu rosto de perto. Depois de um dos seus sorrisinhos bobos, ele inclinou-se para me beijar. O beijo foi

tomando uma proporção bem maior do que eu imaginava e, em poucos segundos, eu já estava sobrepondo o corpo dele com o meu, enquanto os nossos lábios tornavam a se encontrar.

Os braços fortes de Bryan me envolveram, como se ele quisesse aproximar ainda mais os nossos corpos, algo que não era impossível. Mas eu conseguia compreendê-lo perfeitamente. Depois de alguns minutos nos beijando, esses simples toques já não eram mais capazes de nos satisfazer.

Mas, a todo instante, tentava me controlar, deixando-o assumir. Não queria que ele soubesse o quanto eu era experiente em tudo aquilo. Até que estivesse realmente em uma situação segura, tornaria agindo como a mocinha sonsa que o havia conquistado.

— Como eu te disse, esse lugar é da família, o que, automaticamente, faz com que a gente corra um certo risco em estar fazendo isso aqui no sofá — comentou ele, dando uma desculpa bem convincente para me levar em direção ao seu quarto — que agora seria o “*nosso*” quarto.

Quando cruzamos a porta, eu nem tive tempo de observar o local, vasculhando por possíveis fotos ou algo parecido, pois os seus braços musculosos me envolveram, colando-me ao seu corpo. E não demorou até que os nossos lábios tornassem a se tocar e, outra vez, fui dominada por sua língua hábil.

Bryan parecia uma espécie de anjo, pois enquanto eu o beijava, sentia-me flutuando no paraíso.

Ele empurrou-me em direção a parede e me pressionou ali, tornando a me beijar, com ainda mais vontade e, estranhamente, uma brutalidade que contradizia com todo o seu jeitinho de cavalheiro.

Talvez, eu não fosse a única que havia atuado, interpretando uma

NACIONAIS-ACHERON

personagem diferente de quem eu realmente era. E, no calor do desejo, Bryan mostrou um pouquinho do que ele também era — de uma parte que não era transparecida com muita frequência.

Desta vez, seu beijo era intenso e quente, como um vulcão em erupção. Podia sentir os seus lábios queimando-me, mas nem mesmo isso era suficiente para que eu me afastasse — ou perdesse o controle de vez.

Eu queria e precisava daquele calor, mas também seria obrigada a consumi-lo em pequenas doses — o que, com toda a certeza, não faria com que fosse ruim.

Era impossível não desejar mais e mais dele, exatamente como uma espécie de vício em que você só percebe o quanto está dependente quando já é tarde demais — e o meu *“tarde demais”* ainda não havia chegado.

— Eu já disse o quanto você é linda? — sussurrou ele, com uma voz rouca e abafada, deixando-a ainda mais sexy. Balancei a cabeça mentindo e fazendo um biquinho, como se a falta daquele elogio me chateasse. — Você é linda pra cacete!

Era a primeira vez que eu o ouvia pronunciar um palavrão e isso me deixou bem excitada e ansiosa para conhecer um pouco mais desse Bryan Leal.

Suas mãos subiram em direção ao meu busto, onde ele apertou sem nenhum pudor, sentindo-me e, conseqüentemente, arrepiando todos os pelos do meu corpo. Os seus olhos continuavam comigo, assistindo as minhas expressões faciais mudarem a cada um de seus toques.

E, mesmo por cima do tecido do meu vestido, o seu toque era poderoso e excitante, eu conseguia sentir toda a sua imponência até nos toques mais leves. Ao notar os meus mamilos endurecendo conforme suas mãos

continuavam a me explorar com voracidade, Bryan ficou ainda mais animado — e descontrolado? —, como se fosse um pedido meu para que ele continuasse — e, talvez, realmente fosse, ainda que um inconsciente.

Cansada de ficar ali, emparedada e intimidada por ele — por mais que fizesse parte do meu papel de santinha —, eu o empurrei e caminhei em direção à cama, finalmente tomando uma atitude. Através de seu olhar surpreso, eu tive a certeza de que ele gostava disso — de uma mulher tomando o controle da situação.

Antes que ele pudesse se aproximar, comecei a tirar o meu vestido sem nenhuma cerimônia, com toda a certeza, essa era uma das melhores partes de ter uma autoestima extremamente inflada.

Usava uma lingerie vermelha — a minha mais nova cor —, em uma tonalidade bem chamativa. E, agora, com ele encarando-me com um olhar repleto de desejo, agradecia mentalmente por ter me precavido, usando algo “*transável*”.

Desta vez, o meu loiro delícia não precisou dizer um “*você é linda pra cacete*”, a expressão de seu rosto deu conta do recado. A maneira como ele me encarava, era um verdadeiro elogio pra mim. Seus olhos azulados secavam-me mais do que os meus a ele — o que tornava bem estranho o fato de ainda não estarmos bebendo alguma coisa para saciar toda essa sede.

— Tudo isso é só pra mim? — indagou Bryan. Balancei a minha cabeça, confirmando a sua pergunta e como isso, estranhamente, me deixou um pouco sem graça, não consegui deixar de rir. — Acho que vou ter que desembulhar o restante dessa embalagem.

E, como um leão faminto, o meu antigo chefe partiu em minha direção, jogando-me em cima da cama, o lugar em que ele provavelmente me

devoraria todinha. Eu já não conseguia nem fazer charme, estava completamente entregue a aquele safado.

Sempre soube que Bryan não seria formal em cima de uma cama, entretanto, nunca o imaginei pronunciando “*cacete*” e agindo como um completo safado. Mas talvez a culpa também fosse de toda essa demora para que a nossa primeira vez finalmente acontecesse, havíamos perdido muito tempo com apenas olhares e beijos limitados.

Seus dedos, com bastante facilidade, livraram-me do meu sutiã — desembrulhando-me, como ele bem havia destacado —, deixando os meus seios à mostra. O homem ao meu lado não se limitou apenas a encará-los, agarrando-os com força, tomando-me de uma maneira bruta e possessiva.

Enquanto ainda sentia os meus seios com as mãos, o meu loiro safado — um apelido que combinava mais do que o “*loiro delícia*” — levou seus lábios até eles, buscando por um novo toque. Ele os chupou com bastante vontade e afobamento, com uma fome que parecia ser insaciável. Como em alguns momentos Bryan agia daquela maneira abruta, era doloroso — como se ele realmente estivesse tentando me devorar —, mas, ao mesmo tempo, igualmente prazeroso.

Aquelas esferas azuis sempre subiam em minha direção, encarando-me daquela sua maneira misteriosa, que fazia com que eu tentasse imaginar exatamente o que se passava em sua mente.

E, naquele momento, sem dúvida alguma, deviam ser os pensamentos mais safados do mundo.

Mais uma vez, ele empurrou-me, me deitando sobre a cama. Então, os seus lábios começaram a descer, trilhando um caminho de beijos que passou por minha barriga e continuou, aproximando-se cada vez mais da minha

calcinha, como uma espécie de touro, cego pela cor vermelha.

Seus dedos puxaram o tecido da parte de baixo da minha lingerie para o lado e, em poucos segundos, sua boca já havia encontrado o caminho até aquela minha parte íntima, que estava ansiando por seu toque há meses.

Com os olhos em meu rosto, Bryan mergulhou em mim e, ironicamente, roubou todo o meu fôlego.

De uma maneira provocativa, ele começou a dar beijinhos, deixando-me ainda mais sedenta, sendo quase impossível continuar com aquela pose de boa moça. Cada segundo sem sentir o seu toque, era uma nova sessão de tortura.

Aquele homem, aparentemente, fazia parte dos que sabiam bem como me deixar ansiosa e, logo em seguida, praticamente me fazer implorar para que continuassem.

Quando a sua língua me penetrou, os meus olhos se fecharam e perdi completamente o controle sobre os sons que deixavam a minha boca, provavelmente, devo tê-lo chamado de “*cachorro*” e alguns outros nomes que deveria ter guardado dentro da minha boca.

Com o pescoço jogado para trás, eu gemia bastante, enquanto mordida o meu lábio inferior, como se pudesse controlar a velocidade com que aquela sensação invadia o meu corpo — algo impossível, diga-se de passagem.

Ele adorava fazer charme, afastando a sua boca do meu sexo e, conseqüentemente, obrigando-me a pronunciar um “*continue*” bem ofegante.

Enquanto continuava me chupando, ele inseriu um de seus dedos em mim, aumentando ainda mais aquela sensação deliciosa com um vai e vem. Entretanto, um único dedo não foi suficiente para ele — muito menos pra

mim —, fazendo com que ele colocasse um segundo.

Seus dedos começaram a vibrar, arrancando-me gritinhos de prazer. Ter a sua língua quente lá embaixo no mesmo momento em que ele me penetrava daquela forma era uma sensação indescritível.

Era maldade e, ao mesmo tempo, algo divino, exatamente como ele, que, em minha mente, vivia circulando entre um anjo e demônio. O anjo seria o cara com que convivi durante todo aquele tempo. E o demônio, a pessoa em que ele se transformou no instante em que pisamos no quarto.

Diferente de Roberto — o meu último namorado —, Bryan me chupava com vontade. Ele não estava se obrigando a estar ali embaixo, cumprindo uma das minhas exigências para me “*comer*” depois. Ele queria estar exatamente onde estava e tirava o máximo de proveito disso.

A grande diferença entre eles era que o chefinho se importava com o meu prazer e Roberto pensava que a minha satisfação seria uma consequência da dele.

E isso só me fazia querer retribuir ainda mais.

Quando o seu rosto se afastou do meu sexo, voltando a subir. Eu o ajudei a se livrar de toda aquela roupa, revelando o físico perfeito dele — realmente, um verdadeiro deus grego.

O corpo de Bryan parecia ter sido desenhado de tão perfeito. Você podia ficar minutos ali parada, encarando todas aquelas curvas em sua barriga, formando aquele peitoral fenomenal. A melhor parte era que ele não era completamente depilado, como eu imaginei que seria.

Os ralos fios em seu peito deixavam-no ainda mais viril.

E, nesse mesmo instante, senti uma imensa vontade de me atirar em

cima dele e lambê-lo completamente e finalmente saciar aquele desejo que estava tendo desde o dia em que o vi pela primeira vez nos corredores da Leal Corp.

Dessa vez, eu não precisei me segurar — e também não queria e nem conseguiria mais fazer isso. Descontrole foi exatamente o que me ocorreu e, pela primeira vez em muito tempo, eu adorei perdê-lo na presença de Bryan.

Abaixei-me próximo de onde ele estava e levei a minha língua até os seus gominhos e os chupei com vontade, esforçando-me para cobrir cada pedacinho de sua barriga com a minha língua gulosa. Não deixei de dar atenção ao seu peito, principalmente aos seus mamilos, que já estavam durinhos antes mesmo que eu chegasse até eles com a minha língua.

Sem hesitar — exatamente como o loiro safado havia feito comigo —, desci, beijando-o até chegar a trilha de pelos que me levava a sua virilha — o caminho da felicidade para meras mortais —, onde aquele volume gigantesco se formava, tentando escapar.

Desabotoei a sua calça e notei que a sua cueca branca já estava toda melada — uma consequência de nossas brincadeiras recentes.

Abaixei-a de uma só vez, libertando aquele monstro faminto.

O pau de Bryan não era gigante — e nem mesmo o maior que eu já tinha visto —, mas era bem cabeçudo e não devia nada em grossura, o que já era suficiente para intimidar e me deixar com água na boca.

A cabeçona rosada roubou completamente a minha atenção, como se ela tivesse a capacidade de me hipnotizar.

Não esperei por um comando para começar a chupá-lo. Eu queria muito provar, sentir o gosto dele, ansiava por aquele toque e também pela

oportunidade de lhe satisfazer, retribuindo todo o prazer que recebi.

Comecei pela cabeça, que parecia pulsar com meu toque, passando a minha língua com calma, saboreando-a — e, obviamente, provocando um pouco ele, que precisou se segurar para não forçar a minha cabeça contra o seu membro.

Em seguida, finalmente a abocanhei, chupando-a como se fosse um grande picolé de carne — um com sabor de baunilha, o meu preferido —, não deixando nenhum centímetro de fora do alcance da minha língua faminta.

Ele não se controlou, agarrando o meu cabelo. Com bastante força, o CEO pressionou a minha cabeça contra a sua virilha, fazendo com que eu engolissem o seu pau quase por completo, engasgando-me constantemente.

O pênis dele babava demais, fazendo com que eu ficasse toda melecada. Por sorte, eu não era daquele tipo de mulher que tinha “nojinho” de esperma — muito pelo contrário, eu adorava. Cada gotinha expelida de seu cacete, tratava-se apenas de mais uma prova de que eu era muito boa em satisfazê-lo.

Depois disso, parti para aquelas bolas volumosas — e apetitosas —, chupei uma de cada vez, mas de maneira extremamente afobada, soltando uma e já engolindo a outra.

Em certos momentos, parecíamos dois adolescentes, fazendo tudo com pressa, com medo de que um dos nossos pais aparecesse e acabasse com aquela oportunidade. Poderíamos culpar toda a demora por isso também, levou tanto tempo que agora queríamos fazer tudo de uma única vez.

Voltei os meus olhos para cima e, com um olhar pidão, disse, ainda no papel de *“mocinha inexperiente que transa com gostoso dominador”*: — eu quero... muito!

Ele deu aquela risadinha sacana, que já estava se tornando a marca registrada daquela sua nova versão e balançou a cabeça positivamente, antes de responder: — então, pede com jeitinho, sua safada...

Revirei os olhos, tentando buscar uma forma de pedir sem comprometer todo aquele disfarce de sonsa.

Como eu não encontrei uma forma de dizer isso através da “*Vanessa Waller secretária*”, o fiz pela da verdadeira, que ansiava para sentir a picada daquela sua cobra grande: — me fode, seu gostoso...

Por sorte, eu não precisei dizer mais nada — e evitei pronunciar o “*vem aqui comer a sua secretária, seu cachorro safado*”.

Ele sobrepôs o meu corpo com o dele e me prendeu, cercando-me com aqueles braços musculosos e imponentes. Nossos corpos se encaixaram perfeitamente, como se tivéssemos sido projetados para aquilo, como duas peças de lego que se conectavam com perfeição.

Ou então Bryan era realmente o tipo de qualquer mulher, um “*homem universal*”. Eu não sabia qual das duas opções era a correta, mas uma coisa era certa, possuíamos uma química impressionante — e precisei estar em cima de uma cama, com o seu cacete dentro de mim, para ter certeza absoluta disso.

Aquelas duas esferas luminosas despencaram sobre mim. E, por longos segundos, eu fiquei completamente presa na claridade do seu olhar.

Sem nenhum receio, entreguei-me completamente a ele, permitindo com que ele invadisse o meu corpo com força — e de forma bem literal —, fazendo-me sua e tornando-se meu.

Não estávamos apenas ligados através de nossos sexos, parecia ser uma

ligação ainda mais forte. Até mesmo o ar a nossa volta era diferente, mais leve, quente e, estranhamente, mais poderoso.

O loiro mantinha os seus olhos colados aos meus, assistindo a todas as minhas expressões de prazer e isso parecia deixá-lo ainda mais excitado — talvez ele também fosse vaidoso e adorasse comprovar o quanto estava me satisfazendo.

Suas mãos correram em direção aos meus seios. Ele os apertou novamente e aumentou a velocidade de suas estocadas, enlouquecendo-me.

Se eu ainda não tinha certeza de que realmente estava prestes a atingir o êxtase, tive essa confirmação no momento em que os seus lábios se juntaram aos meus e senti todo o meu corpo arder em chamas.

Tudo queimava, mas não havia nenhuma dor — havia apenas prazer.

— Continua... Vai! — foi a única coisa que consegui pronunciar e também a única que veio a minha mente, que não fizesse parte do meu vocabulário “*xulo*”.

Bryan continuou com os seus movimentos brutos, empalando-me com a mesma voracidade de antes. E quanto mais ele me entregava, mais eu queria. Estava completamente faminta por aquela sensação.

Minutos depois, ele começou a dar indícios de que também estava prestes a atingir o orgasmo. Seus movimentos ficaram cada vez mais rápidos e fortes, tornando possível ouvir o barulho dos nossos corpos colidindo.

Depois de morder os lábios, gemendo alto, o loiro safado também chegou “*lá*” e, aparentemente, aproveitou a estadia tão bem quanto eu.

Eu havia, oficialmente, feito Bryan Leal gozar.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 23 — Tempestade

É exatamente como dizem, depois da calmaria vem a tempestade, devastando tudo o que encontra pela frente. Levando ao chão todas as paredes que demoramos a levantar.

Após a minha ótima noite com Bryan, joguei-me ao seu lado na cama e dormimos agarrados, como um verdadeiro casal e isso poderia muito bem indicar que a etapa final do meu plano estava prestes a ser concluída. Entretanto, na manhã seguinte, sem nenhum aviso prévio, fui jogada para a estaca zero — ou algo muito, muito perto disso.

Nós dois levantamos com a claridade em nossos rostos. A primeira coisa que Bryan fez ao abrir os olhos foi inclinar-se em minha direção e me beijar de maneira carinhosa.

Em seu olhar, eu era capaz de enxergar todo o amor que ele nutria por mim. E, por mais que eu ainda não tivesse certeza se realmente o amava, gostava muito dele, o suficiente para que o meu coração disparasse por um simples olhar.

— Você sempre acorda assim tão linda? — comentou o meu loiro preferido, antes de beijar o meu pescoço. Antes que eu pudesse responder, fingindo humildade com um *“eu bonita de manhã? Não mesmo”*, ele tornou a falar: — se for um sim, quero acordar todos os dias assim, do seu lado.

Retribuí as suas palavras com um beijo quente e, se não fosse por um barulho alto fora do quarto, teríamos começado a nossa segunda vez, que tinha tudo para ser ainda mais gostava do que a primeira.

Ele se afastou, deixando o quanto e indo verificar quem havia chegado

NACIONAIS-ACHERON

— provavelmente, algum membro de sua família. Eu só esperava que não fosse a mãe dele, pois não me sentia completamente preparada para lhe passar uma boa primeira impressão.

Três minutos depois, Bryan voltou para o quarto e, como já conhecia bem o seu humor do tempo em que era a sua secretária, notei um pouco de estresse em sua expressão facial.

Definitivamente, não podia ser uma coisa boa.

Ele sentou-se na cama ao meu lado.

— Tenho que te contar uma coisa... — começou ele, com um olhar bem sério, fazendo com que eu me assustasse, imaginando a bomba que ele jogaria em minhas mãos. — Se lembra daquele nosso jantar, quando você me perguntou sobre os meus familiares próximos?

— Se você tinha algum irmão ou irmã? — completei, ainda não entendendo onde ele queria chegar. Como o clima estava tenso demais, tentei descontraí-lo com uma brincadeira: — e você disse que era só você, comprovando o quanto é mimado...

Depois de alguns segundos em silêncio, ele prosseguiu: — eu menti sobre isso, Vanessa... Na verdade, eu tenho um irmão mais velho.

Toda aquela tempestade em um copo d'água era porque ele tinha um irmão e havia mentido sobre isso? Não queria nem pensar quando ele soubesse das minhas mentiras.

— Não temos uma boa relação e eu não queria entrar nesse assunto e estragar o clima naquele dia.

Balancei a cabeça, antes de dizer, mostrando a ele que compreendia: — tudo bem, seu bobo... tem coisas que não conseguimos falar sem estarmos

preparados.

Ele suspirou fundo, sorrindo, antes de completar: — é que ele, pro algum motivo, apareceu aqui e está lá na sala, mesmo sabendo que eu usaria essa casa nesse final de semana. — Bryan revirou os olhos, expressando toda a raiva que devia sentir do irmão. — Enfim, eu quis te contar porque se a gente brigar, o que, provavelmente, vai acontecer, você já estará bem ciente do motivo.

— Que é? — indaguei, tentando extrair mais informações sobre a rixa entre os irmãos Leal.

— Basicamente, o fato de ele ser um babaca insuportável — respondeu Bryan, deixando-me ciente de que não deveria tentar cavar essa história, não antes de ele sentir-se pronto para me contar por contra própria, como havia acabado de acontecer, em parte. — Mas eu vou parar de te encher com essa história... e voltar exatamente para o que estávamos fazendo.

Antes que ele tivesse a chance de cumprir com isso, o barulho da porta do quarto roubou a nossa atenção. O meu olhar — e o do loiro ao meu lado — voou em direção ao homem moreno que surgiu ao lado da porta.

— E não é que o maninho desencalhou mesmo — disse o rosto e voz familiar, fazendo com que o meu estomago sofresse com várias pontadas consecutivas. O cara era, basicamente, o “*moreno desconhecido*” que encontrei no “*Karaokê Bar*”, o mesmo que me pagou a bebida mais cara daquele lugar. Os olhos dele seguiram em minha direção e, pelo sorriso que se formou em sua face sarcástica, eu soube que ele havia me reconhecido. — E muito bem por sinal...

Bryan pegou o edredom e me cobriu rapidamente, antes de caminhar em direção a porta, dizendo em um tom bem alto: — saí daqui agora,

Christopher!

O morenos dos olhos cinzentos o desafiou, dando mais alguns passos, entrando de vez no quarto.

— Não vai nem me apresentar a namoradinha, irmão? — Depois de um sorriso, um que me lembrou o exato momento em que sentei-me em seu colo naquele bar, ele completou: — se bem que isso nem é necessário, eu já conheço ela... e como eu conheço.

Após deixar essas palavras venenosas no ar, Christopher — esse era o nome do infeliz que agora me fazia sentir nojo por já ter beijado —, saiu do quarto, abandonando-me ali com o irmão e um clima que nem mesmo eu e toda a minha bagagem em manipulação poderia consertar.

FIM.

O IRMÃO DO CEO — LIVRO 2

O irmão do CEO

SÉRIE CEO - LIVRO DOIS

ANNE MILLER

Capítulo 01 — O Sabor da Vitória

Despertei com beijos em meu pescoço e, automaticamente, fiquei completamente animada para o dia que acabara de começar. Com os meus olhos fechados, aproveitei um pouco mais daquela sensação maravilhosa. Bryan — que reconheci pelo toque inconfundível da barba — adorava me acordar dessa maneira carinhosa sempre que eu passava a noite em seu apartamento.

— O que é que eu tenho que fazer pra ter você assim, na minha cama todos os dias? — questionou ele, no instante em que eu abri os meus olhos para apreciar o seu belo rosto. Sem nem me dar uma chance de responder, ele completou: — eu faria qualquer coisa pra acordar sempre do seu lado...

— Bom dia pra você também — eu o interrompi, sorrindo, em uma tentativa de me esquivar daquele assunto chato, que sempre tornava os nossos dias ensolarados em tempestuosos. Mas ao notar a expressão em seu rosto, optei por voltar e encarar aquilo de frente. — Nós já conversamos sobre isso, amor.

Ele, simplesmente, levantou-se da cama, dando-me as costas, sem nem me beijar devidamente — daquela maneira fogosa que eu aprendi a amar —, o que, pra mim, era quase um insulto da sua parte.

Essa reação de Bryan fez com que eu corresse em direção a ele, na esperança de resolver aquele problema bobo de uma vez por todas. O meu namorado já estava sentado na mesa da cozinha, colocando um pouco de café preto em sua xícara vermelha — um presente meu, pois ele sempre dizia que quando pensava em mim, essa era a primeira cor que vinha a sua mente.

Aproximei-me, sentando ao seu lado e o observei em silêncio, pensando exatamente na maneira com que o convenceria a parar de focar na mesma tecla. Na maior parte das vezes, eu sempre conseguia domá-lo bem, mas, nos últimos dias — principalmente quando esse assunto voltava a nos incomodar —, Bryan conseguia escapar do meu laço e sempre que eu tentava recuperá-lo, ele agia como uma espécie de cavalo arreado, dando coice em tudo o que se aproximava.

O CEO estava sem camisa, usando apenas uma cueca celeste, como se ele a tivesse escolhido para combinar com o azul de seus olhos. Esse mesmo detalhe fez com que eu percebesse que da mesma forma que a cor vermelha me representava para ele, a azul o simbolizava para mim.

E ter aquela visão — quase de um deus grego — bem a minha frente, sujo de manteiga, fez com que eu constatasse que se não fosse sábado de manhã, eu poderia facilmente acertar as coisas com um bom sexo matinal, já que os nossos melhores momentos costumavam acontecer pela manhã — quando nós dois acordávamos dispostos e famintos.

— Biel... — disse, levando a minha mão em direção a dele. Acariciando os seus dedos, eu prossegui com a minha tentativa de solucionar tudo: — nós podemos conversar?

O apelido de Bryan era “*Biel*”, devido ao seu segundo nome, “*Gabriel*”, todos de sua família e amigos mais próximos o chamavam dessa maneira. E, como o meu convívio com eles aumentou muito nos últimos meses, passei a me referir a ele assim também.

Ele se virou em minha direção, respondendo de maneira bem seca: — e, por acaso, você vai me deixar falar dessa vez?

Precisei me controlar para não revirar os olhos e, principalmente, para

não deixar algum comentário maldoso escapar dos meus lábios.

Detestava todo aquele drama desnecessário — definitivamente, isso não combinava com Vanessa Waller.

Até porque da maneira com que ele falava, era como se eu não o ouvisse ou fosse indiferente a sua opinião sobre o assunto, o que não era verdade — pelo menos, não completamente, da forma com que ele sempre fazia parecer.

Eu não era a dama de gelo, insensível e egoísta — não vinte e quatro horas por dia.

Mas, para evitar mais dor de cabeça desnecessária, simplesmente, balancei a cabeça e o encarei com um olhar de: *“pronto, pode falar agora, criatura!”*.

— No dia vinte, nós vamos completar oito meses de namoro e quase dois de noivado... — começou Bryan, com um assunto que eu já sabia muito bem onde terminaria. — O que estou tentando dizer, é que se você vir morar aqui comigo não será uma coisa repentina ou apressada... não da maneira com que você sempre faz parecer.

Diferente do que o meu noivo — e todas as outras pessoas de sua família — pensava, tudo o que eu mais queria era deixar o minúsculo apartamento de Bianca e passar a morar com ele, usufruindo daquela maravilha de lugar e seus luxos por todos os dias.

Mas, infelizmente, eu não podia aceitar por motivos maiores.

— A sua mãe vai me odiar e você sabe muito bem disso — destaquei esse detalhe, mais uma vez, como se fosse o único motivo que me fizesse recuar.

Bryan rebateu, roubando um sorriso de mim: — ela adora você, Vanessa.

Eu adorava quando ele se fazia de bobo, como se realmente acreditasse nas coisas que estavam deixando a sua boca. A Sra. Leal, como a maior parte das mães, não achava que existia uma nora a altura de seu filho — ou melhor, a altura dela — e isso dificultava muito a minha vida.

Aquela “*velha maldita*” — a maneira com que eu me referia mentalmente a mãe de Bryan — não conseguia me enganar, ela apenas me tolerava. Para ela, eu — ou, melhor, a pessoa que eu transparecia ser — era a opção “*menos pior*” para o CEO.

— Ela gosta de mim, justamente porque sabe que eu não aceitaria algo assim, não antes do nosso casamento — expliquei, tentando fazê-lo finalmente compreender o meu lado em toda aquela história. Balancei a cabeça, não acreditando que estávamos, outra vez, discutindo sobre aquilo. — Até quando vamos ficar nos desgastando por causa disso?

Daquela sua maneira bem marrenta — uma que eu só fui conhecer depois dos nossos primeiros meses de namoro —, ele respondeu: — Quando você estiver morando aqui comigo... onde é o seu lugar.

Em um resuminho: não resolveríamos porcaria nenhuma.

E, ciente disso, aproximei-me de onde ele estava sentado e o beijei, enquanto acariciava a sua cabeça, sentindo os seus cabelos dourados por entre os meus dedos.

Eu adorava amansar aquela fera.

Quando nos afastamos, ele estava me encarando, ainda com a expressão marrenta, mas com um sorriso — uma consequência do beijo — e,

de certa forma, soube que ainda tinha chances de contornar tudo aquilo, ainda pela manhã.

— Eu odeio brigar com você — disse, enquanto olhava dentro de seus profundos olhos azuis. — Mas enquanto você focar nesse assunto bobo, vamos continuar brigando.

Levantei-me da cadeira e caminhei até o armário, buscando pela minha xícara preferida — uma cor de rosa com bolinhas brancas. Geralmente, Bryan me servia — às vezes, fazia até torradas e me levava no quarto —, mas como estava com raiva de mim, evitou fazer qualquer coisa que me agradasse.

— Só pra constar, se você não fosse tão mimado, poderíamos estar usando esse tempo pra transar bem gostoso... mas não, nós estamos aqui, brigando por uma coisa idiota e falando sobre a sua mãe — fiz questão de dizer, mesmo sabendo que não poderíamos fazer nada ou nos atrasaríamos, ainda que aquela DR ridícula não tivesse acontecido.

Em menos de um minuto após eu soltar aquela frase no ar, Bryan aproximou-se de onde eu estava e me abraçou por trás, envolvendo o meu corpo com os seus braços fortes e protetores. Ao sentir os seus lábios em meu pescoço, em um beijo bem molhado e gostoso, por alguns segundos — mesmo que por bem poucos —, eu cogitei a ideia de puxá-lo em direção ao quarto ou, simplesmente, despir-me ali na cozinha mesmo e agarrá-lo da maneira louca com que costumávamos agir quando estávamos sozinhos e excitados.

No entanto, infelizmente, uma voz extremamente irritante — também conhecida como “*consciência da Vanessa*” — gritou do fundo da minha mente.

“*Nem pense nisso, sua vaca egoísta*”, dizia ela, lembrando-me de

como Bianca costumava assumir esse papel quando estávamos em seu apartamento, antes de acabar com qualquer possibilidade que me animasse.

Se nos atrasássemos em nosso período de voluntários, quem pagaria o pato seriam as crianças, que esperaram a semana inteira por aquele dia — o único em que elas realmente deviam se divertir naquele lugar — e o perderiam pelo fato de eu e Bryan estarmos “*brincando*” sozinhos.

Eu não lembro quando me tornei uma mulher que se preocupava com o que crianças irritantes achariam ou não do meu atraso, mas, ainda sim, alguma coisa me impedia de tentar ceder as minhas vontades mais egoístas. Talvez eu estivesse mudando ou só estivesse com bastante fome mesmo e não estava pensando direito — o que, sinceramente, era a opção mais provável.

Virei o meu rosto em direção a ele e, encarando-o com um sorriso repleto de malícia, disse: — se você deixar essa marra de lado, talvez eu te faça uma surpresa hoje à noite.

Interessado em minhas palavras, ele indagou: — que surpresa?

Ainda com aquele sorrisinho safado no rosto, eu respondi com a voz mais sexy que consegui pronunciar no momento: — se comporte e você saberá, garotão!

Ele ficou parado me encarando com um olhar sacana, como se estivesse tentando me comer com os olhos. E sabendo onde isso daria — basicamente, em uma Vanessa sem roupa, gemendo em cima da mesa da cozinha —, fiz questão de quebrar essa ligação — mesmo com um dorzinha no coração —, voltando até a mesa para finalmente tomar o meu café da manhã.

Por mais que ele ainda estivesse calado, eu sabia que estávamos bem e,
NACIONAIS-ACHERON

principalmente, que essa nossa noite seria bem quente — como de costume.

Engoli a minha torrada em duas mordidas e voltei para o quarto, para terminar de me arrumar. Bryan fez o mesmo, usando as roupas que ele tinha para momentos de lazer, que não envolviam nada que pudesse ser complementado por um paletó ou gravata.

— Eu adoro esse seu moletom — disse, lembrando-me das várias vezes em que o usei pelo seu apartamento. Além de quentinho, vinha com o cheirinho do perfume de Bryan, o que o tornava ainda mais perfeito. Voltei o olhar para baixo, mais especificamente para a calça cinza que ele estava usando e, dessa vez, não consegui nem mentir: — mas eu odeio essa calça... e se morasse aqui, jogaria ela fora quando você não tivesse vendo.

Ele se virou e balançou a cabeça, como se estivesse prestes a dizer um “*que feio, Waller!*”.

— Então, pense muito bem antes de dizer que me quer aqui no seu apartamento em tempo integral — continuei brincando com um assunto que havia nos desgastado mais cedo.

Lá no fundo, eu não estava só brincando, tinha um motivo bem específico — como quase todas as coisas que eu fazia. Além de realmente odiar a calça, eu queria que Bryan parasse de me encher com aquele assunto, pois a cada um de seus convites, era mais um sofrimento para eu dizer “*não*” para algo que eu queria muito dizer “*sim*”.

— Já pensou sobre aquela vaga no setor de *marketing*? — disse Bryan, antes de entrarmos em seu carro.

Ele, basicamente, havia me devolvido a indireta, com outro assunto do qual eu não queria falar.

Quem disse que tiro trocado não doía?

— Meio que já faz uma semana que conversamos sobre isso — continuou o meu noivo, quase que exigindo uma resposta da minha parte.

Depois de me sentar no banco do carona e fechar a porta, o loiro virou o pescoço, me encarando, provavelmente, esperando a minha resposta para a pergunta que ele havia feito.

E, mais uma vez, eu seria obrigada a ter que dizer não para uma coisa que queria desesperadamente.

O universo realmente era um lugar muito injusto.

Você dava o golpe e não podia desfrutar dos benefícios.

Eu plantei o meu plano direitinho, mas só estava colhendo frutos podres.

— Há cerca de um ano, quando eu ainda trabalhava de copeira na Leal, você me disse que não tinha nenhuma vaga no setor de *marketing*... — eu o lembrei desse detalhe importante. — E, agora, simplesmente, abre uma vaga de supervisora nesse setor, mesmo com todos os cortes recentes? Não subestime a minha inteligência, Biel.

Antes que ele surtasse com tantas negativas em um único dia, completei: — eu agradeço de coração, mas não quero tirar vantagem da sua posição por lá, amor...

Na verdade, tudo o que eu mais queria era tirar vantagem por ser a noiva do CEO da Leal Corp. Mas, infelizmente, eu não podia fazer isso por causa daqueles “*motivos maiores*”. Até que certa pessoa aparecesse, eu continuaria dizendo “*não*” para tudo de bom que ele me oferecesse.

Ainda tentando sustentar aquele meu ponto de boa moça que não
NACIONAIS-ACHERON

estava interessada em nada que viesse dele, eu continuei a dizer: — sabemos que se eu fosse uma pessoa qualquer, nunca teria essa oportunidade...

— Essa é a questão, você não é uma qualquer, é a minha mulher, porra! — retrucou ele, antes de girar a chave, ligando o carro. Sem olhar para mim e possesso de raiva, Bryan completou: — O fato de você não me deixar te pagar uma droga de sorvete, me irrita pra cacete, Waller.

Bryan era todo politicamente correto e dificilmente falava algum tipo de palavrão — com exceção de quando estávamos na cama, onde ele realmente se transformava —, isso só ocorria em ocasiões em que ele já havia explodido.

De forma hesitante, antes que ele pudesse pisar no acelerador e nos tirar dali, eu abri a porta do carro, dizendo: — eu também não vou aceitar a sua carona, vou de ônibus para o orfanato.

Desci do carro, obviamente, fazendo um drama — bem desnecessário, por sinal. Por mais que odiasse drama, ainda sim, eu era, definitivamente, uma pessoa dramática — o que significava que eu só não gostava quando isso partia de outras pessoas.

O meu namorado desligou o carro e me seguiu, afastando-se do veículo, como se fosse me bater — o que eu tinha certeza que não aconteceria. Ao observá-lo se aproximar de onde eu estava, pude notar em sua face que não teríamos a melhor das conversas.

No entanto, tudo o que ele fez foi me agarrar, tirando-me do chão com força e me carregar de volta para o seu carro. Dessa vez, ele não queria brigar, simplesmente, colocou-me de volta no banco do carona, contornou o automóvel e voltou para o assento do motorista, antes de girar a chave e dar partida no carro.

E, nesse instante, eu saboreei mais um pouco do gosto peculiar da minha vitória e constatei — mais uma vez — o quanto esse sabor era amargo, completamente intragável. A minha operação CEO foi um completo sucesso, mas ainda estava muito longe para que eu atingisse o meu objetivo e conseguisse finalmente todo o luxo e conforto pelo qual eu tanto batalhei.

Capítulo 02 — Naquela Noite

Dez meses antes

Após o cretino do Christopher — que, por sinal, era irmão do meu alvo — atirar aquela bomba em cima da minha cabeça, ele, simplesmente, deixou o quarto, obrigando-me a dividir todo aquele clima tenso com Bryan, que mantinha os olhos queimando o meu rosto, a espera de uma explicação da minha parte.

“*O que eu devo fazer ou dizer?*” eu tentava raciocinar, gritando com o meu inconsciente, extremamente desesperada por uma solução. “*Existe alguma coisa que possa me livrar dessa situação?*”.

Lá no fundo — por mais que eu ainda não quisesse admitir —, eu sabia que só havia duas opções, não precisava nem do meu subconsciente para constatar isso.

A primeira delas era, basicamente, contar a verdade da forma mais clara e direta possível, relatando exatamente o que havia acontecido durante os minutos em que passei com Christopher no “*Karaokê Bar*” e, certamente, aceitar que Bryan me daria um chute tão grande ao ponto de eu não precisar nem de carona para voltar à cidade.

Ou então, fazer-me de desentendida com uma atuação digna de Oscar na categoria de “*Melhor Atriz*”, negando tudo e torcer para que o irmão dele desaparecesse magicamente, antes de contar a Bryan a sua versão dos fatos — incluindo aquela em que eu, praticamente, me sentava em cima do seu pinto.

NACIONAIS-ACHERON

Eu também estava ciente de que nenhuma das duas era boa, mas, ainda sim, eu precisava escolher uma delas. E, por mais que eu fosse uma pessoa muito cara de pau, optei por aquela opção que me desse uma chance de, pelo menos, fugir da linha de frente do confronto.

— Eu... — Enfiei na minha cara a expressão mais chocada que consegui encenar e o encarei como se tivesse perdido até as palavras. — Eu não faço a mínima ideia do que ele estava falando — continuei, tentando colocar uma expressão em meu rosto condizente com a situação e tentar não soar de maneira forçada. Desviei o olhar e, depois de alguns segundos em silêncio, caminhei até a porta, de forma decidida, como se a verdade estivesse do meu lado, dizendo: — eu vou lá falar com ele e tirar toda essa história a limpo agora...

Por sorte, Bryan caiu na minha arapuca como um passarinho bobo e aproximou-se de onde eu estava, puxando-me pelo braço, antes de dizer, impedindo-me de deixar o quarto: — Vanessa... deixa isso pra lá, não vale a pena. Christopher só quer me irritar, você não tem nada haver com toda essa história, foi só a maneira que ele encontrou para fazer isso.

Balancei a cabeça, concordando com ele e, no fundo, torcendo para que Bryan realmente não estivesse desconfiado de mim, que o seu irmão idiota não tivesse plantado uma sementinha da discórdia em nosso relacionamento que estava respirando com a ajuda de aparelhos.

Felizmente, eu não tornei a cruzar com Christopher e devia isso ao tamanho da propriedade, você conseguia facilmente se perder lá dentro. Bryan também fez o máximo de esforço para manter-se o mais longe possível do irmão mais velho. Mas a sua simples presença conseguia afetar o loiro e isso era bem evidente, estava aparente em sua expressão, na maneira como a sua voz soava e até mesmo no clima de tensão que nos envolvia.

O nosso final de semana foi completamente arruinado por aquele desgraçado. De um lado, Bryan segurava-se a todo instante para não avançar sobre o irmão que ele nem fazia questão de disfarçar o quanto odiava. E de outro, eu estava vivendo sob uma espécie de perigo constante, pois a cada segundo do dia, era como se Christopher fosse aparecer de surpresa e me desmascarar para o CEO.

Como o dia foi cansativo e estressante, Bryan não teve dificuldade nenhuma para dormir. Dessa vez, apenas deitamos um ao lado do outro na cama e conversamos sobre coisas aleatórias, comentando qualquer assunto que não envolvesse aquele certo alguém do qual nenhum de nós queria falar.

A parte boa foi que, mesmo em meio a toda aquela situação desconcertante, o meu antigo chefe mostrou-se bastante carinhoso comigo, fazendo questão de deixar claro — através de seus beijos e carícias — o quanto me queria ali do lado dele.

Ele apagou completamente, com a cabeça apoiada em meu braço esquerdo. Quando eu constatei isso, levantei-me de fininho e deixei o quarto, partindo a procura do infeliz que ameaçava todo o meu plano.

Por sorte — ou, talvez, muito azar mesmo —, não precisei ficar andando muito pela casa para encontrá-lo.

Christopher estava em um dos quartos, o localizei graças ao barulho alto da sua televisão ligada. A parte mais estranha era que a porta estava entreaberta, como se o irmão de Bryan estivesse me esperando.

Ele ainda estava acordado e — como eu já havia percebido — não ficou nenhum pouco surpreso quando entrei em seu quarto, esforçando-me ao máximo para disfarçar o olhar mortal em minha face.

— Nossa... você já se cansou e decidiu trocar de irmão? — debochou

NACIONAIS-ACHERON

ele, irritando-me completamente pelo simples fato de abrir a boca. Ao notar que eu não responderia ao seu insulto, o babaca prosseguiu com as provocações: — se for isso... desculpe, mas eu não estou interessado.

Respirei fundo, buscando por uma paciência que eu não possuía e também tentando não ganhar um corpo daquele tamanho para enterrar no meio da noite.

Eu, definitivamente, não poderia ferrar com as coisas nas semifinais.

A medalha de ouro seria minha.

— Eu... eu vim me desculpar... — respondi, enquanto aproximava-me da cama. — Desculpe por fingir que não te conhecia mais cedo. — Sentei-me ao seu lado na cama e deposei a minha atenção sobre os seus misteriosos olhos cinzentos. — Bryan me contou que vocês não se dão muito bem e eu não queria que aquela nossa noite no karaokê o chateasse.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse concordando com as minhas palavras e isso me aliviou ainda mais, dando-me forças para continuar com aquela conversa e fantasiar que eu realmente poderia ganhar o jogo, que poderia fazer com que Christopher ficasse do meu lado, em uma ótima relação de “irmãos” — uma coisa da qual ele parecia não possuir nem com quem realmente fazia parte da sua família.

— Não tenho ideia do motivo da rixa entre vocês dois, mas eu não quero fazer parte disso, Chris... — Depois de dizer o “Chris” em um tom simpático, eu sorri pra ele, totalmente amigável, antes de continuar: — eu quero que a gente se dê bem, pois eu tenho certeza que você é um cara bem legal.

Depois de alguns segundos em silêncio, como se realmente estivesse comprando a minha atuação, Christopher respondeu, quase gargalhando: —

NACIONAIS-ACHERON

já terminou com todo esse seu teatrinho de boa moça? Se já, você não me convenceu, amor... até porque eu não menti lá embaixo. Eu te conheço. Já lidei exatamente com esse teu tipinho várias vezes, não sou tão estúpido quanto o Bryan. — Com os olhos me fuzilando e realmente me deixando vermelha de raiva, ele concluiu: — vai ter que se esforçar mais um pouco pra me enganar, docinho.

— Eu não...

— Eu sei que você, provavelmente, deve achar que vai se dar bem ficando com ele... — Ele começou a rir, interrompendo as próprias palavras, logo após interromper as minhas. — Mas eu vou te contar um pequeno segredo sobre o meu querido irmãozinho. Bryan é tão falso quanto essa sua máscara de boa samaritana. No final das contas, ele vai te destruir tanto que o dinheiro que você ganhar não vai valer a pena.

Eu, definitivamente, não o chamaria mais de “*Chris*”.

Antes que eu pudesse perguntar mais a respeito deste “*Bryan falso e vilão da novela das nove*”, Christopher completou: — não se preocupe comigo, vou guardar teu segredinho por enquanto... Agora, se você não for tentar me ganhar de outra forma, já pode sair do meu quarto.

Capítulo 03 — Meses de Garantia

Quando o período da manhã chegou ao fim — e com isso o meu de voluntária também —, eu fiz com que Bryan me levasse direto para o apartamento de Bianca, mudando completamente os nossos planos para a tarde.

Eu não estava com a mínima vontade de acompanhá-lo em uma visita a casa nova de um casal de amigos dele — não enquanto aquela expressão de criança mimada continuasse cobrindo o seu rosto — e ele também não ficou insistindo muito para que eu fosse.

E, como ainda não estávamos tão bem, ele não fez questão de entrar, deixando-me na frente do prédio, nem mesmo abrindo a porta do carro para mim — como aquele seu lado cavalheiro geralmente o obrigava a fazer.

No entanto, no momento em que eu empurrei a porta e a minha amiga partiu em minha direção com um boleto na mão, como se estivesse tentando me degolar com aquele pedaço de papel, eu o agradei mentalmente por isso.

— TRÊS MIL REAIS, VANESSA! — gritou ela, no instante em que me avistou passar pela porta. E, ainda com aquele pedaço de papel cheio de códigos de barra, provavelmente, a conta do seu cartão, Bia prosseguiu: — você gastou três mil reais no meu cartão de crédito, sua vaca.

Eu sabia que tinha usado um pouquinho a mais do que havia planejado — e contado a Bianca —, mas não tinha ideia de que o *“pouquinho a mais”* somariam juntos toda aquela absurda quantia de dinheiro.

— É que esse mês eu tive alguns jantares e fui duas vezes ao salão com a mãe do Bryan — comecei a falar, tentando explicar o inexplicável. — Eu...
NACIONAIS-ACHERON

eu...

— Você finalmente está noiva da porcaria do CEO, o cara da grana que você batalhou pra passar a perna e meter um golpe, mas, ainda sim, está aí, totalmente falida — disse Bianca, interrompendo-me, com uma voracidade incomum. Ela adorava jogar na minha cara o quanto eu era quebrada, eu até havia me acostumado com isso. — Ou melhor, eu estou falida. Durante todos esses meses, você secou tudo o que eu tinha guardado em minha conta bancária e agora está fazendo contas das quais eu nem tenho dinheiro pra pagar.

Infelizmente, mesmo eu odiando admitir isso, a minha amiga estava com toda a razão. Minha operação estava finalmente concluída, mas, mesmo assim, eu permanecia na estaca zero, tão quebrada quanto no tempo em que eu comecei a planejá-la, pedindo dinheiro emprestado para comprar uma porcaria de tinta de cabelo.

— Eu não posso aceitar nenhum centavo dele, você sabe muito bem disso... — comentei, lembrando-a do exato e infeliz motivo pelo qual eu ainda estava morando no apartamento dela. — Tudo o que eu mais queria era poder morar com ele, aceitar os presentes caros que ele vive me oferecendo, mas...

— Então, aceitei e pague a droga da conta do meu cartão de crédito! — A voz dela soou ainda mais séria que da última vez, realmente me assustando. — Já se passaram quase nove meses desde que aquele cara foi embora pra uma viagem idiota, *ele* não vai mais voltar pra te destruir.

Não pude deixar de rir com toda aquela ingenuidade de Bianca. Ela, obviamente, não tinha nenhuma noção de mundo — não do meu, pelo menos — e só por isso se permitia fantasiar coisas assim.

Com toda a certeza do universo — que, assumidamente, não ia muito com a minha cara —, ele voltaria e, sem dúvida alguma, faria de tudo para destruir a minha relação com Bryan, acusando-me aos quatro cantos de só estar lá pelo dinheiro — o que, sim, era verdade em parte.

— Christopher só não me desmascarou no dia em que me viu com Bryan, há dez meses, porque ele sabia que, naquele momento, não doeria tanto para o irmão, pois havíamos acabado de começar a nossa relação — fiz questão de deixar isso bem claro para ela, tentando esclarecer que o irmão do meu noivo era ainda mais maligno do que eu. — E, agora, com o nosso casamento marcado para o ano que vem, eu tenho certeza que ele vai aparecer e tentar me derrubar com força, gritar bem alto para todos os lados que eu sou uma vadia interesseira. E esse é o motivo pelo qual eu não aceitei mais nada do Bryan desde que começamos a namorar e, graças a todo esse esforço, agora eu tenho dez meses como prova de que eu não quero o dinheiro dele.

Ela continuava me encarando como se a solução fosse óbvia e só eu não fosse capaz de enxergar.

— Então, você já tem todo esse tempo...

Revirei os olhos e prossegui, mais uma vez, tentando fazê-la raciocinar junto comigo: — eu não posso começar a pedir dinheiro pra ele, não antes do Christopher voltar e tentar sujar o meu nome, você sabe bem disso...

— Tudo o que eu sei, é que você vai pagar esse boleto aqui e começar a depositar de volta cada centavo que tirou da minha poupança — respondeu ela, antes de se afastar, caminhando em direção à cozinha. E, de lá, ela gritou mais uma vez, repetindo: — CADA CENTAVO!

A pior parte era que eu não conseguia nem ficar com raiva de Bianca. Eu realmente havia extrapolado, pegando dinheiro dela para pagar todos os

meus passeis com Bryan e a sua família, bancando a mulher independente.

A minha amiga estava em sua completa razão, mas reconhecer isso também não me ajudava em nada.

Eu precisava muito de dinheiro, mas não poderia pedir diretamente para o meu noivo, pois — além de estranho — poderia acabar com todo o meu esforço em erguer aquela imagem de “*mulher que odeia ser sustentada*”.

E isso me deixava com apenas uma alternativa, uma que eu também não gostava nenhum pouco, mas que estava sendo obrigada a usar.

Mesmo sem nenhum planejamento quanto a essa decisão — bem duvidosa — que havia acabado de tomar, eu peguei o meu celular dentro da bolsa e, de forma extremamente hesitante, liguei para o meu noivo, torcendo para não estar me precipitando naquele passo.

Diferente de quando estávamos bem, Bryan não atendeu o telefonema com um “*oi meu amor*” ou “*fale, Waller*”.

As primeiras palavras dele pareceram uma espécie de “*volume 2*” da nossa discussão da manhã.

— Se você ligou pra...

— Eu aceito, O.K? — disse, interrompendo-o de maneira bruta, mas com uma voz que pedia por paz. Antes que ele pudesse pensar que eu estava me referindo a ir morar com ele, reformulei a minha frase: — pensei bem sobre tudo o que me disse mais cedo e percebi que você está certo, que eu não devo levar isso de forma tão extrema. Eu aceito a vaga no setor de *marketing*.

Eu havia tornado a minha extrema necessidade de dinheiro ser sobre

Bryan, basicamente, sobre eu estar cedendo a uma das vontades dele.

Só estava torcendo para não acabar presa na minha própria teia de aranha, colada em todas as mentiras que vinha contando nesses últimos meses.

Capítulo 04 — Novo Cargo

Ainda que eu não tivesse dito um “*eu aceito ir morar com você*”, Bryan ficou bem animado e, em poucos dias, toda a sua marra se desfez completamente e a maior prova disso foi que em minha primeira noite em seu apartamento após a resposta positiva, fizemos uma “*sex tour*” por todos os cômodos, batizando vários lugares em que ainda não havíamos “*feito*”.

Eu ficaria com uma função relacionada ao *marketing*, mas nós concordamos que eu não deveria assumir um cargo de liderança — como ele havia me proposto antes —, já que isso, automaticamente, faria com que ele tornasse a ser o meu chefe.

Por mais que a ideia fosse bastante excitante, no sentido bem literal da palavra — principalmente agora que nós dois realmente transávamos, diferente do meu tempo de secretária —, não seria muito legal e, talvez, nem bem visto pela cúpula da Leal Corp.

E também porque eu, obviamente, não possuía experiência suficiente para algo assim — até mesmo o meu ego inflado reconhecia isso —, por mais que conhecesse bastante sobre a empresa, devido a todas as conversas de trabalho que tinha com o meu noivo.

Sendo assim, eu peguei a vaga de uma auxiliar qualquer e teria que responder a outra pessoa que não fosse Bryan — basicamente, a pessoa que assumiria ou continuaria no cargo que o meu noivo entregaria para mim.

Só me conformei por não estar voltando lá como a grande “*chefona*”, porque enxergava o emprego como algo bem temporário, que duraria, no máximo, até o dia seguinte ao em que eu me livraria de Christopher. Depois

disso, sem dúvida alguma, começaria finalmente a aproveitar todos os benefícios de ser a mulher do dono de tudo aquilo.

Em menos de uma semana depois que eu disse o “*sim*”, já voltei a trabalhar na Leal. Como eu odiava voltar para certos ambientes — já que isso fazia parecer que a minha vida estava andando de costas —, obviamente, não estava tão feliz quanto aparentava estar na presença de Bryan.

No entanto, eu precisava de uma forma de sustento — sem que fosse Bianca —, pelo menos, até que o irmão do CEO voltasse e tentasse me desmascarar, cumprindo com a agenda do mal que eu sabia que ele possuía.

Esse sentimento de queda — consequência do meu orgulho ferido — era amenizado sempre que eu olhava para trás e constatava o quanto havia crescido em pouco mais de um ano.

Fui de copeira à secretária e, logo em seguida, tornei-me a noiva do meu antigo chefe e agora voltava em um cargo prestigiado, como a protagonista de um novelão mexicano que estava prestes a se vingar de todos aqueles que a destratarem no tempo de vacas magras.

No final das contas, talvez eu não estivesse andando para trás, mas voltando por conta própria para mostrar a todos aqueles fofoqueiros de plantão o quanto eu estava bem, completamente poderosa e inalcançável em seu salto.

Pelo menos, eu optei por enxergar as coisas nesse ângulo.

Fiquei no sexto andar do prédio, com uma sala enorme — que devia dar cinco daquela salinha que eu tinha para fazer o café —, prestigiada com uma vista maravilhosa.

Mas nos primeiros dias, eu não fiquei muito dentro dela.

Eu precisei ser a sombra do supervisor da equipe de *marketing*. O nome dele era Renato, já tinha uma certa idade — de empresa e vida, diga-se de passagem —, algo em torno de cinquenta e poucos anos e parecia ser um cara legal, ainda que do tipo que adorava subestimar uma mulher em uma posição de poder.

Ele me explicou a forma com que o *marketing* trabalhava dentro da Leal Corp e me deu algumas dicas, destacando as coisas que eu não deveria fazer, como se eu fosse algum tipo de criança estúpida que precisava de uma babá, dizendo-me a todo instante que não deveria me pendurar na janela.

— A Leal Corp oferece serviços de aposentadoria privada — comentou ele, tentando ignorar ao máximo o fato de que eu era mulher do CEO e que já deveria saber de muita coisa a respeito da empresa do meu noivo. Balancei a cabeça, tentando não parecer debochada, deixando-o continuar com a sua explicação desnecessária: — e, nesse momento de crise do país, nós estamos crescendo ainda mais, pois as pessoas não estão mais confiando na aposentadoria convencional, entende?

Sem muita paciência para toda aquela “*tour de coisas óbvias*” liderada pelo meu novo chefe, respondi: — resumindo, vocês, a equipe de *marketing*, basicamente, se aproveitam das dúvidas dos brasileiros em relação ao próprio governo e estabilidade de programas sociais, para tentar ganhá-los como clientes.

Eu adorava surpreender pessoas, principalmente as que no fundo deviam duvidar da minha capacidade e me resumir a apenas “*a mulherzinha de alguém lá do topo*”, ignorando toda a minha formação e qualificação para o cargo.

E Renato — como eu havia dito —, por mais que transparecesse ser um cara tido como “*gente boa*”, era o típico executivo que devia pensar que

NACIONAIS-ACHERON

as mulheres dos donos não deveriam se meter em negócios dos quais não compreendiam — mesmo elas compreendendo muito bem, até mais do que muitos deles usando ternos e gravatas como se fossem armaduras de aço, tornando-os mais qualificados para uma batalha.

No entanto, eles adoravam ter uma mulher como copeira na empresa — e eu era a maior prova disso —, carregando a bandeja com o café de sala em sala, disparando “*senhor*” pra lá e “*senhor*” pra cá.

Homens, definitivamente, gostavam demais de nos ter em cargos submissos, servindo a eles, vendo-os como superiores, pois ali nós não éramos ameaças ao poder que eles possuíam — e não queriam perder.

Talvez — lá no fundo de suas mentes machistas — eles soubessem que éramos superiores em cargos de liderança — ou, no mínimo, tão boas quanto eles — e que com bem pouco esforço os tiraríamos de lá com a mesma voracidade com que eles tentavam sempre nos manter fora do alcance dessas posições.

— Eu dei uma olhada nas últimas campanhas lançadas e vocês conseguem tornar a crise política bem pior do que ela realmente é — continuei, quebrando todo o silêncio que havia se instalado entre nós dois. — É algo inteligente, mesmo eu, particularmente, achando que criar um vínculo através do medo não é tão forte ou duradouro quanto um baseado confiança, por exemplo.

Depois dessa nossa conversinha, felizmente, as suas dicas deixaram de ser tão óbvias e ele realmente começou a me treinar para a posição que eu estava assumindo e não para ficar sentada na minha sala jogando “*paciência*” no computador da empresa.

Como o marketing trabalhava do desenvolvimento do serviço até a

aquisição do mesmo — sendo muito mais abrangente do que apenas a promoção ou propaganda, como muitos erroneamente pensavam —, optei por ficar em uma área em que não fosse tão cercada por números, mantendo-me longe de “*previsão de vendas*” — a matéria que mais odiei na faculdade — ou qualquer coisa relacionada a isso.

Encaixei-me perfeitamente com as pessoas que davam auxílio na área da publicidade e propaganda, mais especificamente, na parte de criação, onde podia usar a minha criatividade para algo, tecnicamente, bom.

Nesse cargo, eu, praticamente, não tinha nenhum horário para chegar ou sair, era totalmente flexível. Precisava apenas cumprir uma determinada quantidade de carga horária mensal, mas quem decidia quando chegar, almoçar e ir embora era eu e isso foi ótimo, pois conseguia comer junto com a minha amiga e passar menos tempo na Leal naqueles dias em que não estava me sentindo tão disposta.

Por mais que trabalhasse no mesmo prédio que o meu noivo, eu quase não cruzava com ele. Bryan não aparecia todos os dias e, como estávamos em andares diferentes — envolvidos em questões diferenciadas — as únicas vezes em que tínhamos a chance de nos esbarrar era em corredores ou quando chegávamos juntos — o que acontecia muito nos dias em que eu dormia em seu apartamento.

A grande questão era que as coisas estavam indo bem demais e isso fez com que eu — uma pessoa muito desconfiada e odiada pelo universo — ficasse esperando a merda que estava prestes a explodir bem na minha cara.

E, infelizmente, eu não estava nem um pouco enganada sobre a “*merda*” — só não sabia que era uma tão grande —, descobri isso no momento em que Bryan foi me buscar no apartamento de Bianca.

Tínhamos combinado de passar a noite juntos e, até então, estávamos muito bem e isso significava que ele deveria estar me esperando com um sorriso no rosto, como de costume.

Afinal, como eu havia “*cedido*” a ele — por mais que isso fosse apenas em relação ao cargo na Leal —, o meu noivo deixou a sua marra de lado, pelo menos a maior parte dela.

Dessa forma, quando o encontrei na recepção e vi a expressão que cobria o seu rosto — com traços que eu reconhecia muito bem —, sabia o tipo de problema que estávamos prestes a enfrentar.

— Tudo bem? — questionei, mesmo sabendo que claramente não estava. E, com o silêncio de Bryan, eu tive a minha confirmação. Peguei a sua mão e entrelacei os nossos dedos, antes de tornar a encará-lo. — Ele voltou, não é?

No mesmo segundo, eu roubei a atenção do homem ao meu lado, que ficou surpreso com o quanto eu era uma pessoa observadora.

— Como você...

— A última vez que te vi assim, foi lá na casa de campo, quando eu o conheci — disse, respondendo a pergunta que ele ainda nem havia completado e, mais uma vez, mentindo sobre onde conheci o irmão dele. Aproximei os nossos corpos e, ainda segurando a sua mão, prossegui: — não de ao Christopher uma importância que ele não tem.

— Vamos? — respondeu ele, mudando completamente o rumo do assunto, como se o simples fato de ouvir o nome do irmão tivesse acabado ainda mais com o seu humor.

Eu ainda não sabia muita coisa sobre a rixa que ambos possuíam. A

mãe deles havia comentado por cima e tentou me fazer acreditar que isso não passava de ciúme e um — como ela havia destacado — “*comportamento natural entre irmãos*”. Mas eu sabia que ia muito além disso, só não queria ter que perguntar diretamente a Bryan, que não fazia a mínima questão de disfarçar sobre o quanto odiava falar a respeito de Christopher.

Enquanto deixava o prédio junto com o meu noivo, tentava decidir se o fato daquele infeliz finalmente voltar era bom ou ruim, se me deixava ansiosa para finalmente acabar com todo aquele problema ou com medo das coisas realmente acabarem — de maneira nada boa — pra mim.

Capítulo 05 — Quente e Molhado

Quando estávamos seguindo para o seu apartamento, no meio do caminho, Bryan começou a ficar calado demais e, nesse instante, eu soube que precisava distraí-lo de alguma forma, fazendo-o esquecer sobre o seu irmão — pelo menos, durante o tempo em que ele estaria em minha companhia.

Ao chegarmos, eu o fiz se livrar de toda aquela roupa social sufocante, deixando-o apenas com uma camisa branca com metade dos botões desabotoados e uma cueca vermelha, que o deixava ainda mais gostoso.

Depois disso, nós fomos para a sala assistir um pouco de televisão. O meu plano era bem simples, se baseava em colocar na *Netflix* e encontrar qualquer filme ou série que o fizesse rir um pouco, mas no momento em que nos sentamos no sofá, eu soube que seria a única a prestar atenção na tela da TV.

E isso fez com que eu mudasse para o meu plano B — que sem dúvida alguma — tendia a ser um pouco mais quente que o anterior.

Aproximei ainda mais os nossos corpos ao me sentar em seu colo, antes de encará-lo com um olhar que gritava desejo. Bryan pegou as minhas intenções com apenas um olhar e beijou-me de maneira apaixonada, deitando-nos sobre o sofá, sobrepondo o meu corpo com o seu.

Voltei o meu olhar para cima, fitando o conjunto que formava o seu rosto — onde os seus belos olhos azuis, juntamente com os lábios avermelhados e a barba por fazer estrelavam.

E eu não era a única pessoa fazendo uma análise naquele sofá, o meu

NACIONAIS-ACHERON

noivo me encarava como se estivesse tentando tornar a minha imagem eterna em sua mente. Ou então, simplesmente, imaginando o que faria comigo quando eu já não estivesse mais vestida — o que também era bem provável.

Cansada de ficar ali embaixo, presa, empurrei ele para o lado, livrando-me de seus braços e, de maneira vingativa, tornando-o o meu prisioneiro.

O meu próximo passo foi arrancar aquela camisa de seu corpo por completo, deixando-o apenas de cueca — uma peça que não demoraria muito até que eu me livrasse também.

Nem pensei para mergulhar em seu corpo, usando a minha língua como prancha de *surf*, onde deslizei de maneira radical. Comecei pelos seus saborosos mamilos, contornando-os com muito cuidado e atenção, dando leves mordidinhas — até que eles endurecessem —, fazendo com que o homem a minha frente fechasse os olhos, entregando-se por completo a sensação de prazer.

— Já está mais relaxado, meu amor? — eu quis saber, arrancando um sorriso daquele seu rosto sério. Desci os meus dedos sobre o seu peitoral trincado, antes de provocá-lo: — ou será que vou ter que continuar tentando?

Ele abriu os olhos e, ainda mantendo o sorriso bobo — que se transformou em um bem travesso —, Bryan respondeu: — Acho que precisa descer mais um pouquinho... — Suas esferas azuladas se voltaram para a cueca vermelha, que já estava se transformando em uma espécie de barraca, uma totalmente dominada por um monstro. Ainda com o olhar voltado para o seu generoso pacote, o loiro entrou na brincadeira comigo: — o meu amiguinho aqui está mais tenso do que eu... acredita nisso?

— Sério? — fingi surpresa, colocando toda a minha atenção nesse seu “*amiguinho*”. — Então, vamos deixá-lo bem relaxado.

Abaixei aquela última peça de roupa em seu corpo e libertei o seu membro que, de acordo com ele, precisava relaxar, devido à tensão.

O meu noivo já estava bem duro e, aparentemente, ansiando muito pelo meu toque.

Olhei para os pentelhos que se amontoavam na base de seu pau e comentei, segurando-me para não começar a rir: — já está mais que na hora da gente raspar isso aqui, né?

Ele balançou a cabeça, negando, antes de dizer: — negativo, mocinha... — Agarrando o membro volumoso com a mão, o CEO prosseguiu: — e nem adianta disfarçar, eu sei que você adora esse peludinho aqui!

Eu, definitivamente, adorava.

E nem tinha muitos pelos ali, eu só estava irritando ele mesmo, provocando-o — com sucesso — ao demorar bastante para finalmente começar a brincar com aquela sua vara deliciosa.

Depois de todo aquele charme, finalmente apertei o seu membro, sentindo as suas veias em minha mão, enquanto ele pulsava, respondendo prontamente ao meu toque. A cabeça rosada dele já estava ficando totalmente melada e ainda nem havíamos começado praticamente.

Eu me abaixei, colocando-me entre as suas pernas grossas, para ter um acesso melhor ao seu mastro. Comecei com uma masturbação bem básica, puxando toda a pele para baixo, tirando a cabeçona para fora e, logo em seguida, escondendo-a de volta, em um jogo bem divertido, um que o meu noivo parecia adorar.

E enquanto o fazia, mantinha os meus olhos fixos no rosto do CEO, assistindo a todas as suas expressões faciais, que denunciava o quanto ele

estava gostando.

— Tá gostoso aí, chefe? — provoqueei, mordendo o meu lábio inferior e aumentando o movimento em minha mão direita. Passei o meu polegar em cima da cabeça de seu pau, segundos antes de prosseguir: — quer que eu continue?

Mesmo depois de eu ter me demitido como a sua secretária no ano anterior, a fantasia estava mais viva do que nunca. O meu noivo adorava quando eu relacionava a sua posição como CEO com algo erótico, no momento em que estávamos na cama.

O cretino era um tremendo tarado — e eu não poderia ficar mais satisfeita.

Impaciente, ele me agarrou pelo cabelo, abaixando a minha cabeça e respondendo, em um tom autoritário: — tá demorando demais pra mamar esse caralho... Se continuar assim, você não vai passar nem da experiência!

Acatei a ordem do “*chefe*” e abocanhei a sua rola grossa como a mais safada das secretárias. Comecei a chupar pela cabeça e fui descendo, lambendo toda a sua extensão com o maior cuidado do mundo, esforçando-me ao máximo para não deixar nem um pedacinho dela de lado — afinal, odiaria desperdiçá-la.

Em seguida, voltei para a cabeça e, com uma fome gigante, tentei engoli-la por completo, mas, devido ao seu comprimento e grossura, não consegui chegar a base.

E, como se quisesse continuar testando os meus limites, Bryan tornou a puxar-me pelo cabelo, enfiando o seu caralho de volta na minha boca e pressionando com força, mantendo aquele seu tom dominador — que também fazia parte da nossa fantasia.

NACIONAIS-ACHERON

Engasguei bastante, mas, desta vez, consegui tê-lo por completo em minha boca. O chefe, obviamente, ficou muito orgulhoso de todo o empenho da sua “*secretária safadinha*”.

— Muito bem, delícia... acho que merece até um aumento de salário... — disse ele, se divertindo com aquela nossa loucura idiota. O loiro ergueu o pau, mostrando-me os seus testículos, quase os colocando em meu rosto. — Agora chupa minhas bolas, sua vadia!

O “*vadia*” era uma palavra nova nesse nosso vocabulário durante o sexo, o que fez com que eu ficasse ainda mais excitada com tudo aquilo. Por mais que Bryan fizesse a linha bem desbocado enquanto me fodia — algo que eu adorava, pois ia contra toda aquela sua postura certinha e irritante no dia a dia —, ele não costumava usar certos termos.

Não esperei por outro comando de sua parte para engoli-las com voracidade, como se a minha vida dependesse disso. Os bagos dele eram bem grandes e, de certa forma, peludos, pois era onde se concentravam a maior parte de seus pentelhos.

No entanto, isso não costumava me incomodar em nada e, dessa vez, não foi muito diferente.

Chuei uma de cada vez e fui alternando entre elas, enquanto olhava em direção a ele de maneira fixa — algo que o meu noivo nem conseguia disfarçar sobre o quanto adorava. O loiro ficava completamente autoritário quando me tinha ajoelhada aos seus pés, principalmente quando os meus olhos estavam de encontro com os dele, como se eu estivesse constatando toda a sua “*superioridade*” durante aquele momento.

Uma superioridade que, na verdade, era toda minha, que sempre obtive muito mais controle do que ele. Eu era tão superior a ele, que o manipulava

para pensar que estava me manipulando, que me tinha sob o seu comando.

Após dar atenção a aquela determinada parte do seu corpo, tornei a me concentrar em seu pau, que já babava de forma constante.

Logo em seguida, Bryan me ajudou a tirar a minha roupa, atirando-a para o outro lado da sala. Primeiro minha blusinha, depois a calça e, finalmente, o meu conjunto de lingerie.

Dessa vez, o loiro nem fez questão de encará-las, simplesmente as arrancou do meu corpo — como um animal selvagem faminto —, mais interessado em analisar os detalhes de outra coisa.

De forma automática, suas mãos se aproximaram dos meus seios, que ele apertou com força, antes de levar o seu rosto até um deles, envolvendo-me com a sua língua. E, dessa maneira afobada, revezando entre me explorar com as mãos e sua hábil língua, ele começou a me possuir, tomando-me como sua.

E, exatamente como eu havia feito nele, Bryan não deixou de morder os meus mamilos. Mas, diferente de mim, ele pegou pesado, judiando bastante e, conseqüentemente, arrancando vários gritos, que se deviam a todo o misto de dor e prazer em que eu me encontrava.

Segundos depois, suas mãos continuavam firmes em meus seios, mas seus lábios foram descendo pelo meu corpo, em busca de uma outra coisa — uma que também estava bem ansiosa para cruzar com a sua língua gulosa.

— Olha só o que eu encontrei aqui... — sussurrou ele, com um sorriso sapeca no rosto. O “chefe” voltou o seu olhar em minha direção e, sem quebrar essa ligação, disparou: — uma bocetinha molhada...

O CEO enfiou a sua cabeça em — como ele havia bem destacado —

minha “*bocetinha molhada*”, afogando-se em mim, fazendo com que eu jogasse o meu corpo para trás, fechando os olhos, enquanto ele desfrutava do meu gosto de uma maneira esfomeada.

— CHUPA... SEU PUTO! — gritei, não conseguindo mais me controlar. Com o passar dos meses, eu acabei tomando mais liberdade para realmente me soltar em nossas transas, deixando de ser agora garota “*tímida*” que eu sempre tentava vender pra ele. — Não... não para, seu cachorro.

Acatando o meu pedido, Bryan continuou a me chupar daquela mesma maneira voraz, sem diminuir o ritmo de suas “*linguadas*”, quase que, literalmente, me comendo todinha em cima daquele sofá.

Após saciar toda aquela sua sede pela minha “*pérola*”, tanto eu quanto ele estávamos completamente prontos para elevar a brincadeira para um novo nível. No entanto, antes que ele tivesse chance de se encaixar em mim, o seu celular começou a tocar.

Com medo de que ele me deixasse ali, com as pernas arreganhadas, para atender a droga do celular, eu comentei: — você vai atender a porcaria do seu celular ou foder gostoso essa vadia aqui na sua frente?

Com um sorriso que esbanjava malícia, ele respondeu, sem nem pensar: — comer a vadia, claro!

Mas a desgraça do celular dele continuou tocando e isso me irritou ao ponto de eu mandá-lo atender e, com isso, destruindo toda a ótima fantasia que estávamos tendo: — é melhor você atender isso aí, amor... pode ser importante...

E, infelizmente, eu estava certa.

Era o pai dele e, por algum motivo, precisava que o filho o ajudasse.

Obviamente, era relacionado ao irmão problemático dele — que ainda nem havia chegado —, já que o meu noivo não especificou o problema.

De maneira séria, Bryan me informou sobre o conteúdo da ligação, limitando-se a dizer: — eu preciso resolver uma questão importante com o meu pai.

— Essa questão importante é o seu irmão, não é? Ele está chegando? — não consegui me controlar, principalmente porque ele me deixaria ali daquela forma, pelada e mal comida. O loiro balançou a cabeça, confirmando as minhas suspeitas e me forçando a completar: — e você tem que ajudar, o teu pai não sabe o quanto vocês se odeiam?

Eu não devia ter me excedido, mas acabou acontecendo. A minha sorte foi que o meu noivo não se importou e antes de deixar o apartamento, simplesmente, finalizou com um: — eu devo isso a ele... na verdade, eu devo isso a todo mundo.

E, com essa frase, no mínimo, curiosa, ele me deixou ali.

Se antes eu era apenas a “*Vanessa Waller mal paga*”, agora também era “*mal comida*”.

Capítulo 06 — Confiança

— Você por aqui? — questionou Bianca, quando chegou ao apartamento e me encontrou jogada em cima do sofá, assistindo televisão. — Eu pensei que você fosse dormir lá no chefe hoje também.

Como eu já havia conseguido um trabalho remunerado e me comprometido a pagar tudo o que estava devendo a ela — cada centavo arrancado de sua poupança —, a minha amiga estava mais calma, simpática e não tentava esfregar nenhum boleto atrasado na minha cara.

— Christopher finalmente está voltando e, mesmo antes de chegar aqui, essa praga consegue ferrar com tudo — respondi, ainda não acreditando que aquele cretino realmente estava prestes a chegar. — Só não estou mais desesperada porque fui inteligente e me precavi durante todos esses meses, o meu álibi será o tempo e os momentos bons que eu vivi ao lado do Biel.

Pensei que Bianca fosse me motivar, comentando sobre o quanto eu estava certa em relação a minha “*garantia de sucesso*” e que eu não tinha com o que me preocupar, mas, em vez disso, ela disse: — pare de chamá-lo de “*Biel*” aqui em casa, isso é muito estranho... Informal demais pra mim.

Não consegui segurar o riso, tampouco o comentário que escapou dos meus lábios rapidamente: — mais informal do que eu te contando como é transar com ele? Eu acho que não.

Não conseguia entender Bianca em relação ao “*informal demais*”, mas talvez fosse porque logo no meu primeiro dia na Leal Corp, eu já encarei o meu noivo imaginando o que ele guardava dentro daquela sua calça social cara — e pensar que, naquele momento, ele nem mesmo havia olhado para

mim, ignorando-me completamente.

Então, eu não poderia culpá-la por ver toda aquela minha intimidade com Bryan como algo “*informal demais*”, já que ela o encarava de forma diferente que eu, observando mais a posição de poder que ele assumia na empresa e não a pessoa que existia por atrás dela.

— É agora que nós finalmente começamos a quarta etapa do seu plano? — questionou ela, fazendo com que os meus olhos perdidos voassem em sua direção ao ouvi-la mencionar, estranhamente de maneira não negativa, a minha antiga “*operação CEO*”.

Com um olhar sério e ainda com traços de toda a confusão em que eu estava mergulhada, respondi: — não... não tem mais plano ou operação nenhuma... Eu acho que tudo isso acabou no exato momento em que eu me dei conta de que realmente gosto dele.

E, talvez, bem lá no fundo, eu soubesse que essa era a pior parte, que já não era mais apenas sobre todo o dinheiro que ele possuía.

Eu finalmente tinha algo a perder, um bom motivo para não tornar a arriscar tudo em um jogo de azar — uma ótima maneira que toda essa situação complicada com Christopher poderia ser descrita.

Ao notar o meu olhar um tanto tristonho — algo no qual ela não estava muito acostumada —, Bia aproximou-se de onde eu estava sentada e aconchegou-se ao meu lado. E, assim como eu também costumava fazer quando a encontrava em um momento ruim, tentou me resgatar daqueles pensamentos.

— Eu emagreci mais três quilos esse mês — disse ela, em tom de comemoração, felizmente, mudando completamente o assunto da nossa conversa. — Estou muito feliz... a sua dieta tá funcionando, amiga.

NACIONAIS-ACHERON

Foi impossível não sorrir com aquela notícia, principalmente por saber que eu tinha um pouquinho de participação em toda aquela mudança.

Desde que começamos aquela dieta, ela já havia emagrecido quase quinze quilos e isso era algo espantoso, pois, lá no fundo — por mais que eu nunca fosse admitir em voz alta — não pensei que ela fosse realmente capaz de perder tudo isso em um pouco mais de um ano — ou em sua vida inteira.

— Mais um pouco e eu já vou poder sair com você para as baladinhas da cidade — continuou ela, arrancando o mesmo sorriso que havia acabado de colocar em meu rosto. Ao notar a minha mudança repentina de expressão, ela indagou, curiosa: — o que foi?

— Você sabe que não existe um limite máximo de peso pra entrar em baladas ou em qualquer outro lugar, não é? — respondi, não acreditando naquilo que estava ouvindo. — Eles só pedem a sua identidade e te revistam... só isso!

Se Bianca pudesse pular em cima do meu pescoço, ela teria pulado. Provavelmente, levou a minha resposta como uma espécie de insulto — mesmo no fundo entendendo exatamente onde eu queria chegar.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

Eu odiava ter que ficar explicando o óbvio para as pessoas, mas, no caso de Bia — por algum motivo —, parecia ser sempre necessário.

— O fato de você não querer sair e ficar trancada dentro desse apartamento não tem nada haver com o seu peso. — Ela desviou o olhar, como se estivesse pedindo para que eu parasse de falar, sem usar nenhuma palavra. Mas, em vez disso, eu prossegui com aquilo que ela precisava ouvir: — o problema nunca esteve no seu peso, ele estava e ainda continua estando na sua mente. O principal problema em você não são os seus quilos a mais,

mas esse seu complexo de inferioridade... Não espere ser amada por alguém se nem mesmo você consegue fazer isso.

Eu não era a melhor pessoa para dar conselhos a respeito de autoestima — já que isso nunca foi um problema pra mim —, mas era a única amiga realmente próxima de Bianca e precisava tentar ajudá-la de alguma forma, por mais que tivesse que ser dura em minhas palavras.

Como de costume, a minha melhor amiga mudou de assunto, ignorando todas as coisas que eu havia acabado de falar. Ela, simplesmente, pegou o controle da televisão e trocou a programação, escolhendo a primeira coisa que tirasse o foco da conversa que estávamos tendo.

Capítulo 07 — Jantar em Família

Antes de deixar o carro, eu voltei o meu olhar em direção ao meu noivo e, mais uma vez, questionei: — você tem certeza absoluta de que eu estou bem com esse vestido?

“E de que a vaca da sua mãe não vai me lançar um olhar mortal ao me ver com ele” pensei, mas optei por não dizer em voz alta por motivos bem óbvios.

Ele sorriu e se inclinou, respondendo a minha pergunta com um daqueles seus beijos de tirar o fôlego. Se os movimentos da língua dele fossem mesmo a sua resposta para a minha pergunta, eu devia estar deslumbrante — ou parecida com um poste bem iluminado.

Quando nossos rostos se afastaram, as lanternas azuis de Bryan continuavam comigo, queimando a minha face com toda a sua luminosidade: — sim... eu já te disse isso, você está perfeita, Waller.

Ainda que não sentisse nenhuma hesitação em seu tom de voz, eu não estava tão convencida disso, justamente pelo fato de conhecer a mãe dele, que não costumava aliviar muito para o meu lado. Vera Leal não era fã de nada muito chamativo ou qualquer outra coisa que fugisse daquilo que ela definia como ideal.

Eu, basicamente, estava prestes a entrar na casa dos pais de Bryan com um vestido vermelho incrivelmente chamativo — e com um decote bem grande.

Inicialmente, usaria um preto bem básico — um que eu tinha certeza que seria aprovado pela velha —, mas o meu noivo insistiu sobre o quanto eu

NACIONAIS-ACHERON

ficava bem no vermelho — que, definitivamente, havia se tornado a minha cor preferida —, então, acabei cedendo ao pedido dele.

Abandonei aqueles pensamentos e abri a porta do carro, ou melhor, tentei abri-la, pois Bryan foi mais rápido e fez isso por mim, lembrando-me do começo do nosso namoro, onde ele sempre agia como um perfeito cavalheiro.

Mesmo depois de todo aquele tempo, ele ainda se esforçava para fazer com que eu me sentisse especial ao seu lado.

Depois de entrarmos na mansão da família do homem ao meu lado, não demorou até que a mãe dele surgisse em nossa frente, esbanjando aquele seu ar de esnobe.

Os olhos dela desceram, visualizando o meu vestido e ficaram paralisados lá por um tempo, como se ela estivesse com dificuldade de processar o que estava bem a sua frente. Após vários segundos, eles tornaram a subir em direção ao meu rosto, acompanhados por um sorriso amarelo.

Aquela velha maldita havia dito muito, mesmo sem usar uma única palavra.

Eu nunca odiei tanto estar certa.

— Boa noite... — disse a ela, antes de me aproximar para cumprimentá-la com um sorriso ainda mais forçado do que o dela. E, aparentemente, a nojenta estava se esforçando tanto quanto eu para mantê-lo nos lábios entupidos de Botox. — Desculpe pelo atraso... eu acabei demorando um pouco para ficar pronta... A culpa não foi do seu filho.

Ela balançou a cabeça, rindo, como se não tivesse se importado por estarmos mais de trinta minutos atrasados, mas eu sabia que ela detestava

isso. E que, provavelmente, devia ter comentado com o pai de Bryan “*ele deve estar esperando aquela garota insuportável*”, justificando o nosso atraso.

Diferente do que sempre aparentava quando nos encontrávamos, nós não odiávamos uma a outra — pelo menos, eu achava que não. E, provavelmente, eu deveria desgostar mais dela do que ela de mim. Na verdade, até tínhamos os nossos momentos juntas e isso se devia muito ao fato de eu bancar a nora perfeita, exatamente da maneira que ela dizia — em forma de indireta — que gostava.

Quando Vera se afastou, eu voltei a minha atenção para o loiro parado ao meu lado e comentei baixinho: — ela odiou o vestido.

Ele sorriu, balançando a cabeça de forma positiva, concordando com a minha frase. Mas me surpreendeu com as suas próximas palavras: — o lado bom é que não é ela quem precisa aprovar ou não alguma coisa em você... — Ainda com os olhos sobre mim, o CEO concluiu: — e eu já disse que você está perfeita...

Ele, geralmente, não tomava muito partido, principalmente quando isso ia, de alguma forma, contra a sua preciosa mãezinha. Com isso, pela primeira vez naquela noite, adorei estar usando aquela porcaria de vestido “*deselegante*”.

Willian Leal, o pai de Bryan sempre falava de maneira muito orgulhosa do filho mais novo. E pude perceber muito disso quando ele começou a explicar que o meu noivo só foi capaz de assumir a frente da empresa tão jovem porque, diferente de Christopher, cresceu lá dentro e o acompanhou diariamente, ainda no tempo em que era apenas uma criança. De acordo com o seu pai, não foram apenas dois ou três anos, o CEO foi preparado a vida inteira para assumir aquele cargo.

NACIONAIS-ACHERON

E desse relato, eu desenvolvi a minha primeira teoria sobre o verdadeiro motivo da rixa entre os irmãos. Christopher, por ser dois anos mais velho — e de sangue dos Leal, um detalhe que pode ter importância — esperava que o pai lhe desse a preferência no momento em que se aposentasse, nomeando-o como o novo CEO da organização que carregava o nome de sua família. Mas, em um verdadeiro “*plot twist*” — digno das melhores novelas —, Willian entregou tudo nas mãos do mais novo, Bryan, quem ele considerava mais apto para essa função. E, com isso, mesmo sem intenção, Willian plantou todo esse ódio existente na relação entre os irmãos.

Ou talvez não fosse nada disso e eu tivesse viajado muito nas minhas conspirações.

Mas, definitivamente, a teoria era muito boa.

E se ela não se concretizasse, eu mesma escreveria um romance só para usá-la.

Não demorou muito para que o jantar fosse servido e, enquanto comíamos, continuávamos conversando a respeito dos meninos, mas o assunto sempre se limitava ao passado e nada que fosse desgastante ou mencionasse o quanto eles, na realidade, se odiavam — o que era bem estranho, como se todos eles ignorassem o óbvio.

Vera comentou sobre o quanto Bryan costumava ser gordinho durante a infância e que incentivá-lo a praticar esportes foi a maneira que ela e o marido encontraram para eliminar o seu peso em excesso.

O meu noivo começou a rir, lembrando esse tempo e aproveitou para dizer o quanto a sua alimentação havia melhorado depois que havíamos começado a namorar, não poupando elogios a minha pessoa. De acordo com ele, eu cuidava muito bem da nossa alimentação e, no final, disparou um

“não é atoa que eu a escolhi para ser a minha esposa”.

A mãe dele, que não devia suportar me ouvir sendo elogiada, interrompeu o filho, dizendo: — mas a sua alimentação, desde o tempo da adolescência, vem melhorando bastante... e, de qualquer forma, você sempre foi ótimo em cuidar de si mesmo.

Balancei a minha cabeça, concordando, mesmo a contragosto, antes de responder em um tom simpático e bem falso: — a sua mãe está certa, eu nem preciso me esforçar muito pra te colocar na linha.

Os olhos dele voltaram-se em minha direção e, mesmo com todos conversando ao nosso redor e, conseqüentemente, nos observando, Bryan não hesitou em pegar a minha mão por baixo da mesa e sorrir, hipnotizando-me completamente com aquele seu olhar penetrante.

Ele se inclinou em minha direção, aproximando a sua boca do meu ouvido, antes de sussurrar as três palavras que fizeram o meu coração acelerar: — eu amo você, Waller.

Respondi que também o amava muito, mesmo ainda confusa com aquela declaração de forma tão espontânea. Talvez Bryan também sentisse o quanto a sua mãe tentava me atingir por baixo dos panos e resolveu deixar claro — mais uma vez — o que sentia por mim.

Seja qual for a resposta, eu adorei ouvir aquela frase — uma que ele não pronunciava com tanta frequência — outra vez e constatar o quanto eu era amada por ele.

— Eu preciso ir ao banheiro... — avisei o meu noivo, em um tom bem baixo, impedindo com que os outros também ouvissem. Antes de me levantar da mesa, completei: — eu já volto, amor.

A primeira coisa que fiz quando cruzei a porta do *toilette*, foi colocar-me em frente ao espelho e fitar o meu rosto refletido nele, tentando reconhecer a pessoa que estava bem a minha frente — principalmente, tentando encontrar traços daquela que mulher que eu costumava ser —, com um olhar perdido em sua expressão facial.

Depois disso, tentei dispersar todos aqueles pensamentos, antes de forçar um sorriso e começar a retocar a minha maquiagem, destacando ainda mais o batom vermelho em meus lábios — algo que a mãe dele, provavelmente, também não consideraria elegante, digno de sua aprovação.

Mas eu seguiria o conselho de Bryan e tentaria não me importar tanto com o que Vera achava ou não do *look* que eu estava usando — ou que viria a usar futuramente —, afinal, não era ela a pessoa responsável por aprová-lo e eu não deveria dar esse poder a ela.

Guardei as coisas de volta na minha bolsa prateada, junto com todos aqueles pensamentos que me desmotivavam, desde os que questionavam sobre a minha personalidade já descaracterizada a aos que suplicavam pela aprovação de Vera. Simplesmente, respirei fundo e tentei manter a calma, não deixando aquela velha e nenhuma outra coisa roubar a minha diversão.

No entanto, quando voltei o meu olhar para frente, encarando o centro do espelho, assustei-me com o rosto ali refletido — um que, definitivamente, não era o meu.

Virei-me rapidamente, buscando pelo homem moreno parado próximo da porta e, em seus olhos cinzentos sombrios, pude enxergar todo o misto de mistério e perigo — exatamente o que me atraiu em direção a ele e me impediu de dispensá-lo no “*Karaokê Bar*” naquela noite.

— Bem-vindo de volta — não me segurei e deixei escapar, em um tom

bem irônico. — É muito bom finalmente tê-lo de volta, Christopher.

Em minha mente, o irmão do CEO assemelhava-se a uma espécie de cachorro, daqueles que são capazes de farejar o seu medo à distância. Se eu não quisesse ser atacada por ele, precisaria mascará-lo bem em minha expressão facial e movimentos.

E, definitivamente, correr não era uma das opções.

— Vamos esperar... quem sabe essa sua opinião não mude muito em breve — respondeu ele, antes de secar-me descaradamente com o olhar. Após a sua aparente ameaça, ele finalizou em um tom gentil: — boa noite, maninha.

No instante em que o irmão do meu noivo cruzou a porta, deixando o banheiro, toda aquela minha coragem fui junto com ele, como se estivesse escorrendo do meu rosto e descendo direto pelo ralo da pia.

Mas sem Christopher por perto, eu tornava a possuir liberdade para ficar assustada com toda a ameaça que ele representava. Dificilmente alguém em meu lugar também não ficaria em um estado de extrema alerta, principalmente depois das suas últimas frases.

Após conseguir me acalmar e tornar a aparentar estar muito bem diante da presença dele — quase como se realmente não me afetasse em nada —, eu procurei por Bryan e ao observá-lo à distância, soube que não precisaria lhe contar a mais nova novidade do momento.

— Então, você também o viu? — questionei, ignorando o quanto a pergunta era óbvia ou o fato do seu rosto já me entregar tudo o que eu precisava saber. — Eu cruzei com ele lá na porta do banheiro... — O silêncio do meu noivo fez com que eu completasse com: — não deixe com que ele estrague a sua noite...

NACIONAIS-ACHERON

Sem me encarar, Bryan respondeu, interrompendo a minha falha tentativa de ajudá-lo: — ele já conseguiu.

Capítulo 08 — O Retorno

Nós, definitivamente, não ficamos para a sobremesa.

Como eu já havia notado anteriormente, a parte mais espantosa em relação ao ódio que os irmãos Leal compartilhavam um pelo outro, era que a família parecia compreender e até mesmo ver isso como algo comum.

Isso ficou bem claro quando o CEO anunciou que iria embora e Vera, simplesmente, se despediu do filho com um abraço e um sorriso, como se o mais novo não estivesse deixando a sua casa por causa da presença do mais velho.

No entanto, novamente, ninguém se arriscava a dizer algo sobre o assunto, todos eles ignoravam completamente uma boa fofoca.

Afinal, que tipo de família era essa que não falava mal dos outros membros? Até eu que não possuía uma sabedoria como, geralmente, costumava funcionar.

Esse detalhe fez com que eu chegasse a conclusão de que, aparentemente, eu era a única idiota que não tinha ideia do porque de tudo aquilo.

E eu já estava cansada de protagonizar esse papel.

Toda essa confusão durante o jantar, fez com que eu questionasse diretamente Bryan, sem nenhum rodeio, quando entramos em seu carro: — qual é o problema entre vocês dois?

Mantive o meu olhar em seu rosto, esperando por uma resposta decente dessa vez. Mas, como eu já devia imaginar, o meu noivo fugiu do assunto, de

forma bem agressiva para se defender — ou melhor, defender o seu segredinho.

— Será que podemos, por favor, não falar sobre ele?

Diferente das outras vezes, Bryan, pelo menos, não me ignorou completamente, dando uma espécie de resposta — ou quase isso.

Depois daquele corte doloroso, eu balancei a cabeça, concordando, antes de responder de forma bem submissa, com exatamente aquilo que ele queria ouvir: — claro que podemos, meu amor...

Antes de chegarmos à casa de seus pais, nós havíamos acertado de que eu dormiria em seu apartamento e, no dia seguinte, iríamos juntos para o trabalho, entretanto, toda aquela confusão — e, principalmente, a decisão dele de continuar me deixando no escuro a respeito de tudo, correndo sozinha pelo deserto — fez com que eu mudasse de ideia.

— Eu quero que me deixe na Bianca — disse, sem encará-lo, mantendo os meus olhos voltados para a estrada.

Depois de alguns segundos em silêncio, sua voz finalmente tornou a soar, rebatendo a minha decisão: — pensei que você fosse...

— É... eu mudei de ideia — o interrompi, fazendo questão de mostrar o quanto eu estava irritada com tudo aquilo e que, dessa vez, não seria tão fácil me fazer esquecer.

E essa foi a última coisa que eu disse para ele naquela noite, tornando o silêncio em um dos grandes vilões da nossa relação — provavelmente, apenas atrás de Christopher.

Ao chegarmos no prédio, deixei o seu carro sem nem lhe dizer um simples “*tchau*”.

O CEO não estava merecendo nada de mim.

Por mais que fosse hipocrisia da minha parte agir daquela forma por ele manter segredos — algo que eu também fazia com frequência —, não conseguia controlar, principalmente sabendo que esse determinado assunto poderia me ajudar com o problema “*O Irmão do Mal*”.

Uma simples informação poderia me auxiliar, mostrando-me como resolver tudo.

Felizmente, não precisei contar nada a minha amiga — desgastando-me ainda mais com uma explicação —, ela pegou tudo no ar, no instante em que me viu chegar, com aquela expressão de poucos amigos pendurada em minha face.

Não conversamos muito também, pois eu optei por ir direto para o meu quarto, desesperada para que aquela porcaria do dia finalmente chegasse ao fim.

Enquanto tomava banho, sentindo a água quente cair sobre o meu corpo — algo que me ajudava a relaxar e pensar com mais clareza —, tentava descobrir o exato momento em que a minha vida se tornou uma grande novela mexicana — uma que não era nada boa.

Costumava me achar uma mulher tão inteligente e agora estava presa em uma porcaria de drama familiar.

Isso era completamente patético.

Talvez aquela minha teoria de que eu estava em uma espécie de purgatório pagando por todos os meus pecados realmente fosse verdade. Mas, nesse caso, essa “*operação CEO*” era o meu castigo, pois sempre me desgastaria ao máximo e eu nunca conseguiria finalmente atingir o meu

objetivo.

Qual problema apareceria depois de Christopher, o antigo papagaio do meu noivo me chantageando? Eu tinha até medo de pensar sobre isso.

Terminei o meu banho e me troquei, já pensando na mensagem melosa que teria que enviar para Bryan, desculpando-me por dramatizar ainda mais as coisas. Lá no fundo, não estava com a mínima vontade de me desculpar, mas não podia ferrar mais com as coisas, o irmão dele já estava fazendo esse trabalho muito bem sozinho.

Mandaria algo como *“Ei, chefe! Desculpe por hoje. Eu não deveria ter te pressionado tanto em relação ao Christopher, não quando as coisas estão tão tensas e confusas. Não vou mentir, quero muito saber sobre a história de vocês, mas eu posso esperar até que esteja preparado para me contar em seu próprio tempo. Amo você”*.

E realmente teria enviado se não tivesse chegado uma mensagem de um número desconhecido, com um conteúdo que me deixou bem nervosa.

“Boa noite, maninha. Vocês foram embora muito cedo e eu nem tive tempo de me divertir com você, como as famílias devem fazer. Mas, não se preocupe, encontrei a solução perfeita. Eu estou aqui naquele nosso lugar especial, esperando por você. Só não demore muito”.

Não perguntei como ele havia conseguido o meu número — algo que praticamente todas as pessoas da família de Bryan possuía e poderia ter facilmente passado pra ele —, qual era o seu nome ou a que lugar ele estava se referindo como o nosso *“preferido”*.

Eu já tinha todas essas respostas.

“Eu não vou a lugar nenhum com você” eu respondi, pronta para

largar o meu celular e ir dormir.

Mas, infelizmente, o barulho da nova notificação me impediu de fazer isso. Eu era uma mulher curiosa demais para, simplesmente, ignorá-lo.

“Olha, eu não deixaria de vir se fosse você. Sou daqueles homens que gostam de conhecer bem as pessoas com quem está lidando, então sei muita coisa boa a seu respeito e não tenho muito a perder te expondo”.

Como eu já havia me precavido com todos aqueles meses de antecedência, não dei muita importância.

Na verdade, até queria que ele abrisse a boca grande dele.

Pelo menos, até a sua próxima mensagem.

“Durante as minhas férias, eu conheci um cara chamado Roberto e ele não pareceu gostar muito de você, Vanessa. Mas nós não podemos culpá-lo por isso, não é? Afinal, você trepou com o irmão dele!”.

Quando pensei que finalmente havia acabado, Christopher prosseguiu, enviando-me alguns emojis de coração, seguido por: *“eu estou muito ansioso pelo momento em que vou contar ao meu irmãozinho que você tá fazendo o mesmo com ele, colocando um chifre bem grande em sua cabeça... E comigo, o que torna tudo ainda mais divertido. Não concorda?”.*

Eu não havia feito nada além de beijar aquele cretino — e sentar-me em seu colo em um ato totalmente impulsivo —, mas, como já possuía um péssimo histórico com Roberto e Jean, o meu noivo não acreditaria em mim — por mais que a informação tivesse saído da boca do seu odiado irmão.

Ainda não acreditando que estava mesmo prestes a fazer aquilo, troquei de roupa e fui encontrar aquele maldito no nosso *“lugar preferido”*, basicamente, onde nos conhecemos, quando ele ainda era apenas o cara

PERIGOSAS

disposto a me pagar a bebida mais cara do bar.

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 09 — Karaokê

Depois que entrei no “*Karaokê Bar*”, lembrei-me exatamente do principal motivo pelo qual nunca mais havia voltado pra lá — com exceção do meu medo de reencontrar o moreno dos olhos cinzentos, que mais tarde descobri ser o irmão de Bryan. As vozes de gralha morrendo soavam por todo o lugar, como se eu estivesse em uma prisão, sendo torturada para confessar alguma coisa.

Não tive dificuldade nenhuma para localizar a fonte de todos os meus problemas. Encontrei Christopher sentado na mesma mesa que usamos da outra vez, mostrando-me que ele não devia estar improvisando nesse nosso encontro.

Sem dúvida alguma, o irmão do CEO possuía um tipo plano ou então adorava sentir nostalgia ao relembrar momentos do passado — a opção menos improvável, claro.

Se arrependimento matasse, eu já estaria enterrada e podre.

Ao visualizar aquela mesa, desejei nunca ter entrado naquela porcaria de bar para comemorar o “*sucesso do meu plano*” após beijar Bryan pela primeira vez, no ano anterior. Depois de quase um ano e meio, tudo sobre aquela noite conseguia soar ainda mais ridículo.

A minha comemoração estava sendo, basicamente, o motivo da minha derrota. Aquela expressão “*não comemore antes da hora*” nunca fez tanto sentido pra mim.

— Você demorou... — constatou o homem a minha frente, no momento em que me viu se aproximar de onde ele estava sentado.

NACIONAIS-ACHERON

Provavelmente, ele havia puxado toda essa paranoia com horário de Vera, pois estava agindo de maneira tão insuportável quanto ela. Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria, o moreno apontou em direção a cadeira vaga ao seu lado, completando: — senta aí, maninha... Eu planejei uma noite bem divertida para nós dois.

Nesta noite, ele se vestia de maneira tão formal quanto Bryan, entretanto, o estilo de Christopher era muito diferente e isso ficava claro de primeira. O meu noivo sempre priorizava elegância e discrição em seus trajes. Seu irmão, por mais que fosse elegante, ousava bastante, usando detalhes em cores como vermelho.

Seu paletó e calças eram pretos foscos, mas o colete era vermelho, deixando-o ainda mais charmoso do que ele já era. Não havia gravata alguma ali e, por algum motivo, isso o deixava “*descolado*”, lembrando-me daqueles garotos que se destacavam dos demais no tempo do orfanato, justamente por possuírem esse ar diferenciado.

O irmão do CEO era um ser extremamente irritante e inconveniente, mas, por outro lado, muito, muito gostoso — e descobri isso antes mesmo de saber que ele era parente do meu atual noivo.

Eu não estava com muita paciência para nada daquilo, mas acabei me sentando, pois queria aproveitar essa situação para finalmente descobrir o motivo de todo o ódio que ele nutria pelo irmão e vice-versa.

Ele não queria jogar? Então, nós jogaríamos um jogo em que eu era ótima.

— Pronto, eu estou aqui... agora, você já pode me dizer exatamente o que você quer de mim, não é? — questionei, tentando não soar de maneira agressiva, mas não tive muito sucesso nessa tentativa.

Mas, como era de se esperar, Christopher não se importou. Em vez disso, ele sorriu, como se adorasse me ver daquela forma, perdendo todo o controle.

E isso foi o suficiente para me deixar ainda mais irritada do que quando cheguei.

— Eu só quero que me deixe te pagar uma dose da porcaria mais cara desse lugar — respondeu ele, com o mesmo sorrisinho malicioso nos lábios. — Até porque, da última vez, você me deixou bebendo sozinho... — Com os olhos ainda fixos em mim, ele completou: — e, bem duro, se é que me entende.

Eu ainda não sabia do que me arrependia mais, se era por tê-lo beijado ou por protagonizar aquela cena ridícula em que eu, literalmente, me sentei em seu colo, provocando-o de uma maneira abusada — e muito, muito mal pensada.

Não tive nem tempo de recusar a sua bebida, pois logo o garçom trouxe a garrafa daquela mesma coisa que consumimos da outra vez.

Ao que tudo me indicava, o cara a minha frente era um daqueles homens que adoravam viver de passado. Já eu, era uma daquelas mulheres que andavam sempre com uma pá na mão, tentando enterrá-lo.

Ele serviu a bebida azulada, enchendo o meu copo e o dele. Mas, diferente da última vez, não bebi nem mesmo um só gole, decidida a não perder o controle da situação — exatamente como ele esperava que eu fizesse.

— Ah, qual é, Vanessa? — começou ele, desaprovando a minha postura, bem inteligente, por sinal. — Cadê aquela mulher que virou o copo em um só gole? Cara, eu adorava ela!

NACIONAIS-ACHERON

Cadê aquela mulher?

Ótima pergunta.

Se eu a encontrasse, lhe daria uma surra que a deixaria toda roxa, pois, por causa dela — uma vaca inconsequente —, eu estava afundada até o pescoço naquela enrascada.

Antes que as próximas palavras deixassem a sua boca, eu já adivinhei tudo: — o quê? Vai me obrigar a beber com você também?

— Eu te obrigar? Nunca, prefiro ver isso através de uma outra perspectiva... Eu, como um ótimo cunhado, estou te convencendo a se divertir e relaxar um pouco — respondeu Christopher, pegando o seu celular em cima da mesa, obviamente, me ameaçando, mesmo que, dessa vez, de forma menos direta. — Tudo o que eu mais quero, é ver um pouco daquela pessoa que eu conheci aqui nesse bar... a pessoa que o meu irmão está sufocando aos poucos.

Certamente, aquele infeliz deveria estar planejando alguma coisa bem grande. Mas, por mais que eu gostasse de me antecipar, dessa vez, optei por não pensar muito sobre isso e, simplesmente, fazer o que ele estava pedindo, beber e — pelo menos tentar ou fingir — me divertir.

Eu não tinha opção.

Já havia perdido todo o controle há muito tempo, só fui lerda demais para perceber.

— Já que você insiste tanto... — disse, pegando o copo em cima da mesa, antes de virá-lo completamente em minha boca. Olhei em direção a bebida dele, que continuava cheia e o encorajei: — agora é a sua vez, cunhadinho!

Christopher bebeu também e serviu mais um pouco para nós dois e, nesse momento, eu me dei conta de que a noite estava apenas começando.

De uma maneira aleatória, o homem ao meu lado comentou: — nós devíamos ir lá pro palco, já que não cantamos da última vez. — Estranhamente, ele disse isso em um tom sério, o que fez com que eu voltasse o meu olhar em sua direção, procurando por qualquer vestígio em sua expressão que me indicasse que ele estava brincando. — O que foi, Vanessa? Nós formaríamos uma ótima dupla.

Depois de observar mais um pouco da minha expressão “*sem chance, cara!*”, o infeliz voltou o olhar para o celular, como se estivesse dizendo “*então, se prepare, pois o meu irmãozinho vai receber um presentinho essa noite*”.

Já conformada com o mico que eu estava prestes a pagar, peguei a garrafa da bebida e enchi completamente o meu copo, dizendo: — espere mais um pouco, eu preciso ficar bêbada antes.

Tomei tudo e, dessa vez, o líquido desceu queimando por minha garganta.

Depois de mais um copo daquela “*porcaria cara*”, eu concordei em ir com ele para o palco, mesmo com bastante receio. Por mais louca que a minha vida antes de Bryan costumasse ser, eu nunca havia cantado em um karaokê, isso era algo novo pra mim.

E como todas as coisas novas que vivenciávamos, eu senti um pouco de medo no início, enquanto uma sensação gélida tomou conta do meu estomago.

Isso me lembrou do quanto eu costumava amar essa sensação ou qualquer outra coisa que me fizesse sentir aquela adrenalina invadindo o meu

corpo. Eu sempre me sentia mais viva do que nunca, como se estivesse pronta para enfrentar qualquer coisa.

Essa era a minha droga — uma que havia me viciado — e eu não consumia há muito, muito tempo. O irmão do CEO parecia saber disso e, simplesmente, estava jogando contra o meu ponto fraco — meu calcanhar de Aquiles.

Era como se ele estivesse levando uma alcoólatra que estava sóbria há vários meses para dentro de um bar e a incentivasse beber novamente.

Christopher nem mesmo me contou sobre qual música cantaríamos e isso deixou tudo ainda mais emocionante, já que eu não tinha nem ideia se a conheceria ou não. A questão era que como já estava um pouco — ou talvez muito — alta, eu não me importei muito com esse detalhe.

A pior parte, sem dúvida alguma, foi ter todos aqueles olhos estranhos nos observando, isso fez com que eu me virasse para o lado, encarando apenas o homem moreno que estava parado ao meu lado.

Quando a música começou a tocar, eu a reconheci no mesmo instante e quase não acreditei que realmente estava prestes a cantar aquilo. O idiota havia escolhido a música “*Dois Rios*” do Skank e se esse fato não fosse tão trágico, talvez eu achasse engraçado.

Não me fiz de difícil e realmente me entreguei a canção, cantando-a da melhor maneira que eu consegui — o que não era lá grande coisa.

Mas, ainda sim, fui interrompida.

A voz de Christopher não era horrível — ou nada próximo a isso — como eu estava pensando. O homem ao meu lado realmente sabia cantar e isso não se resumia apenas a uma voz soando de maneira afinada, ele tinha

técnicas muito evidentes. Não, era algo muito maior do que isso, era uma daquelas vozes que realmente te envolviam, como se abraçassem o seu corpo com força e te obrigasse a sentir cada nota.

E, ao voltar o meu olhar para as pessoas paradas a nossa frente, percebi que não havia sido a única a ficar surpresa com isso — considerando que a maior parte das pessoas ali pareciam cantar como uma foca engasgando, era realmente muito surpreendente tê-lo no palco.

O moreno voltou o olhar em minha direção e sinalizou para que eu continuasse a cantar, acompanhando-o e foi isso o que eu fiz, colocando toda a minha atenção nas letras amareladas que passavam rapidamente pela pequena televisão a nossa frente.

— *O dia e a noite... As quatro estações* — cantei, encarando-o, tentando acompanhar a intensidade de seu olhar, enquanto eu me esforçava para não começar a rir com uma música, tecnicamente, triste. — *Que os braços sentem... Que os olhos veem...*

— *E os lábios sejam. Dois rios inteiros... Sem direção* — nós dois cantamos juntos essa parte da música, encarando um ao outro, segundos antes da última nota da canção soar e fazer com que o mundo ao nosso redor parasse por uma pequena fração de segundos.

E, por um pequeno instante, existia apenas nós dois.

Ficáramos daquela forma, parados, fitando um ao outro, se outra música não começasse logo em seguida.

Dessa vez, a música — a segunda que ele havia escolhido — foi “*Anna Júlia*” dos Los Hermanos e por ser uma música bem conhecida, quando chegamos ao refrão quase todo mundo já estava pulando e cantando com a gente.

A energia ao nosso redor era incrível, completamente contagiante. Eu sabia que, sem dúvida alguma, aquela cena de todos ali cantando, divertindo-se ao máximo, ficaria marcada pelo resto da minha vida.

— *Será sempre um espinho dentro do... meu... cooooraaação!* — gritei, a essa altura do campeonato, já completamente a vontade com aquele microfone em minha mão direita. A nossa sincronia cantando o refrão era maravilhosa, mas nada superava quando a música ficava mais calma e olhávamos um para o outro, antes de prosseguir. — *Sei que você já não quer o meu amor... Sei que você já não gosta de mim. Eu sei que eu não sou quem você sempre sonhou... Mas vou reconquistar o seu amor todo pra mim.*

E, por uma última vez, todos gritaram “*Oh, Anna Júlia*” tornando aquele momento completamente mágico — e inesquecível.

Talvez eu já estivesse completamente bêbada, eu não tinha ideia, mas realmente estava me divertindo muito, como se estivéssemos acabado de fazer algo épico, que ficaria para a história.

Quando a música chegou ao fim, deixamos o palco e voltamos para a nossa mesa, rindo de algo do qual nem o motivo eu sabia. E mesmo já na mesa, nós continuávamos cantando, junto com as pessoas que agora ocupavam o palco.

— Seu trapaceiro... — comentei, pegando o meu copo em cima da mesa. Christopher levantou o olhar, voltando-o em minha direção, confuso. — Você não me disse que sabia cantar... e muito bem, por sinal.

Só de me lembrar da maneira gostosa que a voz dele soava, já começava a sorrir.

— Já pensou em fazer isso profissionalmente... cantar? — questionei, antes de beber mais um pouco. O irmão de Bryan balançou a cabeça, como se

eu estivesse dizendo algo estúpido. — O quê? Você canta muito bem... e se já não fosse rico, enriqueceria lotando shows por todo o país.

Ainda com um sorriso bobo no rosto, talvez um de desconcerto, ele respondeu, de maneira irônica: — você não tem ideia do quanto o meu pai adoraria ter um filho cantor. — Depois de gargalhar, ele continuou, fazendo-me perceber que as coisas não eram tão fáceis: — de acordo com ele, isso é a mesma coisa que atirar o nome da nossa família na lama.

Quando você não tem dinheiro, pensa, erroneamente, que tudo se resolveria caso tivesse. Mas quando realmente passei a fazer parte da vida de Bryan, descobri que as coisas não eram bem assim.

A vida era uma grande merda pra todo mundo — independente da quantidade de zeros na conta bancária de cada um.

Encarando o copo a sua frente, ele comentou: — saber cantar não é tão importante quanto ser bom com números na minha família... — Após rir da própria frase, o homem ao meu lado deixou escapar: — na verdade, ser bom nos negócios da família te deixa impune de qualquer coisa... pergunte ao seu noivo!

A “*Vanessa Waller manipuladora*” — a pessoa que eu costumava ser em 90% do meu tempo — teria tirado a maior quantidade de informação de Christopher, mas, infelizmente, eu estava bêbada demais para invocá-la. E, em vez de investigá-lo, eu tornei a cantar uma das músicas que estava tocando, enquanto olhava para o meu cunhado, convidando-o a se juntar a mim.

Capítulo 10 — Ressaca

Despertei sentindo o cheiro de lavanda dos lençóis macios que me cercavam e, automaticamente, constatei que não estava deitada no meu quarto, tampouco dentro do apartamento da minha amiga.

E isso me assustou bastante, fazendo com que eu voltasse o meu olhar para ambos os lados, tentando identificar onde estava e, principalmente, com quem eu estava.

Como se tudo isso já não fosse problema o suficiente, a minha cabeça parecia que explodiria a qualquer momento — uma pequena consequência da noite agitada que tive ao lado do irmão do meu noivo.

Foi só pensar na última noite que a imagem de Christopher invadiu a minha mente e, nesse mesmo instante, constatei outro importante detalhe — talvez, esse fosse o principal de todos eles — que me aterrorizou.

Eu estava apenas com as minhas roupas de baixo.

E não me lembrava de ter me despido.

Como se eu tivesse feito uma espécie de ritual de invocação, o irmão de Bryan surgiu quase que no mesmo instante, cruzando a porta, usando apenas uma cueca preta — o que me deixou ainda mais chocada, com medo do que todo o meu imprudente descontrole poderia ter causado.

A hipótese de que nós dois havíamos transado estava me torturando demais, eu não conseguia nem pensar sobre isso sem me odiar completamente. Era como se eu estivesse vivenciando uma espécie de pesadelo, apenas esperando o momento em que despertaria completamente

aliviada por ter vivido apenas um sonho ruim que, em poucos segundos, deixaria de ser verdade.

Mas, infelizmente, esse não era o caso.

Eu não estava presa em um sonho — somente na minha burrice mesmo.

Apontei o meu dedo indicador para ele e, logo em seguida, o voltei para mim, antes de finalmente buscar por uma resposta: — nós dois...

— Não... NÃO! — respondeu ele, aliviando-me completamente.

Toda essa sensação de alívio, fez com que eu me jogasse em cima da cama, deitando-me novamente e, ironicamente, agradecendo ao universo por não ter pegado tão pesado comigo desta vez.

Após sorrir, daquela sua maneira bem maliciosa, o moreno continuou: — se nós tivéssemos fodido, acredite em mim, Vanessa... você se lembraria.

Ignorei a sua frase, pois não estava com muita vontade de imaginar aquela cena e também porque ainda existiam algumas coisas que não faziam sentido.

Não que eu ter cantado em um karaokê ao lado dele tivesse.

— Eu não me lembro de quase nada do que aconteceu depois que deixamos o bar — comentei, esforçando-me para tentar me lembrar de alguma coisa relevante. Mas, por mais que eu forçasse a minha memória, tudo parecia um grande borrão, as coisas começavam a se desfazer logo após aquela nossa conversa sobre ele cantar bem. — Pra ser bem sincera, eu não lembro nem mesmo de ter deixado aquele lugar.

Ele aproximou-se da cama, convidando a si mesmo para sentar-se ao meu lado.

Christopher, definitivamente, não era um daqueles caras que precisavam de um convite para fazer alguma coisa.

— Como nós saímos de lá bem tarde, eu achei melhor te trazer pra minha casa — explicou-me ele, como se aquela sua frase respondesse a tudo. Felizmente, o irmão do CEO continuou, esclarecendo mais algumas coisas: — aí, quando estávamos voltando, no meu carro, você vomitou em tudo, o que não foi nada legal da sua parte.

Revirei os meus olhos, mostrando a ele o quanto eu me importava com a droga da limpeza do seu carro.

— E quando chegou a parte em que você decidiu bancar o caridoso e tirar a minha roupa? — indaguei, despertando um sorriso safado no rosto dele.

Com os olhos fixos em mim, Christopher respondeu, como se realmente tivesse ficado ofendido com a minha pergunta: — eu não tentei tirar vantagem de uma mulher inconsciente e suja de vomito... Se é o que está me perguntando.

Ainda não estava muito convencida disso, aquele sorrisinho sacana como papel de parede de seus lábios me deixava extremamente desconfiada.

— Eu... eu não deveria nem estar aqui... — constatei, levantando-me da cama, esforçando-me ao máximo para não ceder e encarar o abdome dele ou, pior, aquilo que ficava um pouco mais abaixo.

E, como se estivesse tentando me provocar, ele copiou os meus movimentos, levantando-se também e tornou a aproximar os nossos corpos. O irmão de Bryan colocou a mão direita sobre o meu ombro, fazendo com que eu me virasse e, conseqüentemente, secasse todo o seu corpo com o meu olhar — principalmente, aquela determinada parte que eu não deveria ter

olhado.

— Espere mais um pouquinho, apressadinha... O almoço tá quase pronto — comentou ele, roubando completamente a minha atenção com aquela palavrinha que remetia a horário. — Eu não sei você, mas eu estou faminto...

Almoço?

Eu estava muito ferrada.

— Que horas são exatamente? — perguntei a ele, ainda em dúvida se eu realmente queria saber. Mas o cretino ficou em silêncio, dando-me tempo suficiente para decidir, repetindo a minha pergunta: — dá pra me dizer que droga de horas são, Christopher?

Ele riu, transparecendo o quanto adorava me tirar do sério.

— Calma aí, maninha... — Ele voltou o olhar para o pulso esquerdo, mais especificamente para o seu relógio preto, antes de continuar: — viu só? Ainda tá cedo... faltam quinze minutos para uma hora da tarde.

Eu “só” havia perdido a manhã inteira.

MERDA.

Capítulo 11 — Reconciliação

Como nesse meu novo cargo os meus horários eram mais flexíveis, não me importei com a hora que chegaria lá. A minha verdadeira preocupação tinha nome e sobrenome, Bryan Gabriel Leal. Estava com medo de ele ter ido até o apartamento de Bianca e ter descoberto que passei a noite fora — com alguém que ele não gostava muito.

Peguei um *Uber* até a Leal Corp e, durante o trajeto, fui lendo as mensagens em meu celular. Ignorei oitenta por cento delas e foquei apenas nas que Bryan havia me enviado.

“Seria muito bacana se você pudesse atender o celular”, enviara ele, às nove e meia da manhã, logo depois de tentar me ligar três vezes.

Uma hora depois, o meu noivo enviou um *emoji* de carinha com raiva e, por algum motivo, isso me fez rir dentro do carro, imaginando a cena. Minutos depois disso, por volta das dez e quarenta, Biel mandou *“eu sei que mereço um pouco de todo esse gelo que está me dando, mas queria muito resolver isso logo”*.

Fiquei surpresa por ele estar admitindo, por escrito, que tinha *“um pouco”* de culpa. Se eu soubesse que seria assim tão fácil fazê-lo voltar de quatro, como um cachorrinho, teria usado esse truque do *“gelo”* bem antes.

Depois daquele horário, Bryan não me mandou mais nada. E, por mais que eu não soubesse o nível de raiva ou de remorso que ele estava, se isso era algo bom ou ruim, o que realmente importava — o conhecimento sobre a minha noitada com Christopher —, eu tinha certeza que ele não sabia.

E isso já era um bom começo.

Quando cheguei na empresa, tomei muito cuidado para não ser vista por Bryan, não queria que ele soubesse que eu estava chegando quase duas horas da tarde, pois teria que explicar o “*compromisso*” que havia me impossibilitado de aparecer pela manhã.

Por sorte, consegui chegar ao meu andar sem que alguém importante me notasse. E a melhor parte do meu novo cargo era que não importava se você havia acabado de chegar ou estava prestes a sair, sempre poderia ajudar em alguma coisa.

A equipe da criação estava em dúvida sobre um vídeo para uma nova campanha que chegaria à televisão no próximo mês. Metade havia aprovado e a outra metade ainda estava em dúvida se realmente era uma boa ideia continuar insistindo no “*não deixe com que o governo decida sobre o seu futuro e a sua aposentadoria*”.

Eu, particularmente, estava com aqueles indecisos, pois, lá no fundo, sabia que aquilo seria um grande tiro no pé. As pessoas, querendo ou não, eram influenciadas pelo governo e crise política, mesmo pagando uma aposentadoria privada. Sabia que era necessário mascarar um pouco — e até mesmo enganar — para vender bem, mas naquela campanha em si, as coisas — todas as controvérsias — ficavam mais explícitas.

— Já soltaram muita coisa usando a situação do país, ganhando pessoas por medo... — comecei, lembrando-me exatamente de já ter comentado isso com Ricardo, o meu chefe. — Acho que agora precisamos livrá-los desse medo, mostrar uma organização a quem eles possam confiar o seu futuro.

Mais da metade das pessoas concordaram comigo e também achavam que devíamos deixar o “*governo*” e partir em rumo à confiança.

— Eu mudaria essa última frase pra “*invista em alguém que em você realmente pode confiar*” — sugeri, seguindo aquela mesma linha de raciocínio. — Ainda estaremos alfinetando o governo e a crise política, mesmo que indiretamente e já estaremos caminhando para a confiança, deixando de depender apenas do medo.

O grande problema de vender algo através do medo era que quando esse problema passasse, quando a causa do pavor fosse solucionada, você se tornaria descartável, porque não havia criado um vínculo baseado em confiança. Esforcei-me ao máximo para tentar explicar isso a todos eles, convencendo-os a usarem a minha ideia na nova campanha.

Felizmente, como a maior parte da equipe concordou que deveríamos mesmo abandonar aquela ideia saturada, ficaram com a frase que eu havia sugerido, e já se prontificaram a substituir e, em seguida, enviar para Ricardo aprovar.

Quando estávamos acertando os últimos detalhes, eu percebi que o olhar de todo mundo estava se voltando para o final da sala, próximos da porta, onde um homem loiro usando um terno azul marinho estava parado, encarando-nos à distância.

— Às vezes, eu me esqueço do quanto ele é gostoso — comentou um rapaz próximo de mim, com os olhos fixos em meu noivo. — Olhem só para aqueles olhos...

Uma outra garota, com quem me simpatizei muito durante a criação do slogan, deu um tapa na cabeça dele, avisando-o do óbvio: — cale a boca, Matheus, a noiva dele tá aqui do lado, seu idiota!

Eu me virei, encarando o homem que estava esbanjando elogios para o meu noivo. No mesmo instante, ele ficou completamente paralisado,

provavelmente, achando que eu fosse repreendê-lo de alguma forma.

E não consegui me controlar, tinha que me divertir com aquela situação.

— Quer que eu te apresente pra ele? — questionei, fazendo com que o menino ficasse pálido de tão assustado.

Todo mundo ficou em silêncio, completamente apreensivos, como se eu fosse demitir todo mundo, mesmo tendo um cargo parecido com o deles e nenhum poder para isso.

Ainda me divertindo com as reações, eu prossegui: — ele não morde, gente... Não durante o dia.

Depois que me localizou, Bryan se aproximou, fazendo com que a sala ficasse em um silêncio absoluto, totalmente diferente de como costumava ser.

O meu noivo caminhou em minha direção com aquela carinha de cachorro sem dono, fazendo-me perceber que ele não estava com raiva por eu ter ignorado as suas mensagens. Por mais que Bryan fosse muito bonito, nesse dia em especial, ele parecia estar ainda mais gato.

Talvez fosse aquela cor azulada de seu traje, realçando os seus belos olhos.

Quando ele chegou na mesa em que eu estava com os outros membros da minha equipe, nem dei a chance para o CEO começar a falar, interrompendo-o: — deixa eu te apresentar os meus colegas de trabalho. — Voltei o meu olhar para Mariana, a garota com quem eu havia simpatizado e quem repreendera o garoto que elogiou Bryan, como se eu fosse achar ruim. — Essa aqui é a Mari... — Voltei a minha atenção para o rapaz que continuava pálido. — Esse aqui é o Matheus... ah, ele te acha bem gostoso.

Se o menino ao lado de Mariana pudesse se enterrar no piso aos nossos pés, ele o teria feito. Dessa vez, o seu choque foi muito além de ficar apenas pálido, parecia que Matheus estava tendo um ataque de convulsão.

O loiro sorriu, antes de responder, deixando o menino mais constrangido: — obrigado... eu acho.

Após isso, como eu não lembrava o nome de outras pessoas, me limitei a dizer: — e esses são os meus outros colegas do setor de criação.

Bryan acenou pra eles, cumprimentando-os e pediu pra conversar comigo em particular. Concordei, fazendo-me de difícil ao dizer “*acho que tenho um pouquinho de tempo*”, antes de levá-lo para a minha sala.

— Ainda tá com raiva de mim? — ele perguntou, logo depois que eu fechei a porta. Fiquei em silêncio, para saber o que mais ele diria, enquanto ainda não soubesse a resposta para a sua pergunta. — Sei que fui um babaca ontem, que não deveria ter descontado em você...

— E o que eu ganho se eu te desculpar? — questionei com um sorriso no rosto, interrompendo-o. Meu noivo se aproximou e me roubou um beijo, respondendo a minha pergunta. Encarei aquela carinha safada dele, antes de continuar: — eu só ganho um beijo?

Ele balançou a cabeça na vertical, negando.

— Não, você ganha esse cara que, como o teu colega mesmo disse, é muito gostoso — respondeu ele, de uma maneira bem convencida, que me fez inclinar o corpo para beijá-lo mais uma vez.

Depois de um selinho rápido, ele voltou o olhar para o relógio e confirmou comigo: — nós estamos bem, não é?

— Só se você não ficar enrolando aqui depois do horário — deixei

claro a minha intenção de comemorar mais tarde a nossa reconciliação. — Tenho uma surpresinha pra você mais tarde.

Ele caminhou em direção a porta, sorrindo, dando a sua aprovação para aquela ideia. Antes de cruzá-la, deixando a minha sala, ele finalizou: — eu vou cobrar mais tarde, Waller.

Capítulo 12 — Surpresa

Ele realmente cobrou aquela surpresa que eu havia prometido durante o meu expediente na Leal Corp.

A partir do momento em que cruzamos a porta do seu apartamento, os seus toques passaram a ser mais íntimos, deixando de se liminar a simples beijos e carícias discretas. As suas mãos realmente exploraram o meu corpo, apalpando os meus seios e bunda por cima do vestido com bastante vontade, somente evidenciando o quanto a pegada daquele safado era gostosa.

— Ainda estou esperando aquela surpresinha... — sussurrou ele, ao pé do meu ouvido, fazendo com que eu ficasse toda arrepiada com o som da sua voz. A sua mal safada desceu e parou em cima da minha “*concha*”, que ele começou a esfregar de maneira ousada, por baixo do meu vestido. — Essa coisinha aqui que é a minha surpresa?

Balancei a minha cabeça, confirmando a sua pergunta com um sorriso repleto de malícia.

Eu já estava ficando completamente excitada com tudo aquilo. Adorava quando Bryan estava daquela forma, extremamente inspirado e animado — cheio que fogo para a noite que apenas começava.

Nessas determinadas ocasiões, o nosso sexo sempre era incrível — daqueles que em faziam ficar molhada só de lembrar —, fugindo daquela coisa chata e repetitiva que alguns casais insistiam em fazer, como se fosse uma espécie de obrigação.

— Ela é todinha sua... — respondi, erguendo o meu vestido e facilitando bastante o toque daquele cachorro. Com os olhos em sua face,

NACIONAIS-ACHERON

observando-o se divertir com sua a “*surpresinha*” ali embaixo, eu finalizei: — bom apetite, chefe...

Segundo depois de eu pronunciar aquela palavrinha que, lá no fundo, ele adorava ouvir, o CEO me tirou do chão, pegando-me no colo e me levando para o quarto em seus braços fortes, como se eu fosse uma das propriedades registradas em seu nome. Entretanto, adorava me sentir completamente protegida, envolvida e dominada por ele.

Certamente, não era uma das coisas que eu conseguia explicar.

Ele me jogou em cima da cama e já foi arrancando o meu vestido, tornando a versão “*cavalheira*” dele quase irreconhecível por trás daquela sua face safada. O cretino deixou-me apenas com as roupas de baixo — um conjuntinho vermelho, que ele, instantaneamente, adorou. No entanto, eu tinha absoluta certeza de que ele gostava ainda mais de me ver sem nenhuma peça de roupa.

Dessa vez, o homem a minha frente, encarando-me como se eu fosse o seu jantar, não me beijou ou concentrou a sua atenção em meus seios — da forma que sempre costumava fazer —, indo direto para o seu prêmio, aquela pequena “*surpresa*” que ele estava me cobrando o dia inteiro.

Ele puxou a minha calcinha vermelha para o lado e caiu de cara em cima de mim, me abocanhando de uma forma que me deixava louca, como se estivesse me engolindo, realmente me devorando.

Sua língua gulosa começou a se movimentar de maneira descontrolada, só evidenciando o tamanho da fome que Bryan sentia. Em alguns momentos, eu ficava em dúvida se conseguiria satisfazê-lo, pois o seu apetite parecia ser insaciável. Era como se ele estivesse tentando, a todo instante, me foder com a sua língua, daquela sua maneira selvagem.

E sem nem tirar a língua do meu sexo, o CEO inseriu um de seus dedos lá dentro, movimentando-o com força, enquanto tornava a me envolver com aquela sua língua ágil, que sabia exatamente o que estava fazendo. Mas, como era de se esperar, ele não se sentiu satisfeito com apenas um dedo me fodendo e, em pouco tempo, senti um segundo me invadindo.

Tudo parecia estar queimando em cima daquela sua cama e isso tornava impossível o ato de não suar como se eu estivesse completamente desidratada.

Quando pensei que ele fosse me dar um descanso, os seus olhos se voltaram em minha direção, antes de Bryan dar um beijinho carinhoso de leve em cima do meu sexo, como se estivesse apenas me alertando do que estava prestes a me atingir.

Em seguida — logo após aquele seu carinho —, ele afastou o rosto, mas manteve os seus dois dedos no mesmo lugar. E, sem nenhum aviso prévio, seus dedos começaram a vibrar com bastante intensidade, roubando-me alguns gritos de prazer. Eu, definitivamente, não conseguia manter a minha boca fechada — pelo menos, não com ele me invadindo daquela maneira, como se estivesse tentando me estourar.

Quando sua mão tornou a se movimentar, trazendo todos os meus gemidos de volta, eu não aguentei e usei uma das minhas mãos para tentar controlar a velocidade da dele, mas Bryan a afastou e tornou a brincar com a minha vagina, afundando os seus dedos em mim, antes de mexê-los novamente com toda a força lá dentro.

E, tudo isso, sem nem tirar o olhar do meu rosto, acompanhando a minha expressão de prazer e sofrimento, que parecia travar uma batalha épica para decidir quem assumiria o total controle.

— Tá gostando, safada? — questionou ele, mexendo os dedos mais uma vez, forçando-me a balançar a cabeça, respondendo positivamente a sua pergunta. Com um sorriso perverso, o meu noivo disparou: — então, abre mais essa boceta pra mim!

Sensata, fiz exatamente o que ele estava me pedindo. Abri as minhas pernas, deixando a minha “*pérola*” bem exposta, da maneira que ele gostava.

Mas eu, sem dúvida alguma, não estava nem um pouco preparada para o seu próximo passo.

Fiquei completamente chocada quando ele me deu um tapa com a mão aberta, naquela minha parte íntima, arrancando-me o grito mais alto da noite.

MERDA.

Doeu bastante no instante do impacto e, em seguida, doeu ainda mais com a ardência, que não deixou de me incomodar. Mas, estranhamente, aquele seu “*tapinha*” deixou-me completamente molhada. Com toda a certeza, eu fiquei muito mais excitada do que eu já estava.

Instintivamente, depois do seu primeiro tapa, eu fechei as minhas pernas, protegendo aquela parte tão frágil — e exposta — do meu corpo.

O CEO não precisou falar nada, bastou o seu olhar em minha direção para que eu soubesse exatamente o que deveria fazer. E, de maneira muito receosa, eu abri as pernas e já me preparei para o segundo tapa que veio ainda mais forte do que o último.

Eu estava já havia chegado ao êxtase e, tecnicamente, o loiro ainda nem havia me fodido, o que era bem comum, levando em conta que boa parte das mulheres — como no meu caso — tinham mais orgasmos nas preliminares, quando eram acariciadas devidamente.

— Arregaça bem essas pernas pra mim... — pediu ele, não me dando a chance de recusar. Por mais que tivesse solicitado pra mim, Bryan mesmo se encarregou de abrir as minhas pernas e colocou as minhas mãos, uma de cada lado, segurando-as. — Não solta, deixe elas bem abertas... eu quero ver bem essa bocetinha linda.

Obviamente, esperei por um novo tapa — tão doloroso e prazeroso quanto os primeiros —, mas, dessa vez, o meu noivo só encostou a sua mão direita de leve em cima do meu sexo, massageando-o. E, por três vezes seguidas, ele ameaçou me estapear e só encostou, blefando completamente.

E a cada vez que ele fazia isso, eu ficava ainda mais aflita, esperando por aquele tapa maldito que nunca vinha. Mas, quando eu menos esperei, ele me acertou novamente e em cheio, não tive tempo nem de tentar fechar as minhas pernas.

— Agora sim, Waller... — disse o CEO, passando os seus dedos em meu sexo, admirando-o de maneira mais carinhoso que há alguns minutos. E com aquela sua voz que me tirava do sério, ele completou: — ela tá vermelhinha, no ponto... prontinha pra ser comida.

Sem fazer nenhuma cerimônia, o loiro safado tirou a calça social preta, juntamente com sua cueca — que já estava toma melada — e libertou aquele seu monstro, que já estava totalmente duro ou, como ele mesmo havia dito há pouco, pronto para me “*comer*”.

Em seguida, com um estranho cuidado, ele encaixou o seu membro em mim e começou a bombar. Seus movimentos começaram bem devagar e, nesse meio tempo, ele aproveitou para reivindicar os meus lábios, beijando-me e levando consigo o restante do fôlego que eu possuía.

O ritmo foi aumentando de forma constante e, em poucos minutos, eu

já estava gritando de novo com o seu “*vai e vem*” selvagem. E enquanto Bryan metia com força, sua mão direita alcançou um dos meus seios, que ele começou a apalpar por cima do tecido do sutiã, dominando-me ainda mais.

Conforme as suas estocadas foram aumentando ainda mais, eu consegui ouvir o barulho dos nossos corpos se colidindo. E, então, o som de sexo passou a ser constante — assim como o cheiro que se instalou em todo o quarto —, como se fôssemos uma espécie de acidente inevitável, encontrando-se a cada novo segundo.

Quando eu pensei que não poderia ficar ainda mais intenso, o CEO inseriu dois dos dedos da sua mão direita em minha “*boceta*”, enquanto continuava a meter com o seu cacete, sem nem reduzir o ritmo.

Estava, basicamente, sendo fodida tanto por sua mão hábil quanto por seu pau grosso e toda essa intensidade me fez ver estrelas no teto branco do quarto. E, mais uma vez — e, na mesma relação —, o orgasmo bateu na minha porta, fazendo-me subir pelas paredes.

Com uma voracidade totalmente animal, o rosto do loiro aproximou-se dos meus seios e, com os dentes — e em um só puxão —, ele arrancou a peça de roupa vermelha sobre o meu busto. Sendo assim, não demorou muito para que os seus lábios os envolvessem, chupando-os de forma intensa e bruta.

O safado não deixou de morder os meus mamilos, maltratando-os tanto quanto estava abusando da “*surpresa*” que havia entregado a ele.

Bryan só afastou os lábios dos meus seios quando os seus gemidos aumentaram, obrigando-o e, conseqüentemente, indicando-me que ele finalmente estava prestes a gozar. E isso realmente não demorou muito para acontecer.

Senti os seus movimentos crescerem em um ritmo descontrolado e,
NACIONAIS-ACHERON

sem seguida, o meu noivo urrou, pronunciando o que parecia ser um “*porra!*”, antes de fechar os seus olhos e se entregar a aquela sensação maravilhosa, que há pouco eu havia presenciado também.

Capítulo 13 — Convite

— Precisa de ajuda, chefe? — perguntei, voltando o meu olhar em direção a ele, observando-o organizar os materiais da Educação Física e, em seguida, guardando-os em seus respectivos lugares.

O meu noivo — e colega de voluntariado — balançou a cabeça, aceitando o meu auxílio. Prontifiquei-me a recolher a bola e algumas cordas, que as crianças, simplesmente, jogaram no chão, antes de seguirem para lanchar.

Com as suas lanternas azuis fixas nos materiais já organizados, o loiro comentou, pegando-me completamente de surpresa: — eu quero adotar...

Voltei a minha atenção em direção a ele e não consegui disfarçar a minha expressão de choque para a frase que havia acabado de ouvir. E, ao perceber isso, Bryan prosseguiu, explicando: — digo, em vez de colocarmos mais uma criança no mundo, eu acho mais correto criar uma que já nasceu e precisa de pais, exatamente como um dia nós dois precisamos...

Por mais idiota que pudesse soar, eu nunca pensei ao fundo sobre a ideia de ter filhos, nem mesmo depois que Bryan me pediu em casamento. Definitivamente, não me imaginava como mãe de alguém e também tinha bastante medo, afinal, todo o meu sofrimento na infância foi causado porque a minha mãe, simplesmente, percebeu — depois do meu parto — que, na verdade, ela não queria ter filhos.

Ela havia falhado comigo e me condenado a uma vida horrível.

Tinha medo de fazer o mesmo com outra criança.

Afinal, sempre dizem que somos apenas os reflexos de nossos pais e que não existe uma forma do fruto cair muito longe de seu pé.

Coloquei um sorriso em meu rosto e balancei a cabeça, concordando com ele. Eu não fui capaz de responder com uma única palavra e tenho certeza que o meu noivo percebeu isso, pois, logo em seguida, mudou de assunto, comentando a respeito da viagem de negócios que ele faria com o pai.

— Se você quiser ir...

— Não, está tudo bem, amor — respondi, interrompendo-o, fazendo questão de mostrar, mais uma vez que eu o compreendia. — Você não está indo pra passear, é sobre negócios e eu entendo. Não se preocupe.

Depois de constatar que as crianças não estavam por perto, aproximei os nossos rostos e o beijei de forma intensa, torcendo para que toda aquela história de filhos — e a minha péssima reação — não ficasse martelando em sua mente, que se dissipasse junto com o meu beijo.

Antes de caminhar em direção à saída, deixando o orfanato e seguindo direto para a casa de seus pais — onde ele combinou de encontrar Willian —, o CEO se virou e me mostrou o porquê eu o amava tanto.

— Ei... eu posso deixar vocês em casa antes — insistiu ele, mesmo sabendo que ele não podia, não sem se atrasar bastante. — Não vai me custar nada, Waller.

Balancei a cabeça, negando.

— Não precisa, amor — respondi com um sorriso de agradecimento. — Eu vou voltar de ônibus com Bianca, como havíamos combinado, O.K?

Ciente de que não conseguiria me convencer do contrário, meu noivo

piscou e sorriu, despedindo-se de mim, mais uma vez. Eu o observei caminhar até que ele desaparecesse do meu campo de visão.

Essa viagem dele e do meu sogro já estava planejada há bastante tempo. Bryan havia dito ao pai que não viria para o período de voluntário nesse determinado dia, justamente para não se atrasar. No entanto, ainda sim, ele resolveu aparecer, embarcando em uma grande correria para fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Eu não conhecia nenhuma pessoa mais caridosa do que ele.

Bryan era, de longe, o melhor ser humano que eu conhecia — em uma lista concorrendo com Bianca, que também era um modelo de membro da ONU.

Sem o meu noivo, todos os meus planos para o final de semana se resumiam em, basicamente, ficar sentada em frente a televisão assistindo alguma coisa ao lado de Bianca, que já havia até separado alguns possíveis filmes para vermos.

Podia não ser a melhor das atividades, mas isso proporcionaria um tempinho a mais com a minha amiga. Mesmo morando no apartamento de Bianca, nós não nos víamos muito, tampouco aproveitávamos alguma coisa juntas. No meio do dia, estávamos trabalhando — em setores bem distantes, diga-se de passagem — e nas noites em que eu não passava com Bryan, chegava completamente cansada do trabalho e seguia direto para o meu quarto.

Então, esse fim de semana seria das amigas, para celebrar a nossa amizade e matar um pouco a saudade de ficarmos em casa juntas, sem fazer absolutamente nada.

Esperei Bianca terminar de ajudar as outras voluntárias com toda a
NACIONAIS-ACHERON

louça e, em seguida, diferente do que eu pensei, nós não fomos de ônibus, optamos por chamar um *Uber*, já que os horários do transporte público em final de semana era bem complicado.

Quando o meu celular vibrou, rapidamente, o tirei do bolso, na esperança de ser alguma mensagem de Bryan. No entanto, eu nem precisei desbloquear para saber que era de outra pessoa — uma pessoa que, definitivamente, não deveria estar me atormentando com isso.

Simplesmente, guardei o celular e ignorei o que Christopher havia me enviado, deixaria para ler depois, de preferência quando não tivesse Bianca do meu lado. Estava omitindo a nossa noite no Karaokê, pois, como Bianca também conhecia aquele meu histórico de irmãos — com Roberto e Jean —, fiquei com medo de que ela me julgasse, pensando na possibilidade de eu estar traindo o meu noivo — o que não aconteceu e nem aconteceria.

— E o irmão do chefe... tentou alguma coisa contra você? — questionou ela, de uma hora pra outra, como se tivesse farejado que eu estava escondendo informações. Balancei a cabeça de forma negativa, mentindo descaradamente. Após a minha resposta, ela continuou, tentando tirar alguma coisa de mim: — e o que você vai fazer?

Desviando o olhar para a paisagem passando ao meu lado, respondi: — esperar ele tentar alguma coisa.

Voltei o meu olhar em direção a ela, ansiosa para finalmente mudar de assunto.

— Falando na família do Bryan, vai rolar uma festa de comemoração lá na casa dos pais dele... sinta-se convidada para ir comigo — disse, com um sorriso animado, tentando arrancar um “*sim*” da boca dela. Como ela demorou demais para responder, insisti: — ah, por favor, vamos? Será

divertido, amiga!

Ela fez uma careta e, segundos depois, de maneira bem hesitante, balançou a cabeça na horizontal, aceitando o meu convite.

Quando chegamos ao apartamento e a minha amiga deixou de ser a minha sombra, peguei o meu celular, curiosa sobre o conteúdo da mensagem de Christopher. E por mais que eu não soubesse o que ele me enviara, sabia que as chances de eu gostar eram bem baixas, quase nulas.

“Eai, maninha, tudo bem? Soube que teu noivo te deixou sozinha nesse fim de semana e tomei a liberdade de criar um programinha bem divertido para nós dois, uma viagem só nossa” Christopher, às 14:15.

Sem nem pensar, respondi com um *“muito obrigada pelo convite, mas já tenho compromisso para esse final de semana”*.

No entanto, em menos de dez minutos, o cretino respondeu com *“eu não me lembro de ter dado uma opção pra você. Saímos às 17:00 horas, não esqueça de pegar roupas para mais de um dia, pois passaremos a noite fora!”*.

Capítulo 14 — Com os Pés na Estrada

Eu não era idiota.

Sabia muito bem que Christopher usaria todos esses nossos “passeios” contra mim, entretanto, acompanhá-lo era a minha única opção no momento — como ele mesmo havia feito questão de destacar em sua porcaria de mensagem de texto.

Encontraria uma maneira de me livrar dele, mas, até lá, eu teria que continuar suportando a sua chantagem barata.

Soltei o meu celular e fui para o banheiro, pois precisava urgentemente de um banho, qualquer coisa que me relaxasse um pouco e me ajudasse a pensar com clareza, estabelecer uma espécie de plano, para conseguir tirar alguma informação dessa vez — ou, no mínimo, conseguir um pouco mais do que obtive em nossa última.

Na hora de me trocar, optei por roupas bem simples, nada muito exagerado — como costumava acontecer —, somente uma calça jeans, uma blusinha branca e a minha jaqueta de couro vermelha. Como roupa reserva — que ele havia dito que precisaríamos —, apanhei as primeiras coisas que a minha mão alcançou.

Formulei a desculpa perfeita para furar com a Bianca em relação ao nosso “*fim de semana das meninas*”. Diria que uma familiar de Bryan — escolheria um nome aleatório na hora — estava precisando de ajuda e, como eu estava tentando, literalmente, entrar para a família deles, não poderia deixá-la na mão sem ferrar com tudo.

No entanto, quando voltei para a sala, procurando por ela, eu a

NACIONAIS-ACHERON

encontrei parada em frente ao sofá, com o meu celular na mão e uma péssima expressão facial, que parecia gritar que, dessa vez, a minha desculpa não colaria tão facilmente.

— Você e Christopher... — começou ela, não conseguindo nem fechar a boca.

Naquele instante, eu me lembrei daquela sua mesma expressão no dia em que contei o porquê precisava de um lugar para ficar — depois de ter traído o meu antigo namorado com o irmão dele.

— Não! — fiz questão de negar, no mesmo segundo. Mas como ela não se convenceu com apenas uma palavra da minha parte, continuei tentando: — ele está me chantageando, é só isso... Não tem nada acontecendo entre a gente.

Caminhei em direção a ela e peguei o meu celular de sua mão, nem um pouco feliz por ter a minha privacidade invadida daquela forma. Mas nem perdi o meu tempo perguntando como ela havia conseguido a senha para desbloquear o meu celular, Bianca me viu colocá-la tantas vezes ao seu lado que era completamente normal o fato de ela já ter isso em mente.

— E você vai ir viajar com ele? — prosseguiu ela, não conseguindo deixar de me julgar, nem por um mísero segundo. — Se você contasse tudo para o Bryan, eu te garanto que ele perdoaria...

— Você acabou de pegar o meu celular, sem a minha autorização e começou a insinuar que eu tinha alguma coisa com o Christopher. A minha melhor amiga — respondi, sem paciência para nada daquilo. — Se nem você confia em mim, porque o Bryan confiaria?

Ela ficou em silêncio.

— Foi o que eu pensei — concluí, voltando ao quarto para terminar de arrumar as minhas coisas e evitar uma briga desnecessária com Bianca.

A pior parte era que eu nem poderia odiá-la por duvidar de mim, pois eu já tinha feito isso uma vez e, literalmente, havia dito a ela que não me arrependia. O meu crédito na praça estava negativo demais, ninguém apostaria nem um centavo em mim e a única culpada era eu mesma.

Peguei as minhas coisas e deixei o seu apartamento, sem lhe dar uma oportunidade para se desculpar — o que, talvez, nem mesmo aconteceria.

Às dezessete horas em ponto, Christopher surgiu em frente ao prédio. Optei por entrar pela porta de trás do seu carro, pois, caso alguém me visse, poderia, simplesmente, dizer que havia chamado um *Uber*.

— Não vai nem me dar “oi”? — comentou ele, em tom irritante, sem olhar para trás. — Pensei que ficaríamos mais íntimos já que você até vomitou no meu carro.

Não consegui me manter calada.

— Merecidamente... já que ninguém mandou você me arrastar pra lá e me forçar a beber — respondi, colocando toda a culpa da bebida nele, o que sabia bem que não era completamente a verdade, mas, ainda sim, não a tomaria para mim, nem mesmo um pouco.

— Vai me dizer que não gostou nenhum pouco de sair comigo? — questionou ele, como se eu realmente fosse admitir alguma coisa.

— Não!

Coloquei-me no meio do carro para observar bem a estrada e tentar identificar para onde aquele idiota estava me levando, já que o mesmo não queria me dar a resposta, justificando isso com um “*é surpresa, maninha!*”.

Dessa vez, eu não perderia a oportunidade de arrancar alguma coisa dele, de tentar descobrir tudo o que Bryan — e todas as outras pessoas de sua família — se recusavam a me contar.

— Você não devia odiá-lo tanto... e por um motivo idiota desse — comentei, tentando jogar verde com Christopher. — Se continuar agindo assim, as pessoas vão acabar pensando que não passa de inveja e recalque da sua parte por ele ser muito bem sucedido.

— Não fique agindo como se soubesse de alguma coisa... eu sei que você não sabe de nada — respondeu ele, pegando a minha jogada de primeira. O cara, definitivamente, não era burro. — Teu noivinho é covarde demais pra te contar alguma coisa.

Aparentemente, não seria assim tão fácil conseguir alguma coisa dele, mas isso também não me impediria de continuar tentando.

Conformada que não descobriria nenhuma coisa naquele momento, troquei de lugar, sentando-me próxima da porta e passei a encarar a vista, que já deixava de ser urbana, sendo dominada pela cor verde.

— Eu não odeio você ou algo parecido... Na verdade, até te acho divertida... — comentou ele, roubando a minha atenção, trazendo-a de volta para dentro do carro. — O meu problema é só com ele.

Virei o meu pescoço em sua direção, antes de responder: — então, pare de me chantagear e vá queimar o seu tempo atormentando ele.

— Em anos, você foi, basicamente, a única coisa com que ele se importou, com exceção daquela porcaria de empresa — continuou Christopher, deixando claro o quanto ele parecia ser perturbado. — Você é a forma mais fácil de atingi-lo.

Por mais que eu devesse ficar assustada ou tentar sair daquele carro, tudo o que eu fiz foi continuar sentada, com uma expressão de tédio cobrindo o meu rosto. Não tinha medo de Christopher e, mesmo com várias coisas me apontando o contrário, não achava que corria algum perigo com ele.

Meu celular começou a tocar e isso, automaticamente, também chamou a atenção do moreno que estava na direção.

Eu fiquei completamente surpresa ao ver o nome “*Bryan*” invadir a tela dele, deixando-me completamente confusa sobre o que eu deveria fazer.

Estava com medo de atender e Christopher gritar, revelando mais do que eu queria que ele soubesse. Mas, ao mesmo tempo, parte de mim queria atender e ouvir a voz dele soar, mesmo que por poucos segundos.

— Se for quem eu estou pensando que é, não atenda — advertiu-me o irmão do CEO, deixando-me, pela primeira vez, receosa quanto ao nosso “*passeio*”.

E, nesse instante, eu tomei a minha decisão.

— Onde você está? — gritou o meu noivo, logo após eu aceitar a ligação. Ele não me deu nem tempo de tentar mentir, continuando, naquele mesmo tom de voz agitado e impaciente: — falei com a Bianca e ela me contou...

Nesse instante, foi como um soco bem grande no meu estômago. Por alguns segundos, foi como se eu não pudesse respirar dentro daquele carro. O pânico me invadiu de uma forma que nunca havia acontecido antes.

Bryan comentou que a minha amiga estava preocupada com a minha segurança e, por esse motivo, ligou pra ele e informou sobre a minha viagem. Mas que pra poder justificar o porquê dela — basicamente, a chantagem de

Christopher —, precisou contar “*todo o restante*”.

E essa foi, definitivamente, a primeira coisa que veio a minha mente: — ela te contou o que exatamente?

Depois de um silêncio momentâneo, eu tive a minha resposta: — eu já te disse, Vanessa... Ela me contou tudo!

Tudo?

Que droga isso significava?

— Ele... ele é perigoso! — prosseguiu o CEO, do outro lado da linha, quase gritando novamente. — Onde é que vocês estão?

Antes que o meu noivo pudesse tornar a falar, obrigando-me responder a sua última pergunta, eu desliguei a ligação, ainda grogue com tudo o que havia ouvido. No entanto, ativei a localização, facilitando que Bryan ou qualquer outra pessoa me encontrasse.

— Eu disse que era melhor não atender — provocou Christopher, como se ele soubesse o conteúdo da conversa, o que eu sabia que não era verdade.

— Ele disse que você é perigoso... — revelei, buscando por uma explicação, qualquer coisa que fizesse com que aquele medo que vinha crescendo em mim diminuísse.

— Eu perigoso? Isso é, no mínimo, muito irônico da parte do meu irmão... — respondeu o moreno, finalmente me dando alguma coisa além de provocação. De forma hesitante, ele continuou: — já que o assassino aqui é ele.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 15 — Verdade

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, tentando arrancar mais informações dele, Christopher deixou claro: — eu vou te contar tudo... esse é o real motivo da nossa viagem.

Em seguida, ele explicou que revelaria tudo quando chegássemos em nosso destino final. Eu, obviamente, fiquei um pouco desconfiada de tudo aquilo e, por mais que não achasse que ele faria alguma coisa comigo, fiquei com um pé atrás com essa história de *“chegando lá, eu te conto”*.

E, também, a localização do meu celular estava ativada. Se o meu noivo não estivesse blefando na ligação e eu realmente estivesse correndo perigo, não demoraria muito para que Bryan — ou qualquer outra pessoa — nos encontrasse.

— Por que você, simplesmente, não me contou isso lá no karaokê ou por mensagem de texto? — questionei em um tom debochado, não entendendo a necessidade de tudo aquilo só para me contar alguma coisa.

— Eu não quero só jogar isso em cima de você, quero que acredite em mim — respondeu ele, ainda não me convencendo muito bem. — Mas, não se preocupe, quando chegarmos lá, você vai entender bem.

Depois de mais uma hora na estrada, não aguentei e acabei dormindo — dando um baita deslize, diga-se de passagem. E, quando eu acordei, nós já nem estávamos mais dentro do carro e isso fez com que eu voltasse o meu olhar para os lados, explorando o ambiente em que estava.

Parecia ser uma espécie de cabana, já que ela era toda feita de madeira e os móveis pareciam ser bem rústicos, completamente diferente com os que

NACIONAIS-ACHERON

eu estava acostumada. Tinha até uma lareira acesa a minha frente.

Eu estava deitada em uma espécie de sofá e, aparentemente, estava sozinha naquele lugar, pois tudo o que eu conseguia ouvir era o barulho de grilos. Isso me deixou bem nervosa, fazendo com que eu buscasse pelo meu celular, que, estranhamente, já não estava mais comigo.

Levantei e comecei a procurar por Christopher, mas também não o encontrei. Então, eu fiz a coisa mais lógica e comecei a bisbilhotar o lugar, tentando descobrir o que era e onde exatamente eu estava.

A baixa luminosidade me indicou que já havia anoitecido, o que fazia bastante sentido, já que deixamos a cidade por volta das dezessete horas. O silêncio e barulho de insetos fez com que eu percebesse que devíamos estar em uma chakra ou qualquer outro lugar cercado por mato.

Durante a minha busca, em uma gaveta de escrivaninha velha, eu encontrei uma foto de Christopher ao lado de uma bela moça loira, eles estavam sorrindo e bem felizes no momento em que foram fotografados. E, na imagem, o irmão do CEO estava totalmente diferente e não apenas fisicamente, era uma coisa que eu não conseguia explicar. Mesmo com todas as semelhanças, era como se estivesse olhando para alguém diferente.

Como aquilo era, aparentemente, sem importância, eu continuei na minha procura e só parei quando ouvi um barulho de porta batendo, o que me levou para a espécie de cozinha da cabana.

Ao verificá-la, encontrei o irmão do meu noivo com algumas sacolas de compra na mão.

— Finalmente acordou, Bela Adormecida? — disse ele, sorrindo. E enquanto tirava alguns mantimentos da embalagem, continuou: — você prefere um pouco de vinho tinto ou refrigerante?

— Onde nós estamos? — questionei, ao me aproximar de onde ele estava.

— Em um lugar aonde teu noivo não vai nos encontrar... pelo menos, não de primeira. — Com um sorriso no rosto, ele prosseguiu: — não sei se notou, mas aqui também não tem sinal... nem com a localização do seu celular ativada ele vai chegar aqui antes do tempo.

Ele estava tentando me assustar? Ao que tudo indicava, sim.

E, infelizmente, ele estava muito perto de conseguir.

— Você disse que quando chegássemos aqui, me contaria toda a verdade sobre Bryan e você... Então, eu meio que estou esperando...

Pude notar que ele gostou bastante de não ver nenhum traço de pavor em meu rosto.

E eu realmente não estava tão assustada ou desconfiada dele, pois se Christopher quisesse fazer alguma coisa comigo, ele já teria feito e não deixaria a cabana completamente aberta para ir ao mercado, dando-me uma chance de escapar.

— Acho que é melhor começar a contar isso quando estivermos de barriga cheia.

Olhei para a mesa e comecei a identificar os alimentos que ele havia comprado. E, definitivamente, não tinha nada que realmente prestasse.

— Você comprou batata *Ruffles*, uma garrafa de vinho e *Coca-Cola*? — questionei, revirando os olhos para o “*banquete*” que ele estava prestes a preparar. — Não tinha nada menos saudável no lugar em que você foi fazer compra, não?

— Nossa, como você reclama, garota? Eu não sei como Bryan te
NACIONAIS-ACHERON

aguenta — provocou ele, antes de começar a despejar os pacotes da batata em uma tigela. — É só comer isso fingindo que é uma salada.

Ele pegou a espécie de comida que havia nos preparado e levou tudo pra sala, onde nos aconchegamos no sofá, em frente a lareira, que mantinha o ambiente bem agradável. Não precisei nem de um cobertor para me aquecer.

— Ele nem sempre foi tão certinho... — começou o irmão do CEO, prendendo completamente a minha atenção. — Por mais que ainda fosse o filho perfeito para os meus pais, treinado desde cedo pra ser o que ele se tornou, Bryan sempre exagerou quando buscava por diversão.

De acordo com Christopher, como a maior parte dos desentendimentos entre dois homens, tudo começou por causa de uma mulher. Letícia — esse era o seu nome — era o tipo de garota que, rapidamente, fez com que Christopher se encantasse. Sendo assim, não demorou muito para que ela e o irmão mais velho estivessem em um relacionamento sério, fazendo planos para um futuro que não chegariam a viver.

O único problema era que o mais novo, Bryan, também gostou demais daquilo que viu.

— Então, eles colocaram um chifre bem grande na sua cabeça? — comentei, tentando adivinhar o final óbvio para toda aquela história. — Tudo isso é por causa de uma traição?

Ele balançou a cabeça, de forma negativa, me surpreendendo e, conseqüentemente, deixando-me ainda mais ansiosa para desfecho daquela história.

— Sim e não — respondeu ele, tornando tudo ainda mais confuso do que antes. — Sim, eles me traíram... E, não, esse não foi o grande problema.

Segundo o homem sentado ao meu lado, demorou bastante tempo para que ele descobrisse sobre o que acontecia bem nas suas costas, mais especificamente, um ano e três meses. Em uma das festas de sua mãe, ele viu os dois juntos, aos beijos, nos fundos da propriedade.

E, por mais que a sua vontade fosse de acabar com tudo, ele não conseguiu. Simplesmente, deixou o lugar e fingiu não ter presenciado aquela cena, buscando uma maneira de enganar a si mesmo. A sua justificativa para essa reação tão estranha foi que se ele dissesse em voz alta ou tentasse confrontá-los, não perderia apenas a namorada, mas o irmão.

Letícia sempre foi mais animada do que ele, adorava se divertir e tirar o máximo de proveito de qualquer situação — e, em parte, isso lembrou a mim mesma, da maneira que eu costumava agir antes de Bryan entrar em minha vida —, independente das consequências que isso poderia gerar. Ela gostava de viver como se todos os dias pudessem ser o seu último — até que um deles realmente foi.

Bryan era exatamente como ela, sempre bebendo demais e gritando o quanto a vida precisava ser aproveitada da forma certa. No fundo, Christopher sabia que o irmão não estava usando apenas álcool e começava a notar diferenças com a sua namorada também. Mas, de acordo com ele, em alguns casos, você só realmente enxerga aquilo que quer ver, ignorando todo o restante.

— E você continuou fingindo que eles não se pegavam pelas suas costas até quando? — questionei, não acreditando em nada daquilo.

Ele riu da minha frase, como se aquilo tivesse graça.

— Eu gostava muito dela e preferia me convencer de que havia sido algo de apenas uma noite — explicou ele, deixando-me surpresa pelo seu

sangue de barata, algo que não pensei que ele possuísse. — O grande problema é que você não pode esquecer daquilo que não deveria ter visto.

Nem mesmo o amor de Christopher estava fazendo com que ele suportasse toda aquela situação. E esse era exatamente o problema com a confiança, ela nunca era recuperava completamente.

— Eu terminei com ela duas semanas depois que os vi aquele beijo, mas o tempo em que guardei aquilo só pra mim pareceram anos — continuou ele, antes de engolir uma batata. — E, ao colocá-la contra a parede, descobri que, definitivamente, não havia sido algo de uma noite.

Bryan e Leticia estavam juntos há cerca de oito meses, praticamente metade de todo o relacionamento dela e Christopher. E isso trincou completamente a relação dos irmãos, fazendo com que eles deixassem de se falar ou convivessem em um mesmo cômodo.

Depois do término dos dois, ela e Bryan se assumiram pra toda a família e, por mais que isso não fosse aceito pelos pais deles, não impediu o irmão mais novo de continuar mantendo a relação.

— Não parece o cara que eu conheço — comentei, realmente não comprando aquela ideia. — Bryan nem ingere bebidas alcóolicas, dedica todos os seus sábados a caridade e também...

— Ele não bebe porque ficou mais de oito meses em uma reabilitação e só faz caridade pra tentar se livrar de toda a culpa que carrega — disse Christopher, interrompendo-me de maneira bruta, finalmente fazendo-me encarar o que parecia ser a verdade. — Eu já te disse... não sou o vilão dessa história.

Três meses depois que Christopher e Leticia terminaram, a jovem foi encontrada morta em uma das festinhas que ela e Bryan sempre

frequentavam. O irmão mais novo não sabia nem o nome de todas as drogas que haviam consumido naquela noite. E, como era de se esperar, os Leal fizeram com que quaisquer vestígios de que Bryan havia participado daquilo desaparecessem, deram um pouco de dinheiro para que a família de Letícia não se tornasse um problema e enviaram o filho viciado para uma reabilitação.

— Depois ele saiu de lá e começou a agir como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse me traído e matado a pessoa que eu amava — completou o moreno, não segurando o riso frustrado. — De repente, ele se tornou o filho exemplar, caridoso e eu, a pessoa mais ferrada por ele, aquele que precisava manter a distância, pelo simples fato de não querer esquecer o que havia acontecido.

A única coisa que eu ainda não conseguia compreender em toda aquela história era em como eu me encaixava naquilo tudo. Sabia que Christopher tentaria me usar como forma de vingança contra o irmão, isso era bem óbvio até antes de eu ouvir toda a história. Mas não fazia ideia de qual era o seu plano e nem da minha serventia pra ele.

— E, agora, você vai me matar pra se vingar dele? — comentei, não conseguindo deixar de debochar de tudo aquilo.

— Olha que não é uma má ideia, hein... — respondeu ele, rindo, enquanto mastigava o salgadinho. — Mas não, prefiro que ele se sinta traído da forma que eu me senti...

Não precisei nem perguntar, Christopher me deu a resposta antes: — vou fazê-lo pensar que estamos juntos há muito tempo... tipo, desde antes de vocês realmente começarem a namorar.

— Eu adoraria te ajudar e ser do time vingador e tudo mais... Mas

nunca tive um senso muito bom de justiça, então meio que não presto pra ser heroína — respondi, pegando mais uma batata dentro da tigela.

— Sorte minha que não preciso que você concorde com isso — continuou ele, colocando as verdadeiras cartas na mesa. — Tenho material suficiente de nós dois juntos, você não vai precisar dizer nenhuma palavra.

Não consegui deixar de sorrir ao descobrir qual era o seu plano estúpido.

— Ainda bem que cantar em um karaokê e beber com outra pessoa não prova muita coisa — comentei, rindo das “*provas*” que ele possuía. — Boa sorte.

— Mas e fotos de nós dois juntos em uma mesma cama? Então, eu meio que batizei a tua bebida naquele dia e te levei pra minha casa, onde tirei várias fotos bacanas de nós dois — ele continuou, fazendo com que o meu estomago se revirasse. E, ao notar a minha expressão, ele levantou as mãos: — calma aí, eu não fiz nada com você... só tirei as fotos.

Agora, pelo menos, eu tinha uma explicação — com exceção da quantidade de álcool que ingeri — para o motivo de não conseguir me lembrar daquela noite.

Não consegui me segurar e dei um tapa bem forte na cara dele, revoltada com tudo o que havia descoberto. Derrubei a porcaria da tigela no chão e me levantei daquele sofá, realmente com raiva das coisas que haviam acontecido desde que ele entrou na minha vida. Por mais que Christopher não tivesse abusado de mim daquela forma — se é que ele estava mesmo falando a verdade —, não conseguia deixar de sentir ódio.

— Ei, não precisa ficar com tanta raiva... já disse que não é nada pessoal — comentou ele, com aquele sorrisinho nojento no rosto. — E eu

planejo te recompensar por isso... vou te dar o que você sempre quis do meu irmão... uma ótima quantidade de dinheiro.

Se ele tivesse me procurado lá no começo do meu plano, talvez eu — ou melhor, a pessoa que eu costumava ser — tivesse até aceitado. Mas agora era completamente diferente, eu realmente gostava do Bryan e isso ia muito além do dinheiro e poder que ele possuía.

— Vai pro inferno! — respondi, correndo em direção a cozinha, buscando por qualquer coisa afiada, capaz de tirar aquele sorriso ridículo de sua face.

Peguei uma faca de serra e estendi o meu braço, apontando-a em direção a ele.

— Você acha mesmo que eu já não me programei? — A voz dele já estava me enjoando. — Enquanto estamos aqui, o seu noivinho já deve estar sabendo de tudo... junto com todas as outras pessoas que conhecemos, essa é a melhor parte da internet, tudo viraliza...

Eu poderia, simplesmente, me jogar no chão e chorar de raiva por toda aquela exposição a qual eu fui submetida. No entanto, o grande problema era que ainda existia um pequeno detalhe oculto, uma coisa que ainda não fazia sentido.

— Se o seu plano sempre foi divulgar algumas fotos nossas, podia ter feito isso logo depois que as tirou, não precisava me arrastar pra cá e nem me contar todas aquelas coisas.

E, então, todo o pavor que antes me faltava, alcançou-me, quase me derrubando.

— Talvez eu realmente não tenha sido tão sincero com você — disse

ele, pegando um objeto em sua cintura. Parecia ser um revólver prateado, que fez com que o meu coração falhasse em uma batida. — Eu quero que ele se sinta traído, mas também quero que sofra com a dor da perda.

Capítulo 16 — O Confronto

Ele puxou o objeto da cintura e eu fechei os meus olhos, aguardando ser atingida pela bala que estava prestes a ser disparada de sua arma. Mas tudo o que eu ouvi soar, foi a risada contagiante de Christopher.

Demorou bastante para que eu conseguisse me mexer ou, simplesmente, abrir os meus olhos para encará-lo.

O que eu pensei ser um revolver não passava de um cantil de bolso — aqueles objetos que guardavam algumas bebidas, como vodca, por exemplo.

Ele não se limitou a um sorriso, começou a gargalhar descontroladamente, rindo da minha cara e do meu papel de trouxa, que fora desempenhado com maestria.

— Seu cretino... idiota... — Eu já não sabia nem do que xingá-lo mais, só queria despejar toda aquela raiva de dentro de mim. — Eu é que vou matar você agora, seu imbecil.

Entre as suas crises de riso, ele me confidenciou: — eu só te trouxe para que o Bryan ou qualquer outra pessoa pensasse que você fugiu comigo... — Ele desviou o olhar, ainda com o sorriso impregnado em seus lábios, antes de continuar: — e também pra aproveitar e te contar a verdade, desmascarar aquele falso, que é o verdadeiro assassino aqui.

Por mais que o susto já tivesse passado, o meu coração continuava acelerado e eu não tinha nem ideia de quando ele voltaria ao normal. Definitivamente, foi a primeira vez — em toda a minha vida —, que eu realmente pensei que fosse morrer, que eu esperei por isso acontecer.

E era horrível.

Nunca havia sentido tanta impotência antes.

— Pra mim já chega — disse, indo até o sofá para pegar a minha bolsa e jaqueta, cansada de toda aquela situação. Felizmente, Christopher não me impediu, realmente provando que não queria me prender ali ou me fazer algum tipo de mal. — E, só pra constar, eu vou chamar a polícia e acabar com você!

— Vai me acusar por te usar da mesma forma que você sempre usou todos a sua volta? Boa sorte, meu amor — respondeu ele, mostrando-me o quanto se preocupava com a ameaça que eu havia acabado de fazer.

Importância zero, assim como o resto de dignidade que havia me restado. Fiz questão de caminhar, em passos apressados, na direção da porta, evitando deixar aquele lugar com um saldo negativo.

Não tive nem tempo de sair.

Um homem — que mais tarde reconheci como sendo Bryan — avançou a toda, de maneira desesperada, como se estivesse tendo algum tipo de ataque.

Ele, provavelmente, também devia estar pensando que eu corria risco de vida.

E, ao me visualizar parada, bem a sua frente — em perfeita segurança —, ele ficou preso em um estado atônito por alguns segundos e, logo em seguida, me abraçou com força, como se precisasse de uma comprovação de que eu era real e não uma espécie de miragem, enganando um andarilho desidratado nas dunas do deserto.

— Você está bem? — questionou ele, olhando dentro dos meus olhos.

Balancei a cabeça, não conseguindo nem pronunciar um “*sim*”. No entanto, mesmo assim, o CEO continuou, como se não confiasse nas minhas palavras: — ele te machucou?

Depois questionar, sem nem esperar pela minha resposta — que seria outra negativa —, o meu noivo correu em direção ao irmão e, dessa vez, não se limitou ao diálogo. Consegui contar três socos no rosto — que, certamente, devem ter sido mais —, seguidos por chutes e empurrões.

Christopher resistiu bem, revidando alguns e fazendo com que Bryan tivesse que se esforçar para derrubá-lo de novo.

Temendo pelo pior, corri em direção a eles, tentando separar a briga que poderia resultar em algo ainda pior do que toda a situação em que nós já estávamos envolvidos.

— Você vai matar ele — gritei com o loiro, enquanto puxava o seu braço com toda a minha força. — Solta ele, Bryan... SOLTA!

Depois de me esforçar bastante, consegui levar o CEO de volta para a porta e, de longe, pude ouvir a risada de Christopher — que parecia pedir por uma nova surra —, indicando-me que, de certa forma, o seu plano havia sido bem sucedido.

Bryan e eu éramos os únicos a perder com os acontecimentos.

Sem paciência para a velocidade dos meus passos, o meu noivo puxou-me pelo braço e me levou em direção ao seu carro, que não demorou muito para deixar aquela cabana para trás. No entanto, o pesadelo continuou conosco, dentro daquele veículo. Ele estava escondido em nosso silêncio e atormentando os meus pensamentos.

Sentada no banco do carona, ao lado dele, tentei puxar conversa: —

eu...

— Nem comece Vanessa — respondeu ele, claramente irritado com o que havia encontrado. — Eu cansei de ser feito de idiota por você.

Por mais que eu quisesse me justificar, dizer que não era verdade — e realmente não mentindo sobre isso —, Bryan não acreditaria em mim.

Mas eu precisava tentar.

— Ele inventou tudo isso... as fotos, eu estava dopada, ele se aproveitou de mim — comecei a dizer, nem precisando forçar um choro, pois as lágrimas vieram naturalmente. — Christopher me usou pra se vingar de você.

As minhas lágrimas não adiantaram de nada, a expressão de seu rosto continuava séria, impiedosa, como se ele nem ao menos me conhecesse — o que, infelizmente, também não era completamente mentira.

— Eu não estou me referindo só ao que aconteceu entre você e Christopher, mas a todo o restante... sobre as coisas que a sua amiga me contou... — Bryan explicou, fazendo o meu coração parar mais uma vez. — Quando você ia me contar sobre a sua operaçãozinha?

Desviei o meu olhar, voltando-o para a vegetação da estrada, enquanto o meu rosto queimava de vergonha.

Eu sabia que Bianca não havia tentado me prejudicar, acabar com o meu noivado. Ela, simplesmente, devia estar preocupada com o fato de eu estar saindo em uma viagem — de forma obrigada — com Christopher, para um lugar em que nem mesmo eu sabia da localização.

— Nem tudo foi mentira...

— Ah, não?

Fechei os meus olhos e não acreditei que estava mesmo vivendo naquele pesadelo. Sem dúvida alguma, preferia ter morrido naquela droga de cabana, mas nem isso o banana do Christopher foi capaz de fazer.

De forma bem agressiva — como se ele realmente quisesse que eu percebesse o quanto estava magoado —, o homem ao meu lado contou-me como localizou o lugar em que eu estava. Bryan confidenciou-me que já conhecia a cabana do irmão, que foram várias as vezes em que ele esteve ali, no tempo em que os dois ainda não se odiavam. E, por mais que lá não pegasse sinal, a última localização do meu celular — que ativei na última vez em que falei com ele — deu uma boa noção de onde Christopher estava me levando.

— Não precisa se preocupar... — sussurrei, tentando não começar a chorar por algo que já não tinha mais conserto. — Eu não vou mais te incomodar — E não vai mesmo — respondeu ele, com os olhos na estrada. — Já está me dando o maior trabalho com a porcaria das fotos, que, por sorte, não foram de nudez... Mas, ainda sim, eu vou ser lembrado como o corno da história, traído pelo meu próprio irmão.

Nesse momento, deixei de odiar um pouquinho Christopher — mais só um “*pouquinho*” —, pois agora finalmente sabia que não havia acontecido nada no período em que fiquei desacordada, que ele não havia tirado a minha roupa, não completamente.

— Um dia do caçador e outro da caça, não é mesmo? — respondi, jogando uma indireta pra ele, uma que Bryan pegou no mesmo segundo. — Eu não vou me desculpar por algo que eu não fiz... não vou.

Ele riu de maneira sarcástica e, então, voltou brevemente o seu olhar em minha direção, comentando: — se a minha mãe já te odiava antes disso, agora ela não vai suportar nem ficar no mesmo cômodo que você.

NACIONAIS-ACHERON

“Como se aquela velha fosse precisar ficar próxima de mim depois de tudo isso” pensei, completamente frustrada pela forma com que as coisas estavam terminando.

— Ela deve estar comemorando o nosso fim — deixei escapar, lembrando-me do quanto ela costumava implicar comigo, mesmo sem conhecer os verdadeiros motivos.

— Não, ela não está... me conhece bem demais pra saber que não vou conseguir terminar porra nenhuma — prosseguiu ele, deixando-me ainda mais confusa.

Eu havia ouvido direito?

Ele não terminaria comigo, mesmo sabendo de todas aquelas coisas?

— Mesmo depois de eu me aproximar de você só por causa do teu dinheiro, mentir sobre não conhecer o seu irmão e mentir de novo, omitindo que estava sendo chantageada por ele? — confirmei, fazendo questão de que ele relembresse todas aquelas coisas e me precavendo, caso Bianca tivesse se esquecido de mencionar algum desses pontos importantes.

— Não... Eu não vou — confirmou ele, gelando o meu estômago.

— Eu não falo espanhol, comecei a me voluntariar no mesmo fim de semana em que nos vimos no orfanato, não era ruiva, gosto de beber socialmente... — Ele me lançou um olhar de “*você está mentindo pra mim de novo?*”, que me fez completar: — O.K, talvez, um pouquinho mais que socialmente... E, antes que eu me esqueça, odiava a porcaria das histórias contadas! — Certifiquei-me de que estava deixando ele bem ciente de todas as minhas mentiras, por mais bobas que elas pudessem ser. — Eu já disse que não sei falar espanhol?

O CEO confirmou com um aceno de cabeça, seguido por um meio sorriso. Sim, ele havia entendido, tinha conhecimento de todas aquelas mentiras e, mesmo assim, estava decidido a continuar comigo.

— Se Christopher te contou mesmo aquela história, você deve saber que eu não sou muito perfeito também, por mais que eu continue me esforçando todos os dias para ser alguém melhor — comentou ele, tranquilizando-me e finalmente fazendo com que a minha ficha caísse, de que ele não me chutaria pra bem longe. — Eu amo você... Não vou mentir e dizer que está tudo bem, por que não está nada bem. Eu estou magoado, mas não quero me sentir ainda pior, não da maneira que eu vou me sentir se te excluir da minha vida.

Ainda com os olhos sobre a estrada, ele concluiu: — quero adiar o nosso casamento e realmente conhecer você, conseguir separar os momentos reais dos falsos, descobrir se a pessoa que eu amo realmente está aí dentro, ter certeza de que ela não é mais uma das mentiras que você me contou.

Dessa vez, eu não consegui forçar um sorriso, mas encontrei forças para dizer: — eu entendo e estou disposta a provar que, mesmo começando com mentiras, muitas mentiras, existe verdade no meu amor.

Depois disso, eu fiquei em silêncio, pois nem eu mesma sabia o que era verdade e o que era mentira em tudo aquilo, já não conseguia separar as duas coisas, excluir as minhas mentiras dos nossos momentos bons sem arruiná-los completamente. Mas, ainda sim, mesmo com todas aquelas incertezas em relação ao nosso futuro, eu estava feliz por aquela chance de mostrar a ele que eu realmente o amava, mesmo que daquela minha forma errada e tóxica.

FIM.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

A ESCOLHA DO CEO — LIVRO 3

A Escolha do
CEO

SÉRIE CEO - LIVRO TRÊS

ANNE MILLER

Capítulo 01 — O Começo do Fim

Depois de fechar a porta do apartamento da minha amiga, já longe de Bryan — que, devido aos últimos acontecimentos, preferiu não subir —, desmoronei completamente, deixando de lado aquela minha expressão confiante, de quem possuía um plano perfeito para resolver as coisas.

Tudo, absolutamente tudo, desabou.

Cada vestígio da coragem que eu tinha — ou pensava possuir —, escorreu para fora do meu corpo, abandonando-me de uma forma cruel.

No final, a única coisa que me restou foi o medo.

E sobre o meu rosto, a expressão de “*garotinha assustada*” — a mesma que eu costumava usar enquanto vivia no orfanato — era estampada, revelando exatamente o que eu era.

Eu me tornara uma porcaria de “*vítima*” — ainda que uma das minhas próprias mentiras e escolhas —, exatamente aquilo que sempre abominei.

O universo não era apenas irônico, ele também era irritantemente cruel.

Não, eu não estava voltando para a estaca zero, culpando o universo — ou qualquer outra coisa além de mim mesma —, exatamente como fiz quando voltei para o apartamento de Bianca, dias antes de conhecer o cara que mudaria completamente a minha vida.

Sabia muito bem que não era o tipo de mulher que merecia leveza.

Durante todo o meu relacionamento com Bryan, eu o conquistei com mentiras, inventei alguém que ele não conseguiria deixar de amar. Semeiei os

NACIONAIS-ACHERON

nossos jardins com belas mentiras, tão bonitas ao ponto de se passarem por frutos de verdade. E o CEO me amou, amava-me mais a cada vez que avistava os campos férteis que havíamos plantado.

No entanto, no momento da colheita, os “*belos frutos*” — aqueles regados a meias verdades — mostraram-se podres por dentro, intragáveis.

Eles não eram reais e foram feitos apenas para serem atraentes por fora — transparecendo uma beleza arrebatadora, ainda que sem nenhum conteúdo. E, sem alimento, morremos de fome — ou estávamos prestes a morrer.

Capítulo 02 — Apenas Verdades

Bianca me encontrou sentada no chão, escorada na porta, com a derrota expressa em meu rosto. Seu olhar despencou, buscando pelo meu e quando ele o encontrou, eu soube o que ela iria me dizer antes mesmo que essas palavras deixassem a sua boca.

— Eu não deveria ter...

— Não, você não deveria — eu a interrompi, impedindo-a de começar a se desculpar. Não estava com muita paciência pra isso. — Mas fez mesmo assim, não é?

Ela se aproximou e, mesmo sem um convite da minha parte, sentou-se ao meu lado.

— Eu estava preocupada com você, com medo daquele cara fazer al...

— Sua explicação não vai me ajudar em nada agora, Bianca — eu a cortei, mais uma vez, fazendo com que ela abaixasse a cabeça e desistisse de tentar se explicar. Levei a minha mão até a dela e trouxe o seu olhar de volta pra mim, antes de completar: — mas eu sei que você não fez por mal.

Eu não estava com raiva dela ou algo parecido.

O tempo da viagem de volta com Bryan — e todo o estranho silêncio que nos acompanhou — foi mais do que o suficiente para que eu percebesse que a única culpada por tudo aquilo era eu mesma.

De um jeito ou de outro, a verdade sempre aparecia.

O dia da colheita pode até tardar, mas sempre chega. E o meu ex-noivo — eu já não sabia nem como chamá-lo mais — sentiria o odor da podridão

NACIONAIS-ACHERON

emanada pelos frutos estragados em nosso quintal, era só uma questão de tempo.

— Ele terminou o noivado... tudo? — indagou a minha amiga, encostando a cabeça na porta, como se ainda não soubesse se realmente queria uma resposta para a pergunta que havia acabado de fazer. — Eu... eu destruí o seu casamento?

Balancei a cabeça, antes de responder: — não... eu destruí o meu casamento. Afoguei ele na gasolina no momento em que me aproximei do Bryan... e atirava um pouquinho mais a cada mentira que contava a ele. — Voltei o meu olhar em direção a ela e prossegui: — você só riscou o fósforo.

Antes que ela pudesse começar a chorar, se desculpando por um erro — um que claramente era meu e não dela —, fiz questão de deixar claro o exato estado da minha relação com o CEO.

— Ele desfez o nosso noivado, disse que quer me conhecer de verdade, descobrir quem é a pessoa por baixo de todas aquelas mentiras — contei, lembrando-me do exato momento em que ele havia me dito isso. Nós estávamos em seu carro e nesse mesmo instante em que eu mal conseguia olhar em seus olhos, sendo consumida pela vergonha. — Bryan quer saber se realmente me ama, ele quer uma prova de que não está apaixonado por uma das minhas mentiras.

Como se não tivesse ouvido nenhuma palavra do que eu havia acabado de dizer, Bianca sorriu, de maneira animada e levantou-se, dizendo: — então, tudo o que precisa fazer é mostrar pra ele quem você realmente é!

Se a situação não fosse tão trágica, eu teria começado a rir daquela frase estúpida.

Quem eu realmente era?

NACIONAIS-ACHERON

Uma mentirosa, interesseira e manipuladora?

Ele me detestaria ainda mais do que já devia detestar.

— Eu criei uma versão melhor de mim mesma... me tornei exatamente o oposto daquilo que eu realmente sou — respondi, como se não fosse óbvio o suficiente. — Ou seja, se ele amava mesmo aquela versão, odiará a original.

— Você não é mais aquela pessoa... — continuou ela, tentando me fazer acreditar que eu realmente tinha uma chance. — Talvez você realmente não seja esse modelo perfeito de pessoa que desenhou pra ele, mas tenho certeza que já está muito a frente daquela mulher que você costumava ser, alguém que mesmo naquele tempo não era completamente má.

Não tive nem chance de rebater a sua frase.

Ela agarrou o meu braço e me levantou do chão, colocando-me de pé ao seu lado.

— Você é uma pessoa egoísta, mentirosa e manipuladora... e talvez mais algumas coisas bem ruins das quais não vale a pena mencionar agora — comentou ela, fazendo-me revirar os olhos e abrir a minha boca para dizer um *“não está ajudando muito, querida!”*. Entretanto, guardei as palavras para mim, esperando por suas próximas frases: — mas também é leal, determinada, inteligente, animada do tipo contagiante e, para aqueles que te conhecem de verdade, apaixonante.

E, novamente, Bia não me deixou contra argumentar, contestando todas aquelas coisas que ela havia acabado de dizer.

— Há cerca de um ano e meio, você me arrastou para aquela droga de farmácia vinte e quatro horas e me fez pagar uma tinta ruiva para o seu cabelo. Naquele dia, você criou essa Vanessa Waller e deu início ao plano

que eu odiei e amei fazer parte. — Seus olhos continuavam comigo, forçando-me a continuar firme em nossa conversa, sem tentar me esquivar. — Hoje, nós duas vamos voltar pra lá e eu vou te pagar mais uma tinta, mas, dessa vez, será uma loira. A sua operação termina oficialmente aqui e, com isso, mostraremos para o chefe a pessoa incrível que você é e, se ele já não a amava, passará a amar.

Capítulo 03 — Uma Nova Cor

Tentei impedir a minha amiga de começar, dizendo coisas do tipo “*eu fui ao salão na semana passada, sua louca*” e “*se você destruir o meu cabelo, aí que ele não vai me querer mesmo!*”. Mas nem mesmo isso fez com que ela desistisse de iniciar a mudança que eu tanto temia.

É mais fácil permanecer no mesmo lugar, segura e confortável. É incrivelmente simples estar confiante vestindo uma armadura e com uma espada na mão, com todas as ferramentas das quais se tem certeza de que auxiliará no momento da batalha. Difícil mesmo é partir para a luta usando apenas um vestido e nenhuma arma, completamente exposta a brutalidade.

Eu sairia de lá destrozada.

Mas talvez o amor seja isso, fazer escolhas que escapem completamente da lógica. Loucuras como partir em direção a uma batalha que você sabe que não pode vencer ou entregar tudo de si, mesmo sabendo que pode acabar não recebendo nada.

E, quando a minha amiga finalmente terminou, eu já não estava mais ruiva.

Como ainda estava usando a toca, não tinha a mínima ideia de como tinha ficado, só torcia para que o meu cabelo tivesse aceitado bem toda a química, não se tornado uma mistura alaranjada.

Depois de secá-lo, finalmente consegui ver como ele realmente estava. Por sorte, não ficou em um tom de laranja — como formulei em meus pensamentos mais negativos —, mas tampouco naquele que eu costumava possuir antes de embarcar em minha “*operação CEO*”.

NACIONAIS-ACHERON

Era uma espécie de loiro, ainda que diferente do antigo.

Bianca, ao perceber que as coisas não haviam saído da forma como ela esperava — provavelmente, porque ela não era uma profissional de cabelo —, ficou em silêncio, forçando um sorriso mais falso do que a cor loira que cobria a minha cabeça.

— Não ficou tão rui...

— Eu gostei — disse, por fim, surpreendendo a pessoa ao meu lado e, principalmente, a mim mesma. — A cor não é exatamente igual a que eu possuía, assim como eu já não sou mais exatamente aquela pessoa.

De certa forma, dentro desse contexto, era perfeito.

Na segunda de manhã, a minha ansiedade era gigantesca, pois eu sabia que o meu “*alguma coisa*” estaria na Leal Corp, esperando para me reencontrar. E eu precisava saber a reação dele, finalmente descobrir como Bryan agiria quando me visse com aquele novo visual.

“*Será que ele vai mesmo gostar?*” questionava a minha insegurança, no fundo da minha mente.

E, lá da frente, a minha autoestima elevada rebatia “*ele não tem que gostar de nada, o cabelo é seu mulher!*”.

Deixei de enrotação na frente do espelho e fui pegar as minhas coisas jogadas em cima do sofá da sala, antes de finalmente seguir em direção ao meu trabalho, como se fosse o meu primeiro dia naquela empresa.

Como o horário de entrada da minha amiga era mais cedo do que o meu, ela já havia saído e, provavelmente, já estava na Leal. Eu,

estranhamente — muito estranho mesmo —, passei a sentir saudade das vezes em que íamos juntas, espremidas, dentro do ônibus em horário de pico.

Agora, em meu novo horário, sempre pegava o biarticulado menos carregado. Por mais que nessa nova fase eu fosse sentada durante todo o trajeto, trocaria tudo pela companhia dela — mesmo sabendo que Bianca, provavelmente, não fecharia a boca nem por um segundo.

“Será que até o final do dia ainda seremos colegas de trabalho?” pensei, antes de rir de maneira frustrada.

Com todos os problemas em minha relação com Bryan, não cheguei a pensar na posição que eu ocupava na Leal, principalmente com o que aconteceria com ela caso ele terminasse de vez comigo.

Se ele fosse como noventa por cento das outras pessoas — onde eu também me incluía —, não gostaria de correr o risco de ficar cruzando com a ex-namorada quando entrasse no elevador ou descesse as escadas.

Eu realmente gostava do que fazia lá, até mais do que achei que gostaria quando entrei — quase obrigada —, com o objetivo de não assaltar mais a poupança da minha amiga. E, assim como havia acontecido com o meu relacionamento com Bryan, só fui perceber o quanto adorava tudo aquilo no instante em que estava prestes a perder pra sempre.

No entanto, o cargo eu poderia superar, encontrar alguma outra coisa — ainda que não fosse tão perfeita quanto a atual ou com pessoas tão bacanas quanto as que eu trabalhava ali. Mas e quanto ao CEO, como eu conseguiria viver sem ele?

Eu estava completamente apaixonada, não conseguia nem imaginar a minha vida sem aquele sentimento — um que eu havia acabado de descobrir ao seu lado.

Balancei a minha cabeça, espantando todos aqueles pensamentos.

Não queria ficar ali, sentada em um banco de ônibus, odiando a mim mesma. Isso não mudaria as coisas, só me deixaria ainda mais fraca e eu não precisava disso.

A única maneira de realmente consertar tudo — se é que realmente existia uma chance —, era convencendo Bryan de que o meu sentimento era verdadeiro, de que eu não estava apenas querendo o dinheiro em sua conta ou o poder que ele poderia me oferecer — pelo menos, não mais.

E, dessa vez, eu não possuía um plano ou uma operação.

Simplesmente, deixaria as coisas rolarem.

O trânsito estava bem tranquilo e, conseqüentemente, acabei chegando na Leal antes do esperado. Como não vi nenhum olhar fixo em meu rosto por tempo demais, soube que as pessoas ali não haviam chegado a ver as minhas fotos com Christopher e isso só provava o quanto o CEO e a sua equipe foram ótimos na questão de tirá-las do ar.

Após cumprimentar algumas pessoas com sorrisos, eu caminhei em direção ao elevador e subi para o meu andar, já pensando nas coisas inacabadas que eu havia deixado por lá. Quando a porta de metal se abriu, estava tão perdida em meus próprios pensamentos que quase não notei a pessoa que seguia em minha direção.

Era Bryan.

Ele andava rapidamente, aproximando-se do elevador.

Surpresa pela coincidência — e curiosa pelo motivo de sua visita ao meu setor —, dei alguns passos para frente e esperei que ele chegasse até onde eu estava, completamente ansiosa para ver a sua reação ao me ver

daquela forma, com o cabelo tingido.

Forcei um sorriso e o mantive, enquanto continuava com os olhos fixos nele.

No entanto, ele não parou, deixando-me ali plantada.

Bryan simplesmente passou por mim, desviou e entrou de maneira apressada no elevador, como se estivesse atrasado para alguma coisa importante. O CEO não me viu — pelo menos, eu achava que não —, ignorando-me da mesma forma que havia feito quando cheguei na empresa, em meu primeiro dia de trabalho, segundos depois de eu parar de girar na cadeira de Bianca.

Eu não tinha ideia se ele realmente não me reconheceu ou apenas me evitou, mas foi impossível não me sentir um pouco chateada com a situação.

Deixei de imitar uma estátua — ou qualquer outra coisa que se mantivesse parada em uma posição estúpida — em frente ao elevador e tornei a caminhar, adentrando o meu setor, tentando não ligar para o vácuo que havia acabado de levar.

Segui em direção a minha sala e coloquei as coisas que carregava em cima da mesa, antes de me sentar em minha poltrona e rir de mim mesma, da expressão que devia estar estampada em meu rosto no instante em que fui esnobada por ele.

Entre rir e chorar, fiquei com a primeira opção.

Pouco tempo depois, bateram em minha porta e entraram na sala. A primeira coisa que a pessoa notou, foi a nova cor do meu cabelo. Recebi um *“eu quase não te reconheci”*, antes de ganhar um elogio, que levei como pura puxação de saco, mas que aceitei calada.

Tratava-se uma das minhas colegas, avisando-me de que Bryan havia pedido para que eu fosse até a sala dele assim que chegasse. Ela até brincou, dizendo que ele havia acabado de sair e que se eu tivesse chegado uns segundos antes, o encontraria pelos corredores.

Forcei um sorriso e a agradei pelo recado.

No fim das contas, ele realmente não havia me visto.

E não sabia se isso era bom ou não.

Era melhor ele ter me evitado por vontade própria ou eu, a pessoa que ele reconheceria a quilômetros de distância, ter passado despercebida?

Abandonei essas questões — pois, provavelmente, não gostaria muito da resposta — e prontifiquei-me a atender ao pedido do CEO.

Capítulo 04 — Chuva de Incertezas

Em frente a porta do CEO, tornei a me sentir como a sua copeira, como se estivesse empunhando uma bandeja com café nas mãos, conseguia sentir até o peso do objeto.

Odiando essa sensação, eu respirei fundo e dei três batidas em sua porta, antes de adentrar a sala. E, assim como aconteceu com a minha colega, os olhos dele viram a coloração do meu cabelo e, só então, focaram no meu rosto, ligando as duas coisas e, conseqüentemente, me reconhecendo.

Como ele continuou em silêncio, fazendo a linha “*homem misterioso*”, eu fui obrigada a arrancar alguma palavra de sua boca à força.

— E então... o que você achou?

Bryan continuou me encarando daquela forma espantada e, em seu olhar, eu soube que ele não sabia muito bem o que me dizer e isso fez com que eu completasse com: — eu sei que você prefere mulheres ruivas, mas...

— O quê? — o homem sentado a minha frente questionou, com uma expressão confusa.

E isso fez com que eu explicasse: — eu descobri isso *stalkeando* o seu perfil do *Facebook* no ano passado e...

— Você o quê? — ele tornou a dizer, irritando-me com aquela chuva de “*o quê?*”. Como eu não tornei a explicar, ele mesmo continuou: — você não tinha me contado essa parte... que fez uma pesquisa sobre a minha vida.

Revirei os meus olhos, esforçando-me para não agarrá-lo pelo pescoço.

— Eu não fiz uma pesquisa sobre a sua vida... Eu só olhei o seu

NACIONAIS-ACHERON

Facebook, coisas que você postou para todo mundo ver — respondi, não conseguindo disfarçar a minha irritação ao ver toda aquela desconfiança em seu olhar.

Por mais chato que fosse tudo aquilo, Bryan tinha todo o direito do mundo de desconfiar. Eu havia feito tanta coisa errada que não podia nem mesmo me sentir ofendida com aquela sua acusação.

— Não é sim — disse ele, deixando-me ainda mais confusa sobre aquela conversa que estávamos tendo. Mas não precisei nem questionar, pois ele logo me deu a explicação: — não, eu não tenho uma preferência por ruivas. E, sim, você está linda... muito diferente, mas, ainda sim, linda.

Não consegui deixar de sorrir com aquele elogio — um que precisei quase implorar de joelhos para ganhar.

E foi como se o meu sorriso tivesse despertado algo em Bryan, pude sentir a sua expressão facial se tornar mais tranquila, quase feliz.

— Pelo que me disseram, você queria falar comigo... — lembrei ele sobre o motivo da minha visita a sua sala. Seus olhos continuavam em meu rosto e o CEO se mantinha calado, pensativo. — Então...

— Sim, claro... Eu realmente preciso conversar com você, mas acho melhor fazermos isso em outro lugar — comentou ele, fazendo com que eu concordasse, balançando a minha cabeça. — O que você acha de sairmos pra jantar?

Estiquei os meus lábios em um sorriso, animada com aquele convite.

— Só se me deixar escolher o lugar.

— Perfeito — concordou Bryan, como se estivesse marcando uma reunião de negócios. Ele voltou o olhar para os papéis em sua mesa, antes de

concluir, sem me encarar: — passo pra te pegar às oito.

Ele nem mesmo olhou pra mim.

Depois de ficar parada por alguns segundos, tentando assimilar as coisas, virei-me e me preparei para deixar a sua sala. Mas acabei parando em frente a sua porta e, de maneira impulsiva, virei-me, tornando a voltar o meu olhar em direção a sua mesa.

— Você adiou o nosso casamento ou tudo o que nós temos? — indaguei, cansada de manter aquela dúvida escondida dentro de mim.

Depois de alguns segundos, que pareceu durar uma eternidade, o olhar do cara que costumava ser o meu noivo voltou a procurar pelo meu.

E com aquela mesma expressão séria, confirmando que a situação realmente não era das melhores, ele respondeu: — Sinceramente? Eu não sei.

Balancei a cabeça, com uma expressão que dizia “*O.K*” e cruzei a porta, tentando não desmoronar em sua frente.

Capítulo 05 — Uma Luta Perdida

Se eu me senti destruída por dentro?

Mais do que posso expressar.

Aquela sua indiferença foi tudo o que a minha mente foi capaz de focar durante todo o meu expediente. Não consegui almoçar ou fazer qualquer outra coisa que não se limitasse a pensar em Bryan e em como a minha participação na vida dele tinha os seus dias contados.

Dessa forma, optei por deixar o trabalho um pouco mais cedo. Eu não estava sendo nenhum pouco útil com todas aquelas coisas fervendo em minha mente.

Um sentimento horrível foi me corroendo o caminho inteiro e quando finalmente cheguei ao apartamento de Bianca, todas aquelas emoções explodiram dentro de mim.

Eu desabei completamente.

E, estranhamente, comecei a chorar.

Estava chorando por causa de um homem.

Por mais humilhante que isso soasse, eu não conseguia controlar. Era como se o meu mundo tivesse desabando, ou melhor, já tivesse caído em cima de mim. Tudo o que eu conseguia enxergar a minha volta, eram escombros de algo que um dia já existiu.

Peguei o meu celular e os fones de ouvido, procurei uma lista de músicas tristes no *Spotify* e me entreguei ao sentimento de “sofrência”.

Mas como eu não assinava a versão *premium* do aplicativo, era impedida de pular as músicas que não gostava e isso me deixou ainda mais frustrada, contribuindo para o meu choro histérico.

Ouvi músicas da Avril Lavigne, Simple Plan, OneRepublic e de vários outros artistas. Absolutamente tudo o que combinasse com aquele meu sentimento de perda e fracasso.

E, naquele instante, eu fiz outra descoberta.

Nada podia deixar uma pessoa mais feliz do que o amor, mas também nada poderia deixá-la mais triste. O amor é como uma faca de dois gumes, te traz felicidade e dor, nas mesmas proporções. Ele funciona como uma espécie de droga e quando a relação deixa de existir, você passa a sofrer de abstinência.

Eu, definitivamente, não estava pronta para isso, para vivenciar toda essa dor.

Mas também sabia que não existia nada do que eu pudesse fazer. Pelo menos, nada além de continuar mostrando para Bryan a pessoa que eu realmente era e que o meu amor — a pesar de todos os erros que eu havia cometido — era verdadeiro.

No final, caberia somente a ele dizer se acreditava em mim ou não.

Optei por tomar um banho, em uma tentativa de me sentir melhor. Mas quando a água caiu sobre o meu corpo, as lágrimas voltaram a desabar sobre o meu rosto. Chorei tanto que comecei a soluçar debaixo do chuveiro e foi como se ali, todo aquele sentimento preso, estivesse se libertando, deixando o meu corpo junto com o líquido que continuava a escorrer de dentro dos meus olhos.

Quando encontrei forças para sair de lá, coloquei um pijama e me joguei no sofá, pensando se realmente devia ir a esse jantar.

Eu não sabia se conseguiria disfarçar o quanto tudo aquilo estava me magoando e também tinha medo de que Bryan tivesse uma impressão errada sobre isso, como se eu o estivesse pressionando, forçando-o a ficar comigo.

Fiquei sofrendo com todas essas dúvidas presas dentro de mim até a minha amiga chegar e me encontrar ali, com uma expressão de que o mundo estava prestes a acabar e que eu estava sentada, ansiando pelo seu fim.

E, de certa forma, parte disso não deixava de ser verdade.

Eu realmente estava esperando pelo fim.

O CEO havia dito que queria conversar comigo e meu instinto já estava apitando, alguma coisa me gritava que nesse nosso jantar, Bryan poderia acabar com tudo, colocar um fim definitivo em nossa relação.

E, pensando de maneira lógica, essa era a coisa mais inteligente que ele poderia fazer. Eu não havia lhe dado motivos nem mesmo para ter dúvidas.

— Você está com medo de ir e ele terminar tudo? — questionou Bianca, depois de eu ter explicado o motivo de todo o meu receio. Balancei a minha cabeça e ela completou, dizendo: — recusar e ficar aqui deitada no sofá também não fará com que ele mude de ideia.

Antes que eu pudesse questionar sobre o que exatamente ela estava tentando me dizer, a minha amiga se antecipou, dando-me a resposta: — tente fazer com que o chefe enxergue o sentimento que você nutre por ele. Mostre que você realmente não é aquela pessoa perfeitinha, mas que também não é mais aquela que se aproximou com o único objetivo de ganhar dinheiro.

Em teoria, as coisas eram bem simples, entretanto, tudo mudava na prática.

Como eu mostraria para ele que havia mudado desde que dei início ao meu plano?

— Durante todo esse tempo, você agiu como a garota que ele gostaria que você fosse... Agora, você precisa agir como a garota que você realmente é... — prosseguiu Bianca, animando-me um pouco mais. — Mostre pra ele o quão engraçada e espontânea você é, deixe-o curioso sobre essa pessoa que ele não conhece completamente, faça com que ele queira explorar, conhecê-la melhor.

Balancei a cabeça, concordando com ela.

As suas palavras me ajudaram demais, mostraram-me o que eu deveria fazer, mais especificamente, o lugar que eu escolheria para jantar com o CEO.

Mas, mesmo depois de todo aquele incentivo, tornei a duvidar das minhas chances de resolver o problema.

— E se tudo der errado?

— Se tudo der errado, você ainda terá esse lugar aqui... terá a sua amiga — respondeu ela, antes de me abraçar com força, fazendo com que os meus olhos comessem a marejar novamente.

Capítulo 06 — Segundas Impressões

Depois de um dia completamente depressivo, eu tornei a me recompor ou, pelo menos, juntar o máximo dos cacos que havia me tornado.

E em minha face descrente e infeliz, coloquei um sorriso.

O CEO não precisava saber exatamente o que todas as suas dúvidas e questionamentos estavam me causando. Eu precisava fazer com que ele se sentisse livre pra escolher o que quisesse para a sua vida — ainda que essa mesma escolha não me incluísse.

Às oito horas em ponto, ligaram para me informar que Bryan já havia chegado para me buscar, que ele estava me esperando na recepção.

Nesse instante, o meu estomago foi tomado por uma sensação gélida, como se fosse a primeira vez em que eu saia com ele.

E, de certa forma, como a verdadeira Vanessa Waller, realmente seria.

Eu me despedi de Bianca, que me disse *“não vou te desejar sorte... Olhe só pra esse vestido, você não vai precisar!”*.

Sorri em agradecimento e a deixei, pensando nas suas palavras, se realmente agradaria ao homem que me esperava lá embaixo.

O meu vestido preto realmente era deslumbrante, tão elegante ao ponto da mãe de Bryan conseguir até sorrir pra mim, caso me visse usando-o. Eu trajava um modelo de renda de manga longa, sobreposto a um tomara que caia.

Devia estar parecendo uma princesa.

A princípio, eu usaria algo mais simples para tentar vender a ideia dessa nova Vanessa, uma que não se assemelhava a de antes de conhecer Bryan e tampouco a que me tornei ao conhecê-lo — e sim uma mistura dessas duas coisas.

No entanto, acabei cedendo a ideia de escolher o restaurante em que nós dois jantamos pela primeira vez — o lugar em que ele omitiu o fato de que possuía um irmão. E como era um lugar bem refinado — frequentado apenas por pessoas do nível de Bryan —, eu não poderia entrar lá vestindo qualquer coisa.

Encontrei-o na recepção, usando o mesmo terno azulado que vestia no dia em que eu o vi pela primeira vez na Leal Corp, segundos antes de ser completamente ignorada.

Bryan estava mais do que apenas bonito, ele estava perfeito.

Mas, por sorte, desta vez, eu estava a sua altura — pelo menos, em relação ao vestuário que usávamos.

Soube que a minha escolha de roupa o agradou no segundo em que os seus olhos me enxergaram. O CEO não conseguia nem mesmo piscar, como se não quisesse perder nem um segundo do espetáculo que era o meu caminhar em sua direção.

E, definitivamente, sim.

Por mais deprimida que eu estivesse por dentro, a minha autoestima continuava lá em cima, no mesmo lugar em que sempre estive.

Algumas coisas nunca mudam.

— Vamos? — questionei, assim que me aproximei e ele continuou parado, naquele seu estado de hipnose.

O loiro balançou a cabeça e, dessa vez — por mais que de maneira bem breve —, se deixou sorrir.

Nunca pensei que um sorriso pudesse fazer tanta diferença no meu próprio humor. Mas a expressão de Bryan era contagiante e obrigou-me a continuar acompanhando aqueles movimentos de seus lábios, não era como se eu tivesse uma opção.

Seguimos para o carro dele e, como já havia até me acostumado — principalmente, depois daquela nossa volta da viagem que fiz com Christopher —, ele não abriu a porta, não tentou me agradar com uma de suas gentilezas.

E já dentro do veículo, o silêncio se alastrou, deixando-me um pouco desconfortável, em dúvida sobre o que eu deveria fazer. Mas como eu não era uma mulher tímida, consegui contornar essa situação.

— Eu já escolhi o lugar em que vamos jantar...

— Acho melhor irmos naquele de sempre — contrariou-me ele, me deixando bastante surpresa pelo seu tom frio. O loiro não me deixou nem dizer o nome do local que havia escolhido, já impondo a sua própria vontade sobre a minha.

Coincidentemente, nós estávamos falando sobre o mesmo lugar, sobre a mesma droga de restaurante. No entanto, o seu corte fez com que eu mudasse de ideia e passasse a rejeitar o ambiente que já tinha definido previamente para o nosso jantar.

— Pelo que eu posso me lembrar, nós ficamos combinados de que eu escolheria o lugar... — respondi, trazendo os seus olhos em minha direção.

Ele, provavelmente, não pensou que seria repreendido.

Aparentemente, nós dois estávamos surpresos com as ações de nossos acompanhantes.

Com o seu silêncio, eu fui obrigada a fazê-lo falar: — tá lembrado?

Bryan limitou-se apenas a balançar a cabeça verticalmente, concordando comigo. Mas, como eu já devia ter imaginado, ele se recusou a dizer isso com palavras.

Ele estava se mostrando ainda mais orgulhoso do que eu.

— O lugar fica no centro e é ótimo, você vai adorar — continuei dizendo, fingindo não me importar com a maneira com que ele estava me tratando. — Vou te guiando até lá... pode ser?

E, mais uma vez, o CEO apenas confirmou com um aceno.

Por mais que eu estivesse vivenciando uma fase diferenciada, “*compreensiva*” — aceitando os meus erros e tentando consertar os danos causados por suas consequências —, às vezes, tudo o que eu mais queria era dar um bom soco na cara de alguém.

Em outras circunstâncias, o olho de Bryan, provavelmente, já estaria roxo a essa altura do campeonato.

— Karaokê Bar? — questionou o CEO, após eu apontar a fachada desse lugar como o nosso destino final.

Em seu rosto, consegui reconhecer o mesmo olhar que já fora desferido por mim uma vez ao visitá-lo.

— Você prefere isso a aquele restaurante que eu adoro? É... eu realmente não te conheço.

Mais uma vez, eu precisei engolir as palavras que subiram até o topo

da minha garganta — palavras que, em sua maioria, eram de baixo calão.

— Deixe essa marra de lado, você vai acabar gostando... — comentei, torcendo para estar mesmo certa em relação a isso. — Deve odiar no momento em que pisar lá, mas depois da terceira dose de algo bem forte, o lugar melhora bastante.

Seu olhar continuava sobre o meu rosto, como se ele estivesse me fuzilando, ao gritar “*eu não bebo, caso você não saiba!*”.

— O que foi? Eles também têm sucos naturais e são ótimos! — continuei, como se eu realmente tivesse provado do suco natural.

Optei por omitir que aquele era o lugar em que estive com Christopher — duas vezes, por sinal. E ainda não conseguia acreditar que o desgraçado havia me dopado na última e, principalmente, que havia se aproveitado para me fotografar ao lado dele — ainda que as fotos não fossem “*nudes*”.

A minha sorte era que essas mesmas fotos comprometiam também a Bryan e a sua reputação dentro e fora da Leal. E, com isso, foram removidas rapidamente e as únicas pessoas que realmente chegaram a vê-las foram os familiares dele — exatamente o público-alvo planejado pelo seu irmão vingativo.

— Eu realmente estou falando sério, nós vamos comer aqui! — comentei, fazendo com que o homem no banco do motorista se desse conta de que não era uma brincadeira da minha parte. — Você já pode estacionar o carro.

Ele, obviamente, odiou ficar me ouvindo dizer o que ele deveria ou não fazer, o que era até normal já que todo mundo odiava ficar recebendo “*ordens*” enquanto estava ao volante.

Eu estava brincando com fogo e antecipando o pé na bunda que levaria?

Provavelmente sim, mas — como já estava bem evidente — eu não tinha mais nada a perder.

Com uma péssima expressão facial, o CEO me acompanhou até a entrada e, pelo que pude notar, ficou bem horrorizado em sua “*primeira impressão*” do lugar.

Por sorte, nesta noite, eu estava focando no sucesso da segunda.

Talvez se Bryan pudesse gostar do Karaokê Bar em um segundo olhar — assim como eu acabei gostando —, o mesmo poderia acontecer comigo — em relação ao nosso relacionamento.

Eu o levei para uma das mesas vagas e o mesmo garçom que me atendia com Christopher, prontificou-se em tirar os nossos pedidos.

O loiro de terno sentado ao meu lado estava esperando por um cardápio de couro ou qualquer outra coisa semelhante ao tipo de ambiente que ele costumava frequentar — o que, obviamente, não devia possuir ali.

— Dois sucos de maracujá ao leite e uma porção de batata frita com bastante queijo — pedi, surpreendendo o cara que costumava ser o meu noivo.

Antes que Bryan pudesse cancelar aquele pedido, finalizei: — é só isso por enquanto, obrigada.

Os seus olhos azuis voltaram-se em minha direção, segundos antes de ele questionar, finalmente falando comigo: — suco de maracujá e batata frita?

— Eu nem sempre tive aquela alimentação certinha — comentei,
NACIONAIS-ACHERON

fazendo com que ele revirasse os olhos, provavelmente pensando “*mais uma mentira? Não me diga!*”. — E eu gosto bastante de batata frita.

Antes que Bryan começasse a dizer qualquer coisa que roubaria completamente o meu humor, eu me antecipei, continuando: — eu sei que está sendo difícil pra você, eu sei que você se sente enganado e que já não sabe mais o que é verdade, ou melhor, se existiu alguma verdade em tudo aquilo.

Ele balançou a cabeça, concordando e questionando, em um tom debochado: — então, existiu alguma verdade?

Fiquei em silêncio, com um sorriso no rosto e isso irritou Bryan, que tornou a falar, de uma maneira mais agressiva que a anterior: — você não vai nem tentar se defender?

— Não, eu não vou — respondi, com os olhos fixos em seu rosto confuso. — Eu não tenho como fazer você acreditar se o que vivemos foi ou não verdade. Até porque independente do que eu diga, você não acreditaria...

— Mas...

— A resposta tem que vir de você, não de mim — continuei, interrompendo-o.

O garçom serviu a porção, junto com as bebidas e isso foi ótimo porque precisava ocupar a minha boca ou acabaria falando demais — se é que a minha boca grande já não havia ferrado com tudo.

Peguei uma das batatinhas e estava maravilhosa. Extremamente gordurosa, com todo aquele queijo mussarela espalhado por cima dela, mas, ainda sim, maravilhosa.

O homem ao meu lado não estava comendo e isso fez com que eu

pegasse uma das batatas e levasse até a sua boca, quase o obrigando a engolir.

— Viu só como a batata daqui é gostosa? — provoquei, logo após enfiá-la em sua boca.

Daquela sua maneira orgulhosa de admitir o quanto eu estava certa, ele apenas balançou a cabeça de maneira positiva. E, pra evitar pronunciar alguma coisa, tomou um longo gole da vitamina de maracujá.

Depois disso, ele levantou as mãos, rendendo-se: — tudo bem, eu admito que a comida... se é que podemos chamar isso de comida, não é tão ruim quanto eu pensei que seria.

Uma das pessoas que estava com o microfone começou a desafinar demais e isso fez com que nós dois nos entreolhássemos, antes de começarmos a rir.

— Depois da terceira música, você se acostuma com isso — sussurrei, ainda sorrindo. Quando a garota gritou a última nota, quase estourando os meus tímpanos, eu completei: — ou não...

Após presenciar aquele sorriso bonito em seus lábios, eu tomei coragem para colocar a minha mão em cima da dele e percebi o quanto precisava do seu toque, do quanto estava sentindo falta disso, ansiando por algo que já não poderia mais ter — não da mesma forma que antes.

Nossos olhos se alinharam por um segundo e consegui enxergar um pouco de resistência da parte dele — o que era bem natural.

De maneira impulsiva, peguei a mão dele e a puxei, tirando-o da mesa. Bryan só foi entender o que eu estava fazendo quando nos aproximamos do palco. Nesse instante, seu corpo endureceu feito uma rocha e ele não me

deixou mais arrastá-lo.

Voltei o meu olhar em sua direção e falei, com um sorriso colorindo os meus lábios: — você vai gostar, eu prometo. Confia em mim!

“Confia em mim!”?

Que frase estúpida.

Estranhamente, ele me deixou voltar a puxá-lo até o lugar reservado para o microfone. Eu o deixei parado lá e avisei sobre a música que cantaríamos, dizendo o número dela — mais especificamente a 42.

O homem de terno próximo a um dos microfones não tinha ideia do que eu estava falando, estava completamente perdido. E era exatamente isso o que eu queria que ele sentisse — toda essa adrenalina e incerteza —, exatamente da maneira que senti na primeira vez em que cantei naquele lugar.

Retornei, voltando a ficar ao lado dele e notei o quanto Bryan estava nervoso, chegando a suar. Peguei em sua mão e fiz com que ele se virasse de frente pra mim, que encarasse somente o meu rosto — ignorando a face de todas aquelas pessoas a nossa frente.

Sabia bem o quanto elas podiam intimidar.

Quando a música começou a tocar, o homem ao meu lado fechou os seus olhos e começou a rir — certamente, tentando identificar a canção —, não acreditando que estava prestes a cantar.

Comecei a com o primeiro verso: — *quando digo que deixei de te amar, é porque eu te amo...* — E isso foi suficiente para que ele começasse a rir bem alto, finalmente descobrindo o nome daquela música, “*Evidências*” do Chitãozinho e Xororó.

— *Quando digo que não quero mais você, é porque te quero. Eu tenho medo de te dar meu coração e confessar que eu estou em suas mãos... Mas não posso imaginar o que vai ser de mim, se eu te perder um dia* — continuei em minha falha tentativa de cantar, enquanto olhava de maneira fixa para Bryan.

E, para a minha surpresa, ele continuou, acompanhando-me: — *eu me afasto e me defendo de você, mas depois me entrego. Faço tipo, falo coisas que eu não sou, mas depois eu nego. Mas a verdade é que eu sou louco por você e tenho medo de pensar em te perder... Eu preciso aceitar que não dá mais pra separar as nossas vidas.*

Diferente do irmão, o homem ao meu lado cantava tão mal quanto eu. E isso deixava tudo ainda mais especial e divertido.

A melhor parte, sem dúvida alguma, foi no refrão, em que ambos nos entregamos aos versos, gritando bem alto e, provavelmente, desafinando tanto quanto aquela garota: — *e nessa loucura de dizer que não te quero, vou negando as aparências, disfarçando as evidências. Mas pra que viver fingindo, se eu não posso enganar meu coração...*

Como eu escolhi uma música bem conhecida no território nacional, a maior parte das pessoas nos assistindo começou a cantar junto com a gente, tornando tudo ainda mais emocionante. E no rosto de Bryan, eu soube o quanto ele estava aproveitando tudo, ainda mais do que eu.

E com as frases “*diz que é verdade, que tem saudade, que ainda você quer viver pra mim*” a música chegou ao fim e todo mundo nos aplaudiu, como se não tivéssemos matado aquela canção.

Voltamos para a mesa e, em sua face, reconheci a mesma expressão de animação que possuía no meu próprio rosto na primeira vez que deixei o

palco. Tinha certeza de que o seu coração estava acelerado e de que o loiro estava louco para voltar pra lá e cantar mais uma música — ainda que ele nunca fosse admitir isso pra mim.

— Não foi tão ruim, não é? — questionei, fazendo com que o CEO sorrisse e concordasse com um aceno de cabeça, ainda sustentando aquela sua postura séria de antes. — Sabia que você gostaria.

E, então, nós ficamos quase um minuto em silêncio, encarando um ao outro, como se estivéssemos nos comunicando por telepatia.

Havia tantas palavras não ditas, tantos desejos não saciados.

O clima entre nós dois realmente era de tensão.

— Você disse que precisava falar comigo... — eu o lembrei, quebrando o gelo, que mais parecia uma geleira entre nós dois. Ele continuou calado e isso fez com que eu continuasse insistindo, tentando extrair alguma informação: — sobre o que você queria falar?

Com um olhar sério, Bryan respondeu, encerrando aquele assunto: — agora, isso já não tem mais tanta importância quanto antes.

Tentei desligar um pouco o meu lado curiosa e foquei em sua expressão, nos detalhes maravilhosos de seu rosto e no quanto aquele cretino era gostoso. Eu precisava aproveitar o máximo possível de tempo ao seu lado, pois não sabia quanto mais eu teria.

— Mais uma porção de batata com queijo e vitamina? — ofereci, não deixando de rir da careta que ele fez ao me ouvir pronunciar aquilo.

Capítulo 07 — Caminho Para Casa

A minha noite com Bryan no “*Karaokê Bar*” foi muito mais do que maravilhosa, pareceu até uma daquelas comédias românticas bregas — já que tínhamos até cantado juntos —, que todo mundo ama.

Nós realmente nos divertimos lá no palco, cantando, mas, principalmente, depois que o deixamos e finalmente começamos a conversar de verdade.

Foi quase como se nenhum daqueles problemas que nos envolviam tivesse existido, estávamos conversando como um casal comum. Bryan já não estava mais sendo tão duro comigo, nem me ignorando — ou evitando falar diretamente —, como estava acontecendo desde que ele descobriu toda a verdade.

No entanto, em um determinado momento — como nos filmes românticos e todas as outras coisas boas —, tudo chegou ao fim.

Ou estava prestes a chegar.

Eu estava em seu carro, sentada no banco do carona observando-o dirigir, levando-me de volta para casa — o apartamento de Bianca.

Tudo o que eu mais queria era que demorasse bastante, que ele pegasse o caminho mais longo até lá, que eu tivesse mais tempo ao seu lado.

E, estranhamente, foi o que ele fez.

Obviamente, fingi que não percebi e deixei com que ele seguisse por aquela rua, aproveitando um pouquinho mais daquela noite ao seu lado. Também deixei com que os meus olhos analisassem bem a sua face, enquanto

ele se mantinha sério, concentrado na estrada que desaparecia aos poucos bem a sua frente.

Nesses momentos, eu só constatava o quanto aquele infeliz era extremamente sexy — e o quanto o meu corpo gritava pelo seu toque.

Continuei mantendo esse olhar, até avistar o prédio em que eu morava. Então, desviei os meus olhos e, quando o seu carro parou, automaticamente, abri a porta, antes de voltar a minha atenção em sua direção.

— Obrigada pelo jantar... estava tudo muito... — eu não consegui nem mesmo terminar a minha frase. Então, simplesmente, forcei um sorriso e completei com um: — boa noite, Bryan.

Deixei o seu carro e comecei a caminhar em direção a recepção, sem olhar para trás, pois, dessa forma, seria menos doloroso. Eu não queria constatar que o seu carro já não estava mais lá parado — de que ele não ficou me observando partir.

E, por esse mesmo motivo, fiquei completamente surpresa — e muito assustada — quando senti alguém agarrar a minha mão, puxando-me com firmeza para trás.

Era o CEO.

Nossos corpos quase se colidiram, deixando-nos de frente um para o outro, quase colados. As suas lanternas azuis iluminavam completamente o meu rosto, era como se aquela forte luz azulada estivesse emanando de seu corpo e clareando tudo a nossa volta.

Ele não disse nada, simplesmente, levou-me até o seu carro. E, como eu não tinha a menor ideia do que aquilo se tratava — e estava muito ansiosa para saber —, deixei com que ele me conduzisse, sem nem questionar.

O loiro abriu a porta, tornando a agir como o cavalheiro que eu aprendi a amar. Depois de me acomodar ali de volta, Bryan a fechou, dando a volta no veículo e retornando para o banco do motorista, onde se acomodou.

— Hoje você vai pra a minha casa — afirmou ele, cheio de convicção naquilo que dizia.

E, ainda em dúvida sobre tudo o que aquilo realmente significava, questionei: — eu vou?

— Vai — confirmou ele, antes de girar a chave e ligar o carro, tirando-nos dali.

Chegamos rapidamente em seu apartamento, mas, ainda assim, pareceu uma eternidade até que finalmente pudéssemos começar a nos tocar.

Deixamos o seu carro e subimos as pressas, rindo e nos engolindo através de nossos olhares. E antes mesmo que pudéssemos cruzar a porta do apartamento, os seus lábios agarraram os meus, dominando-os daquela maneira que eu tanto amava e sentia falta.

Exatamente como em uma espécie de dança lenta, eu não tentei nada, simplesmente, segui os seus passos, deixando com que ele me conduzisse. Dessa forma, os seus braços e lábios foram os meus guias.

Seguimos nos beijando de maneira afobada pelo cômodo da casa — como se nós não tivéssemos a noite inteira para aproveitar juntos —, continuamos nisso até chegarmos em seu quarto, onde ele me empurrou em cima da cama.

Deitada sobre ela, eu o vi tirar o cinto da calça e, em passos lentos, se aproximar de onde eu estava.

O cretino parecia desfilar em minha direção.

Em poucos segundos, ele se livrou da camisa, calça e sapatos — juntamente com as meias.

Tudo o que o meu CEO — *eu ainda poderia se referir a ele como meu?* — usava, era uma cueca vermelha, como se estivesse me homenageando com aquela cor.

Seguindo o seu exemplo, comecei a me despir também, não deixando de provocá-lo da mesma forma que o safado havia acabado de fazer.

O vestido preto deixou o meu corpo com bastante facilidade.

E quanto ao restante, Bryan me ajudou.

Suas mãos foram, automaticamente, para os meus seios, que ele apertou por cima do sutiã. Com os olhos colados em mim, ele continuou pressionando-os, arrancando alguns sussurros inteligíveis da minha boca.

Levei a minha mão até o seu rosto e o acariciei, sentindo a sua pele macia e o contraste com a sua barba.

— Se você está esperando por uma Vanessa Waller diferente na cama... — Passei os meus dedos sobre os seus lábios, antes de prosseguir: — desculpe te decepcionar, mas não escondi nenhum segredinho de você em relação a isso.

Assim como um leão feroz, ele avançou sobre mim e me beijou de forma intensa, como se quisesse arrancar um pedaço de meu.

Fazia muito tempo que eu não sentia tanta intensidade — pelo menos, não daquela forma —, parecia que não nos víamos há meses, o que estava bem longe de ser verdade.

A questão é que ansiávamos pelo toque um do outro.

Eu queria, desesperadamente, senti-lo e tinha certeza que esse desejo era recíproco, podia ver em seus olhos e sentir em seus movimentos apressados.

Rolamos em cima daquela cama até que ele estivesse sobre o meu corpo, aprisionando-me com os seus braços musculosos, como se quisesse impedir com que eu pudesse escapar do seu ataque mortal.

Ali, completamente envolvida por ele, eu me sentia como um carneirinho em frente a um leão faminto.

Mas, por algum motivo — um bem inexplicável de acordo com a cadeia alimentar —, não quis fugir dele, estava atraída, físgada por seu olhar misterioso, desesperada para ver como tudo terminava — ainda que não fosse algo muito bom pra mim.

E, como o mais estúpido dos carneirinhos, continuei ali, encarando-o e esperando pelo momento do arrebatamento. Eu esperei para vê-lo me destroçar com aqueles seus belos dentes e me engolir da maneira mais brutal.

Bryan realmente fez isso.

Ele engoliu todo o meu fôlego e destroçou o meu coração, acelerando-o ao continuar pressionando os meus seios com aquelas suas mãos grandes e imponentes, enquanto invadia a minha boca com a sua língua gulosa, que conquistava magistralmente as terras ali desconhecidas.

— Eu não esperava que você agisse diferente em cima dessa cama — sussurrou ele ao pé do meu ouvido, respondendo a minha frase minutos depois de eu tê-la pronunciado. Após beijar o meu pescoço, o loiro continuou: — na verdade, estava torcendo pra você continuar a mesma safada

que eu tanto amo.

Em resposta a isso, eu estendi o meu braço e, por baixo do seu corpo, agarrei o volume em sua cueca, sentindo o seu cacete crescendo ali dentro, após o contato com a minha mão.

Apertei tanto que o CEO gemeu alto.

Ele pegou a minha mão e a afastou da sua cueca, proibindo o meu acesso. Em seguida, o safado pressionou as minhas duas mãos contra o colchão com força, imobilizando-me enquanto encarava o meu rosto com uma expressão forte, que exalava imponência.

Seu rosto desceu em minha direção, antes que ele me beijasse uma vez mais, em um rápido selinho. Depois disso, Bryan finalmente soltou as minhas mãos, passando a se preocupar com outras partes do meu corpo.

Seus dedos bobos — ou espertos demais, algo difícil de saber — desceram e se livraram da minha calcinha. E, se ele já não havia roubado completamente o meu fôlego, o teria feito naquele momento, quando invadiu minha vagina da sua forma bruta.

Encarando fixamente os meus olhos e a minha feição de prazer, o CEO começou a movimentar a sua mão lá embaixo, como se quisesse provar o quanto era capaz de me satisfazer ou, simplesmente, me mostrar que eu não era capaz de continuar vivendo sem aquele seu toque divino.

Seus movimentos ficaram cada vez mais rápidos e intensos. E enquanto os seus dedos da mão direita continuavam a vibrar, em um misto de tortura e prazer, a esquerda arrancou a única peça que cobria o meu busto.

No instante que o meu sutiã caiu, ele enfiou o seu rosto entre eles, afogando-se em mim. A sua boca avançou em direção ao meu seio esquerdo,

onde o cretino aproveitou bastante, não deixando de mordiscar o meu mamilo, algo que me fez querer subir pelas paredes e, conseqüentemente, entregar-me por completo a ele, ao seu desejo.

Bryan me chupou de maneira tão apressada quanto movimentava os dedos em minha “*fenda*”.

Rápido, bruto e extremamente prazeroso.

Seus lábios me sugavam intensamente, como se tentassem extrair alguma coisa à força dali de dentro. E isso fez com que os meus sussurros comessem a se intensificar, tornando-se cada vez mais altos, antes de se transformarem em autênticos gemidos de prazer.

Por mais que o meu ex-noivo adorasse me ver daquela forma — totalmente submissa a ele —, mudei um pouquinho as coisas. Esquivei-me, rolando para o lado e, conseqüentemente, escapando de suas mãos e lábios, libertando-me daquele seu cativo.

Agora era a minha vez de brincar com ele, de torná-lo meu submisso.

Eu sobrepus o seu corpo com o meu e o beijei, mantendo-o meu prisioneiro.

Ele sorriu, gostando bastante da minha atitude.

Seus olhos iluminavam o meu rosto, a espera de uma reação da minha parte. E, como odiava decepcioná-lo, dei dois leves tapas em seu rosto, antes de apertar o seu maxilar e deslizar os meus dedos, segurando os seus lábios em minha mão.

Era impossível resistir a aquele rostinho.

Dei um rápido selinho em sua boca e, em seguida, no seu queixo — onde a sua barba pinicou-me de leve — e fui descendo, beijando o seu

NACIONAIS-ACHERON

pescoço, peito, barriga e os pelos que formavam o “*caminho da felicidade*” — um que eu não demorei muito para trilhar.

Sem nenhum pudor, eu abaixei a última peça de roupa de seu corpo, a cueca que já estava bem melada, devido as nossas recentes brincadeiras.

Seu membro pulou para fora, aparentemente, muito ansioso para me reencontrar. A minha boca — tão ansiosa quanto o seu pau — não perdeu tempo e beijou aquela cabeçona, antes de chupá-la de leve. O meu próximo beijo foi em sua extensão, onde várias veias já começavam a saltar, despertando com o toque dos meus lábios.

Puxei a pele que o envolvia para baixo, deixando o prepúcio bem a mostra, brilhando devido ao pré gozo que já era expelido. E, depois de observá-lo bem — imaginando exatamente o que faria com aquele pedaço suculento de carne —, deixei de provocá-lo com toda aquela demora, abocanhando-o com muita voracidade.

Agora era a minha vez de protagonizar a leoa feroz, sedenta por carne fresca.

E — assim como ele — não hesitaria em devorá-lo, até que a minha fome estivesse completamente saciada.

Voltei o meu olhar para cima, visualizando bem aquele traço de prazer expresso em seu rosto. Ele mordida o lábio inferior com força, como se pudesse controlar a intensidade daquele sentimento.

Adorava constatar o quanto eu era boa nisso.

Nesses instantes, eu finalmente me dava conta de quem realmente possuía todo o poder em cima daquela cama. Bryan, naquele determinado momento, estava na palma da minha mão, hipnotizando pelo meu canto de

sereia.

Ergui o seu cacete e deixei com que as suas bolas batessem em meu rosto. Adorava a sensação de sentir o peso e a textura delas contra a minha face.

Nunca senti tanto poder no meio das pernas de um homem quanto eu sentia com o CEO, não conseguia explicar muito bem, mas era algo bem intenso, que fazia com que eu quisesse me entregar completamente a sensação — e era viciante, eu não conseguia parar.

Depois de esfregá-las em mim, as coloquei em minha boca. Tentei enfiar as duas de uma vez só, mas não tive muito sucesso e me obriguei a revezar. Chupei bastante, dando muita atenção a cada um daqueles bagos peludos. Brinquei com tanta animação quanto uma gatinha brinca com um novelo de lã, desenrolando os fios.

Bryan não aguentou me ter no comando por muito tempo, o “*machão*” dentro da cabeça dele fez com que ele quisesse retomar o controle.

Ele fez isso ao agarrar os meus cabelos e me fazer engolir o seu cacete. Sem nenhuma pena, ele pressionou a minha cabeça contra a sua virilha e, conseqüentemente, fez com que eu me engasgasse com o seu cacete.

Uma mistura de porra e saliva escorria constantemente da minha boca, sujando todo o meu queixo e pescoço. Mas não me importei. Na verdade, estava adorando tudo aquilo. Amava aquela brutalidade, que o deixava ainda mais viril.

Ainda com os meus cabelos por entre os seus dedos, O CEO começou a foder a minha boca com força, fazendo com que eu engolissem o seu caralho completamente. Nesse vai e vem, cheguei a encostar em seus pentelhos e isso me deixou louca, entregando-me ainda mais ao sádico.

NACIONAIS-ACHERON

Ele continuou metendo, enquanto me pressionava contra o seu corpo, mantendo o mesmo ritmo rápido. E, diferente do que eu pensei que pudesse acontecer, os seus movimentos intensificaram ainda mais. Depois disso, não demorou muito para que ele começasse a dar sinais de que estava prestes a atingir o êxtase.

Bryan não teve nem tempo de tirar o pau da minha boca.

Após gemer bastante, eu senti os seus jatos disparando dentro da minha boca. Ele meteu mais umas três vezes e parou, soltando o meu cabelo e tentando se afastar. Mas não permiti, tornando a chupar aquele cacete melecado.

Não deixei com que a sua porra ficasse tempo demais na minha boca — evitando sentir nojo — e engoli tudo o que eu havia juntado lá dentro de uma vez só.

O homem a minha frente ficou bastante surpreso com aquela minha ousadia. Afinal, não era sempre que eu estava disposta a brincar daquela forma com ele.

Sabia que lá no fundo, ele devia estar questionando algo como “*ela deve estar se esforçando assim só pra me agradar depois do que eu descobri*”. Mas a verdade era que eu não estava fazendo por ele e sim por mim.

Eu queria senti-lo daquela forma intensa.

Ansiava por prazer tanto quanto ele.

Seus braços me jogaram para o lado e o seu rosto voltou a se tornar o centro da minha visão.

— Agora tá na minha vez de te fazer gozar, sua safada — comentou

ele, encarando o meu rosto.

Não consegui esconder o sorriso na minha face.

Um sorriso que Bryan logo arrancou de mim. Ele não começou com os dedos, como geralmente fazia, penetrou-me diretamente com a sua língua.

Seu rosto se enfiou no meio das minhas pernas e ele começou a chupar, tentando retribuir o trabalho bem feito que eu havia acabado de fazer nele.

A sua barba raspava bastante lá embaixo e sempre que acontecia, eu não conseguia deixar de gemer.

Ele, obviamente, fazia só pra me provocar.

Por mais que ele pudesse cuidar de mim somente com aquela língua gulosa, Bryan inseriu dois de seus dedos em mim, deixando-me ainda mais tensa do que antes. Seus movimentos eram rápidos e precisos, de quem realmente fazia o que estava fazendo.

O filho da mãe era bom.

Sabia muito bem como me satisfazer e, como um completo vaidoso, adorava constatar isso — quase tanto quanto eu.

Depois de me chupar mais um pouco, ele deu alguns tapinhas de leve, fazendo com que o meu corpo, instintivamente, quisesse fugir dele. Rapidamente, os seus dedos fizeram o caminho de volta até a minha vagina, que ele tornou a torturar, vibrando-os com bastante força.

E, diferente das outras vezes, ele não parou, dando-me um tempinho pra respirar. Bryan prosseguiu me enlouquecendo e, conseqüentemente, arrancando-me um grito que o prédio inteiro deve ter ouvido.

O orgasmo me encontrou tão rápido quanto havia encontrado a ele.

Mas, ainda sim, Bryan continuava lá, judiando do meu corpo, como um garoto arteiro.

E, no fundo, eu também não queria que ele parasse.

Nossos olhos se encontraram segundos antes de seus lábios voarem em direção aos meus. Ele me beijou no instante em que aumentou o ritmo dos movimentos em minha vagina e isso fez com que eu soltasse um grito abafado por sua boca, que também não queria me soltar.

Nem acreditei que havia acabado quando ele jogou-se para o lado esquerdo da cama, finalmente deixando-me respirar.

Voltei o meu olhar em sua direção e questionei: — mas já cansou, chefe?

Bryan estava todo suado, em sua testa mesmo duas gotas de suor escorriam, mas, ainda sim, de acordo com ele, não existia cansaço algum.

— Eu estou só te dando um tempinho... — respondeu ele, quase sem fôlego. Depois que eu ri de sua resposta, ele prosseguiu: — quero ver se vai continuar rindo quando eu estiver fodendo essa boceta com força.

Ignorei as suas palavras e tornei a rir.

Isso foi uma espécie de ofensa pra ele, que, rapidamente, se levantou e agarrou os meus braços.

Não tive nem tempo de dizer mais nada, Bryan invadiu-me com aquele cacete que voltou a endurecer. Em menos de um minuto dentro de mim, ele já estava tão ereto quanto antes.

O CEO bombava em um ritmo apressado, como se estivesse tentando me provar que nunca estaria cansado pra me “*comer*”. E, com ou sem cansaço, o desgraçado conseguiu me arrancar mais gemidos.

Com um ritmo poderoso, ele continuou me empalando, fazendo com que eu me arrependesse de ter debochado dele há pouco.

Estava muito, muito bom. Nossos corpos estavam, indiscutivelmente, cansados, mas o nosso apetite ainda era grande e o suficiente para que continuássemos com aquela dança do prazer.

Ele meteu até gozar novamente e, após isso, questionou: — tá satisfeita agora ou quer mais, Waller?

Dessa vez, optei por não tirar mais sarro dele.

— Muito satisfeita, seu puto! — respondi, arrancando um sorriso de seus lábios.

Puxei-o pelo braço e o trouxe para perto do meu corpo, antes de abraçá-lo com bastante força. Tudo o que eu mais queria, depois de realmente estar saciada, era tê-lo pertinho de mim, daquela forma.

Capítulo 08 — Café da Manhã

Acordei e olhei para o lado, encarando Bryan estirado sobre a cama, ainda desacordado.

E, nesse instante, não pude deixar de sorrir, pois cheguei a pensar que nunca mais fosse viver um momento como aquele — algo tão bobo quanto vê-lo dormindo pela manhã.

Tomando um extremo cuidado para não acordá-lo, levantei-me da cama e segui em direção a cozinha, completamente inspirada para fazer o melhor café da manhã que o CEO já havia provado.

Chegando lá, tirei do armário alguns ingredientes, fiz o mesmo com algumas coisas na geladeira. Peguei também algumas laranjas para fazer um suco natural.

Na maior parte das vezes, não precisava me preocupar com o café da manhã, pois Bryan além de bom nos negócios também cozinhava muito bem. E quando essa função ficava comigo, eu levantava bem cedo ia até a panificadora mais próxima, comprava várias coisas que eu poderia fingir que havia feito e jogava a embalagem foram.

Nunca soube se Bryan sabia ou não dessa minha “*mentirinha*”.

Mas, desta vez, não queria fazer isso.

Se eu estava mesmo começando de novo, tinha que eliminar todas as mentiras de nosso relacionamento, por mais bobas que elas pudessem ser.

Peguei o pão fatiado e separei algumas fatias em um prato para fazer torradas. Já deixei a geleia ali do lado, pois as rechearia logo em seguida.

Olhei para as laranjas e foi impossível não fazer uma careta. Seria mais fácil comprar um suco de caixinha e colocar dentro de uma jarra. No entanto, não daria pra trás naquela fase do jogo. Apanhei algumas das laranjas que havia separado e as levei para a pia e, instintivamente, voltei o meu olhar para as minhas lindas unhas bem feitas.

“*Droga!*”, reclamei mentalmente.

Espremi algumas e, como não queria gastar mais tempo apertando mais laranjas, coloquei um pouco de água pra dar volume — algo que ele não deveria perceber.

Infelizmente, algumas das torradas queimaram demais, entretanto, como o nome era “*torrada*”, não fiquei preocupada por tê-las “*torrado*” um pouco mais que o ideal. Salvei elas passando bastante geleia, cobrindo todas as partes que estavam escuras demais.

— Bom dia — ouvi Bryan dizer, ao se aproximar, adentrando a cozinha.

Virei-me e o encarei com uma expressão surpresa no rosto. Ele usava somente uma cueca e o seu corpo daquela forma era muito mais apetitoso do que qualquer uma das coisas que havia acabado de preparar.

— Bom dia... — sussurrei, notando que o seu olhar estava sobre as coisas que eu havia preparado. — Estou fazendo o café da manhã.

O CEO aproximou-se de onde eu estava e pegou uma das torradas e a mordeu. Pela careta que ele fez segundos após mastigar, descobri que o excesso de geleia não havia neutralizado totalmente as partes queimadas.

E, para se livrar do gosto amargo, ele pegou um copo do suco que eu havia acabado de preparar — o de laranja aguada.

Aparentemente, o suco não estava tão ruim quanto o restante das coisas.

— Você não pegou as coisas na panificadora do outro lado da rua? — questionou ele, deixando-me sem nenhuma reação. — Isso aqui não parece com nada de lá.

Ele sempre soube que eu não fazia o café da manhã por conta própria?

— Como vo...

— Você pode ter me enganado com muitas coisas, mas não com essa, Waller — respondeu o loiro, interrompendo-me. — Até porque, sabemos que de nós dois, o cozinheiro aqui, obviamente, sou eu.

Revirei os olhos, antes de comentar: — convencido!

— Não... eu sou sensato — corrigiu ele, empurrando-me daquela posição e assumindo o meu lugar. — Eu vou te mostrar como se faz um café da manhã.

Não consegui me controlar e dei três passos em sua direção e o abracei por trás, antes de beijar o seu pescoço.

Queria aproveitar o máximo daquela situação.

E, nesse instante, ele se virou e em seu olhar, entendi tudo sem que ele precisasse pronunciar uma única palavra.

— Não se preocupe... — fiz questão de tranquilizá-lo. — Eu sei que essa nossa noite, que tudo isso não resolve todo o restante... Não existe nenhum compromisso, O.K?

Eu estava bem com isso.

Só não queria que continuássemos daquela forma, mal nos falando, até

que ele decidisse o destino da nossa relação. Eu estava muito bem com o fato de que ele poderia me chutar a qualquer momento — mais especificamente quando finalmente decidisse se queria ou não me dar outra chance.

Antes que ele pudesse dizer algo que estragasse tudo, eu o beijei de maneira intensa, fazendo com que ele retribuísse, já não conseguindo se conter. Em seguida, afastei-me daquele leão a minha frente, pois sabia que se continuasse ali, dando bandeira, acabaria em cima daquela mesa, como o café da manhã daquele safado.

Quando ele tornou a se aproximar de mim, peguei uma das torradas e enfiei na boca dele, não conseguindo deixar de rir daquela cena.

Depois disso, voltei a minha atenção para toda a bagunça que eu havia feito. Além de arrumar as coisas, colocando-as de volta em seus respectivos lugares, eu o ajudei com o restante do café da manhã, que foi, basicamente, ovos com bacon e torradas decentes, junto com outras coisinhas que Bryan se vangloriava por saber fazer.

Eu não queria que aquele momento chegasse ao fim e, principalmente, não queria tornar a me imaginar vivendo outras manhãs sem a sua presença.

Capítulo 09 — Mudança de Planos

Depois daquele nosso maravilhoso café da manhã, fomos trabalhar juntos. E não tinha nada melhor do que chegar na Leal Corp ao lado do CEO, isso, certamente, faria com que todas as possíveis “*conversinhas*” sobre estarmos afastados nem tivesse um motivo para surgir.

Antes de nos separarmos no elevador, indo cada um para o seu respectivo andar, o homem ao meu lado virou-se, voltando o seu olhar em minha direção.

— Posso passar para te pegar às dezenove? — questionou ele, deixando-me confusa, sem saber exatamente do que ele estava falando. E ao ver toda essa confusão expressa em meu rosto, ele completou, explicando-me: — o jantar na minha casa... o noivado da minha prima...

E, só então, fui entender sobre o que ele estava se referindo.

Bryan falava sobre a festa da qual eu havia convidado Bianca para me acompanhar no dia em que acabei viajando com Christopher.

Depois de toda aquela confusão, tinha até esquecido disso.

E ainda que eu me lembrasse, nunca pensei que o CEO tornaria a me levar para a casa dos seus pais — principalmente depois daquelas fotos comprometedoras.

— Tem certeza? — questionei o óbvio.

Ele balançou a cabeça, mantendo a sua posição.

E, com um sorriso no rosto, prossegui: — posso levar a Bianca também?

NACIONAIS-ACHERON

Retribuindo o meu sorriso, ele respondeu: — É impossível que ela seja mais indesejada pelos meus pais do que você.

Isso era, definitivamente, um “*sim*”.

Abri a porta do apartamento de Bianca rindo, completamente satisfeita com tudo e ansiosa para a festa que se aproximava. A minha amiga ainda não havia chegado da Leal, o meu horário me permitia retornar quase uma hora antes dela.

Não sabia nem se Bianca ainda lembrava sobre esse evento na casa dos pais de Bryan.

O principal motivo por toda a minha animação era a maneira como tudo estava se encaminhando na minha relação com o CEO. As coisas, finalmente, pareciam estar se encaixando em uma perfeita harmonia.

Nada continuava soando como imprevisível ou incerto.

Por mais que eu soubesse que nem tudo estava resolvido e que o loiro, provavelmente, possuía centenas de dúvidas a meu respeito, o simples fato de ele tornar a me levar para a casa de seus pais significava que, no mínimo, considerava a ideia de me dar uma nova chance.

Deixei de perder tempo e fui tomar um banho.

Eu queria estar perfeita lá, seria a pessoa mais indesejada da noite, mas também a mais bonita.

Quando abandonei o chuveiro, escolhi um vestido longo de cor cinza, que havia ganhado de Bryan nos primeiros meses de nosso namoro. Peguei também um sapato e acessórios que combinassem com ele.

Arrumei até o vestido da Bianca, que ainda nem sabia da festa — eu não a avisei no horário de almoço, pois não quis dar uma chance para ela recusar o convite.

E foi exatamente isso o que ela fez.

— Não... eu não vou, Vanessa — continuou ela, fazendo com que eu quisesse estrangulá-la. — Se eles não vão querer receber nem você por lá, imagine eu?

Bianca era a minha espécie de plano reserva. Se Bryan tivesse que ficar dando atenção para as outras pessoas na festa — o que, provavelmente, aconteceria —, eu ainda teria a minha amiga para conversar e não me sentiria sozinha.

— Esqueça... eu não vou — garantiu ela, deixando-me com bastante raiva.

Eu não tinha como obrigá-la a ir.

Era até injusto da minha parte tentar exigir isso dela, uma vez que nem eu queria estar lá, com todos aqueles olhos sobre mim, mas precisava estar por Bryan e pra já ir acostumando a insuportável da mãe dele com a ideia de que eu e o filho dela continuaríamos juntos.

— Você é uma péssima amiga — disse pra ela, antes de me virar e caminhar em direção ao meu quarto.

Nem mesmo a minha frase apelativa foi o suficiente para que ela mudasse de ideia.

Era oficial, eu iria sozinha.

Com essa certeza, tornei a me arrumar, pois, muito em breve, Bryan passaria para me buscar.

A parte mais complicada não foi a maquiagem ou o meu cabelo, mas encontrar coragem para conseguir voltar a encarar as pessoas da família dele — sabendo que, provavelmente, todos haviam visto as minhas fotos com Christopher.

Existiam limites para a minha cara de pau.

Mas se o CEO realmente estivesse disposto a me perdoar — e todos os planos que havíamos feito juntos, incluindo o nosso casamento, voltassem a valer — eu teria que encará-los uma hora.

Não tinha como fugir disso por muito tempo.

Nesse instante, senti um pouco de falta daquela Vanessa lá do início, da mulher que não tinha medos, que enfrentava tudo de frente.

Será que toda a coragem que ela possuía era apenas mais uma das suas mentiras?

Abandonei aqueles pensamentos, deixando de focar em perguntas das quais eu nunca teria as repostas. Precisava me concentrar naquilo que eu ainda podia salvar: o meu relacionamento com Bryan.

Como de costume, ele foi bem pontual, não se atrasando em um único minuto.

Bryan não me esperava com a cabeça abaixada, como nas outras vezes. E, quando eu me aproximei, ele não ficou me evitando e nem se limitando a acenos de cabeça.

Já havíamos progredido bastante.

— Você está linda — observou ele, fazendo com que a minha mente gritasse um “*eu sei!*” bem alto.

Agradei o seu elogio com um sorriso e retribuí o olhar observador sobre a sua roupa.

Diferente de mim, ele estava indo simples. Um paletó preto, uma camisa azulada e nenhuma gravata — o que me deixou bem surpresa — eram as únicas coisas que se destacavam ao ponto de eu notar em uma primeira visão.

— Tem certeza de que eu não vou tornar o clima estranho? — questionei, quando entramos em seu carro. Antes que ele pudesse responder, completei, imaginando uma cena ridícula, em que os seus familiares me atacavam: — ou que não vão atirar coisas em mim?

Depois de girar a chave e dar partida, os seus olhos voltaram-se em minha direção.

— O clima dificilmente ficaria mais estranho do que já está... E quanto as coisas atiradas, eu não posso prometer nada — respondeu ele, não deixando de rir da minha expressão assustada. Após alguns segundos silenciosos, onde apenas os nossos olhos falaram, o CEO concluiu: — há algum tempo, eu te disse que não importava a opinião que a minha mãe ou qualquer outra pessoa tinha sobre você... Isso continua valendo.

Com os olhos na rodovia, ele questionou: — cadê a Bianca? Eu pensei que ela viria também.

— Pulou fora na primeira oportunidade — respondi, não controlando a minha risada.

— Garota esperta.

Demorou até que eu percebesse que ele não estava seguindo para a casa dos pais dele, estávamos, provavelmente, indo na direção oposta. No

início, cheguei a pensar que ele estava pegando um atalho, mas, então, começou a se afastar demais e exclui essa possibilidade da minha cabeça.

— Pensei que nós fôssemos para a festa de noivado da sua prima — questionei, quando já estávamos deixando a cidade.

— Eu também, mas aí percebi o quanto isso seria um desperdício do nosso tempo — respondeu ele, deixando-me ainda mais confusa do que antes.

Ele não quis me dizer para onde estava me levando, usando o pretexto “*surpresa*”. Mas depois de meia-hora dentro do carro, acabei descobrindo sozinha.

Estávamos em direção a casa de campo da família dele, a mesma em que acabei descobrindo que Christopher e Bryan eram irmãos. E, apesar daquele momento infeliz, que também marcou o início da nossa relação, tivemos ótimos momentos lá — inclusive a nossa primeira vez juntos.

— Estamos indo para a sua casa de campo — respondi, não conseguindo deixar de expressar o quanto estava feliz por descobrir a sua “*surpresinha*” antes da hora.

— Essa é só parte da minha surpresa — retrucou ele, fazendo com que eu revirasse os meus olhos. — Não que você esteja merecendo uma, claro.

Após ele dizer isso, não consegui controlar a minha mão e dei um tapa em seu braço.

Ele se virou, reclamando: — o quê?

— Eu fiquei preocupada, pensando que enfrentaria os seus pais e você nem estava planejando ir para a festa? Você é um cretino!

E, então, uma questão tornou a martelar a minha cabeça.

— Se você estava planejando isso, o que faria se Bianca tivesse aceitado o meu convite?

Bryan virou o pescoço por um instante e me encarou, sorrindo. E, nesse instante, eu entendi tudo e me senti a pessoa mais idiota do universo.

— Você acha mesmo que eu já não tinha conversado com ela, a minha secretária? — continuou ele, com os olhos colados na estrada. — Pra quem arquitetou um plano pra pegar o meu dinheiro, às vezes, até que você é bem burra.

Ele estava mesmo fazendo piadinhas com aquilo?

Aparentemente, sim!

— Só pra constar, eu não fiz um plano pra pegar o teu dinheiro... — Ele tornou a voltar o olhar em minha direção, mesmo que rapidamente, obrigando-se a prestar atenção na direção. — Fiz um plano para conseguir pegar o dinheiro daquele cara, o meu chefe, que era legalzinho com a copeira, mesmo depois de ela ter queimado ele com café.

Depois de alguns segundos em silêncio, eu continuei, tentando explicar a maneira como eu enxergava as coisas: — você não é ele, é o cara que fez com que eu gostasse de acordar todos os sábados às seis da manhã, para me voluntariar e ajudar a tornar o dia daquelas crianças mais divertido. Você fez com que eu acordasse ainda mais cedo para correr em direção a padaria, comprar todas aquelas coisas, esconder as embalagens, bagunçar um pouco a cozinha... e tudo por causa de um sorriso, o que você daria ao ver a mesa arrumada. — Levei a minha mão até o seu braço e o massageei, sentindo os seus pelos. — Você é o cara que me mostrou que o amor não é só uma forma inteligente que as pessoas encontraram pra ganhar dinheiro vendendo livros e filmes.

Eu queria que ele pudesse sentir o que estava em meu coração, que soubesse o quanto eu o amava.

Todas as suas dúvidas desapareceriam no mesmo segundo.

Mas, infelizmente, não existia uma forma fácil de ele saber disso.

O loiro não disse nada.

E eu sabia que era difícil, que as suas dúvidas e medos não desapareceriam por causa de uma frase bonitinha que eu havia acabado de pronunciar.

Continuei com a minha mão em seu braço, mostrando pra ele que eu entendia, que compreendia perfeitamente o fato de ele precisar de tempo. Eu estaria ao seu lado, independente da decisão que viesse ao final de tudo — ainda que essa fosse justamente uma para que eu deixasse de estar ali.

De repente, todas aquelas frases bregas de *Facebook* começavam a fazer algum sentido.

Amor é exatamente assim.

Se entregar, sem esperar nenhum retorno. Mergulhar sabendo que talvez pode acabar não voltando a superfície.

E, definitivamente, não é apenas alegria e felicidade.

Capítulo 10 — Água Gelada

Chegamos na casa de campo por volta das oito e meia. E mesmo à noite, aquele lugar não deixava de ser lindo, um tipo de beleza que nem a escuridão conseguia esconder.

A primeira coisa que Bryan fez quando entramos na casa, foi acender a lareira da sala e se jogar em cima do sofá. Sem nenhum aviso prévio, ele começou a se livrar de toda aquela roupa formal — que usou apenas para me enganar, fingindo que iria a festa de noivado da prima —, ficando apenas de camisa e cueca.

Ele deixou as peças de roupa espalhadas pelo chão, mostrando-me que quando nos casássemos — se os meus sonhos realmente se concretizassem —, eu teria que puxar a sua orelha até que ele perdesse esse mau hábito.

Caminhei ao seu encontro e sentei-me ao seu lado no sofá. Nem mesmo hesitei em beijá-lo, sentindo e maravilhando-me com o seu gosto — um do qual eu já estava viciada há muito, muito tempo.

— Nós temos lembranças tão boas em cima do sofá, não é? — sussurrou ele, agarrando-me pelas pernas e deitando-me ali. Com a sua ajuda, sobrepus o seu corpo com o meu e o encarei de cima, esperando por suas próximas palavras. — O que acha que criarmos mais uma?

Como estava com as mãos em cima de seu peito, conseguia sentir o seu coração batendo.

Estava em um ritmo acelerado e parecia aumentar mais conforme o meu corpo se aproximava ainda mais.

Seus olhos azulados estavam bem abertos e fixos em mim, foi como encarar o oceano de cima e, por mais que eu não fosse a melhor nadadora do mundo, algo nele fez com que eu quisesse me jogar lá dentro, em um mergulho corajoso, sem nenhum medo de acabar morrendo afogada.

Abaixei-me e lhe dei apenas um selinho, deixando-o com um gostinho de “*quero mais*”. Eu realmente queria que ele implorasse pelo meu toque, queria obrigá-lo a pedir, usando palavras e não se limitando a gestos.

Bryan levantou o rosto, buscando por mais do que aquilo que havia lhe oferecido e negado. Ele abriu a boca, como se planejasse me engolir e continuou parado, esperando o melhor momento para dar o seu bote.

Mas ele nem teve a chance.

De uma maneira bem impulsiva, eu desci do sofá e comecei a correr, fugindo dele como uma criança brincando de pega-pega com os amigos. Mas, nesse caso, estava mais para um “*pega e come*” — um jogo que era tudo menos infantil.

Eu não precisei olhar para trás pra saber que Bryan estava vindo em minha direção, como se a sua vida dependesse de me alcançar.

Abri a porta que dava acesso ao lado externo da propriedade e continuei a correr, desta vez, pelo gramado. Não importei em sujar o meu pé e nem mesmo com o risco de escorregar e cair, rasgando aquele vestido que eu tanto gostava. Naquele momento, tudo o que eu queria — e pensava — era em fugir do homem que me perseguia.

Por mais que estivesse de noite, a lua acima de mim e a própria iluminação do local traziam bastante claridade, não dificultando mais a minha fuga.

Olhei rapidamente para trás e notei o quão próximo Bryan estava e isso fez com que eu aumentasse a minha velocidade — como se eu realmente tivesse uma chance contra ele na corrida. Corri em direção à piscina e o cretino me encurralou, fazendo com que eu me odiasse por não ter pensado naquilo antes.

Ele deixou-me com apenas duas opções; continuar dando voltas na piscina e nunca escapar — e, provavelmente, ser pega após cansar de correr — ou tentar derrubá-lo ali dentro da água e vencer o nosso joguinho.

Como sempre optei pelo caminho mais arriscado, não mudei isso em minha decisão. Eu escolhi a segunda e me preparei para empurrá-lo lá dentro com toda a minha força.

Como se estivesse cansada de correr, deixei com que ele se aproximasse e quando o CEO pensou que havia finalmente me capturado, eu o empurrei da maneira que havia planejado.

Só não contava que, no último segundo, ele agarraria o meu braço e me levaria para a água junto com ele.

Não deu muito certo.

Ele havia me pegado e eu estava toda molhada.

A água estava muito fria, sentia como se o meu corpo pudesse congelar lá dentro a qualquer momento. E esse, provavelmente, foi motivo dele se aproximar rapidamente, nadando em minha direção.

Estávamos apenas eu, Bryan e a lua acima de nós dois.

Seus braços me envolveram em um abraço apertado, esquentando-me um pouquinho, o suficiente para que a água que nos envolvia se tornasse mais agradável. A temperatura fez com que os nossos corpos colassem um no

outro, em busca do calor humano.

E, daquela forma, tão próximo a ele, foi impossível não voltar o meu olhar para o seu rosto molhado e, principalmente, não beijá-lo. Eu não resisti a aqueles lábios avermelhados, que pareciam gritar pelo meu toque e, diferente de mim — que sai correndo e o obriguei a me seguir — Bryan não fez nenhuma cerimônia para retribuir.

— Vamos terminar o que começamos lá dentro? — sugeriu ele quando os nossos lábios se afastaram.

Aquela sua pergunta acabou me deixando em dúvida sobre o que ele realmente estava tentando me dizer.

“Ele está falando sobre beijos ou algo a mais?” a minha mente gritava, em busca de uma resposta.

Mas não precisei nem lhe perguntar, as suas próximas ações responderam quaisquer dúvidas que pudessem existir em minha mente.

Ele levantou o meu vestido e se livrou da minha calcinha, antes de agarrar as minhas pernas com bastante força, trazendo-as para mais perto de seu corpo.

— Vamos deixar essa água mais quente? — questionou-me o safado, com um sorriso malicioso em seu rosto molhado.

Alguma coisa me dizia que ele não estava falando de ligar o aquecedor.

E, como se estivesse lendo os meus pensamentos, a sua mão esquerda abandonou a minha coxa e mergulhou, flutuando até a minha *“estrela do mar”*, que ele não hesitou em tocar.

Bryan invadiu-me com dois de seus dedos, fazendo com que um gemido abafado escapasse de mim. Voltei o meu olhar para o seu rosto e o

NACIONAIS-ACHERON

cretino estava sorrindo, enquanto uma expressão repleta de malícia se alastrava por toda a sua face.

Ainda com os dedos lá embaixo, ele continuou: — anda... eu quero ouvir você dizer!

Passei minha mão pelos seus cabelos molhados e os agarrei, trazendo a sua cabeça até a minha, beijando-o mais uma vez, como se todo o ar do universo estivesse dentro de sua boca.

E, quando os nossos lábios se afastaram lentamente, dei ao CEO a resposta que ele tanto queria ouvir deixando a minha boca: — vamos esquentar as coisas.

Facilitei um pouco as coisas para ele, agarrando a sua cintura com as minhas pernas e posicionando o meu corpo exatamente onde ele queria.

Bryan me carregou para a parte mais rasa da piscina, onde os seus pés conseguiam tocar o chão e se livrou da cueca, a última peça de roupa que ainda vestia o seu corpo. Eu soube disso porque senti o seu membro tocar de leve em mim e somente esse breve toque foi o suficiente para que o meu corpo despertasse, tornando a água um pouco mais quente.

Sem mais tardar, o homem que me segurava em seu colo, simplesmente, encaixou o seu corpo ao meu e começou a pressionar-me para baixo no mesmo instante em que movimentava o quadril, metendo em mim dentro da água.

Nem mesmo o frio conseguiu deixar aquilo ruim.

Eu o beijei e ele retribuiu de maneira ainda mais intensa, enquanto continuava a me empalar daquela forma gostosa e firme, não brincando em serviço.

Suas mãos permaneciam em minhas coxas, onde ele controlava o ritmo de seus movimentos.

E, diferente de quanto ele simplesmente me pegava no colo e metia, a água ajudava com o meu peso, o que facilitava bastante para ele me foder de maneira ainda mais intensa. Era como se estivéssemos flutuando.

Rapidamente, apaixonei-me por aquela sensação.

Não tinha como escapar — não que eu quisesse fugir —, estava presa em seus braços e sendo invadida a todo instante por seu membro, que entrava e saía de mim, deixando-me ainda mais molhada por dentro.

— Rebola essa boceta no meu pau, rebola — pediu ele, como se eu realmente estivesse no comando. Se Bryan quisesse, poderia movimentar ele mesmo o meu corpo através das minhas coxas. — Seja uma boa garota, Vanessa.

Não resisti após ouvi-lo dizer o meu nome daquela forma safada.

Movimentei o meu quadril, fazendo com que ele gemesse alto. Suas mãos apertaram ainda mais as minhas pernas e ele me ajudou a movimentar, fazendo com que eu rebolasse em cima daquela vara — exatamente como ele queria.

Fechei os meus olhos e deixei com que aquela sensação me invadisse da mesma forma que o seu caralho fazia, de maneira rápida e dura.

Passei o meu braço por seu pescoço, antes sentir mais um pouco o gosto do seu beijo.

Seu fôlego foi reduzindo a medida que a sua respiração e estocadas aumentavam. Eu não precisava de uma bola de cristal pra saber que ele estava prestes a gozar.

Dessa vez, ele não gemeu com aquele seu costumeiro urro. O CEO me engoliu com a sua língua no instante em que seu corpo deu as últimas estocadas, foi uma espécie de grito abafado, com os lábios colados nos meus.

Os nossos corpos se desencaixaram no momento que os nossos rostos de afastaram, tornando possível que eu mergulhasse. Depois de submergir, eu abri os meus olhos e procurei por Bryan, mais especificamente, a parte de baixo de seu corpo.

Não demorou muito para que eu encontrasse exatamente aquilo que procurava. Nadei até ele e não me contive passando as minhas mãos por suas pernas, antes de finalmente segurar o seu pau com as minhas mãos.

Como o meu ar já estava acabando, não perdi tempo e o abocanhei e, neste meio tempo, um pouco de água invadiu a minha boca, fazendo-me retornar até a superfície, onde o CEO me esperava com um sorriso no rosto. Só tive tempo de senti-lo em meus lábios, a falta de ar tornava quase impossível fazer um boquete lá embaixo.

Sem as nossas “*brincadeirinhas*” dentro da água, o meu corpo esfriou e, conseqüentemente, isso fez com que a água voltasse a se tornar quase tão gelada quanto no momento em que eu caí ali dentro com Bryan.

Nadei até a escada e deixei a piscina, antes de caminhar em passos largos para dentro da casa. E, novamente, não precisei olhar para trás para saber que o safado continuava me seguindo, como se ainda estivéssemos brincando de pega-pega.

Capítulo 11 — Um Banho Quente

Caminhei em direção ao banheiro do quarto de Bryan.

O CEO, assim como eu já imaginava, também me seguiu até lá.

Logo após cruzar a porta, eu me liberei do meu vestido, que estava todo encharcado — de água e “*outras substâncias*” — e entrei embaixo do chuveiro, relaxando completamente. Diferente da temperatura da piscina, a água estava bem quente, quase queimando o meu corpo.

Quando ele chegou ao banheiro — totalmente nu —, não entrou de imediato, ficando parado próximo da porta, observando-me com um olhar repleto de desejo.

Eu retribuí o seu olhar, com um sorriso no rosto — um tão safado quanto o dele.

Acenei com a mão para que ele se aproximasse e o homem a minha frente finalmente cruzou o box, juntando-se a mim debaixo da água quente. Se eu já estava queimando sem ele, agora me transformaria em um monte de cinzas aos seus pés.

Não me contive e fiz aquilo que não consegui fazer lá na piscina. Abaixei-me, ajoelhando-me em frente a ele e agarrei o seu membro, que já estava “*meia bomba*”, crescendo conforme o meu toque se intensificava.

Fiz movimentos de vai e vem com a mão — literalmente, “*batendo uma*” pra ele —, auxiliando em sua ereção. Não demorou muito para que aquelas suas veias já começassem a pulsar em minha mão.

Em menos de um minuto de “*punheta*”, a cabeça daquele cacete já

estava toda melada.

Estava “*ao ponto*”.

Deixei de limitar aquela brincadeira apenas as minhas mãos e passei a usar a minha boca também, chupando aquele caralho com bastante vontade e, desta vez, sem correr o risco de morrer afogada.

Continuei abocanhando o membro de Bryan, sugando toda aquela porra que o seu pau babava constantemente. Propositamente, raspei os meus dentes por sua cabeça, fazendo-o gemer e, instintivamente, afastar a minha cabeça de seu corpo.

Voltei o meu olhar para cima e sorri, provavelmente, com os meus lábios sujos pelo seu néctar dos deuses. Ele, provavelmente, adorou me ver daquela forma, pois, depois disso, o seu pau ficou ainda mais duro, como se fosse uma rocha.

Suas mãos pressionaram a minha cabeça contra a sua virilha e comecei a me engasgar nele, como acontecia sempre que ele tentava me obrigar a engoli-lo por completo. Mas — mesmo acatando as suas “*ordens*” — não deixei de mostrar pra ele que era eu quem estava no comando dessa vez.

Lambi bem toda a sua extensão, não deixando de dar atenção a nenhuma parte daquela rola grossa e succulenta. Tornei a masturbá-lo sem tirar o seu pau da minha boca, chupando-o como se fosse um daqueles sorvetes de forma cilíndrica dos quais eu adorava.

Ele me puxou para cima, levantando-me do chão.

Sua mão seguiu rumo ao meu sexo, que ele não hesitou em agarrar, enfiando os seus dedos sem nenhum tipo de pudor. Bryan os vibrou lá dentro, deixando-me ainda mais tensa do que já estava, quando engasguei.

E, sem tirar a mão de lá, ele me virou, pressionando-me contra a parede gelada. O lado bom era que a sensação gélida ao entrar em contato com a parede azulejada ajudou a conter todo o calor que crescia descontroladamente dentro do meu corpo.

Pensei que ele fosse me penetrar o meu sexo — ou minha “*boceta*”, a forma como ele adorava chamá-la —, mas os seus dedos continuaram lá, movimentando-se tão rápido quanto antes. Eu só fui entender a sua intenção, quando senti o seu mastro raspar na entradinha da minha bunda.

Cretino!

Dessa vez, o safado queria comer outra coisa.

Se eu já estava tensa antes, quando soube o que ele queria, enlouqueci, não sabendo se o deixava continuar ou não.

Por mais que Bryan já tivesse me fodido algumas vezes “*por trás*”, essa prática não era um hábito tão comum entre a gente. E, por mais que fosse muito bom — e realmente me excitasse depois de alguns minutos — era doloroso demais, principalmente no comecinho.

Ele mordiscou a minha orelha, antes de sussurrar ao pé do meu ouvido, em um tom pidão: — posso foder esse rabinho gostoso?

Droga.

Como eu poderia dizer “*não*” para ele pedindo com aquela voz manhosa?

Eu não poderia.

— Tudo bem... mas só se você for com calma — respondi, dando carta branca para que ele prosseguisse.

Ele respondeu beijando o meu pescoço de maneira carinhosa, como se quisesse compensar toda a brutalidade de antes — ou, simplesmente, terminar de me convencer a ceder.

Só fui me lembrar de que não tinha nenhuma lubrificação quando o pau dele tentou me invadir e não teve sucesso, ou seja, tarde demais para dizer um “*não*” sem irritá-lo.

A dor seria algo certo.

O CEO aumentou os movimentos dos seus dedos em meu sexo no momento em que forçou o seu membro contra a minha bunda, uma vez mais. Como eu estava bastante excitada, não senti muita dor quando ele conseguiu entrar.

Era como se ele fosse estourar todas as minhas pregas e deixar-me completamente “*aberta*” — para não dizer outra palavra que começava com “*A*” e terminava com “*rrombada*”.

Eu me senti totalmente cheia com o seu pau lá dentro, atolado em mim.

Cumprindo com aquela sua promessa — a de “*ir com calma*” —, ele começou e forma bastante tranquila, realmente zelando por mim.

Deixou com que eu me acostumassem com o seu volume antes de iniciar os movimentos.

No entanto, ainda que estivéssemos embaixo do chuveiro, o lubrificante fez muita falta. Tive certeza disso no instante em que ele deu a primeira estocada. As minhas pernas ficaram bambas e se ele não estivesse pressionando o meu corpo contra a parede com muita força, eu teria caído.

Para compensar toda a dor do começo da penetração anal, ele continuava invadindo o meu sexo com os seus dedos habilidosos, em um

movimento rápido e muito eficaz. Seus lábios também ajudavam bastante, beijando o meu pescoço e boca, sempre que a sensação dolorosa tornava a me assombrar.

Seu quadril começou a se movimentar, aumentando o ritmo e provocando uma verdadeira colisão entre os nossos corpos, uma forte o bastante para que eu ouvisse o barulho. Bryan estava metendo em mim com bastante força, quase que, literalmente, enchendo a minha bunda com a sua pica.

Não consegui mais controlar os meus gritos e, na casa de campo, nem precisava — diferente do que acontecia no apartamento dele, onde eu sempre tomava cuidado para não acordar um dos vizinhos com os meus gemidos.

— Tá gostando de levar no cuzinho, sua safada? — indagou ele, aumentando ainda mais as suas estocadas. — Geme pra mim, geme?

E, novamente, cedi aos seus caprichos.

Dessa vez, eu não tive tanta escolha, já que os gritos estavam escapando dos meus lábios conforme o seu pau me invadia com força.

Eu já não estava sentindo tanta dor quanto antes e, como ele continuava fodendo o meu sexo com os dedos gulosos da mão direita, o meu prazer era dobrado, aproximando-me cada vez mais do êxtase — uma palavrinha que sempre aparecia em meu vocabulário quando estava ao lado de Bryan.

A sua mão esquerda agarrou um dos meus seios, apertando-o com força e isso contribuiu ainda mais pra a minha excitação, fazendo-me encostar o meu rosto na parede gelada, buscando por uma espécie de fresco.

Tudo queimava enquanto os nossos corpos continuavam colidindo em

perfeita sincronia. E, diferente de quando entrei no chuveiro, tudo o que eu mais queria era que a água estivesse gelada — tão fria quanto a daquela piscina.

O ritmo de Bryan aumentou — tanto do seu pau quanto dos seus dedos em minha “*fenda*” e, dessa vez, o orgasmo chegou junto para nós dois — outra coisa que também não ocorria com muita frequência.

Senti o seu pau crescer dentro de mim — a sensação que os jatos de porra causavam — e, em seguida, ele tirou o cacete de lá de dentro, que escorregou junto com parte da porra que ele havia acabado de cuspir em mim.

Depois disso, não tentamos mais nenhuma “*brincadeirinha*”, simplesmente, tomamos banho, arrancando o suor — e qualquer outra coisa, consequência dessas mesmas brincadeiras — de nossos corpos.

E após nos lavarmos, sequei o meu cabelo com a toalha mesmo em frente ao espelho, completamente concentrada naquilo que estava fazendo.

Bryan não entendeu o porquê da minha expressão de preocupação com algo tão bobo quanto secar o cabelo.

E, em determinado momento, ele se aproximou, questionando: — o que foi?

Virei-me, voltando o meu olhar em direção a ele, antes de responder: — o meu cabelo... estou morrendo de medo dele ficar verde por causa do cloro da piscina.

Ele continuou confuso, provavelmente, porque era um homem e não tinha essa preocupação.

E depois alguns caras ainda tinham a ousadia de dizer que sofriam mais

que uma mulher. Só acreditaria quando um deles se recusasse a mergulhar por medo de emergir com uma coloração de cabelo totalmente diferente.

— Se você ainda estivesse ruiva...

— Meu cabelo teria virado uma água de salsicha — interrompi a sua frase, fazendo-o rir.

Ele balançou a cabeça e aproximou-se ainda mais, enquanto mantinha os seus olhos fixos nos meus.

— Não precisava se preocupar... você está ainda mais linda do que quando entrou naquela piscina.

Capítulo 12 — Durante a Noite

— Tá com fome? — perguntou-me Bryan, virando-se para me encarar.

Estávamos deitados na cama, assistindo uma série sobre política americana. O CEO adorava tudo que era relacionado a isso e eu, por mais que não fosse a maior fã desse tipo de conteúdo — optando por séries sobre vampiros gostosos —, ainda estava na fase de agradá-lo.

Balancei a cabeça, em um sinal positivo, respondendo a sua pergunta.

Eu não estava apenas com fome, estava faminta. O nosso “*mergulho*” na piscina havia sugado todas as minhas energias.

— O lado ruim de vir pra cá é que não dá pra pedir comida — continuou ele, pausando a televisão, antes de se levantar da cama. — Mas deve ter alguma coisa na cozinha.

Eu o acompanhei até o outro cômodo, estava disposta a ajudá-lo na cozinha, por mais que ele fosse muito melhor do que eu nessa parte.

— Se a gente tivesse ido pra casa dos meus pais, comida não seria problema — queixou-se ele, como se realmente estivesse pensando sobre aquilo.

Revirei os meus olhos, antes de retrucar: — e a sobremesa, provavelmente, seria uma deliciosa torta de climão.

Bryan sorriu, o que, certamente, comprovava a minha teoria.

Tinha certeza que a mãe do CEO me ignoraria durante toda a festa e, no máximo, me daria um sorriso amarelo — mais falso que uma note de três reais — para não levantar nenhuma fofoca sobre o mal estar — se é que elas

NACIONAIS-ACHERON

já não existiam.

— Se a gente voltar mesmo, você vai ter que encarar todo mundo — ele comentou, dando-me um pouco de esperança com aquele “se”. — Os me...

— Depois de todas as coisas que você descobriu sobre mim, deveria saber que covardia e vergonha não são um dos meus defeitos — respondi, lançando um olhar em sua direção.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Bryan contra argumentou: — antes fosse, né?

E isso foi como um soco na boca do meu estômago.

Dessa vez, eu não consegui nem forçar um sorriso e a minha expressão transpareceu exatamente o que eu estava sentindo, o quanto as suas palavras me deixaram magoada.

E parte disso se devia ao fato de que ele não estava mentindo sobre a covardia e vergonha não serem os meus piores defeitos — cargos assumidos por manipulação, egoísmo e mais um monte de coisa que não vale muito a pena comentar.

De certa forma — por mais que parte de mim discordasse firmemente —, foi até bom levar aquele fora. Isso me mostrou que eu não havia consertado as coisas, não ainda. Mostrou-me que não seria tão fácil assim reconquistá-lo. Mas independente do quão difícil fosse, eu continuaria tentando, faria tudo o que tivesse ao meu alcance.

Caminhei em direção a geladeira e peguei queijo mussarela e presunto, maionese e uma jarra de suco.

— O que você acha de sanduíche? — perguntei a ele, mostrando que

não estava chateada ou bancando a ofendida por causa de uma frase recheada de verdades. Ele ficou em silêncio e isso fez com que eu insistisse: — posso não cozinhar tão bem, mas sanduíche eu sei fazer!

Ele caminhou até o armário para pegar o pão.

Após colocar o pacote em cima da mesa, o loiro respondeu: — Você vai agir assim? — Eu voltei o meu olhar para ele, realmente não entendendo o rumo da nossa conversa e isso foi suficiente para que ele completasse: — vai fingir que as minhas palavras não te atingiram?

Peguei duas fatias de pão e comecei a organizar os sanduíches em cima da mesa.

Sem olhar pra ele, o confrontei: — o que você quer que eu faça?

Segundos depois de um silêncio ensurdecador, ele me deu a resposta: — Eu quero que você...

— Eu não tenho como provar que os meus sentimentos são verdadeiros, não enquanto você continuar se fechando, duvidando de mim — eu o interrompi abruptamente, não me controlando. Segurei o máximo que pude, mas não conseguia mais ficar calada, engolindo tudo o que eu queria dizer. — Tudo o que eu posso fazer é continuar tentando te mostrar que eu não sou mais aquela pessoa. Posso ainda não ser um exemplo de ser humano, mas eu escolhi agir diferente...

Antes que ele pudesse abrir a boca para me interromper, eu ergui a minha mão, dizendo: — agora, sou eu quem está falando!

— Eu aguentei todas as vezes que você me evitou, aguentei as indiretinhas e vou continuar aguentando tudo isso não só porque eu sei que fiz por merecer, mas porque eu realmente amo você — continuei, dando uma

visão diferente pra ele de toda aquela situação. — Eu não tenho como te livrar de nenhuma dessas dúvidas, não tenho como provar de maneira lógica que eu não estou dizendo isso agora como parte de um plano para me casar com o CEO da empresa em que eu trabalho. — Aproximei-me de onde ele estava, abandonando os sanduíches em cima da mesa. — Tudo o que eu posso fazer é continuar tentando, lutando por você, mesmo sabendo que não é uma batalha da qual eu possa vencer. — Levei a minha mão até o rosto dele, antes de continuar: — e qual o motivo de eu continuar aqui, insistindo em um causa perdida? Talvez seja porque eu sou esperançosa ou convencida demais, se preferir. Talvez, lá no fundo, eu só queira aproveitar o restinho de tempo ao seu lado, porque sei que quando ele chegar ao fim, quando você fazer a escolha que, provavelmente, é a certa, eu não vou mais te ver.

Depois de perceber que havia dado todo um discurso vergonhoso em frente a ele, eu afastei a minha mão de seu rosto e tornei a me concentrar nos sanduíches, enquanto o meu rosto parecia queimar.

Eu estava mesmo sentindo vergonha do cara que eu amava? Definitivamente, não era um sentimento bom.

— Nós vamos embora ainda hoje ou amanhã cedinho? — questionei, ciente de que no dia seguinte tanto eu quanto Bryan tínhamos bastante trabalho nos esperando na Leal Corp.

Pensei que ele continuaria em silêncio, que teria que tentar tirar isso dele mais uma vez, mas o homem ao meu lado me surpreendeu, respondendo: — Na verdade, meu plano era ficar aqui com você até o domingo... — Se a voz dele não tivesse soado tão séria, eu não teria acreditado. Ainda estávamos na quinta-feira, ou seja, muitos dias pra quem, aparentemente, não estava totalmente a vontade com a minha presença. Ao notar a minha expressão incrédula, ele continuou: — e eu ainda quero isso... se estiver tudo bem pra

você.

Aquilo me fez muito bem, saber que ele desejava passar mais tempo ao meu lado.

E, por esse motivo, eu me odiei pela resposta que dei: — eu adoraria passar mais tempo com você, principalmente aqui, nesse lugar maravilhoso, mas tenho muitas coisas importantes me esperando amanhã... E tem o orfanato no sábado, as crianças precisam de mim por lá.

Por mais que fosse bem difícil de acreditar que eu não estava tentando pagar de boa moça — principalmente com todo o meu histórico —, realmente tinha alguns assuntos inacabados para resolver no setor de criação. E quanto as crianças, já havia se tornado uma espécie de tradição estar lá durante as manhãs de sábado, não me imaginava mais terminando a semana de outra forma.

— Como você preferir — respondeu ele, deixando a cozinha sem nem mesmo comer.

“Parabéns, babaca!” pensei, odiando-me mais um pouco.

Mas como se tratava de mim, Vanessa Waller — a rainha da autoestima —, esse ódio não durou muito.

Ainda que Bryan estivesse chateado pela minha negativa, sabia que havia feito a coisa certa. E, dessa vez, essa *“coisa certa”*, não era certa pra mim, mas para os meus colegas de trabalho e as crianças que ficavam no orfanato.

De forma bem frustrada, comecei a rir e, logo em seguida, precisei me controlar para não começar a chorar, como uma completa louca.

Voltei a minha atenção para os sanduíches e os terminei, pois sabia que

o CEO ainda devia estar com fome, que nem mesmo a nossa conversa devia tê-lo feito perder o apetite. Montei com a maionese, queijo, presunto e uma pitadinha de orégano. E, por fim, os presei na chapa.

Certamente, não era o tipo de banquete que Bryan — e nem eu depois que passei a conviver com ele — estava acostumado, mas tinha que servir, nada seria tão ruim com a fome que estávamos.

Fui até a sala e vi que tinha duas malas próximas do sofá.

— Separei algumas roupas suas que estavam no meu apartamento... — explicou-me ele, fazendo com que eu me sentisse ainda pior por ter recusado ficar. — Como disse, tinha planejado mais do que apenas algumas horas.

Essas horas foram tão bem aproveitadas que ele não tinha nem o direito de reclamar.

Ao que tudo indicava, no instante em que eu disse que não queria ficar até o final de semana, Bryan decidiu que não passaria mais nenhuma hora na casa de campo. Ele foi arrumar as nossas coisas, levou elas até o seu carro, só faltou me carregar no colo até lá.

Enquanto ele arrumava a cozinha, fui para o quarto arrumar a cama. Como estávamos no meio da semana e, geralmente, ninguém usava a casa nesse período, não tinha nenhuma arrumadeira encarregada de limpar. E também eram coisas simples de organizar, não nos tomaria mais que alguns minutos.

Quando não havia mais nada que pudéssemos fazer ali, seguimos para o carro. Eu já estava imaginando — e aceitando — que o motorista nem falaria comigo durante todo o percurso, voltando a agir como um mimico.

No entanto, fui surpreendida por Bryan novamente.

Ele entrou no carro e visualizou o pote com os sanduíches na minha mão.

— Você não tinha jogado isso fora? — questionou ele, franzindo a testa.

Antes que a resposta deixasse a minha boca, eu comecei a rir.

— Eu tô com fome — comentei, ainda rindo da imagem que devia estar na cabeça dele, eu segurando aquele pote, como se fosse uma espécie de marmita. — Trouxe pra ir comendo no caminho.

Ele sorriu e voltou a sua atenção para girar a chave e dar partida no carro.

— Eu... eu... desculpe pelo que disse antes... — disse ele, sem me encarar. — Sobre defeitos... e todas as indiretinhas.

Seguindo a sua postura, também sem voltar o meu olhar em sua direção, respondi: — não... não precisa se desculpar, eu sei que é complicado pra você.

Eu, provavelmente, deveria ficar calada, enfiar um sanduíche em minha boca e fechá-la até o fim da viagem, mas não aguentei.

— Eu é que devia estar me desculpando... por todo aquele discurso brega na cozinha — tornei a falar, rindo ao me lembrar das coisas que havia dito, que soou como se estivesse implorando para ele me aceitar de volta. — Eu sei que depois que se perde a confiança, é impossível reconquistá-la completamente.

Ele pegou um dos sanduíches dentro do pote e deu uma mordida. Não sabia o que era mais imprudente; eu distraíndo ele ao volante ou Bryan usando apenas uma mão para dirigir.

— Então, você acha que eu nunca mais deveria confiar completamente em você? — questionou ele de boca cheia, roubando toda a minha atenção.

No mesmo instante, balancei a cabeça, negando aquilo: — não coloque palavras na minha boca!

Estranhamente, eu estava bem tranquila e sentia que Bryan também.

Essa não era uma de suas indiretinhas, ele só estava brincando.

— Eu já te disse que era uma garota terrível no tempo em que vivia no orfanato, não é? — comentei, lembrando muito bem daquele tempo, do quanto sofreram comigo lá dentro. — Lembro que um dia eu estava correndo e acabei esbarrando em uma vidraça e ela se espatifou. Olhei para os dois lados e vi que ninguém tinha me visto, então deixei aquele local e fingi que nada tinha acontecido. No dia seguinte, Tereza me abordou perguntando se eu havia quebrado alguma coisa. Como eu me lembrei de que ninguém tinha me visto lá, imaginei que ela só estava jogando verde e respondi que não. Então, ela me disse *“eu te vi ontem, eu sei que foi você”*.

— Se você está tentando me dizer que era uma mentirosa nata desde o tempo de criança, não está ajudando muito — disse o CEO, atrapalhando a minha história.

Não pude deixar de rir daquele seu comentário.

Eu realmente havia sido uma criança bem mentirosa e um tanto manipuladora.

Ignorei a frase dele e prossegui: — eu comecei a chorar, pedindo pra ela me desculpar e dizendo qualquer coisa que fizesse com que ela não me castigasse, tirando a minha sobremesa por um mês... o que, de fato, aconteceu... — A lembrança me tirou um sorriso que contagiou o CEO,

fazendo com que os lábios dele esticassem também. — Quando disse que nunca mais faria isso, que ela podia confiar em mim, Tereza fez um comentário que eu não entendi bem naquela época, mas que agora faz todo o sentido do mundo.

— Ela disse que a confiança é como uma taça de cristal, que depois que a derrubamos no chão não tem como consertar completamente. Podemos pegar cada um dos cacos e colar, podemos até fazer com que ela volte a ser reutilizada, mas continuará sendo uma taça trincada.

Antes que ele pudesse dizer algo como *“eu não estou entendendo onde você quer chegar com isso”*, concluí: — eu sei que você sempre terá um pé atrás comigo, que se um dia aceitar se casar comigo, no momento em que dizer o *“sim, eu aceito”*, a sua mente vai gritar algo como *“será que eu fiz a escolha certa?”* ou *“e se essa mulher ainda estiver tentando me passar pra trás?”*. — Pela expressão de seu rosto, eu sabia que ele estava entendendo bem o que eu estava tentando lhe dizer. — E tudo o que eu posso fazer, é surpreender essa vizinha na sua mente, provar dia após dia que ela está errada. Eu não posso remover as partes trincadas da nossa taça, Bryan... mas posso te mostrar que você ainda pode degustar um bom vinho nela, que mesmo lascada, ela ainda continua servindo.

Eu tinha me detestado tanto por ter feito uma espécie de discurso dentro da cozinha e acabara de fazer o mesmo no carro. Mas por mais bregas e bobos que eles pudessem soar, eram verdadeiros.

— Agora volta essa sua atenção pra estrada... eu sou muito jovem pra morrer no meio do nada — comentei, tirando o sanduíche da mão dele e me comprometendo a levá-lo até a sua boca, sempre que ele acabasse de mastigar. — Eu não sou a Vera, mas vou fazer aviãozinho pra você, mocinho.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 13 — Indesejado

O restante da semana passou voando.

Parte disso se devia ao clima harmonioso entre eu e Bryan. Mesmo não estando com a sintonia que possuíamos antes dele descobrir tudo, nossa relação melhorou muito nos últimos dias. Foi uma melhora tão natural que só fui perceber no domingo de manhã, quando recebi uma mensagem com um “*bom dia*”, junto com um *emoji* de carinha alegre.

Fiquei quase um minuto inteiro em pé, parada ao lado da cama, encarando a tela do meu celular e rindo como uma idiota.

Talvez eu tivesse continuado lá se um barulho estranho não me atraísse em direção à sala.

Se imaginasse o que me esperava lá, nem teria deixado do quarto.

Christopher — sim, o cara que me ajudou a ferrar com a minha vida — estava parado em frente a Bianca e os dois estavam tendo uma espécie de discussão. Quando eles perceberam que eu estava os observando de longe, interromperam a conversa e passaram a me encarar.

Voltei o meu olhar em direção a Bia, tentando ignorar aquele ser próximo dela, e indaguei: — o que esse cara está fazendo aqui?

Ela me lançou um olhar de “*você realmente está perguntando isso pra mim?*” e respondeu: — ele estava lá na recepção e me disse pelo interfone que iria fazer um escândalo se eu não o deixasse subir.

Por mais que eu quisesse bater na Bianca por tê-lo deixado entrar no apartamento, sabia que ela havia tomado a melhor das decisões, não podia

deixar mais uma fofoca envolvendo eu e Christopher circular pela família de Bryan, que já não devia nutrir o melhor dos sentimentos por mim.

— Vocês realmente vão continuar falando de mim como se eu não estivesse aqui? — comentou ele, se intrometendo na nossa conversa.

Christopher adorava se intrometer em tudo, provavelmente — além de cantar — essa era a única coisa que ele sabia fazer bem.

— Você ferra com a minha vida e ainda tem a ousadia de aparecer na minha casa? — questionei, ainda não acreditando que o infeliz realmente estava ali, bem a minha frente.

Ele me lançou um sorriso debochado, que já era uma de suas marcas registradas. Agora que eu estava mais perto dele e realmente prestando atenção em seu rosto, pude notar uma marca roxa próxima de seu olho.

— Primeiramente, você ferrou com a sua vida sozinha... eu só dei um leve empurrãozinho — argumentou ele, me irritando ainda mais do que antes. Antes que eu pudesse pegar alguma coisa e atirar em sua cabeça, roxeando o seu outro olho, ele prosseguiu: — e também, até onde eu sei, esse apartamento não é seu.

Christopher piscou pra garota ao lado dele, que parecia ter perdido até o ar depois desse seu movimento sexy.

Nesse instante, Bianca — interpretando o papel de uma péssima amiga, diga-se de passagem —, simplesmente, se virou e deixou a sala, mostrando que não queria fazer parte daquela conversa.

Como continuar ofendendo ele não me ajudaria a resolver aquele problema — basicamente, a sua maldita presença —, eu resolvi ser um pouco mais prática.

— O que você ainda quer comigo? — tentei ser bem direta com ele dessa vez.

O irmão do CEO se auto convidou para se sentar no sofá e, depois de cruzar as pernas, ele revelou: — eu quero saber se deu certo... se eu consegui mesmo ferrar com o seu noivado?

Precisei fechar os meus olhos e contar até três pra não socar a cara daquele cretino.

— Olha, você vai ter que perguntar isso para o seu irmão — respondi, mesmo a contragosto. — Ele ainda não me disse.

Ainda que Christopher fosse um imbecil, eu não conseguia ser tão hipócrita — não mais —, sabia que tudo o que havia acontecido na minha vida era apenas uma consequência das minhas próprias escolhas.

Não que isso fizesse com que eu gostasse mais dele, porque não fazia.

Ele apontou em direção a marca roxa próxima do seu olho esquerdo e tornou a falar, revelando a causa: — eu meio que já perguntei pra ele.

Como não podia expulsá-lo do apartamento sem criar uma grande confusão, optei por me sentar ao lado dele e acabar com tudo aquilo logo.

— Você odeia tanto ele assim? — perguntei, realmente não entendendo todo aquele ódio desnecessário, por algo que não tinha mais como consertar.

Eu podia não ser um exemplo de ser humano, mas não nutria um ódio daquele tamanho por ninguém. Na maior parte das vezes — lá no passado —, agia sempre pensando em me beneficiar, nunca era algo pessoal, para destruir alguém — como Christopher estava tentando fazer com o irmão.

— Não é uma questão de ódio e sim de justiça — argumentou ele, em sua réplica, como se a sua frase justificasse tudo. Ele se levantou do sofá,

completando: — se ele tivesse destruído a única coisa boa da sua vida, você também entenderia o meu lado, maninha.

Optei por não tentar contra argumentar, pois corria o risco dele tornar a sentar no sofá e enrolar mais um pouco para ir embora.

Eu o acompanhei até a porta, torcendo para que não demorasse muito até que eu finalmente pudesse fechá-la e não tornar a pensar em Christopher.

Ele voltou o olhar para o meu rosto e forçou um meio sorriso, dizendo: — não vim só pra saber se terminou mesmo com aquele idiota... — Não precisei nem questionar o verdadeiro motivo de sua visita, pois ele logo me entregou: — sinto muito por ter usado você nisso tudo, o sofrimento dele não deveria vir às custas do seu. Espero que possa me desculpar um dia.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele se virou e partiu, deixando o apartamento e me mostrando que realmente só queria colocar todas aquelas palavras pra fora e não ouvir a minha opinião sobre elas.

Não tinha ideia se o plano dele era me deixar em dúvida sobre o desprezo que sentia, mas, depois daquilo — por mais que eu não fosse admitir para o próprio — deixei de lado parte daquela mágoa. Em parte, porque não queria me tornar alguém como ele, completamente cega por um sentimento ruim, algo que só atrairia coisas do mesmo nível para minha vida. E de outro lado, finalmente percebi que ele era só um cara preso na escuridão, brigando por coisas que não podia enxergar, sendo atormentado por lembranças e vivendo por coisas que já não existiam.

E então, antes mesmo de ir atrás de Bianca pela casa, peguei o meu celular e enviei uma mensagem para o CEO, avisando sobre a visita de seu irmão. Não queria que Christopher comentasse sobre isso e Bryan pensasse que eu estava escondendo o encontro com o seu irmão propositalmente — mais uma vez,

por sinal.

“Christopher passou aqui com um olho roxo. Ele queria saber sobre a nossa relação, se ainda estamos juntos e eu não soube responder. A questão é que eu tive que me segurar para não chutá-lo daqui.”, enviei essa mensagem junto com várias carinhas de raiva.

— Ele já foi? — questionou a minha amiga, ao cruzar a porta. Depois de notar que eu era a única pessoa na sala, ela sorriu aliviada. — Amém, eu pensei que ele nunca mais fosse embora!

Meus olhos rumaram em direção a ela, antes que eu respondesse: — da próxima vez que ele aparecer por aqui, me avise antes de deixá-lo subir.

Bianca não quis retrucar, usando os argumentos que eu sabia que ela possuía.

— O que ele tem de gostoso, tem de loucura misturado com perigo — ela deixou escapar, surpreendendo-me com as palavras que escolhera usar.

Eu, dificilmente, a ouvia se referir a um cara como *“gostoso”*, isso realmente não costumava acontecer. E, por esse mesmo motivo, a fuzilei com o meu olhar, antes de alertá-la: — nem pense nisso...

Ela revirou os olhos, como se eu estivesse dizendo algo sem noção, quando nós duas sabíamos que não.

— Eu estou falando sério, garota! — prossegui, mantendo qualquer vestígio de humor longe da minha face. — O preço é caro demais.

Ainda agindo como se eu estivesse comentando sobre algo totalmente impossível, ela retrucou: — credo Vanessa, às vezes você pensa em cada coisa idiota... Bate três vezes na madeira, sua louca!

Conhecia bem a pessoa do meu lado e sabia que ela havia se derretido toda com a piscadela que Christopher havia lhe dado. Não a estaria alertando

NACIONAIS-ACHERON

se não reconhecesse o perigo iminente.

— Se a sua intenção era me fazer perder a fome, parabéns você conseguiu! — sussurrou ela, como se eu a tivesse ofendido, o que levando em conta a pessoa que Christopher era, até fazia um pouco de sentido se olhássemos por esse lado.

— Logo agora que eu estava indo buscar aquele pão de queijo que você adora.

— Eu odeio você! — Bianca continuou retrucando, mas não deixando de sorrir. Segundos depois, rendendo-se a minha oferta, ela completou: — você está esperando o que pra ir buscar logo a porcaria do pão de queijo?

Capítulo 14 — Planos Futuros

A semana seguinte foi bem corrida, tanto eu quanto o CEO tínhamos bastante trabalho e isso atrapalhou bastante a nossa relação que vinha crescendo mais a cada dia. Nós cruzamos um com o outro apenas uma vez nos corredores da Leal e, na maior parte do tempo, nos falamos através de mensagens trocadas — a única coisa que me tranquilizou, mostrando-me que não havíamos regredido.

No sábado de manhã, nos encontramos no orfanato. E em menos de um minuto de conversa, eu soube que tudo estava igual, que a nossa distância durante essa determinada semana não era um motivo para que eu me preocupasse.

— O que acha de sairmos mais tarde? — sugeriu ele, enquanto guardava os materiais da Educação Física, quando o nosso período chegou ao fim. — Precisamos conversar sobre uma coisa que eu tenho adiado desde o dia em que te encontrei com Christopher na cabana.

E, de repente, toda aquela sensação de segurança desapareceu da minha mente. O chão deixou os meus pés e eu despenquei, fiquei tão pilhada que não consegui nem mesmo lhe responder com uma simples palavra como um “*sim*” ou “*claro*”, obrigando-me a gesticular, balançando a cabeça.

Talvez a nossa relação não estivesse tão bem quanto havia imaginado. Afinal, uma conversa que ele precisou adiar por semanas não me soava uma coisa muito boa.

Desviei o meu olhar de Bryan, focando em Natalie, uma garotinha de sete anos de idade. Por algum motivo — talvez fosse o seu cabelo dourado ou

a sua péssima atitude com os colegas —, ela se assemelhava muito com a menina que eu costumava ser quando possuía a mesma idade, foi impossível acabar não criando um carinho especial por ela.

Ao me ver ali, observando a órfã, o CEO se aproximou e a analisou também, não deixando de sorrir, provavelmente, identificando nela exatamente aquilo que chamava a minha atenção.

— Ela é a sua cara — comentou o homem ao meu lado, em um tom de voz baixo, cuidando para que a menina não ouvisse. Depois de encarar mais um pouco a criança que, aparentemente, estava chateada com alguma coisa, ele prosseguiu: — até emburrada vocês são parecidas.

Eu retribuí o sorriso dele e continuei focando em Natalie.

— Se eu fosse adotar alguém, seria uma criança como ela, que já está em uma idade que as pessoas não querem.

— Você... você está falando sério? — indagou Bryan, surpreso, voltando a sua atenção para o meu rosto. — Sobre adotar uma criança?

Respondi com um aceno de cabeça, confirmando a sua dúvida.

Como eu fiquei em silêncio, ele resolveu continuar, me explicando o motivo da sua surpresa: — é que da última vez que nós conversamos sobre isso, você não me pareceu muito fã dessa ideia.

Deixei de prestar atenção na menina e terminei de pegar o restante das coisas espalhadas pelo chão, enquanto confessei a ele a razão de todo o meu medo sobre aquele determinado assunto: — eu... eu não tive os melhores pais do mundo, você sabe... — Peguei uma bola de futebol e a joguei dentro de um saco, completando, sem encarar o homem ao meu lado: — e, sinceramente, eu não achava que pudesse ser melhor do que eles foram. —

Depois de guardar tudo em seu respectivo lugar, tornei a caminhar em direção a ele. — Mas, ainda sim, faria isso se fosse com você, alguém que, sem dúvida alguma, será um pai maravilhoso e compensará a droga de mãe que eu, provavelmente, serei.

Optei por encerrar por ali, pois não queria me estender muito naquela conversa.

Eu não queria me dar ao luxo de fantasiar um futuro ao lado dele que poderia nem mesmo chegar a existir. Naquela situação delicada pela qual nós dois passávamos, a melhor forma de evitar a decepção era não dando asas para a esperança — que poderia ser a mais cruel das emoções.

Ansiosa para finalmente mudar de assunto, eu questionei: — então, que horas você passa me buscar para essa nossa conversa mesmo?

— Acredito que por volta das oito horas da noite... tudo bem pra você?

Balancei a minha cabeça verticalmente, em uma resposta positiva.

E, então, nós ficamos nos encarando em silêncio por alguns segundos. Mas, dessa vez, essa cena não foi constrangedora, fazendo com que eu desejasse correr ou me esconder para evitar aquele silêncio. Foi algo mais engraçado e desajustado, para nós dois.

Os sorrisos em nossos lábios confirmavam isso.

— Eu tenho que encontrar com a Bianca... — disse, levando os meus olhos para os seus pés, antes de erguê-los até as suas belas lanternas azuladas. — Então, até mais tarde, chefe.

— Até, Waller!

Ele até havia se oferecido para me dar uma carona mais cedo, mas acabei recusando porque passaria em algumas lojas com a minha amiga e

NACIONAIS-ACHERON

também tínhamos combinado de comer alguma coisa fora de casa. Só torcia para que Bryan não pensasse que a minha negativa estava relacionada ao momento atual da nossa relação.

De qualquer forma, aparentemente, eu descobriria a sua decisão à noite.

Capítulo 15 — A Escolha do CEO

Eu não estava me arrumando para um simples jantar com Bryan.

Eu me vestia para o fim de tudo.

Ainda que tudo soasse de forma dramática demais, sabia — bem lá no fundo — que o fim da linha havia chegado e que não tinha nada que eu pudesse fazer para evitá-lo. E nada melhor do que um vestido preto para marcar a minha despedida.

Evitei usar algo longo ou de manga cumprida, porque eu queria uma coisa bem simples, que não fosse chamativa ou exagerada. Mas, ainda sim, queria algo que honrasse a esse momento.

O vestidinho rodado serviria perfeitamente.

Estava tão ansiosa que cinco minutos antes do horário que havíamos marcado, desci até a portaria do prédio e fiquei esperando por ele lá. Cada minuto parecia uma hora inteira, os meus olhos chegaram a cansar de esperar por um rosto que nunca aparecia.

Estranhamente, o CEO atrasou cerca de cinco minutos e isso me deixou ainda mais preocupada, já que ele dificilmente se atrasava para alguma coisa.

Pontualidade era algo bem sagrada para Bryan.

— Desculpe pelo atraso... o trânsito está um pouco complicado hoje — ele se justificou, antes de abrir a porta do seu carro para que eu entrasse.

Ele tinha deixado de fazer aquilo — esses gestos cavalheiros — há algum tempo e vê-lo fazendo naquela noite, quando — ao que tudo indicava

NACIONAIS-ACHERON

— finalmente me daria uma resposta sobre a escolha que ele havia feito, soava muito, muito estranho.

“*Você vai ser chutada*”, a minha mente gritava bem alto, tornando impossível me concentrar em qualquer outra coisa que não fosse aquelas quatro palavrinhas irritantes.

— Eu posso, pelo menos, saber pra onde você está me levando? — perguntei a ele, em uma tentativa falha de puxar assunto.

Ele negou com a cabeça e continuamos seguindo para o desconhecido — ou nem tanto assim, já que eu tinha uma boa ideia daquilo que me aguardava. O CEO também não parecia querer conversar dentro do carro, mantendo-se calado.

Para fugir do silêncio, voltei a minha atenção para a estrada e acabei reconhecendo o caminho que ele estava seguindo, mas como aquilo não fazia muito sentido, eu ignorei completamente, pensando que, no máximo, apenas passaríamos perto desse lugar que eu tinha em mente.

No entanto, Bryan não continuou seguindo, como eu pensei que ele faria. O motorista pegou um contorno para o estacionamento, deixando-me extremamente confusa sobre tudo o que estava acontecendo.

Da última vez que eu me senti dessa forma, foi quando Christopher me levou para aquela cabana e a minha vida virou do avesso.

— O que a gente está fazendo aqui na Leal? — questionei, sem a mínima ideia do que tudo aquilo significava, do porque estávamos entrando no nosso ambiente de trabalho para discutir uma questão pessoal.

E, novamente, diferente do que eu pensei, nós não seguimos para a sala dele ou para a minha, no setor de criação. Subimos até um determinado andar

— um que eu conhecia muito bem — e entramos na salinha que eu costumava ocupar quando não era nada mais que uma copeira.

Desde o dia em que eu comecei a me relacionar com Bryan — logo após me demitir do cargo de secretária —, eu não tornei a pisar naquela salinha.

E voltar ali, naquele determinado momento — bem complicado, por sinal —, me trouxe muitas emoções, uma nostalgia suficiente para arrancar lágrimas dos meus olhos, que não estavam muito habituados com isso.

Eu tentei limpá-los rapidamente, fazer o possível para evitar que o homem ao meu lado percebesse que eles estavam marejados. Mas, como eu não estava em um dia de muita sorte, isso também não deu muito certo.

Será que ele estava tentando me punir ao me mostrar novamente o lugar em que tudo havia começado, segundos antes de me dispensar?

Seria Bryan tão cruel assim?

Eu estava desesperada por essas respostas.

Seus olhos voaram até o meu rosto e, pela expressão séria em sua face, eu soube que não demoraria muito até que as suas palavras chegassem: — eu... eu venho adiando esse assunto desde o dia em que te convidei para aquele jantar, naquela segunda-feira...

— Quando eu te arrastei para o karaokê — completei, não deixando de rir, sentindo um misto de emoções ao me lembrar da cena de nós dois lá em cima daquele palco, cantando.

Como ele não compartilhou do meu sorriso, descobri que não era uma boa ideia interrompê-lo novamente — pelo menos, não até que ele finalmente me desse a sua resposta.

— Eu não vou mentir pra você, não foi nada fácil decidir isso — continuou ele, fazendo com que o meu coração disparasse com todo aquele suspense. — Eu já não sabia mais o que era mentira e muito menos o que era verdade, não tinha a mínima ideia sobre a veracidade do seu amor por mim.

Por mais que eu quisesse interrompê-lo e gritar um “*eu te amo, Bryan. Por favor, acredite em mim!*”, me controlei e deixei com que ele continuasse, sem nenhuma interrupção da minha parte.

— Então, como uma medida desesperada, eu tentei te forçar a me provar que esse sentimento era verdadeiro, que o que tínhamos vivido foi real... — Nesse determinado ponto da conversa, eu já não consegui manter as lágrimas presas nos meus olhos. Comecei a chorar enquanto ele continuava falando: — mas a cada novo dia que passávamos juntos, eu ficava com ainda mais dúvidas sobre esse amor que você continuou jurando sentir por mim.

Infelizmente, eu não fui capaz de continuar de boca fechada e, entre as lágrimas, deixei escapar: — como já te disse... eu não tenho como provar, mas...

Ele levantou a mão direita, fazendo com que o restante das palavras se prendesse em minha garganta.

— Dessa vez, sou eu quem vai falar aqui, O.K?

Balancei a cabeça, mostrando a ele que havia compreendido bem, que não o interromperia mais.

— Eu fiquei com medo de fazer a escolha errada, de perder tudo por alguém que não merecia esse sacrifício, por alguém que não merecia o meu amor — continuou ele, fazendo com que eu entendesse ainda menos do que antes.

Será que ele estava jogando todas essas coisas na minha cara como uma desculpa para a sua resposta negativa?

Provavelmente, sim.

— Mas ainda que esses momentos aumentassem as minhas dúvidas sobre você, eles também me mostraram o quanto a sua companhia me fazia bem, do quanto eu precisava dela.

Os seus olhos deixaram de encarar o vazio e passaram a focar em mim, enxergando-me daquela forma que eu tanto amava, como se eu fosse a única coisa que importasse em todo o universo.

— Então, em um determinado momento, eu deixei de focar na veracidade do seu sentimento e passei a me concentrar naquilo que eu sentia, nas coisas que haviam sido reais pra mim. E acontece que eu nunca tive dúvidas do amor que sinto por você.

Ele caminhou até o final da sala e pegou uma bandeja de prata, daquelas que eu costumava usar para servir as salas desse mesmo andar. E em cima dela, estava uma caixinha preta que fez com que as lágrimas tornassem a invadir a minha face. Bryan a abriu e me mostrou o anel de brilhantes guardado ali dentro.

Era diferente daquele que eu havia devolvido, quando ele havia me pedido um tempo, após toda a confusão envolvendo o seu irmão.

— Eu não preciso mais de nenhuma confirmação da sua parte, não preciso mais de provas sobre o seu amor... Até porque eu não acho que vou conseguir amar tanto alguém quanto eu te amei e ainda amo.

De maneira instintiva, eu levei a minha mão até o anel pairando a minha frente, mas antes que eu tivesse a chance de tocar nele, Bryan afastou a

caixinha, impedindo que eu o alcançasse.

— Antes de oficializarmos isso, eu preciso te fazer mais uma pergunta... Eu prometo que essa será a última. — Depois que concordei, indicando que ele poderia prosseguir com a sua dúvida, o homem a minha frente continuou: — se eu não fosse o CEO da Leal Corp, você ainda se casaria comigo?

Eu não me contive e comecei a rir, pois achei aquela pergunta completamente idiota e sem nenhum sentido lógico. Claro que eu me casaria com ele, independente de sua posição na empresa ou quantidade de dinheiro em sua conta, nós já havíamos superado essa fase.

— Eu amo você e não o seu cargo... — respondi confiante, pois nunca estive tão certa de uma coisa em toda a minha vida. — Escolheria você mesmo que não tivesse nenhum centavo dentro do bolso.

Estranhamente, ele não começou a rir e nós dois não festejamos essa conquista em nossa relação. Deveríamos fazer tudo isso e muito mais já que finalmente havíamos passado por todo aquele problema — um que havia desgastado muito a nós dois.

A minha única certeza era de que ainda tinha um problema.

Eu soube disso quando voltei o meu olhar para a expressão de seu rosto e vi que não havia nenhum traço de felicidade expresso ali.

Ainda existiam palavras não ditas.

— Você estava completamente certa sobre os meus pais não gostarem muito de você e a situação se complicou muito depois daquelas fotos suas com Christopher... — o CEO comentou, sentando-se em um dos banquinhos da sala. Ele me convidou para me sentar ao seu lado, mostrando-me que o

assunto não seria leve. — Logo depois daquele incidente na cabana, eles me deram um ultimato. Disseram que se eu não colocasse um fim nisso, na nossa relação, eles me afastariam da empresa, comentaram que convenceriam todos os acionistas de que eu não sou mais a pessoa certa para o cargo que exerço.

E, então, eu finalmente entendi o porquê Christopher foi até o apartamento de Bianca querendo saber se eu e Bryan ainda estávamos juntos. Ele não queria saber da nossa relação, mas se informar se o irmão havia me escolhido acima do seu amado cargo de CEO.

No fim das contas, o desgraçado havia cumprido muito bem com o seu plano de vingança — ainda que nem tudo tivesse sido planejado por ele.

— Eu não fiquei enrolando todo esse tempo só pra decidir se queria ou não dar mais uma chance pra nossa relação... — concluiu ele, deixando-me arrasada com toda aquela história. — Eu estava decidindo entre você... — Ele apontou para a salinha, que simbolizava toda a empresa, antes de completar: — e tudo isso aqui.

Como eu já havia visto o anel de noivado, sabia que Bryan havia me escolhido.

Eu era a escolha do CEO.

— Eu sei que você ama esse trabalho mais do que qualquer outra coisa — argumentei, mostrando a ele que aquele preço era alto demais para se pagar, até mesmo por mim.

Eu ainda não estava compreendendo como ele deixou tudo aquilo — uma coisa da qual ele se dedicou por toda a vida — por alguém como eu.

Levei a minha mão até a dele e continuei dizendo, enquanto olhava dentro dos seus olhos azulados: — ei, chefe... ainda dá tempo de voltar atrás.

— Não, Waller. Não dá! — respondeu ele, aparentemente, certo da escolha que havia feito. — Eu adoro esse trabalho e, sim, eu dediquei a minha vida toda nele, mas ele não é a coisa que eu mais amo.

Ele se levantou do banco e se abaixou, ajoelhando-se bem a minha frente. E isso era algo completamente novo pra mim, já que da última vez, Bryan simplesmente sugeriu que nos casássemos enquanto estávamos no banho.

— Vanessa Waller, você aceita se casar comigo? — propôs ele, fazendo com que o meu coração falhasse em uma batida. Antes que eu pudesse responder com um imenso “*SIM*”, ele completou: — mas saiba que não existe mais um emprego de CEO ou nenhuma empresa da qual eu comande. Se você aceitar, estará escolhendo somente a mim e nada mais.

Olhei bem para o rosto dele e me vi refletida em seu olhar. E, naquele instante, tive mais certeza do que nunca de que não poderia continuar vivendo sem aquilo.

— Esse “*só você*” é mais do que o suficiente pra mim — respondi, estendendo a minha mão para que ele colocasse o anel de noivado em meu dedo.

Eu não consegui mais me segurar, continuar ali parada sem tocá-lo da forma que o meu corpo desejava. Puxei Bryan pra cima e o abracei com força, antes de selar os nossos lábios em um beijo quente e apaixonado.

Capítulo 16 — Consequências

Bryan não mentiu quando disse que os seus pais o afastariam da empresa caso ele escolhesse continuar comigo. E, infelizmente, o cargo de CEO na Leal Corp não foi a única coisa que tiraram dele por tomar essa decisão. Meu noivo foi praticamente proibido de aparecer na casa dos Leal — acompanhado de mim, claro — e em qualquer outro lugar que pertencesse a família.

E como eles não queriam nem mesmo o próprio filho por lá, obviamente, o meu cargo no setor de criação também acabou evaporando. Mas, como já estava esperando por isso, eu não me senti tão mal com a notícia de que eu estava sendo demitida.

— Eu me organizei bem na última semana e já arrumei tudo... — comentou ele, finalmente explicando o motivo de estar tão ocupado ao ponto de nem conseguir me ver durante aqueles dias. — Eu conheço bem os meus pais, eles podem até me substituir na empresa, mas não vão me exilar da vida deles... pelo menos, não pra sempre.

Torcia para que ele estivesse certo e para que as coisas se ajeitassem o mais rápido possível.

E, de acordo com o *“futuro ex CEO”*, ainda tínhamos dinheiro suficiente para viver muito bem — até demais, já que os pais dele não estavam deserdando-o e só dando uma espécie de gelo, como já haviam feito com Christopher no passado — e até abrir um novo negócio. Em um resumo, não nos faltaria nada nessa nossa nova vida, só seria um pouco diferente daquela que já conhecíamos.

Ele sentou-se ao meu lado na cama e virou o pescoço em minha direção, antes de continuar a dizer, com os olhos fixos em mim: — eu estou pensando em deixar a cidade... sem a empresa da minha família, eu não tenho mais nada por aqui.

A primeira coisa em que eu pensei foi em deixar a minha amiga, que diferente de nós dois, conseguiu manter o seu cargo por lá.

Bryan fez com que os pais não a envolvessem nisso, explicando que ela não tinha culpa de nada — o que eu não concordava muito, já que ela até leu livros pra me dar dicas. E eles, estranhamente, acataram esse último pedido do cara que em breve deixaria de ser o CEO.

Eu não queria deixá-la, mas sabia que a nossa melhor alternativa realmente era recomeçar em um novo lugar, com uma nova casa e em novos empregos. A ideia de fazer com que todos aqueles problemas desaparecessem em um piscar de olhos era muito, muito boa.

— Você tem algum lugar em mente? — indaguei, torcendo para que ele não escolhesse uma cidadezinha no interior, algo que eu, definitivamente, odiaria.

Depois de alguns segundos em silêncio, fazendo um mistério bobo, ele respondeu: — eu pensei em ir pra Curitiba... o que você acha?

Era uma capital, uma cidade bem grande e com um clima que pendia mais para frio do que calor — talvez o único ponto negativo em sua escolha. Sem dúvida, eu não conseguiria escolher um lugar melhor.

Um pequeno detalhe fez com que eu desconsiderasse tudo.

Antes que eu lhe dissesse qual era, o homem ao meu lado descobriu por apenas um único olhar meu.

— O orfanato — lembrou ele, mostrando-nos o quanto tudo era mais complicado do que estávamos pensando. Depois de alguns segundos com uma expressão pensativa estampada no rosto, ele tornou a falar: — podemos continuar ajudando financeiramente e visitá-lo algumas vezes no ano.

Ficamos nos encarando por mais alguns instantes, até que ele completasse, de maneira completamente impulsiva: — e também podemos levar um pedacinho dele com a gente.

Ele estava mesmo se referindo à adoção?

Tudo me indicava que sim, ele estava.

— Natalie — dissemos ao mesmo tempo, antes de começarmos a rir, com aquela pequena coincidência.

Por mais que tudo soasse de forma apressada demais — e até mal pensada —, eu sabia muito bem que as decisões mais importantes de nossas vidas eram sempre tomadas em apenas alguns minutos.

Estranhamente, quanto menor a importância, maior era o tempo que isso tomava em nossa mente.

Eu ainda não conseguia acreditar que estava prestes a me mudar de cidade, morar em uma casa com Bryan e, pasmem, adotar uma criança.

Era muita coisa para processar em muito pouco tempo.

— Você sabe que não precisamos fazer tudo isso de uma vez, não é? — explicou-me ele rindo, ao perceber toda a preocupação expressa em meu rosto. — Primeiro mudados, oficializamos o nosso casamento e nos estabelecemos por lá e, só então, voltamos pra buscá-la.

Olhando as coisas daquela forma, através do olhar de Bryan, tudo deixava de soar como uma fantasia — ou uma tremenda loucura —,
NACIONAIS-ACHERON

tornando-se algo real, que realmente podíamos alcançar, tocando com nossas próprias mãos.

— Você está pronta pra aguentar eu e mais uma criança vinte e quatro horas por dia? — brincou ele, fazendo com que a minha mente imaginasse a cena perfeitamente.

Se existia alguma dúvida, ela desapareceu naquele segundo, antes de eu responder: — mais do que já estive pra qualquer outra coisa.

Capítulo 17 — A Partida

Um mês depois.

— Eu ainda não acredito que você está indo mesmo embora — comentou Bianca, enquanto me ajudava a arrumar as minhas coisas. — Sempre soube que esse momento chegaria, mas não achei que seria tão rápido e que a sua nova casa ficaria em uma outra cidade.

Peguei algumas peças de roupa e coloquei dentro da minha mala, enquanto voltava o meu olhar em direção a ela, antes de tranquilizá-la: — não se preocupe, vamos nos ver bem mais do que você imagina.

Ela concordou, balançando a cabeça e continuou: — se a sua casa for tão linda quanto naquelas fotos, pode ter certeza que vou aparecer muito por lá.

Ainda não conseguia me acostumar com alguém dizendo “*sua casa*”, era completamente surreal. Assim como o meu casamento com Bryan no civil, que estava marcado para o final do mês — o que, certamente, era ainda mais louco.

Optamos por uma cerimônia somente no civil e extremamente simples, já que eu não tinha uma família que não fosse a Bianca e a do Bryan não ainda estava muito conformada com a nossa união.

Terminamos de guardar as minhas coisas nas malas em cima da cama e a minha amiga me ajudou a levar tudo pra sala, onde paramos para conversar mais um pouco, enquanto Bryan ainda não chegava para me buscar.

— Eu vou sentir tanta falta desse lugar... — confessei, enquanto

encarava as paredes do apartamento. — Ele será sempre o meu “*ovinho*” preferido!

Bianca ia dizer alguma coisa, mas foi interrompida pelo seu celular, que não parava de apitar.

Era a quarta ou quinta vez que isso acontecia.

Como eu era uma pessoa muito curiosa, arranquei o celular da sua mão e dei uma olhada em quem não parava de enviar mensagens para ela.

E, pra minha surpresa — ou desgosto —, o nome na tela era “*Chris*”, acompanhado de um coraçãozinho roxo. A foto em seu perfil não me deixou confundi-lo com um outro cara.

Ela pegou o celular de volta e eu continuei parada, totalmente grogue com aquela informação.

— Eu cruzei com ele há alguns dias e começamos a conversar, mas não passou de mensagens — respondeu Bianca, sem eu nem ter perguntado. Ela continuou com os olhos fixos em mim, esperando por um xingamento que não veio. — Fale alguma coisa...

Falar alguma coisa?

— Boa sorte com isso — respondi, não deixando de rir com tudo aquilo.

Por mais que um sorriso estivesse em meus lábios, realmente estava preocupada com ela, mesmo sabendo que a minha amiga era grandinha e sabia se cuidar muito bem sozinha.

Dessa vez, fui eu quem recebeu uma mensagem.

Era de Bryan, avisando-me que já havia chegado à recepção e que

estava me esperando para darmos o primeiro passo em direção a nossa nova vida.

Olhei ao meu redor por uma última vez e respirei fundo, tentando não ter uma crise de choro.

Abracei a minha amiga com bastante força e sussurrei um “*obrigada por tudo*”, enquanto ainda estávamos ligadas por aquele abraço.

— É sério, obrigado por abrir a porta naquele dia que apareci aqui com uma mala — disse, quando nos afastamos. — Sem a sua ajuda, eu não teria conquistado metade das coisas que eu tenho hoje.

Ela sorriu, antes de comentar: — pelo que eu me lembro, você enganou o porteiro pra subir sem me avisar... então, eu não tive muita escolha!

Depois de rir mais um pouco, peguei as duas malas no chão e caminhei para fora do apartamento, enquanto os meus olhos eram inundados por lágrimas.

Nos últimos tempos, eu estava chorando demais e isso já estava me irritando. Talvez essa característica fosse parte de quem eu era agora.

Bianca me ajudou a levar o restante das coisas até a recepção, onde encontrei Bryan, que se prontificou em colocá-las no carro.

Abracei mais uma vez a minha amiga e caminhei até onde o carro estava estacionado.

Bryan abriu a porta para que eu entrasse e isso fez com que um sorriso bobo se despertasse em meus lábios. Aquele seu jeito cavalheiro havia voltado e esse, sem dúvida alguma, era o melhor dos sinais.

— É a sua última chance de desistir, Waller — disse o homem ao meu lado, antes de girar a chave.

PERIGOSAS

— Nunca, chefe!

NACIONAIS-ACHERON

Epílogo

Os raios de sol fizeram com que eu abrisse os meus olhos e encarasse Bryan — o CEO da nossa microempresa — deitado ao meu lado. Voltei o meu olhar para o relógio na parede de nosso quarto e odiei saber que seria obrigada a acordá-lo, pois já estávamos alguns minutos atrasados.

Comecei beijando o seu pescoço e, em seguida, segui para os seus lábios. No final desse nosso beijo, o dorminhoco já estava com os olhos bem abertos.

— Bom dia — ele sussurrou, antes de inclinar o seu corpo pra frente, buscando por mais um pouco dos meus lábios. Como sabia que não podíamos continuar enrolando em cima daquela cama, eu o empurrei. E Bryan, como de costume, reclamou: — só mais cinco minutinhos, Waller...

Eu adoraria passar mais cinco minutos inteirinhos ali, beijando-o, mas sabia que esse pouco tempo custaria bem caro mais tarde.

Sendo assim, levantei-me da cama.

Caminhei até a cozinha e coloquei uma chaleira de água para ferver. Como era a folga de Rita — a pessoa encarregada por me ajudar a cuidar da casa —, hoje o café da manhã ficaria por minha conta mesmo — ou seja, meu marido, provavelmente, não gostaria muito.

E pensar que nos conhecemos porque eu havia sido a copeira da empresa em que ele comandava.

Depois disso, rumei até o quarto de Natalie — a nossa filha mais velha — para acordá-la, mas, no meio do caminho, vi Gabriel se aproximando de

mim, enquanto bocejava. Ele tinha apenas quatro anos de idade, mas não precisava de ajuda nenhuma para se locomover por qualquer canto da casa.

— Chame a sua irmã, ela vai acabar se atrasando de novo — pedi a ele, segundos antes de voltar para o meu quarto e terminar de arrancar o pai deles de cima daquela cama.

Cheguei lá e me surpreendi com Bryan, que já estava se trocando. Aproximei-me e o ajudei com a sua gravata, protagonizando uma cena de comercial de margarina.

— Hoje é o seu dia de levar as crianças — Eu o avisei, preparando-me para deixar o quarto e aproveitar os meus minutos de folga pela manhã.

Antes que tivesse a chance, ele me impediu, respondendo: — negativo, mocinha... Hoje é quarta-feira, ou seja, o seu dia de levar as crianças pra escola.

Droga.

Realmente era o meu dia.

Voltei para a cozinha aceitando que já não teria mais aqueles minutinhos. E, ainda sonolenta, comecei a passar o café — que estava torcendo para ter ficado bom —, antes de colocar o pão e o restante dos alimentos em cima da mesa.

Natalie apareceu com uma expressão facial mais morta que a minha — o que era bem difícil. Aquela garota realmente era muito parecida comigo e isso que ela possuía apenas nove anos de idade — e só tínhamos um e meio de convivência como uma família.

Gabriel foi o segundo que adotamos, o pegamos com apenas dois anos e meio.

A princípio, continuaríamos com aquele plano inicial e adotaríamos apenas Natalie, mas Bryan se encantou com ele e me convenceu a aceitar mais um para a nossa família — algo que aceitei a contragosto. Em menos de um dia, descobri que, mais uma vez, o meu marido havia feito uma excelente escolha.

O número quatro, definitivamente, era muito melhor do que o três.

Voltei o meu olhar em direção a menina loira que estava sentada ao meu lado e questionei, voltando ao assunto que havíamos deixado em aberto na noite anterior: — você vai me dizer porque brigou com a sua amiguinha ou vai continuar mentindo que não aconteceu nada?

Depois de alguns segundos em silêncio, ela finalmente cedeu.

— Ela não é minha amiga — respondeu Natalie, dificultando as coisas, como sempre. Antes que eu pudesse repetir a pergunta, ela disse, completando: — ela me chamou de testuda e feia.

Não consegui deixar de rir do “*testuda*”. Às vezes, acabava me esquecendo do quanto crianças podiam ser malvadas quando queriam.

— Então, ela mereceu apanhar — respondi, enquanto passava geleia em cima de uma torrada para o Gabriel. — Se ela falar isso de novo, pode dizer que quem vai bater nela da próxima vez será eu!

— Não! O que a sua mãe está tentando dizer é que nós nunca devemos resolver as coisas com violência — disse Bryan, aproximando-se da mesa. Ele beijou a cabeça de Natalie, antes de continuar: — e não, você não é testuda e nem feia.

Apressei as crianças — e Bryan, mesmo os minutinhos de folga pela manhã sendo dele —, fazendo com que eles engolissem a comida o mais

rápido possível, pois já estávamos atrasados. Quando finalmente terminaram, deixei Gabriel na creche e Natalie no primário.

Fui até a Waller — sim, a nossa pequena empresa levava o meu nome — e reencontrei Bryan, que estava me esperando na minha sala, parado próximo da janela. Sempre que ele fazia isso, deixando pra me falar algo longe das crianças, eu sabia que coisa boa não devia ser.

— Os meus pais ligaram, dizendo que estão vindo passar uns dias com a gente — comentou ele, acabando com todo o meu bom humor.

O gelo dos pais de Bryan em nós dois durou até o momento em que adotamos as crianças. Depois disso, apareceram com um pretexto de “*querer muito conhecer os netos*” e com a melhora na nossa relação — de uma maneira geral — passamos até a frequentar festas familiares.

Mas, ainda sim, a mãe dele sempre encontrava uma maneira de implicar comigo, tornando sempre uma tortura ter que hospedá-la em minha casa.

— Amanhã, falo pra Rita arrumar o quarto de hóspedes... — respondi, arrancando um sorrisinho besta de Bryan, que devia estar adorando tudo aquilo, provavelmente, porque não possuía uma sogra pra azucriná-lo.

Aproximei-me dele e o beijei, antes de abraçá-lo e ficar coladinha ao seu lado por mais alguns instantes.

E, então, ele me surpreendeu, dizendo algo que fez com que a minha mente viajasse no passado: — não tem nenhuma vizinha me dizendo que fiz uma péssima escolha...

Tornei a beijá-lo, enquanto me lembrava de como tudo havia começado, do tempo em que eu ainda me referia a ele como o “*CEO*”.

A questão é que não vivemos o famoso “*felizes para sempre*”.

Existiam momentos bons, quando tanto a nossa vida profissional quanto a pessoal caminhavam em uma mesma direção, de forma harmoniosa. E existiam os momentos ruins, em que o trabalho e as crianças nos desgastavam demais, ao ponto de ocasionar brigas bobas. No entanto, o simples fato de eu saber que acordaria sempre ao seu lado, fazia com que tudo aquilo valesse a pena.

FIM.

CONTO ESPECIAL 1

Estranho Encontro — Parte 1

BIANCA

Você já olhou ao seu redor e sentiu que a vida de todos estava se direcionando perfeitamente, com exceção da sua?

Eu sempre tive essa sensação ou, pelo menos, não me lembro de um dia não tê-la sentido.

No entanto, as coisas ficaram ainda piores quando a minha melhor amiga me contou que havia acabado de ser pedida em casamento e que, futuramente, deixaria o apartamento que dividíamos para ir morar com o noivo, um desses típicos “R&G” — rico e gostoso.

De longe, podia até parecer que eu estava com um pouco de inveja dela — o que, em parte, não era lá uma completa mentira —, mas eu realmente desejava toda a felicidade do mundo pra Vanessa. Só não conseguia me imaginar continuando a viver daquela forma estagnada — e sem ela, a única pessoa que conseguia movimentar as coisas quando se tratava do livro chato que era a minha vida.

E, mais uma vez, eu estava prestes a viver o pior momento da semana. Mais especificamente, o exato instante em que eu subiria em cima daquela porcaria de balança e descobriria se realmente havia perdido algum peso — ou, pelo menos, mantido o anterior.

Antigamente, eu me deslocava até a farmácia mais próxima para me pesar. Mas como sou daquelas pessoas paranoicas que tiram blusa, celular e até o

NACIONAIS-ACHERON

sapato para subir em cima da balança, nunca me senti muito a confortável fazendo isso lá — quase um show de strip-tease —, com uma plateia me assistindo.

E, por esse mesmo motivo, acabei optando por comprar uma.

Agora, eu tinha esse objeto horrendo dentro do meu quarto, debaixo da minha cama — ou em qualquer outro lugar que eu não conseguisse vê-lo até que o momento certo chegasse.

“O máximo que pode acontecer é você ter engordado. Não é o fim do mundo, Bianca” disse pra mim mesma, em uma falha tentativa de me tranquilizar.

Respirei fundo, tentando controlar toda a ansiedade que me invadia e deixei de enrotação, colocando os meus dois pés em cima dela.

Busquei toda a coragem que eu possuía e voltei o meu olhar para o chão, rezando para não enxergar um número traiçoeiro estampado ali.

O “79” fez com que eu sorrisse aliviada.

Eu havia perdido 500g e, por mais que isso não parecesse muito — e realmente não era —, fiquei muito satisfeita com o resultado.

Há pouco mais de um ano, estava completamente desesperada com o meu peso, pois eu estava quase atingindo aos cem quilos. Nessa mesma época, após assistir toda a minha infelicidade depois de falhar em todas as minhas dietas, Vanessa me ajudou com isso. Ela tinha um corpo perfeito, mas, ainda sim, se ofereceu para entrar em uma nova espécie de “dieta”, que funcionou mais como uma reeducação alimentar.

Então, estar pesando setenta e nove — ainda que fosse bem distante do meu peso ideal — era uma melhora muito, muito grande.

Eu não precisei nem abrir a geladeira para saber que Vanessa não havia ido

NACIONAIS-ACHERON

ao supermercado no dia anterior — como me disse que faria.

Aquela preguiçosa sempre fugia disso.

Como era domingo, a minha amiga, provavelmente, estava aproveitando a manhã junto com Bryan e só retornaria à noite. Já que eu não tinha nada mais interessante para fazer além de assistir a televisão — que era um porre nos fins de semana —, resolvi fazer a compra do mês e me livrar logo disso.

Eu estava tão concentrada bolando a lista de compras em minha cabeça que nem mesmo o notei. Só fui vê-lo quando sua mão agarrou o meu braço, obrigando-me a voltar o meu olhar em sua direção.

Fiquei sem reação.

Aquele cara, por algum motivo, conseguia me deixar ainda mais tímida do que eu já era. Talvez fossem os seus olhos cinzentos que pareciam enxergar a minha alma. Talvez fosse o sorrisinho sacana que sempre acompanhava os seus lábios. Eu não tinha ideia, mas fiquei paralisada por alguns instantes.

— Bia, não é? — questionou ele, com aqueles olhos misteriosos queimando a minha face.

Ainda em um estado grogue, balancei a minha cabeça, confirmado, ignorando toda aquela intimidade que ele estava tendo com o meu nome.

Christopher soltou o meu braço e continuou: — eu estava justamente quer...

— A Vanessa não está aqui — eu encontrei forças de uma fonte desconhecida e o cortei. E não dei nem oportunidade para que ele respondesse. — E eu não acho que seja uma boa ideia você continuar aparecendo por aqui.

E, então, fui agraciada com aquele seu sorrisinho debochado mais uma vez,
NACIONAIS-ACHERON

segundos antes de ele prosseguir: — vai dizer que não gosta das minhas visitinhas?

Como eu só me encontrei com ele uma única vez — quando ele ficou plantado na recepção do prédio e me obrigou a deixá-lo subir —, não entendi muito bem e, como todas as coisas que não compreendia, simplesmente, ignorei.

— Vanessa está muito bem com o noivo dela — continuei, focando na palavra “*noivo*”, para que ele entendesse bem o meu recado.

Não tive tempo de dizer um “*eu acho melhor você ir embora*”, o irmão de Bryan foi mais rápido.

— Eu realmente queria vê-la, mas não posso dizer que foi uma viagem perdida com você aqui, posso? — respondeu ele, com os olhos fixos em mim, como se estivesse me engolindo com aquelas lanternas acinzentadas.

Fiquei vermelha e sem nenhuma resposta pra sua — aparentemente — cantada.

— Eu preciso ir... — não consegui terminar a minha frase, pois fui interrompida pela análise de seus olhos que continuavam a pesar sobre o meu rosto.

Tentei tornar a andar e deixá-lo ali, sem comunicar a minha decisão de ignorá-lo. Mas, novamente, sua mão agarrou o meu braço, tornando impossível prosseguir com aquele meu plano.

Ele fez uma careta e sorriu, perguntando-me: — me empresta o celular?

Não pensei, automaticamente, levei a minha mão até o meu bolso e entreguei o meu aparelho a ele.

Eu me odiei por ser tão educada e, principalmente, por ser uma daquelas
NACIONAIS-ACHERON

pessoas que quase nunca consegue pronunciar um “*não*”.

Mas, diferente do que eu pensei, ele não ligou para alguém, ficou digitando por alguns instantes e me devolveu o telefone, deixando-me com sérias dúvidas sobre as suas intenções — algo que, com ele, era sempre incerto.

— Você não ia usar? — questionei, ainda não entendendo muito bem. Como o olhar dele expressou confusão, eu completei: — pra ligar?

Ele balançou a cabeça horizontalmente, negando.

— Não... estou com o meu bem aqui! — respondeu Christopher, batendo a mão direita sobre o bolso da calça.

A sua resposta, obviamente, deixando-me extremamente confusa — no caso, muito mais do que eu já estava — e bem desconfiada.

— E pra que você precisava do meu?

— Pra adicionar o meu número aí, claro — comentou o homem próximo de mim, como se não fosse algo bem óbvio. — E mandei uma mensagem para o meu, aí salvo o seu número também.

Verifiquei o meu celular e encontrei o contato que ele havia salvado como “*Chris*” e um coraçãozinho roxo. Depois disso, virei o meu olhar para ele e o observei sorrir de uma maneira que me irritou demais.

Eu sabia exatamente o que ele estava fazendo, não era tão idiota assim.

Christopher me usaria para descobrir coisas a respeito da vida de Vanessa, principalmente agora que tudo estava correndo tão bem pra ela.

Ele, obviamente, devia ter pensado que conseguiria muita coisa através da idiota que andava com ela.

Mas eu mostraria que estava enganado.

— Eu tenho...

— Também já estou de saída... — disse ele, aliviando-me com a informação. E, ainda me olhando daquela forma intensa, ele concluiu: — foi muito bom te ver, Bia.

“Bia”?

Christopher devia me encarar e enxergar uma mulher desesperada, do tipo que se abria pra qualquer cara que tentasse seduzi-la com um sorriso.

Definitivamente, não funcionaria comigo.

Mensagens Trocadas — Parte 2

BIANCA

Se a minha teoria — a de que estava sendo usada como uma garota de recados por Christopher — já não estivesse sendo levada como uma verdade absoluta por mim, passaria a estar no instante em que recebi uma mensagem sua.

“Bom dia, Bia. Você não contou sobre a minha visitinha pra nossa amiga em comum, não é?”.

Com o “*você não contou*” ele estava, basicamente, tentando me induzir a contar. Mas, felizmente, eu não era tão lerda ao ponto de cair em uma de suas armadilhas. Podia até não ser tão rápida quanto a Vanessa nas artes da manipulação, mas não corria nenhum risco de ser passada pra trás por ele.

“Devo ter comentado por cima, mas não se preocupe, ela estava tão empolgada trocando mensagens com o noivo que não deve nem ter prestado atenção”, respondi não conseguindo deixar de rir ao imaginar a expressão dele enquanto lia.

Christopher — de acordo com aquilo que Vanessa havia me contado — possuía uma rixa bem antiga com o irmão. Eles não se gostavam. E por mais que esse sentimento fosse bem mútuo, Chris era o único tentando apunhalar o outro pelas costas.

Fui até a cozinha e peguei uma xícara de café com leite, enquanto continuava encarando a tela do meu celular, a espera da resposta dele.

Fazia bastante tempo que eu não ficava tão ansiosa por uma mensagem.

Por sorte, ela não demorou a chegar.

“Que bom! Eu fico muito feliz por ela não achar que continuo tentando sabotar a relação deles. Mas mudando de assunto... qual o motivo de uma moça tão simpática ainda não ter namorado?”.

O problema com as mensagens de Christopher era que dificilmente sabíamos quando ele estava sendo irônico. Tudo o que pertencia a ele parecia emanar deboche e foi exatamente o que eu senti quando li o *“tão simpática”*.

Ou ele estava me cantando ou debochando da minha cara por ser uma solteirona.

Felizmente, eu não era tão tímida escrevendo e conseguia contornar essas situações muito bem, não deixando com que aquele cretino se divertisse as minhas custas.

“E quem é que disse que eu não tenho?”, enviei realmente curiosa quanto a origem de sua fonte.

Será que as pessoas — principalmente homens, como ele — olhavam pra mim e enxergavam um *“encalhada”* escrito em letras garrafais no centro da minha testa?

“Acho que Vanessa deve ter comentado. Eu não me lembro” mentiu ele.

Tinha absoluta certeza que a minha amiga não comentaria algo assim com Christopher. Com o noivo dela talvez, mas com o irmão babaca dele, definitivamente, não.

Segundos depois, ele completou *“mas... você tem?”*.

Eu poderia muito bem mentir, dizendo que tinha um namorado incrível, que estava ao meu lado nesse exato momento, enquanto eu respondia as mensagens dele. Mas não queria inventar uma pessoa, isso soava mais desesperado do que a atitude de Christopher em viver tentando ferrar com a vida de Bryan, sem focar na própria, que continuava sendo deixada de lado, como se o mesmo não fosse o protagonista dela.

“Até agora nenhum dos que encontrei cumpriu com as minhas exigências. É como dizem, não se fabrica mais homens como antigamente” mandei, tentando não entrar em depressão ao ler a minha própria resposta.

Na última vez em que estive com um cara, Vanessa nem tinha voltado a morar comigo. Ou seja, fazia muito, muito tempo mesmo. Eu o conheci pela internet e, como a maior parte dos relacionamentos que começam em uma sala de bate papo, não deu muito certo.

“Talvez ele esteja mais perto do que você imagina” disse o cunhado da minha amiga, em outra frase que eu não sabia dizer se era um flerte ou puro deboche.

“Vanessa deve ter falado bastante sobre mim pra você, não é?” continuou ele, não conseguindo passar nem dez minutos sem tocar no nome da minha amiga — que, obviamente, era a verdadeira razão pra ele estar conversando comigo.

Pensei bem antes de responder com *“na verdade, ela apenas comentou por cima. Como eu te disse, no momento, ela só consegue falar sobre Bryan, o noivo dela”*.

Diferente do que pensei, ele respondeu com um áudio, dizendo *“eu fico bastante feliz com isso. Dessa forma, você não tem uma impressão errada sobre mim”*.

Optei por respondê-lo com um áudio também *“pior do que aquela de quando você apareceu aqui e me obrigou a te deixar subir?”*. Foi impossível não rir ao me lembrar daquele momento em que Christopher me fez passar raiva e, praticamente, uma bronca de Vanessa por deixá-lo entrar no nosso apartamento.

“Eu pensei que o meu charme tinha te persuadido a me deixar entrar” comentou ele, com uma voz tão sexy ao ponto de eu ouvir o seu áudio mais de uma vez.

“Não, não foi o seu charme. Provavelmente, foi alguma coisa sobre você fazer um escândalo na recepção” escrevi em texto, pois não gostava muito de como a minha voz soava gravada em forma de áudio.

“Você é engraçada, Bianca” reconheceu ele, deixando-me feliz.

Era a primeira vez que ele dizia o meu nome inteiro, não encurtando em *“Bia”*. Cheguei a pensar que ele nem sabia realmente como eu me chamava e usava aquela forma íntima por estar em dúvida entre *“Bianca”* e *“Beatriz”*.

E, estranhamente, continuamos a conversar. E com o passar das horas trocando mensagens, acabei descobrindo que ele também era um cara bem engraçado — tinha o humor que eu tanto presava.

No terceiro dia, ele me enviou uma foto no momento em que acordou e, logo em seguida, me obrigou retribuir com uma minha, toda descabelada. Por mais travada que eu fosse com essa questão de fotografia — onde eu sempre me odiava, independente da posição —, enviei, mesmo sentimento o meu estomago ser consumido por uma sensação gélida.

“Eu pensei que a ideia fosse enviar fotos em que estivéssemos feios... Você deve ter roubado, não é possível que acorde tão linda assim”

respondeu ele, literalmente, “roubando-me” um sorriso logo pela manhã com aquele elogio.

Encarei a tela do meu celular e sorri como uma idiota. E, então, um pensamento negativo me alcançou e fez com que eu enxergasse tudo aquilo de uma outra forma.

E se ele ainda estiver tentando me usar para prejudicar a vida amorosa da Vanessa?

Um homem como ele, que poderia ter a mulher que quisesse não daria bola pra alguém como eu — não sem uma segunda intenção.

Christopher enviou alguma outra coisa, mas nem fiz questão de ler. E, desde então, passei a ignorar as suas mensagens, deixando elas se amontoarem no meu celular, convencendo-me de que nada de bom poderia vir dele.

Não queria continuar me iludindo com algo que não acabaria bem pra mim, que já tinha um histórico bem grande de decepções amorosas.

Sem dúvida alguma, eu não queria ter que acrescentá-lo a minha listinha.

Verdades — Parte 3

BIANCA

Nos últimos dias, Vanessa estava ficando mais no apartamento de Bryan que no meu. E isso era completamente compreensível, uma vez que eles haviam acabado de retomar o relacionamento depois de vários problemas causados por todas as mentiras que ela despejou sobre ele.

E se o que Bianca havia me dito fosse mesmo verdade, muito em breve, ela se mudaria e passaria a viver em outra cidade com o “marido”.

Mais uma vez, eu seria esquecida e tonaria a ficar sozinha, assim como estava antes de ela aparecer na minha porta, pedindo por um lugar para ficar.

Aparentemente, tudo estava voltando ao normal.

Só não fique mais deprimida com aqueles pensamentos porque não tive muito tempo pra isso. Antes que eu pudesse assistir um daqueles filmes bobos de comédia romântica ou ler um livro em que o interesse amoroso da mocinha é perfeito — e me atolar ainda mais na lama depressiva —, o meu interfone tocou.

Christopher estava na recepção.

Quase não acreditei e, diferente da última vez, eu não deixei com que ele subisse, optei por descer — encará-lo com os meus próprios olhos — e informar de que a mulher que ele estava interessado não se encontrava.

Durante os dias em que ignorei as suas mensagens, imaginei aquela mesma cena, uma em que ele aparecia no prédio e eu o expulsava, provando a ele — e para mim mesma — que eu não era idiota, que não cairia em seu

joguinho cruel.

E nessas minhas fantasias, dizia quase um monólogo, destacando que eu podia até parecer uma solteirona desesperada, mas que não era nada disso. Nelas, eu gritei todas as coisas que ficaram entaladas em minha garganta, todas as mensagens que escrevi várias vezes e acabei apagando por achar que não seria uma boa ideia.

Realmente desci as escadas com fúria nos olhos, disposta a realizar aquela fantasia, disposta a ser aquela mulher forte e determinada.

Mas quando finalmente o avistei, mesmo que de longe, toda essa coragem escorreu para fora do meu corpo, desaparecendo completamente.

Foi como se ela nunca tivesse existido.

E, mais uma vez, tornei a ser a Bianca medrosa e covarde, que tremia diante de um cara como ele.

Ele — como eu já devia ter imaginado nessas mesmas fantasias — estava perfeito, usando um jeans justo e uma jaqueta de couro preta, roupas que o tornavam ainda mais “badboy” do que eu já o considerava.

Meu histórico com todos esses caras que tinham “*perigo*” tatuado na testa sempre foi péssimo. No fim das contas, ou eles me ignoravam completamente, como se eu nem mesmo existisse ou se aproximavam de mim para chegar até a Vanessa — exatamente o caso de Christopher.

— Vanessa não está aqui... — disse, no instante em que me aproximei. A minha língua coçou e, por uma pequena fração de segundos, quase consegui dizer todas aquelas coisas que havia planejado. Mas, como já era de se esperar vindo de alguém como eu, completei com: — ela está muito bem com o noivo dela.

Como se estivesse disposto a me irritar, ele sorriu. Não era um simples sorriso, era aquele repleto de deboche que me tirava do sério.

— Então, que bom que não estou aqui procurando por ela — respondeu ele, fixando os seus olhos em mim. — Eu estou aqui pra ver você, Bianca.

Se eu não soubesse de seu passado manipulador, teria acreditado naquela sua frase. Christopher falou de uma forma tão séria, que até parecia que ele acreditava nas coisas que deixavam a sua boca.

— Eu não sou tão idiota quanto você pensa... — disse, fechando os meus olhos e esforçando-me para não explodir em frente a ele. — Se você quer continuar tentando ferrar com a vida do seu irmão, tudo bem... Só não fique brincando com os sentimentos de outra pessoa pra isso.

O meu plano era deixá-lo ali e voltar para o meu apartamento. E eu o teria seguido se o homem a minha frente não dissesse algo que roubou a minha atenção por completo.

— Tudo bem... talvez eu realmente tenha me aproximado para conseguir chegar até o meu irmão — respondeu ele, levando os meus olhos até a sua face, que continuei encarando, ainda não acreditando que ele havia usando um “*talvez*”. — O.K... eu estava planejando te usar sim.

Como eu sempre suspeitei, ele era um babaca.

E por mais que eu já tivesse certeza — mesmo antes daquelas palavras deixaram os seus lados —, um aperto invadiu o meu estômago.

Talvez, no final das contas, eu fosse mesmo uma idiota iludida.

— O que foi, pensou que eu não teria coragem de admitir?

Balancei a cabeça negando.

— Sempre soube que você era um imbecil... só não achava que se orgulhava disso — respondi, antes de me virar e começar a fugir daquele cretino.

E, novamente, fui interrompida.

Dessa vez, por sua mão, que agarrou ou meu braço direito, trazendo-me de volta para ele.

— Ei... — começou ele, antes de ser interrompido pela minha mão esquerda, que tentou estapear o seu rosto. Chris desviou e segurou a minha outra mão. Com os olhos em mim, ele continuou: — desculpe, foi automático... eu merecia mesmo esse tapa.

Não tinha ideia do que havia dado em mim.

Nunca fui do tipo que saia batendo em caras — por mais babacas que eles pudessem ser.

— Podemos conversar em outro lugar?

— Nós não temos nada para conversar! — disse, tentando me afastar dele. — E o meu dia foi bem cheio no trabalho, não vou desperdiçar a minha noite com você.

Ele continuava com aquele sorrisinho ridículo no rosto.

— Eu não vou sair daqui enquanto você não me deixar subir — comentou ele, fazendo com que eu comesse a rir. — E, talvez, eu até faça um escândalo.

Se fosse qualquer outro cara, eu simplesmente daria as costas e o deixaria ali, ciente de que essa determinada pessoa não cumpriria com as ameaças.

Mas era Christopher e ele tinha uma reputação a zelar.

— Eu aceito conversar com você — comentei, cedendo a ele. Antes que aquele sorrisinho de vitória pudesse voltar a iluminar os seus lábios, completei: — mas não lá em cima. Podemos dar uma volta na quadra...

Pensei que ele não fosse aceitar a ideia, que tornaria a me ameaçar com o “*escândalo*”, mas fui surpreendida com o seu aceno de cabeça.

Caminhada — Parte 4

BIANCA

Estava ventando bastante, mas, ainda sim, era melhor do que levá-lo para o meu apartamento e correr o risco de ser vista com ele por Vanessa, que deixou bem claro que não gostaria de vê-lo por lá novamente.

Não queria brigar com ela — que estaria com bastante razão ao me acusar de insanidade — sem ter absolutamente nada acontecendo.

— Eu queria começar essa conversa me desculpando por... — Ele voltou o olhar em minha direção e sorriu, completando: — você sabe, te usar e tudo mais.

Como eu estava com apenas uma blusinha fina, foi impossível não tremer com todo aquele vento batendo em meus braços. Abracei a mim mesma enquanto andava, tentando — sem sucesso —, me esquentar.

Ele interrompeu os próprios movimentos, parando no meio do caminho. Não tive nem tempo de questionar, pois os seus próximos gestos em deram a resposta.

Christopher tirou a jaqueta dele e contornou o meu corpo, antes de colocá-la sobre os meus ombros.

Ainda que fosse algo extremamente clichê — digno de novela —, teria adorado e me derretido toda se esse gesto carinhoso não tivesse vindo dele, alguém que nunca fazia nada sem esperar algo em troca.

Mesmo assim, não pude deixar de agradecer.

Eu era educada demais pra ficar calada.

— Obrigada.

Como o silêncio se enfiou entre nós dois, tentei quebrar um pouco daquele gelo, retomando o *“motivo da nossa caminhada”*.

— Então, por que estamos aqui mesmo?

Ele balançou a cabeça, dizendo: — ah, claro... — Depois de mais alguns segundos em silêncio, Chris prosseguiu: — posso ser sincero?

Balancei a minha cabeça, em uma resposta positiva.

— Não tenho a mínima ideia do porque te chamei pra conversar — comentou ele, não me surpreendendo nada com aquela resposta.

Seus olhos encontraram os meus e reconheci certa timidez dentro deles. E, por mais estranho que isso parecesse, tinha certeza do que estava vendo, pois ninguém conhecia mais isso do que eu.

— Eu acho que não queria que você entrasse e me odiasse para o resto da eternidade — emendou ele, fazendo com que eu risse da maneira como ele pronunciou aquela frase.

— Não se preocupe... eu sou boba demais pra conseguir te odiar por toda a eternidade — comentei sorrindo e voltando o meu olhar em sua direção. — Conseguiria te odiar no máximo só até amanhã.

Ele riu e, dessa vez, não foi daquela forma debochada.

Era um sorriso espontâneo, um que o tornava ainda mais lindo.

— Não entendo como um cara como você, bonitão e cheio da grana, interrompeu a vida por causa de uma vingança sem sentido — disse, lembrando-me de toda a história dele com o irmão e do quão longe ele estava disposto a ir para prejudicá-lo.

— Você me acha bonito? — questionou ele, como se toda a minha frase só tivesse se resumido a aquela palavra.

Fiquei completamente sem jeito.

Senti as minhas bochechas queimando.

— Esse não é o ponto — continuei, ainda envolta pela vergonha. Ansiosa para mudar aquele assunto, eu continuei: — e valeu a pena?

Ele voltou o olhar em minha direção, com uma expressão confusa, que me obrigou a explicar: — afinal você conseguiu, fez com que o seu irmão desistisse do cargo de CEO...

Christopher continuou com aquela mesma expressão.

— Ele vai deixar a empresa por ela? — questionou o homem ao meu lado, estranhamente surpreso com aquela informação.

— Sim... — confirmei, ainda bastante confusa e com aquela sensação de que tinha falado demais. — Seus pais o fizeram escolher entre a Leal Corp e a mulher que ele amava... e ele escolheu ela.

Vanessa havia me dito que Christopher tinha planejado tudo ou que, pelo menos, sabia que as suas fotos e toda a exposição na família havia obrigado o CEO a escolher entre ela e a empresa da família.

— Eu pensei que depois de ganhar fama de corno entre todas as pessoas da nossa família, ele fosse deixá-la por orgulho... e, então, eu fui surpreendido ao descobrir que eles ainda estavam juntos — comentou ele, enquanto caminhava ao meu lado. — Mas deixar a empresa por ela? Não... eu nunca imaginaria algo assim dele.

De certa forma, o plano dele foi concluído — ainda que de maneira totalmente diferente de como ele havia planejado.

— E, então, valeu a pena? — repeti a minha pergunta.

Ele ficou em silêncio e eu tive a minha resposta.

Paramos em frente a fachada do prédio em que eu morava. E, por uma pequena fração de segundos, quis passar por cima de todas as vezes em que Vanessa me fez garantir que não o levaria lá pra cima novamente. Eu queria, desesperadamente, continuar com aquela nossa conversa.

Seus olhos permaneciam comigo, em uma análise que me deixou desconfortável. E, mais uma vez, foi como se ele conseguisse enxergar a minha alma.

— Eu acho melhor... — começou ele, indicando que já estava de saída. Balancei a cabeça, concordando que era uma boa ideia, mesmo com sérias dúvidas. — Sua amiga não vai gostar de me encontrar por aqui.

— Não mesmo — respondi, permitindo-me sorrir. Pensei em completar com um *“mas se quiser conversar sobre qualquer coisa que não inclua a relação dela com o seu irmão, sinta-se livre para aparecer”*, entretanto, finalizei com: — eu preciso entrar.

— Não vou mais te segurar aqui... boa noite — disse Christopher, pronto para começar a se afastar.

E ele teria feito isso se eu não o impedisse, lembrando: — a sua jaqueta ainda está comigo.

— Sim, eu sei... será apenas mais um motivo para eu voltar aqui — respondeu ele, deixando claro que não a pegaria naquele instante.

Antes que ele realmente pudesse se virar e afastar-se de mim, questionei: — mais um motivo pra vir bisbilhotar a vida da Vanessa?

— Não, a dela não... — disse ele, não usando nenhuma de suas frases

NACIONAIS-ACHERON

debochadas, como de costume. E, antes de finalmente de deixar-me ali sozinha, encarando-o partir, Christopher emendou: — as pessoas só aparecem por aqui querendo saber da Vanessa enquanto ainda não te conheceram...

Como no primeiro instante em que olhei para aquelas lanternas cinzentas, eu não tinha nenhuma certeza a respeito do irmão de Bryan.

Talvez ele ainda estivesse jogando comigo, cumprindo com o objetivo de me usar para chegar até a minha amiga — as chances realmente eram grandes. Talvez Chris realmente estivesse sendo sincero e a minha vida finalmente estava prestes a deixar de ser tão monótona.

Eu não sabia.

Mas, desta vez, não o afastaria por causa de incertezas ou péssimas experiências. Não deixaria que insegurança e passado definissem o meu futuro.

Diferente da última vez que sorri de maneira esperançosa, eu não deixei com que os pensamentos negativos me alcançassem. Simplesmente, levantei a minha cabeça e continuei sorrindo, imaginando o momento em que ele voltaria para buscar a jaqueta que cobria os meus ombros.

FIM.

CONTO ESPECIAL 2

Diferente dos meus outros livros, a “*Série CEO*” mudou bastante conforme eu fui escrevendo. Ela fugiu completamente da proposta inicial que eu havia criado.

Nesse tempo, os personagens Bryan e Christopher não eram irmãos, o primeiro se tratava do CEO — como é apresentado na versão que vocês conhecem — e o segundo, simplesmente o motorista dele — com aspiração a cantor.

Outra diferença se deu na forma com que a história foi narrada. Quando tive a ideia, não escreveria os livros de forma linear. Eles, literalmente, seriam contados de trás pra frente, algo completamente diferente e arriscado — exatamente o que me fez repensar essa ideia.

O livro começaria narrando o fim do relacionamento de Vanessa e Christopher e se encerraria com eles se conhecendo — ou seja, onde deveria ser o início.

Aqui, nesta “*versão não publicada*”, Vanessa teria que escolher entre a vida luxuosa — o motivo da sua “*Operação CEO*” — e o grande amor da sua vida, que não possuía dinheiro nenhum.

Essa versão acabou não se tornando a original, a que vocês conheceram — e que eu adoro, pois traz uma visão completamente diferente (e bem mais feliz) do universo que enxerguei naquele tempo.

E, como forma de agradecimento a todas as leitoras do <3 que adquiriram o BOX, resolvi juntar todas as partes que tinha escrito e transformá-las em uma espécie de conto, pra mostrar um pouquinho desse

NACIONAIS-ACHERON

lado “*oculto*” da história.

Obrigada MESMO e espero que gostem.

Parte 1 — Casamento

DIA DO CASAMENTO

Encarei aquelas duas lanternas cinzentas e foi impossível não imaginá-lo lá dentro da igreja, esperando-me — do seu jeito impaciente, balançando a perna e olhando para o lado —, próximo do altar.

Também não pude deixar de fantasiar o seu maravilhoso sorriso ao ouvir o meu “*sim, eu aceito*”, seguido por um balanço de cabeça, completamente incrédulo por estar realmente vivenciando aquela cena feliz ao meu lado. Por algum estranho motivo, ele nunca parecia acreditar que realmente merecia a felicidade — talvez, fosse exatamente o que o tornasse tão merecedor dela.

E, a julgar por sua expressão facial, eu não era a única atormentada por finais que nunca chegaríamos a viver. Mas, diferente do que a situação exigia, Christopher encarava-me de maneira tranquila, quase feliz por mim — pelo menos, na medida do possível.

Eu sabia que se ele pudesse sorrir, que se o seu coração permitisse, Chris o teria feito, somente pela esperança de eu lhe retribuir. Mas nós não podíamos sucumbir, pois um sorriso, naquele momento, tornaria as coisas ainda mais tristes e complicadas do que já estavam.

Talvez, ainda estivéssemos tentando manter aquele acordo estúpido que sempre quebrávamos.

Seus cabelos castanhos estavam bagunçados, jogados para o lado direito, exatamente da maneira que eu amava vê-lo. E, como eu havia lhe sugerido na noite anterior — quando nos despedimos daquela maneira tão bruta —, ele havia feito a barba, deixando-a bem aparada, o que o tornava ainda mais charmoso.

Bianca desceu do carro, segurando a longa cauda do meu vestido branco, como se a sua vida dependesse disso. Pelo reflexo do vidro da limusine, eu soube o quanto estava deslumbrante vestida de noiva, exatamente da maneira que sempre imaginei que estaria. Mas esse mesmo reflexo também me mostrou Christopher, o homem que eu amava e que, infelizmente, não era o mesmo que estava me esperando lá dentro da igreja.

De todas as inúmeras coisas terríveis que aconteceram comigo, talvez, saber que eu tinha conseguido tudo o que havia planejado, mas que, ainda sim, não parecia ser o suficiente — pelo menos, não o bastante para me fazer feliz — fosse o que mais me causasse dor.

E isso fez com que eu me lembrasse das palavras — quase proféticas — da minha amiga.

“E se quando você conseguir todo esse poder e dinheiro... e se mesmo assim ainda não bastar? E se isso não for o suficiente para te fazer feliz?”, dissera Bianca naquele dia, alertando-me dos perigos que eu estava correndo ao caminhar na escuridão.

Lembro-me de odiar todos os seus *“e se”* e ter respondido um simples *“será sim e, de qualquer forma, estarei em um lugar bem melhor do que estou. Qualquer coisa é melhor do que o agora”*.

Eu estava enganada.

Naquele tempo — para aquela pessoa que eu costumava ser —, talvez

NACIONAIS-ACHERON

isso tudo bastasse, talvez essa realmente fosse a grande verdade daquela mulher ambiciosa e pequena. Mas eu mudei e, conseqüentemente, toda a minha visão de mundo acabou mudando também.

Diferente do que cheguei a pensar, eu não estaria em um lugar melhor do que antes. Depois que você prova do amor e da verdadeira felicidade, é muito difícil tornar a viver sem essas duas coisas.

E a minha felicidade estava parada em frente aquele automóvel escuro, trajando um terno barato e batido — o mesmo que ele usara no dia em que nos conhecemos —, observando-me calado, com um olhar tristonho impregnado na face. A minha felicidade estava sendo torturada na minha frente, pelas conseqüências das minhas escolhas.

Encarei o motorista que eu tanto amava uma vez mais e me virei, preparando-me para entrar na igreja e colocar um ponto final em tudo aquilo e, só talvez, me livrar de toda aquela dor insuportável, que parecia crescer cada vez mais dentro do meu peito.

Fernando — o irmão do noivo e substituto do meu pai — se prontificou a segurar o meu braço, mostrando através de seu toque físico o quanto tudo era real. E, ao me verem se aproximando da entrada, os dois casais de padrinhos colocaram os pés no tapete vermelho — no mesmo em que eu estava destinada a pisar — e, então, o meu coração disparou, pois eu sabia que o grande momento havia chegado.

Respirei fundo e seguimos com, provavelmente, o maior erro que eu cometera na vida.

E, nesse instante, enquanto eu caminhava em direção a um salão cheio de pessoas das quais eu nem mesmo gostava, foi impossível não ver todas as minhas decisões ruins passando como uma espécie de filme em minha frente.

Foi impossível não me lembrar de cada pequeno detalhe — de cenas boas e ruins — que me levou até aquele exato momento.

Por mais que eu quisesse bancar a grande vítima, o meu passado não me permitia. Toda a catástrofe em que ela se tornara, começou com uma pequena rajada de vento. Um vento soprado pelos meus próprios lábios.

Toda a destruição partiu, primeiramente, de mim.

Eu era apenas uma consequência de péssimas escolhas e, infelizmente, estava prestes adquirir mais uma para a minha longa lista.

Parte 2 — Dourado

ALGUMAS HORAS ANTES DO CASAMENTO

Já chegou ao ponto de olhar no espelho e não reconhecer a si mesma? Eu já e não é nada bonito. O sucesso da minha “Operação CEO” teve algumas consequências e o vazio dentro de mim foi apenas uma delas.

Durante meses, eu matei a mim mesma. Fazia isso sempre que precisava impressioná-lo de alguma forma. Pinte o meu cabelo, mudei os meus gostos, contei as mesmas mentiras tantas vezes que elas se tornaram verdades. E, por mais que a pessoa que eu fosse antes não figurasse em um bom modelo de ser humano, ela não era uma mentira — uma invenção para impressionar outra pessoa.

A primeira facada que dei em meu próprio peito foi quando obriguei Bianca a comprar aquela tinta ruiva, para me tornar o “tipo de mulher que ele gostava”. E quase um ano depois, eu estava prestes a desfazer esse feitiço, tomando de volta aquilo que me pertencia.

— Tem certeza disso? — questionou Bia mais uma vez, ainda não acreditando que realmente estávamos prestes a tingir o meu cabelo. — O seu casamento é amanhã... na verdade, como é de madrugada, é hoje!

Balancei a cabeça confirmando, pela terceira vez que queria mesmo fazer isso. Já que seria obrigada a me casar com Bryan, então casaria como Vanessa Waller e não aquela personagem que criei para satisfazê-lo.

— Você estava certa... sobre tudo — admiti a verdade para a minha amiga, pela primeira vez. Antes que ela começasse a questionar a minha fase, completei: — No final do dia, nada dessas coisas importam.

Ela não estava esperando por aquelas palavras.

— Você não gosta dele?

A inocência dela era tão bonita que não queria destruí-la contando toda a verdade sobre o meu relacionamento com Bryan Leal. Talvez a maior “*verdade*” fosse que essa palavra nunca havia existido entre nós dois, éramos uma grande mentira — uma que pessoas como Bianca adoravam comprar.

— Eu não sei, às vezes sim e outras vezes não... você me conhece, sou bem bipolar — disfarcei, trazendo o sorriso de volta ao rosto dela. — Mas eu vou ser a noiva mais linda, loira e magra que essa cidade já viu.

— E rica — completou ela, fazendo com que eu forçasse um sorriso, enquanto acrescentava mentalmente um “*e infeliz*”. Depois de notar a minha expressão pra baixo, ela continuou: — ei, não se preocupe, Bryan vai adorar você loira também... acho que ele adoraria você de qualquer jeito.

E, novamente, precisei forçar para conseguir sorrir. E estava ficando cada vez mais difícil viver aquela mentira, pois, dessa vez, eu não tinha Christopher ao meu lado para me ajudar a sobreviver até o dia seguinte.

Parte 3 — Adeus

UM DIA ANTES DO CASAMENTO

Eu poderia tentar facilitar as coisas e te contar tudo sobre essa relação de forma crescente e linear, o bom e velho começo, meio e fim. Eu poderia te contar como nos conhecemos e do quão irritante Christopher pareceu ser, poderia começar com a primeira vez que ele me fez sorrir ou sobre a primeira vez em que eu o fiz chorar.

Sim, eu poderia.

Mas sou covarde demais para isso.

Caso contasse dessa forma, você, provavelmente, desistiria de mim na primeira oportunidade — o que, devido a essa situação, seria completamente compreensível —, você não me daria novas chances, não apostaria em mim como Chris fez e, talvez, ainda continue fazendo.

Então, eu começarei pela última vez em que nós nos encontramos, antes do dia em que eu entrei naquela igreja para me casar com o Bryan.

Dessa forma, quando voltarmos lá para o começo, dando continuidade em minha “operação CEO” — onde ainda estava tentando seduzir o meu chefe —, talvez você não me julgue tanto com base apenas em meus erros

iniciais, talvez você continue aqui comigo, ouvindo essa minha história.

Iniciar minha jornada com Christopher a partir do fim dela, talvez seja a única forma de você realmente compreender o nosso começo.

Cruzei a porta de sua garagem — o cômodo que, na verdade, se tratava do quarto dele, onde ficavam os seus “aposentos” — e o encarei, esforçando-me para cumprir com aquele nosso combinado — caso eu não o escolhesse —, não tornando a cena ainda mais dolorosa do que ela já seria.

Eu sabia que seria difícil, que os meus olhos tentariam me trair, deixando com que as lágrimas inundassem completamente o meu rosto, é claro que eu sabia. Mas, ainda sim, como uma espécie de fantasia estúpida, tentei seguir aquele acordo idiota mesmo já sabendo que fracassaria.

Eu nunca fui uma mulher de sentir vergonha e, independente dos meus atos, esse sentimento quase nunca me alcançava. Mas, naquele instante, quando eu estava prestes a revelar que não fugiria com ele, eu me envergonhei ao ponto de sentir vontade de esconder o meu rosto.

A parte engraçada é que algumas coisas nós só conseguimos compreender algum depois, ao analisá-las mais de uma vez. E, atualmente, enquanto escrevo isso, sei exatamente que não era apenas vergonha o que eu estava sentindo em frente a ele. Também existia certo medo escondido em mim, eu tinha medo do olhar de Chris, pois nunca presenciei a decepção de perto — não daquela forma, quando estava partindo de mim. Até encontrar com Christopher, nunca me importei com o que realmente pensavam sempre que eu jogava todas as expectativas investidas em mim em um saco de lixo, eu nunca me importei com as pessoas que decepcionava pelo caminho. Mas ele era uma exceção e o seu olhar me quebrou.

Depois de me ver em pé a sua frente, sem nenhuma bagagem nas mãos, ele balançou a cabeça, como se estivesse martirizando-se por ter nutrido esperanças de que, desta vez, eu realmente o escolhesse.

No início, cheguei a pensar que, enquanto movimentava a cabeça, Christopher estava sorrindo, de uma maneira incrédula, ainda negando a verdade que pairava a sua frente.

Mas eu estava errada.

Não se tratava de um sorriso, mas de uma careta de choro.

Fui capaz de sentir o arder de seus olhos, enquanto eles iam ficando vermelhos, na medida em que o homem a minha frente se dava conta do que tudo aquilo significava. No entanto, mesmo que por uma última vez, Christopher tornou a me surpreender, honrando o nosso acordo de não dramatizar ainda mais a situação.

— Pouca bagagem — observou ele, com aquela mesma expressão. E foi como se as suas pernas falhassem, obrigando-o a sentar-se à beirada da cama.

E, então, ele finalmente começou a rir, um riso alto que me partiu, mesmo ciente de que a risada não era de mim.

Chris ria de suas próprias expectativas.

— Eu sempre soube que você era uma mulher cheia de surpresas, Vanessa Waller... mas, desta vez, eu cometi o erro de tentar te interpretar.

Eu precisei engolir o choro, pois, novamente, não podia tornar tudo ainda mais triste — se isso fosse mesmo possível. O meu motorista não merecia nada daquilo, já havia derramado lágrimas demais por mim.

Mas, talvez — pelo menos, dessa vez —, nenhum de nós dois

NACIONAIS-ACHERON

merecesse essas lágrimas.

Antes que eu pudesse dizer um último “adeus” e correr para fora daquele lugar que me despertava tantas lembranças, ele tornou a falar: — você está linda.

Exatamente a frase que ele me disse quando nos conhecemos, segundo antes de eu me irritar com a sua cantada ruim.

Nem mesmo Christopher — que jamais quebrara uma promessa — conseguiu cumprir com a sua palavra, aceitando a minha escolha. Ele, evidentemente, estava jogando sujo, realmente dificultando as coisas.

E, nesse instante, eu não consegui continuar suportando todo aquele peso.

Logo após Chris terminar de pronunciar aquela frase, as lágrimas desabaram sobre o meu rosto, mostrando-o a verdade — que eu também estava sofrendo por dentro e, principalmente, que eu desejava outro final para nós dois.

— Vo... Você também — respondi, com bastante dificuldade, devolvendo aquele golpe certo na mesma moeda, da maneira mais vingativa possível.

Droga.

Ele realmente estava lindo.

O seu cabelo castanho ainda estava molhado do banho e aquele xucro usava a sua melhor roupa, o que era, basicamente, uma jaqueta de couro marrom escura e uma calça jeans azul marinho colada, destacando as suas coxas grossas, deixando-o parecido com um caubói.

O excesso de perfume apontava que ele tinha se produzido pra mim.

NACIONAIS-ACHERON

E eu sabia bem que ele não fazia isso por qualquer pessoa.

Aquela mesma frase que me afetou, também fez com que lágrimas brotassem de seus olhos. E, em meio ao seu tímido choro, ele continuou, resmungando: — mentirosa... você... você odeia essa jaqueta e esse sapato velho.

Eu nunca odiei de verdade, só gostava de ficar implicando com ele, comparando-o a um caseiro qualquer. Mas a grande verdade era que eu sempre o achei muito sexy daquela forma, mas não quis correr o risco de aumentar ainda mais o seu enorme ego.

Tudo isso, de certa forma, lembrou-me do dia em que eu o conheci, de quando ele estava trajando o terno batido de motorista. Lembrei-me de ter criticado a sua roupa, o seu cabelo e até mesmo a maneira como ele se portava em frente a mim — *“uma dama que, claramente, não era para o bico dele”*, de acordo com as minhas palavras no dia.

— Eu nunca te disse isso, mas, naquele dia, quando te conheci, parado em frente a Leal Corp, não te odiei por causa do terno horrível ou pelo sapato quase sem sola que você insistia em usar. Eu te odiei porque alguma coisa em você me atraiu muito, uma coisa que eu não conseguia explicar. — Aproximei-me da cama e sentei-me ao seu lado, sem tirar os meus olhos de seu rosto. — Hoje, eu sei exatamente o que me fez te amar, mesmo lá naquela ocasião. A sua beleza interior era tão linda que, mesmo se vestindo daquela forma ridícula, você não conseguiu deixar de me atrair.

Ainda hesitante, coloquei a minha mão em cima da dele, quebrando completamente aquele acordo anterior. Por mais que não quisesse complicar nada, precisava senti-las por uma última vez e talvez eu não me perdoasse se não o fizesse antes de deixá-lo.

Seus olhos cinzentos continuavam comigo, quase sem nem piscar.

Ele, aparentemente, estava com medo de que eu pudesse evaporar bem a sua frente.

Preparei-me para deixar a cama, mas antes que eu tivesse a chance de fazê-lo, Christopher virou o meu rosto de maneira bruta e, logo em seguida, roubou-me um último beijo, enterrando completamente o nosso acordo de não dramatizar as coisas — o mesmo que eu já havia passado por cima ao tocar em sua mão.

E, enquanto nós ainda estávamos ligados pelo beijo, eu queria começar a chorar, pois parte de mim já estava com saudade daquele toque — um que eu ainda nem mesmo havia deixado de sentir.

— Essa minha beleza interna, que você destacou... não deve ser tão linda assim — sussurrou um Christopher frustrado, após nossos rostos se afastarem. Quando eu estava pronta para contra argumentar, ele finalizou: — ela não foi suficiente para que você escolhesse ir embora comigo.

Eu queria poder dizer o quanto ele estava errado, mas eu não podia.

Levantei-me da cama e Christopher também o fez, tornando as coisas mais complicadas para mim, mais uma vez.

Estávamos novamente um na frente do outro.

Mas, dessa vez, fui eu quem não o deixou falar: — o fato de eu não ter escolhido ir embora com você, não significa que eu não te ame.

E, então, percebi que estava tornando as coisas difíceis e que não era justo dizer um “*eu te amo*” e, no segundo seguinte, ir embora, para me casar com outra pessoa.

Não era só injusto, era cruel — mesmo não sendo uma mentira.

— Mesmo com todos esses motivos... — sussurrei, limpando as lágrimas que tornaram a escorrer. — Não me odeie.

Notei que nossas mãos ainda estavam entrelaçadas e me desconiliar de seus dedos quentes, foi mais doloroso do que eu pensei, como se estivesse cortando fora uma parte do meu próprio corpo, uma bem vital.

— Eu sou bobo demais pra conseguir te odiar e você sabe disso — comentou ele, derramando uma lágrima. Chris sorriu, enquanto ainda chorava, finalizando: — eu não conseguiria, nem mesmo se eu me esforçasse.

Ele pronunciou a frase que eu sempre usava como resposta pra ele e Bianca, quando ambos, em ocasiões diferentes, sugeriram que eu queria ser sustentada.

“Você não conseguiria, nem mesmo que se esforçasse”, lembro-me de ter respondido, rindo como se a pergunta fosse uma espécie de piada.

Enquanto aquele sorriso bobo ainda permanecia em seus lábios, molhados pelas lágrimas, eu deixei a sua garagem em passos apressados, como se estivesse correndo de toda aquela dor, como se pudesse deixá-la para trás da mesma forma em que estava deixando-o.

Parte 4 — Uma Escolha

UM DIA E ALGUMAS HORAS ANTES DO CASAMENTO

Joguei a mala vermelha em cima da cama e, espontaneamente, comecei a rir, de uma maneira que não acontecia há muito tempo dentro do apartamento.

Antes que eu pudesse pegar mais algumas peças de roupa dentro do meu armário, o meu telefone vibrou em cima do colchão, roubando a minha atenção. Mesmo com o celular ainda bloqueado, pude ler parte da mensagem que Bryan enviara.

“Não sinta muito a minha falta, pois eu não vou sentir a sua” foi à única frase que consegui ler através da tela de bloqueio. Revirei os meus olhos com a sua mensagem de “amor” e foquei naquilo que realmente importava; organizar as minhas coisas.

O meu noivo deixou bem claro o que faria em sua despedida de solteiro — *“sexo, sexo e um pouquinho mais sexo com mulheres mais bonitas e interessantes do que você”* — e, por mais que isso me irritasse bastante — exatamente o objetivo dele ao meu contar sobre os seus planos —, eu tentei ignorar e pensar somente em Christopher.

Todos esses problemas tornavam a minha vida extremamente irônica, o que só reforçava a minha teoria de que eu realmente vivia em uma espécie de purgatório, pagando por todos os erros que cometi no passado. Bem no início de nossa relação, eu fiz de tudo para que Bryan, de alguma forma, me notasse e sempre me torturava só com o pensamento de que ele pudesse me ignorar

— como fizera em meu primeiro dia de trabalho na Leal Corp. Agora, tudo o que eu mais queria era ignorá-lo e, por muita sorte, conseguir que ele fizesse o mesmo por mim.

O meu plano sempre foi seduzir Bryan Leal e tentar conseguir uma vida melhor através deste “*relacionamento*”. E antes mesmo de estarmos oficialmente casados, a minha vida já estava completamente mudada.

Eu possuía dinheiro para ir ao salão de beleza mais caro da cidade, poderia comprar qualquer vestido da minha loja preferida e tudo isso, sem precisar me importar com a quantidade de zeros que teria que colocar em um cheque para pagar por essas coisas.

Eu finalmente possuía aquilo que sempre almejei. Mas tudo isso, toda essa vida luxuosa e confortável ao lado dele, veio com um preço, um salgado demais. E eu já estava quase sem saldo, somente esperando o momento em que teria que fazer um empréstimo atrás do outro para quitar uma dívida que não parava de crescer.

Eu possuía tudo e, ao mesmo tempo, nada.

Estava presa em uma espécie de ilusão, presa em um jogo que optei por jogar, mesmo não conhecendo a fundo todas as regras.

A única coisa que ainda me mantinha em pé era a esperança de fugir com Christopher para bem longe — como havíamos combinado de fazer — e finalmente deixar de provar da verdadeira felicidade em pequenas colheradas.

Em muito pouco tempo, eu poderia ter uma refeição completa de todo aquele maravilhoso sentimento que me fazia tão bem.

Bryan deixou bem claro que viajaria para *Las Vegas* no final da tarde e só voltaria na madrugada do dia em que nos “*casaríamos*”, após se divertir

muito ao lado de — de acordo, com ele em nossa última conversa —, companhias, no mínimo, “*mais interessantes*” do que eu.

Mesmo com todo aquele esforço, o meu noivo não conseguiria me tirar do sério, não desta vez. O simples fato de encarar aquela mala já me deixava muito feliz e completamente aliviada.

Por sorte, quando ele retornasse dessa viagem, eu já estaria muito longe, de mãos dadas com o seu motorista particular, em um lugar onde ele não poderia mais me controlar.

Eu, enfim, seria livre e feliz.

Mesmo sem o seu poder.

Mesmo sem o dinheiro.

Mesmo sem o status.

Mesmo sem todas as coisas boas que ele era capaz de me proporcionar.

E por mais negativo que fosse viver sem essas duas coisas — exatamente tudo o que eu mais costumava estimar —, eu já sairia no lucro somente por passar a viver sem todo o seu controle doentio.

O fato de eu estar organizando as minhas coisas dentro daquela bolsa, significava que “*sim*”, que eu havia tomado uma decisão.

Partiria com Christopher logo no início da noite.

Eu não conseguia parar de relembrar as suas palavras após convidar-me para embarcar na maior loucura de toda a sua vida — e, provavelmente, uma das maiores da minha também, o que apenas comprovava o quão louco tudo era.

— Eu sei que é completamente louco e repentino... Eu sei, mas pode

dar certo... — Seus olhos se voltaram para mim, com uma intensidade que havia presenciado poucas vezes antes. — Nós dois, eu e você, madame Vanessa Waller, podemos dar certo. — Como fiquei em silêncio, a coragem foi se esvaindo de seu corpo, fazendo com que os olhos corressem para o jardim, escapando de mim. — Caso também acredite naquilo que temos, tudo o que eu te peço é que esteja aqui amanhã às oito e meia com uma mala na mão, pronta para ir embora comigo. Se fizer isso, eu prometo que te farei a mulher mais feliz do mundo. — Ele sempre começava de forma muito confiante, mas, conforme começava a falar, o medo tomava conta de sua boca, dando-me a impressão de que, por algum motivo, para ele, aquelas palavras só soavam bem em sua mente, antes de pronunciá-las para mim. Ainda sem me encarar, Christopher finalizou: — Se escolher o engravatado, não torne as coisas mais tristes do que elas já serão. Mas, não se preocupe, também prometo que se essa for a sua decisão, eu aceitarei ela, mesmo sem compreendê-la.

Naquele instante — quando ele me disse todas aquelas coisas —, eu vi a sua proposta como algo muito fantasioso e surreal demais, uma coisa impossível de acontecer. Mas depois de uma boa noite de sono, deitada em minha cama, era capaz de reconhecer que a ideia era perfeita, exatamente como a nossa relação — fantasiosa, surreal e extremamente imprevisível.

Enquanto apanhava uma blusinha lilás no guarda-roupa, encarei um dos vários presentes de Bryan, um vestido preto que ele enviou para o apartamento de Bianca no dia em que me convidou para ir a um evento importante da Leal Corp.

Já tinha me esquecido do quanto ele era lindo e, principalmente, das coisas boas que senti ao usá-lo naquela noite. Lá, esses sentimentos eram como chamas que tomavam conta de mim, crescendo cada vez mais. Aqui,

agora, eram apenas as cinzas de algo que um dia já queimou.

Ignorei o vestido, não queria levar nenhum dos presentes do CEO e mais nada que o lembrasse. Não queria apenas ir embora da cidade, eu queria deixar toda aquela vida antiga para trás, nada que pudesse lembrá-la mais tarde era bem-vindo em minha mala.

E, de qualquer forma, eu não deveria usar nada tão elegante novamente. Ao escolher Christopher eu, automaticamente, renunciava a todo o luxo e poder que uma vez sonhei em possuir. Com ele, eu não precisaria de um vestido de grife ou uma joia cara. Ao seu lado, todas essas coisas deixavam de ter importância.

Pensei em deixar um bilhete para Bianca, contando exatamente o que havia acontecido comigo nos últimos meses, mas fiquei com medo de outra pessoa acabar lendo-o antes dela. Então, deixei isso com a tecnologia. Mais tarde, depois de sairmos do estado, eu poderia muito bem mandar uma mensagem de texto ou, simplesmente, ligar para informá-la com mais calma e detalhes.

Claro que não seria a mesma coisa que avisá-la pessoalmente, mas a minha amiga compreenderia, ainda que essa nossa despedida não pudesse ser marcada por um abraço bem apertado.

Depois de enfiar todas as coisas que planejava levar comigo, eu apanhei a mala vermelha em cima da cama. Com os meus olhos sobre aquelas paredes azuladas, sussurrei “*you’ve got Vanessa Waller, you’ve got it*”.

Respirei de maneira profunda e caminhei em direção à saída, mas antes de deixar o apartamento que Bryan me presenteara — ou que presenteara a si mesmo, facilitando o controle sobre mim —, não pude deixar de olhar para

trás, encarando todas aquelas coisas das quais eu sempre sonhei em poder me cercar.

Tentei encontrar uma espécie de gatilho um móvel ou em qualquer um dos valiosos quadros pendurados pelas paredes, mas nada de interessante se destacou sobre o meu olhar. Aparentemente, Gatilho nenhum faria com que eu mudasse de ideia, nada naquele lugar era capaz de me impedir de fugir com Christopher e jogar toda a minha “bem sucedida” operação CEO no lixo.

Como não queria que ninguém soubesse que eu estava fugindo — um dia antes do meu casamento —, não solicitei nenhum dos motoristas de Bryan e tampouco usei o carro que ele deixara comigo.

Facilitei as coisas e chamei um táxi, que não demorou muito a chegar.

Após dizer o destino ao motorista, tornei a respirei fundo no banco de trás do carro, tentando controlar toda a minha ansiedade, que aumentava todas as incertezas que a minha libertação trazia consigo.

Não conseguia acreditar que em poucas horas, estaria completamente livre e ao lado da pessoa que eu amava. De repente, com esse único pensamento em mente, todos os medos e dúvidas começaram a desaparecer, tornando-me ainda mais confiante em relação a aquela decisão.

Agora, enquanto escrevo a todas essas coisas, percebo o quanto tudo era bom demais para se tratar de uma verdade. E essa era a definição perfeita para a minha fuga com Chris, tão magnífica que chegava ao ponto de ser impossível.

Senti o meu telefone vibrar e o tirei da bolsa. Em sua tela, identifiquei que se tratava de um número desconhecido e fiquei curiosa. Geralmente, eu

não costumava atender nem aqueles que eu realmente conhecia, entretanto, poderia se tratar de Chris mudando os planos da nossa viagem ou até mesmo de Bryan com outro telefone, avisando que retornaria antes do previsto.

Com todas essas péssimas possibilidades rendendo-me grandes chances de me arrepender por ignorá-la, eu optei por atender a ligação.

Logo após pronunciar o “*alô?*” bem desinteressada, fui surpreendida com a voz feminina, uma que esperei nunca mais ter que ouvir de novo.

— Eu não deveria estar te ligando, pelo menos, não depois da nossa última conversa... — começou a mulher do outro lado da linha, dizendo apenas coisas das quais eu já tinha conhecimento. — Também sei que te falei muita merda e que eu, provavelmente, me equivoquei em algumas delas.

Antes que eu pudesse cortá-la, mandando-a ir à “merda” e dizendo que não queria conversar sobre o que aconteceu, Olivia foi direto ao ponto, impedindo-me de fazer isso: — eu não estou ligando pra me desculpar porque acredito que estava certa na maior parte do que falei. Senti que precisava proteger o meu amigo e continuo achando que você não é uma boa influência para o Chris, mas o que tenho para dizer é bem pior do que ela.

— Eu não...

— Ele te contou? — questionou ela, atizando a minha curiosidade. — Como ele não atende as minhas ligações, eu acredito que não. Enfim, saiba que a New Records ofereceu um contrato a ele... um ótimo contrato, Vanessa. Mas, por algum motivo, que certamente te envolve, ele não quer aceitar... só me disse que estava indo embora da cidade.

Novamente, eu não tive tempo de dizer nada, pois a amiga de Christopher continuou falando, interrompendo as minhas frases: — a questão é que só estou te ligando porque lá no fundo, bem no fundo mesmo, eu sei

NACIONAIS-ACHERON

que você realmente se importa com ele e que sabe o quanto isso costumava significar para todos nós.

Sim, eu realmente sabia o quanto aquilo significava para Christopher e até mesmo para mim, o que era bem estranho, já que se tratava de algo que não me beneficiava diretamente. Mas, ainda sim, sentia-me tão feliz como se fosse o meu próprio nome naquele contrato.

Desde o começo, eu fui uma das poucas pessoas que acreditaram nele, que o incentivaram a tentar seguir por esse sonho, mesmo sabendo o quanto seria difícil. E ao saber que ele havia conseguido um contrato com uma gravadora de verdade, mudava toda a nossa situação.

Eu não podia, simplesmente, deixá-lo desistir de tudo — não por mim.

— Eu... eu não sabia... — disse, enquanto a minha mão tremia, quase incapaz de continuar segurando o celular em meu ouvido. — Ele não me contou.

— Bom, então, agora já sabe! — respondeu ela, antes de desligar a ligação da maneira mais bruta possível, deixando-me com os meus próprios pensamentos.

Fiquei tão atônita que quando o motorista avisou que já havíamos chegado no barracão, demorei um pouco para compreender o que ele estava dizendo e, em seguida, demorei ainda mais para sair de dentro de seu carro.

Não era fácil ver todos os meus planos desaparecendo bem a minha frente, sem nada que eu pudesse fazer para impedi-los de irem embora. Era como tentar segurar uma bolha de sabão, por mais que eu pudesse esticar os meus braços, por mais que os meus dedos pudessem agarrá-la, ainda sim, quando eu abrisse a minha mão, tudo o que eu teria lá era um pouco de água.

Peguei a minha mala e caminhei em direção ao portão enferrujado. Diferente da maior parte das vezes, eu hesitei em entrar, pensei em apenas ir embora, dizer que não o havia escolhido por meio de uma mensagem de texto, qualquer outra coisa que não me obrigasse a encará-lo.

E se eu não o conhecesse tão bem, teria feito exatamente isso, deixando para lhe contar até mesmo através de um breve bilhete em uma caixa de biscoitos. Mas como Christopher não acreditaria — não sem ouvir essas palavras deixando a minha boca —, eu precisava.

E, lá no fundo, mesmo sendo completamente covarde, eu não queria ir embora sem me despedir dele, sem olhar para o seu belo rosto mais uma vez — ainda que em uma ocasião onde os seus olhos estariam marejados.

Descuidado, ele sempre deixava a porcaria do portão aberto. E com esse detalhe, não me restavam mais desculpas para não dar continuidade a minha “escolha”.

Reuni toda a coragem que possuía e entrei. Entretanto, quando me aproximei de sua porta, as minhas pernas tornaram a titubear, mostrando-me o quanto eu era fraca.

E, outra vez, o meu corpo paralisou.

Tudo o que eu consegui fazer, naquela fracção de segundos, foi imaginar uma cena completamente diferente da que estávamos prestes a vivenciar, uma cena em que eu não precisasse entrar por aquela porta para me despedir, uma cena em que nós dois estivéssemos felizes e juntos, sem nenhum problema idiota para nos separar.

Nesta cena feliz — que há uma hora ainda era possível —, eu cruzaria aquela porta de maneira confiante e a primeira coisa que faria, seria erguer a minha mala, mostrando a ele que “SIM”, o havia escolhido, que o seu jogo

bobo de qualidades me mostrara o quanto ele era “irresistível”.

O sorriso em meu rosto seria a comprovação de que eu tinha certeza absoluta a respeito dessa escolha, que eu não estava pensando em todas as joias e luxos que Bryan poderia me dar se seguisse com o casamento.

Chris, certamente, sorria daquela sua maneira especial, embasbacado com a cena. Seus olhos fixaram-se em minha face e, por alguns segundos, ficaríamos em silêncio, apenas aproveitando o momento, constatando o quanto aquele instante estranhamente feliz era real.

E, de repente, aquele bobo da corte começaria a rir, dizendo algo parecido com *“eu não tinha a menor dúvida de que você viria. Afinal, quem é que não escolheria um cara tão gostoso quanto eu? Loiro, rico e com olhos azuis”*. Depois de descrever a sua aparência exatamente como a de Bryan, ele piscaria, antes de me convidar a se juntar aos seus “aposentos”, que eram, basicamente, a sua péssima cama sem pé, sustentada por dois tijolos.

Por mais que ele não fosse um CEO loiro de olhos azuis, eu o amava muito, muito mais do que já amei qualquer outro homem — incluindo Bryan, o dono de todas aquelas características “incríveis” que ele descreveu.

“Convencido!” seria exatamente a palavra que eu usaria e, provavelmente, diria também algo como *“você não deveria ser tão confiante assim... não usando essas roupas”*. Mas, ainda sim, aceitaria o seu convite para deitar-me com ele em seus “aposentos”.

Mas, infelizmente, aquele futuro e todos esses momentos ao seu lado, não me pertenciam — não mais. Se entrasse por aquela porta acompanhada da minha mala, eu não estaria escolhendo Christopher, estaria escolhendo a mim mesma.

E, dessa vez, eu não queria — e não conseguiria — ser egoísta e pensar

NACIONAIS-ACHERON

apenas na minha própria felicidade, ignorando a vida feliz e realizada que ele teria sem mim.

Ao deixar a bolsa vermelha ao lado da porta, eu abandonei todos os planos de uma vida com ele, desfiz-me de todos esses maravilhosos momentos que nem chegaríamos a viver.

E, sem dúvida alguma, essa foi a parte mais difícil de todas. Aceitar que eu estava perdendo algumas coisas que nem mesmo cheguei a encontrar. Eu nunca fui do tipo de pessoa melosa, que fantasiava mil e uma coisas, mas, com ele, eu resolvi me arriscar, permitindo-me sonhar um pouco mais alto. E, em frente a sua porta, despenquei de lá de cima.

Concentrei-me exatamente em quais seriam as minhas próximas ações e finalmente adentrei o lugar que passaria a ser lembrado como aonde a nossa história chegou ao fim.

FIM.

CONHEÇA MEUS OUTROS TRABALHOS

Marido de Aluguel

Prólogo

Eu cresci ouvindo que o maior sonho de uma mulher — ao menos, da maior parte delas — era, definitivamente, ter o casamento perfeito — com o homem perfeito —, no entanto, a única coisa que eu almejava era o cargo de editora chefe na revista Global, o que me tornava totalmente estranha, de acordo com a sociedade.

Mas talvez eu fosse mesmo estranha e isso nunca foi um problema pra mim. Pelo menos, até a manhã daquela segunda-feira, no momento em que o meu supervisor se colocou à minha frente e cuspiu todas aquelas palavras na minha cara.

— O que você disse? — perguntei a ele, ainda não acreditando naquela grande bobagem que havia saído da sua boca. Respirei fundo, tentando manter a calma, enquanto o meu olhar continuava fuzilando o centro do seu rosto, sem me importar com o que ele pudesse fazer. Quando percebi que ele não iria repetir, tornei a falar. — Você não pode estar falando sério.

Ele levantou as mãos, rendendo-se a mim.

— Você é, sem dúvida alguma, a melhor funcionária que eu já tive em anos nessa revista. Mas... mas eu tenho que ser sincero e te falar a verdade, aquilo que ninguém além de mim quer dizer. Gabriele, eles não vão

te oferecer o meu cargo.

Naquele instante, tudo o que eu mais quis foi arrancar a cabeça de Gaspar com as minhas próprias mãos. Nunca pensei que pudesse chegar a odiar aquele idiota — não da maneira que eu o odiei naquele instante. Eu não conseguia me conformar com o fato de não ganhar aquilo que, por direito, deveria ser meu.

— Eu tentei... antes mesmo de eu me demitir, falei com Frederico e te indiquei para esse cargo, eu disse a ele que você era a melhor, a mais capacitada para me substituir. Mas tudo o que ele disse, foi que nunca daria um cargo assim para uma mulher... uma mulher solteira.

Era ridículo e totalmente injusto comigo, uma pessoa que passou anos se dedicando, esperando por aquele momento. E, quando ele finalmente chegava, tudo era arrancado dos meus braços com brutalidade. Não havia como compreender.

Eu não ganharia o cargo porque era uma mulher e, pior do que isso, sem um marido por trás da minha imagem, passando uma espécie de confiança para uma sociedade extremamente machista. Era como se eu não tivesse um valor, pelo menos, não sem um homem ao meu lado.

— Então, você está supondo que se eu fosse uma mulher casada, aquele machista me daria o cargo?

Gaspar riu, ainda encarando o meu rosto, antes de responder: — Eu não estou supondo, estou afirmando. Você é perfeita para o cargo e Frederico não tem como ignorar isso. Mas sem uma aliança de casamento no dedo ou, no mínimo, a promessa de uma, ele não vai te promover.

Sentei-me na cadeira ao seu lado e encarei o piso branco, sem a mínima ideia do que responder a ele. Não foi nada fácil assistir a todas as

NACIONAIS-ACHERON

minhas esperanças serem esmagadas daquela forma.

— Eu não sei o que dizer...

— Mas eu sei — disse ele, interrompendo-me. — Diga um “muito obrigado pela dica Gaspar, você é incrível”. Eu sei que você está namorando, só precisa convencer o cara a te propor em casamento e, caí em entre nós, isso não vai ser tão difícil.

E, no fim das contas, Gaspar estava certo a respeito da proposta de casamento. Não seria nem um pouco difícil conseguir fazer o meu namorado me propor em casamento, seria completamente impossível pelo simples fato de ele, na verdade, ser gay.

O Homem Perfeito — Capítulo 1

Depois de um dia cansativo de trabalho, tudo o que eu mais gostava de fazer era chegar em casa e me sentar no sofá da sala, onde eu colocaria o notebook em meu colo e começaria a editar um artigo que escrevi para a revista. Um artigo que, infelizmente, não teria nem a chance de ser publicado, como de costume — pelo menos, até que eu assumisse o cargo de editora chefe. E, sim, escrever sobre coisas das quais eu não poderia publicar era totalmente deprimente, mas era o que eu gostava de fazer.

Durante toda a minha vida, eu sempre coloquei o meu trabalho na frente de todas as outras coisas existentes nela e os homens, definitivamente, não eram uma exceção. O meu plano sempre foi muito simples; eu deveria me dedicar ao meu trabalho na revista, àquilo que eu realmente gostava de fazer e, se eu seguisse por esse caminho, tudo daria certo para mim, contanto que eu não colocasse nenhum homem como o centro do meu universo. E pensar que toda essa minha estratégia desmoronou tão fácil.

Entretanto — apesar de tudo —, existia um único homem que quase conseguia me dobrar. O meu namorado — como Gaspar havia lembrado bem — com toda a certeza era esse homem perfeito. Só existia um pequeno detalhe que contrariava toda essa sua perfeição.

No momento em que abri a porta da minha casa, eu fui contemplada com uma cena extraída do início de um pornô — um gay, por sinal —, uma cena em que um garoto beijava a boca de Eduardo — a pessoa que todos do meu trabalho conheciam como o meu namorado — em meu sofá. Eduardo não fez cerimônia para retribuir o beijo quente que havia acabado de receber. E, enquanto enfiava a sua língua na boca do outro garoto, ele agarrou o menino magrelo e o colocou em cima de seu colo, dominando-o completamente.

Sim, o meu namorado tinha um namorado.

Eduardo encarou o meu rosto e esticou os seus lábios em um sorriso mais que perfeito. Alguns segundos depois, o garoto em cima dele virou o seu pescoço e cumprimentou-me também, da mesma forma gentil que a pessoa a sua frente fizera.

— Vocês dois não transaram no meu sofá, não é? — perguntei a eles, torcendo para que a resposta fosse um enorme “é claro que não transamos”. Com o silêncio dos dois, eu obtive a minha resposta. — Incrível... mas eu vou logo avisando, se vocês mancharam alguma coisa, vão limpar com a língua.

Eduardo se limitou a continuar sorrindo. Por outro lado, Kauan — o garoto no colo de Eduardo — afastou-se do meu “namorado” e caminhou em minha direção, para um abraço forte e, infelizmente, inevitável. Eu poderia muito bem acrescentar um “forçado” na descrição do abraço.

— Eu já estava até com saudades – disse ele, ainda me abraçando, como se eu fosse a sua pessoa preferida no universo, o que era uma completa mentira. Antes de se afastar, Kauan completou, mantendo a sua falsidade em um nível bem alto: — eu espero que você não se importe por eu ficar aqui essa noite.

— A casa é sua — respondi, no momento em que ele se afastou de mim, também com o modo “falsiane” ligado. – E saiba que pode ficar o tempo que quiser. Você é sempre bem-vindo aqui em casa.

Por mais que não aparentasse, eu não era a dona do apartamento. A pessoa que havia comprado o apartamento e todas as outras coisas dentro dele não era eu, mas Eduardo. Foi ele quem me convidou para morar ali e não o contrário, o que significava que, na verdade, o namorado dele possuía muito mais poder dentro daquela casa do que eu.

O meu melhor amigo levantou-se do sofá e caminhou em minha direção. Correção, Eduardo caminhou na direção do namorado dele e o abraçou por trás. Após beijar o pescoço de Kauan, ele finalmente voltou o seu olhar para mim e encarou-me por alguns segundos, com uma expressão de paisagem, enquanto me analisava.

— Você está muito estranha hoje — observou ele, rapidamente. Edu franziu a testa e continuou queimando o meu rosto com o seu olhar. Não demorou muito para que ele perguntasse: — aconteceu alguma coisa que eu deva saber?

Ele, definitivamente, era a pessoa que mais me conhecia em todo o universo. Se colocassem Eduardo de um lado e a minha mãe biológica de outro, em um programa de perguntas e respostas sobre mim — um De Frente Com Gabriele, dois ponto zero —, Eduardo ganharia sem nem se esforçar. Mas não que a minha mãe fosse concordar em participar de um programa em NACIONAIS-ACHERON

que ela não fosse à atração principal.

— Eu... eu acho que preciso me casar, Edu — disse a ele, em um tom sério, com o olhar fixo em seus olhos castanhos claros. Com um nó enorme na garganta, continuei a falar: — eu não acredito que vou dizer isso, mas eu preciso que você se case comigo.

Respirei fundo e continuei sustentando o meu olhar em sua direção, enquanto esperava pela resposta do meu melhor amigo. Mas o que aconteceu em seguida foi completamente diferente daquilo que eu havia imaginado. Não houve nenhum abraço seguido por um “é claro que eu te ajudo, somos irmãos, não é?”.

— Mas é claro que precisamos nos casar, minha princesa — respondeu ele, não segurando a risada.

Edu gargalhava como se eu estivesse contando uma piada muito engraçada, do tipo que não envolvia gays ou loiras burras, coisas que afetavam a nós dois. Após ver que eu não havia compartilhado do seu humor e que a minha expressão continuou a mesma, Eduardo levantou as sobrancelhas, perguntando, totalmente surpreso: — Você não está falando sério, não é? Gabriele Novais, por favor, me diga que não!

Ele se afastou muito antes de eu começar a explicar o quanto tudo aquilo era importante para mim, acabando com toda a minha estratégia dramática, algo do tipo “eu pensei que fôssemos irmãos, mas tudo bem. Eu... eu me viro”. No entanto, Eduardo não queria saber dos detalhes, estava mais do que claro que ele não toparia me pedir em casamento — não com o seu namoro em jogo. Dessa vez, era oficial, eu estava mesmo sozinha, de uma maneira que nunca estive antes — pelo menos, não antes de ele aparecer.

Com uma expressão nada legal estampada na face, Eduardo

respondeu totalmente irritado: — essa nossa mentira já foi longe demais, Gabriele. — Ele disse aquelas palavras com o olhar focado o rosto de Kauan, como se precisasse se certificar de que o namorado ciumento estivesse ouvindo a cada uma de suas palavras. — Eu não quero e não posso mais me envolver em todas essas suas mentiras sem fim.

Sem mais cartas escondidas na manga, restava-me apenas um último truque, o meu olhar pidão ou, como eu gostava de chamar, o calcanhar de Aquiles para Eduardo — o mesmo que o convenceu a fingir ser o meu namorado para as pessoas do meu trabalho.

— Mas é o emprego dos meus sonhos — eu disse a ele, lentamente, usando aquele meu olhar bandido. Fiz uma careta de choro, enquanto fingia limpar uma lágrima com a manga da minha camisa. — Eu... eu não sei o que fazer, é o meu sonho, Eduardo.

— Mas e quanto aos meus sonhos? — questionou-me ele, voltando o olhar para mim. Após ouvi-lo falar daquela forma, eu soube que não havia mais o que eu pudesse fazer para mudar a sua opinião. O meu melhor amigo não salvaria a minha pele desta vez. — E quanto a minha felicidade, Gabriele? Como é que eu fico nessa história toda?

Kauan nem mesmo esperou o seu namorado terminar de falar e deixou a minha casa. E a atitude dele era totalmente compreensiva, uma vez que eu estava tentando me casar com a pessoa que ele, certamente, amava. Talvez — seu eu estivesse em seu lugar —, fizesse muito pior, pulando em cima do pescoço da amiga — vaca — egoísta e manipuladora.

Eu não odiava o namorado do meu melhor amigo e, bem no fundo, sabia que ele também não nutria um ódio mortal por mim. Mas não éramos amigos e nem mesmo podíamos nos considerar colegas. Eu era, simplesmente, a pessoa que ficava entre ele e o namorado. Eu era,

NACIONAIS-ACHERON

definitivamente, aquilo que os afastava. Entretanto, talvez o que Kauan mais odiasse em mim fosse à preferência que o seu namorado sempre me daria. Mesmo depois de ele ter deixado o apartamento, Eduardo continuou comigo, esperando pelo que eu tinha para falar.

— Desculpe — eu disse, com o olhar voltado para o chão da sala. Depois de alguns segundos em silêncio, criei coragem para continuar. — Gaspar me contou que eles não querem me dar o cargo pelo simples fato de eu ser uma mulher solteira, como se isso fosse algum tipo de doença contagiosa ou uma ficha criminal.

Caminhei em direção ao sofá e Eduardo me acompanhou, sentando-se ao meu lado. O meu amigo estava sem camisa, trajando apenas uma fina bermuda azulada. Uma das coisas mais lindas em Eduardo, sem dúvida alguma, era o seu abdome totalmente definido, onde os gominhos eram esculpidos perfeitamente. Coloquei a minha mão em cima da sua coxa e suspirei, enquanto virava o meu pescoço em sua direção.

Ele colocou a mão em cima da minha e continuamos sentados, em um silêncio profundo. Não havia uma maneira de ele me ajudar, não sem aceitar ser o meu noivo perfeito e isso, infelizmente, parecia estar totalmente fora de questão naquele instante.

— Kauan me deu um ultimato mais cedo, dizendo que eu deveria escolher entre você e ele. Acho que, no final das contas, ao ficar aqui, eu acabei escolhendo você.

Por mais que eu gostasse da ideia de ser a escolha de Eduardo, aquilo não era certo e nem mesmo uma pessoa egoísta como eu poderia ignorar. Então, eu fiz aquilo que deveria ter feito há muito tempo, mas que acabei não fazendo por medo de perdê-lo.

— Nós terminamos, oficialmente — eu disse, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma. Ainda em um estado hesitante, completei: — eu não vou mais roubar a sua vida, nunca mais.

Ele ficou me encarando, como se estivesse esperando pelo momento em que eu desmentiria tudo, um momento que não aconteceu nos segundos seguintes e nem depois disso — por mais que eu quisesse desmentir e voltar atrás em toda aquela história.

— Não fique aqui me olhando, seu idiota. Vá atrás do seu garoto!

Plano B — Capítulo 2

A maior parte das pessoas teria um plano B, entretanto, tudo o que eu possuía era uma enorme dor na boca do meu estômago. Por mais que eu soubesse que Eduardo não aceitaria de primeira participar mais uma vez dos meus planos — diga-se de passagem —, bem no fundo, eu nutria esperanças de que ele fosse, eventualmente, ceder a toda a pressão acompanhada do drama que eu estava fazendo. Mas isso não aconteceu e, parte disso, era culpa minha, que o dispensei na noite anterior. Eu estava arrependida, por mais que tivesse feito à coisa certa para o meu amigo. Sim, eu era uma pessoa extremamente egoísta e parte disso, infelizmente — ao quadrado —, acabei puxando da minha mãe biológica, que não conseguia viver sem ser o centro do universo de todas as pessoas que a cercavam. Mas a última coisa que eu precisava era ficar pensando em Clarisse.

Caminhei em direção à cozinha, mas antes que eu pudesse me sentar à mesa, Eduardo apareceu, com o seu namorado ao lado, o que significava que, felizmente, eu não havia destruído o relacionamento dele com Kauan — o que também não era muito bom pra mim.

Por mais que eu quisesse me esconder e evitar toda aquela

NACIONAIS-ACHERON

conversa que estávamos prestes a ter, aproximei-me dos dois, dizendo, de uma vez só: — Eu sinto muito por ontem, O.K?

Kauan se limitou a balançar a cabeça, o que era melhor do que nada. Eduardo, por outro lado, sorriu, mostrando-me que estava mais do que bem para nós dois. Saber que a minha relação com Eduardo não estava completamente destruída, deixou-me mais feliz. E quanto à de Kauan, sinceramente, eu não me importava.

— Eai? — perguntou-me ele, referindo-se ao que eu faria a respeito do cargo de editora chefe. Éramos tão íntimos ao ponto de quase não precisarmos de palavras para que nós dois nos entendêssemos. — O que você está pensando em fazer agora, qual o seu plano B?

Fiz uma careta, balançando a cabeça, mostrando a ele que, na realidade, eu não possuía nenhum plano B. Tudo o que eu tinha, naquele instante, era ódio e um sentimento enorme de impotência. Eu odiava o dono daquela revista por ser um machista com M maiúsculo, mas eu me odiava ainda mais por precisar de um homem para provar o meu valor.

— Eu vou desistir... Não preciso de um homem para provar que sou boa o suficiente e se eles não enxergarem isso, quem perde não sou eu — eu disse a eles, mesmo sabendo que Frederico nunca nem mesmo pensaria em olhar para mim sem uma aliança. Gaspar não me contaria isso se não fosse a mais pura verdade. — Eu não preciso disso.

E, ao pronunciar o “eu não preciso disso”, eu estava dizendo outra mentira. A revista Global já não era um simples trabalho para mim. Depois de um tempo, aquele trabalho passou a ser a minha vida, ele passou a definir a pessoa que eu era e, com isso, tornou-me mais que uma simples dependente. Parte de mim sentia muito medo de não ser capaz de me reconhecer sem fazer aquilo que eu tanto gostava.

NACIONAIS-ACHERON

— Você não precisa desistir só porque o meu namorado não quer bancar o seu noivinho — disse Kauan, após cansar de se fingir de estátua. Com uma estranha expressão no rosto, ele continuou, dizendo: — nós não somos amigos, mas eu sempre admirei você, pois nunca te vi desistir de algo. Essa pessoa aí, com toda a certeza, não é você. A Gabriele que eu conheço nunca deixaria com que o chefe machista ganhasse, não sem lutar.

Depois daquelas palavras arrebatadoras, eu finalmente poderia dizer que aquele garoto magrelo havia ganhado algumas dezenas de pontos comigo. Entretanto, eu não tinha a mínima ideia do que fazer, de como me tornar aquela pessoa forte que Kauan dizia que eu era.

— O que você me sugere? — arrisquei na pergunta, pronta para qualquer coisa, com exceção daquilo que ele me respondeu.

Depois de alguns segundos pensando, de uma maneira hesitante, Kauan respondeu a minha pergunta, aparentemente, ainda em dúvida se deveria mesmo estar dizendo aquilo: — um amigo de uma amiga, que conhece um cara, que conhece outro cara... bem, o que eu quero dizer é que tem um homem que faz esse tipo de serviço, ele é muito discreto e apenas algumas poucas pessoas sabem sobre o que ele realmente faz.

Voltei o meu olhar — um nada bacana — para Eduardo, que estava fingindo uma expressão de paisagem ao lado de Kauan, como se nem estivesse prestando atenção nas coisas que deixavam a boca do seu namorado.

— O seu namorado está me mandando contratar um puto para ser o meu noivo. Você está ouvindo isso, Eduardo? — perguntei a ele, completamente posses de ódio. — Ele quer que eu me envolva com um puto?

Com um sorriso nos lábios, o meu amigo respondeu: — sim, eu ouvi e, na verdade, até acho uma ótima ideia. E não é como se você precisasse transar com ele... seria mais como um acompanhante de luxo.

Não importava o quanto ele tentasse melhorar aquela frase, no fim das contas, continuaria significando que eu precisava contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Naquele instante, eu não estava apenas odiando o mundo por ser completamente machista, eu estava me odiando por não ser capaz de encontrar um homem decente sem ter que pagar por isso.

Voltei o meu olhar para Kauan, já com o meu nível de ódio por ele reduzido. Afinal, que diferença faria usar o meu melhor amigo gay ou um puto para fingir ser um cara interessado em mim? Em ambas as formas, eu era um fracasso total como mulher.

— Então, esse seu amigo da amiga, do amigo, do amigo tem o número deste prost... acompanhante de luxo?

Ligação — Capítulo 3

Já havia se passado uma semana desde que Kauan me deu a incrível ideia de contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Primeiramente, pensei muito sobre a decisão que estava prestes a tomar e acabei desistindo por ser um plano totalmente irresponsável, uma vez que eu poderia estar colocando um assassino dentro da minha própria casa. Entretanto, no dia seguinte, Gaspar me confidenciou que Frederico daria uma pequena festa e convidaria algumas pessoas e que, por muita sorte — ou muito azar —, eu e o meu acompanhante estávamos inclusos nesta pequena lista de convidados.

Como eu, Gabriele Novais, não acreditava nem um pouco em sorte, confrontei o meu chefe e, desta forma, obtive a minha resposta de uma

NACIONAIS-ACHERON

maneira rápida. Em uma tentativa desesperada de me colocar em seu atual cargo, Gaspar mentiu para Frederico, dizendo que eu já estava noiva. Mas, ao que tudo indicava, Frederico precisava ver isso com os seus próprios olhos.

— Agora, por favor, me diga que convenceu o cara a se casar com você? — A voz dele soou um tanto desesperada, assim como a expressão de seu rosto. Depois de alguns segundos em um silêncio constrangedor, Gaspar completou: — eu espero, de verdade, que esse seu silêncio signifique um imenso “sim, ele vai se casar comigo”.

Então, eu fiz aquilo que sabia fazer de melhor. Eu menti para Gaspar, dizendo que tudo estava sob o meu incrível controle, que o meu namorado — o homem mais perfeito de todo o universo — havia aceitado se casar comigo e que eu nem mesmo havia me esforçado, pois o pedido de casamento havia partido dele.

Pelo jeito, eu estava muito ferrada — com a lama até a minha cintura —, tão ferrada ao ponto de reconsiderar a ideia ridícula de Kauan. Eu não tinha outra opção a não ser contratar aquele puto para me acompanhar, ao menos, se eu quisesse continuar na disputa pelo cargo de editora chefe, o que eu, certamente, queria e muito.

Quando entrei na minha casa, a primeira coisa que fiz foi correr até o meu quarto e apanhar o papel em que Kauan anotou o número daquele garoto de programa ou, como ele gostava de dizer, acompanhante de luxo — que, pra mim, dava no mesmo.

Depois de várias horas encarando o número daquele ser totalmente desconhecido por mim, decidi arriscar e ligar para ele. Afinal, pior do que estava, definitivamente, não poderia ficar. Eu estava oficialmente no fundo do poço, com os meus saltos completamente sujos de lama, não tinha como me afundar mais.

NACIONAIS-ACHERON

Instantes depois de digitar aquele número de celular, eu percebi que estava totalmente perdida, o que era completamente compreensivo já que nunca me imaginei ligando para um homem que vendia o próprio corpo. Eu não sabia nem mesmo o que dizer quando ele atendesse a minha ligação. Deveria dizer um “oi, você é aquele garoto de programa do panfleto que encontrei no telefone público?” ou “oi, eu falo com um profissional do sexo?”. Não importava qual fosse a minha ideia, ela sempre seria pior que o ridículo. Mas no final das contas, nem mesmo precisei dizer uma única palavra, já que ele não atendeu a minha ligação. E depois da terceira tentativa, eu finalmente desisti de ligar.

Algo me dizia que ele devia estar “trabalhando”, enfiando o seu pinto em alguma mulher de meia idade entediada com o próprio casamento. Entretanto, o fato de eu estar ligando para ele, por precisar de um simples acompanhante, com toda a certeza, tornava-me alguém em uma situação muito pior do que a dessas mulheres que só queriam se divertir.

Cansada de esperar por um retorno de ligação que, obviamente, não aconteceria, sentei-me em meu sofá e me preparei para mais um dos meus artigos. Por mais deprimente que aquilo fosse, eu adorava ficar ali sentada, escrevendo sobre coisas das quais eu gostava de falar, coisas que poderiam dar outra visão do mundo para os leitores da revista, coisas inovadoras e, talvez, coisas revolucionárias, mas, principalmente, coisas que nunca seriam publicadas na revista Global — ao menos, até que eu assumisse o cargo de Gaspar.

Quando o ponteiro do meu relógio apontou para as dez da noite, eu recebi uma mensagem de Eduardo, uma em que ele dizia que não voltaria para o jantar. Aparentemente, estar com o namorado era muito melhor do que ficar ao lado de uma amiga chata, completamente viciada em trabalho — e

obcecada por um garoto de programa.

Caminhei até a cozinha na esperança de encontrar alguma coisa bem gordurosa e suculenta, algo que faria com que eu engordasse uns três quilos, mas tudo o que eu encontrei foram bolachas e algumas outras porcarias que não eram da família do bacon. Apanhei um pacote de pipoca instantânea no armário e o preparei rapidamente. Quando retornei à sala, com uma bacia repleta de pipocas na mão, sabia exatamente que tipo de filme eu deveria assistir.

E, mais uma vez, eu assistiria a Saga Crepúsculo e embarcaria na jornada de Bella Swan ao lado de Edward Cullen, em uma história de amor proibido, envolvendo uma humana sem graça e um vampiro sexy que brilhava no sol. Era uma história de romance água com açúcar? Sim, era e não importava o quanto falassem mal daquela saga, eu nunca deixava de amar cada um daqueles personagens maravilhosos. Aparentemente, só me faltava os gatos para a situação ficar ainda mais deprimente.

O toque do meu celular fez com que eu me assustasse, soltando a bacia que estava em minha mão esquerda, derrubando toda a pipoca no tapete da sala. Mesmo sem voltar o meu olhar para a tela do telefone, visualizando o número que me ligava, eu sabia quem era e foi por esse motivo que me assustei, como um pressentimento daquilo que estava por vir.

Corri até a mesinha de centro e peguei o meu celular. Como cheguei tarde demais para atender, retornei aquela ligação e, desta vez, eu esperava que o garoto de programa me atendesse.

E, para a minha sorte, ele realmente atendeu.

— Quem fala? — perguntei, ainda sem saber exatamente o que eu deveria dizer para alguém como ele. — Eu... estou falando com quem?

A voz do outro lado da linha finalmente soou, em uma risada completamente sarcástica. E, por algum motivo, essa única ação dele foi capaz de me irritar.

— Então, como foi você quem me ligou primeiro, não sou eu quem deve se apresentar aqui! — respondeu ele, de uma maneira grosseira e mandona. E antes que eu pudesse responder à altura, ele tornou a falar, cortando-me: — eu também não tenho todo o tempo do mundo... então, fale logo o que você quer!

Sem paciência para a grosseria daquele imbecil, disse as minhas próximas palavras, sem nem mesmo pensar uma segunda vez: — por quê? No puteiro em que você trabalha precisa bater cartão?

— A única coisa que eu vou bater, será o meu pin... Quer saber, obviamente, isso é algum tipo de trote idiota, feito por uma garota virgem idiota. E eu não vou mais perder meu tempo com isso aqui. Foi bom falar com vo...

— Não, espere! — eu gritei, interrompendo-o e o impedindo de desligar a ligação. Engoli todo o meu orgulho de uma só vez, como se fossem cem gotinhas de dipirona e prossegui de uma maneira totalmente hesitante: — eu... eu gostaria de contratar os seus serviços.

Adquira o livro e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

SELVAGEM: Sexy, Sombrio e Assustador

Sedução e Liberdade — Capítulo 1

Talvez, no fim das contas, eu estivesse enganada sobre tudo. Os homens não eram todos iguais — como eu não cansava de repetir. Naquela noite, eu descobri que existiam alguns ainda mais depravados que os ditos “normais”. Mas eu poderia mesmo julgá-los por isso? Definitivamente, não! Mas, de qualquer forma, eu adorava fazer isso.

Mas não se engane comigo, pois eu sou apaixonada por eles — talvez, até demais, eu admito. Gosto dos prazeres que um homem é capaz de proporcionar a uma mulher. Gosto de tocar e ser tocada por eles, dos movimentos frenéticos que nossos corpos são capazes de fazer em conjunto. E, principalmente, gosto de toda a brutalidade escondida dentro deles, aguardando o momento exato para se revelar ao mundo.

Se o seu palpite é de que sou uma prostituta, saiba que quase acertou. Sou, basicamente, uma colega de profissão delas, uma das famosas *strippers* de casa noturna. Mas, obviamente, não uma qualquer. Eu sou “a *stripper*” ou, simplesmente, a grande estrela da noite.

A verdade — que muitos não gostam de assumir — é que algumas pessoas não foram feitas para se formar em uma faculdade importante. Para alguns — onde certamente estou inclusa —, um canudo é completamente irrelevante. Diploma nenhum conseguiria substituir o sentimento que eu sentia toda vez que pisava naquele palco. Nenhum emprego convencional

faria com que eu me sentisse livre — não daquela forma, pelo menos. O “errado” para muitos, tornou-se incrivelmente “certo” para mim.

Enquanto eu dançava, sentia-me a criatura mais livre do universo. E, também, com toda a certeza, a mais desejada delas. Cada olhar malicioso e sorriso sacana, desferidos por todos aqueles homens, conseguiam me satisfazer de forma completa, provando-me mais uma vez o quanto eu amava estar ali, entregando-me parcialmente para eles.

As luzes coloridas piscavam sem parar, enquanto os meus cabelos dourados voavam, pulando junto com o meu corpo em uma dança sensual. Se eu possuía algum dom, certamente, era o da sedução — algo que aprendi a usar desde muito cedo. Com o tempo, eu me tornei irresistível e me orgulhava muito disso, mais do que qualquer outra coisa.

E, então, a minha parte preferida da noite finalmente começou. Os barbados — e os sem barbas também —, que cercavam o meu palco, começaram a atirar aquilo que eu amava mais do que homens — talvez, no fim das contas, essa fosse à única exceção. Aquelas notas amassadas que estavam sendo arremessadas em minha direção, incentivavam-me a continuar descendo, em minha dança cheia de posições sexys bem ensaiadas — uma dança que eles adoravam. A visão de todo aquele dinheiro colorindo o meu palco, não tinha preço — ou quase isso.

No instante em que comecei a juntar todo o dinheiro do chão, sem deixar de dançar enquanto o fazia, avistei um homem loiro nos fundos, queimando-me com o seu olhar duro. Por algum motivo desconhecido, ele conseguiu se destacar de todos os outros daquele lugar. Talvez fosse a sua jaqueta de couro preta, que deixava transparecer o seu corpo bem trabalhado, repleto de músculos. Talvez fosse seu olhar cheio de desejo, que não deixou de me secar até o final do show. Eu não sabia o motivo, mas fiquei

completamente atraída por ele. No entanto, antes mesmo de eu pensar em caminhar até onde ele se encontrava, aquele homem já havia deixado o local, tornando impossível a possibilidade de conhecê-lo.

Depois do show, as garotas eram obrigadas a entregar trinta por cento de tudo que ganharam para o dono da casa noturna — o que não facilitava muito para nenhuma de nós —, pelo espaço cedido. O negócio até era justo, mas, ainda sim, não tornava mais fácil de entregar o dinheiro conquistado, literalmente, com muito suor. Contra a minha vontade, eu deixei uma parte do que arrecadei com Fred e me preparei para deixar o local.

— Está me dizendo que só conseguiu isso? — questionou-me ele, evidenciando toda a sua desconfiança em seu tom de voz. Depois de eu balançar a cabeça, confirmando a sua pergunta, ele finalizou: — então, é oficial, você está precisando mexer mais essa bunda, Alice.

Limitei-me a concordar, balançando a minha cabeça. Fred era um ser humano repulsivo e estúpido ao ponto de se achar o homem mais inteligente do universo. No entanto, depois de conhecê-lo melhor, você acabava descobrindo que ele não passava de um grande idiota, alguém que era facilmente manipulado por qualquer pessoa que possuísse o mínimo de inteligência. Os trinta por cento que ele acreditava ter ganhado com o meu esforço, na verdade, não chegaram a passar de dez.

Alice era a maneira como o dono da casa noturna — e todas as outras pessoas — referiam-se a mim, naquele determinado ambiente. Em um resumo simples, esse era o meu “nome de guerra”. Longe daqueles palcos, eu tornava a responder por Camila, uma dançarina que descobriu da pior forma que não é nada fácil ganhar dinheiro dançando fora de uma boate. Mas, como já disse, não tenho o que reclamar do meu trabalho, pois é através dele que tenho, diariamente, a chance de me sentir livre.

Cena de Crime — Capítulo 2

Como não podia deixar a casa noturna seminua, eu apanhei uma saia preta curtinha, junto com uma blusinha básica branca. Depois de vesti-las, escondendo o conjunto vermelho de lingerie que havia usado para me apresentar no palco, não tardei a deixar o meu local de trabalho.

Enquanto atravessava a rua, encarei um dos outdoors que estampavam um banner promocional do filme “Marido de Aluguel”, baseado no livro de Anne Miller. De acordo com aquele cartaz, o longa seria estrelado por Bianca Bittencourt e Wesley Dolberth, que, ao meu ver, não passavam de dois rostinhos bonitos — mas, não vou mentir, existiam controvérsias quanto ao talento. Em minha opinião, aquela adaptação cinematográfica só comprovava o quanto as pessoas eram hipócritas. Não se cansavam de criticar casas noturnas, garotas de programas e qualquer outra coisa relacionada ao sexo explícito, mas não perdiam a estreia de um filme que, na realidade, continha exatamente tudo o que eles julgavam como “errado”. Para essas pessoas, infelizmente, só era arte e só tinha valor o que elas queriam que tivesse. E todo o restante era pré-julgado e rotulado de perversão e pecado.

Eu estava tão concentrada no outdoor que nem mesmo prestei atenção na movimentação da rua — algo que, em hipótese alguma, se deve deixar de fazer, a menos que não se queira continuar vivendo, o que, definitivamente, não era o meu caso. Eu só fui reparar nesse detalhe quando entrei em um beco medonho, em uma tentativa estúpida de cortar parte do caminho até a minha casa.

O lugar era escuro e deserto, completamente sombrio, mas, mesmo com todos esses “probleminhas”, eu continuei seguindo. E, como se não

fosse o suficiente, dois homens pareciam conversar a uns cem metros de onde eu estava. Depois de avistá-los, a minha mente já começou a simular uma espécie de assalto, deixando-me ainda mais paranoica. Eu nunca fui do tipo “garota medrosa”, mas, naquele momento, foi como um instinto daquilo que estava prestes a acontecer.

E só me dei conta do quanto estava errada sobre a conversa daqueles homens, quando um deles puxou um revolver da cintura e disparou duas vezes, derrubando o outro no mesmo segundo. Infelizmente, eu já estava muito próxima da cena do crime para fugir sem ser notada pelo assassino.

Devido a uma descarga de adrenalina em meu corpo, eu até tentei correr, mas, como eu já devia saber, foi totalmente inútil. Tudo o que eu fiz, foi chamar a atenção do assassino e provar de vez que eu havia presenciado a tudo, que eu era uma porcaria de testemunha — uma mulher que estava com a sua sentença de morte devidamente assinada.

Quando percebi que ele havia me identificado, interrompi os meus movimentos, pois, se continuasse correndo, eu sabia que ele não hesitaria em atirar na minha direção. Entre morrer naquele instante e no seguinte, sem nem pensar, eu optei pelo que levava um pouco mais de tempo.

Esperar pela sua aproximação, em passos lentos, sem dúvida alguma, foi a pior parte — pelo menos, até aquele momento, diga-se de passagem.

Eu pensei em dizer “não se preocupe, eu não vou contar sobre o que vi” ou “eu juro que não vou dar uma de X9, colega”, mas essas frases nunca funcionaram antes, o que significava que também não funcionariam comigo.

Então, temendo por minha vida, optei pela boa e velha apelação,

com direito a sorriso e tudo.

Virei-me, encarando-o se aproximar de mim. Ele era grande e estranhamente familiar.

Sim, eu conhecia aquele cara.

O assassino do beco era o loiro que chamara a minha atenção mais cedo na casa noturna, o mesmo que não deixou de me encarar até que eu estivesse fora do palco.

E, no fim das contas, eu o conheceria.

— Você me pegou — eu disse a ele, tentando disfarçar todo o meu desespero. A minha atuação não ficou cem por cento, mas, mesmo assim, consegui controlar o meu nervosismo. Com o olhar fixo em seus olhos, completei: — e foi de jeito.

Após lançar-me um sorriso cruel, Alemão — a maneira como decidi me referir a ele — apanhou um objeto em sua cintura, um revolver, mostrando-me que seria um pouco mais difícil de convencê-lo a não puxar aquele gatilho, como fizera há pouco. Mas nem isso fez com que eu desistisse de tentar. E, sabendo que o próximo minuto seria completamente decisivo para a minha sobrevivência, não fiquei perdendo tempo e coloquei o meu plano infalível em prática.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Canalha Irresistível

Depois do Altar — Capítulo 1

Nós estávamos completamente ferrados. E, definitivamente, não foi muito difícil chegar a essa conclusão, bastava olhar ao meu redor, observando os detalhes do barraco que aluguei para um dos momentos mais especiais de toda a minha vida — a minha lua de mel. Não existia piso algum naquela casa, era, simplesmente, chão e, como se não fosse o suficiente, em alguns cômodos, que eram divididos por uma espécie de cortina artesanal, era coberto por areia da praia.

Provavelmente, eu havia alugado a casa do Tarzan.

Não, aquilo não era um simples engano, estava mais para um meteoro gigantesco, um tão grande quanto o que extinguiu os dinossauros há milhares de anos.

Eu nunca me senti tão burra.

Talvez, com exceção do dia em que eu decidi contratar um acompanhante de luxo para ser promovida a editora chefe na revista em que eu trabalhava.

Mas eu podia mesmo reclamar do meu passado? Se eu não tivesse agido por impulso, não teria conhecido o amor da minha vida — sim, o acompanhante de luxo—, mas isso era uma outra história, que, por sinal, já fora contada.

Eu devia ter suspeitado desde o início, pois tudo estava barato e fácil demais. Mas eu não suspeitei e acabei viajando para o lugar em que

NACIONAIS-ACHERON

Judas perdeu as botas — botas que, provavelmente, estavam enterradas naquela areia maldita. Eu devia ter aceitado o pacote que os meus pais me ofereceram — uma viagem caríssima em um cruzeiro no Caribe —, mas o meu orgulho falou mais alto e acabei enfiando eu e o meu novo marido em uma grande furada.

Furada? Ah, estava mais para um buraco negro.

— E, só pra constar, minha querida, essa ideia idiota não foi minha, O.K? — Pablo começou a dizer, antes de revirar os olhos, acusando-me outra vez de ferrar com as nossas férias. Não, ele não estava me acusando. Pablo afirmava a minha culpa. — Nós devíamos ter ficado no nosso novo apartamento, aproveitaríamos a nossa lua de mel do mesmo jeito, mas não... Tínhamos que viajar para essa maldita praia.

Antes mesmo de completarmos um dia de casamento, já estávamos brigando como se estivéssemos casados há anos. Eu estava me esforçando muito para não esganá-lo com uma daquelas cortinas de bambu, mas o “Pablo Puto” — a maneira “carinhosa” como eu costumava chamá-lo — não estava cooperando nem um pouco.

Por mais que eu odiasse admitir, o idiota do meu marido tinha um pouco de razão. Tudo bem, talvez ele tivesse muita razão.

Eu, simplesmente, decidi comprar passagens para um lugar bem afastado da cidade, em uma praia deserta, onde — em teoria — teríamos toda a paz do mundo para aproveitar nosso momento especial. Eu só não pensei que isso incluiria a escassez de mercados, farmácias, restaurantes ou, simplesmente, de eletricidade.

— Sabe a pior parte? Essa droga de lugar não tem nem uma cama decente, Gabriele Novais — continuou Pablo, transparecendo a raiva que

estava sentindo ao dizer o meu nome completo. Enquanto resmungava, o homem a minha frente olhava para o monte de tábuas forrado por um fino colchão, a nossa mais nova cama. — Nós vamos ter que dormir em cima dessa porcaria aqui... você está me entendendo agora?

Quando eu contei sobre os meus planos para Pablo, ele desconversou e tentou me convencer de todas as formas a ficarmos na cidade, em nosso novo apartamento — um presente dos meus pais, um que eu aceitei de maneira muito relutante. Mas, no final das contas, ele acabou cedendo aos meus desejos. A minha lavagem cerebral foi tão bem feita que Pablo confidenciou-me que até achava sexy a ideia de estar comigo em uma “espécie de floresta”.

Ao julgar por sua reação, isso não devia ser muito verídico.

— Não, meu amor, a pior parte foi você ter me dito que adoraria ficar preso comigo em uma “espécie de floresta” — lembrei ele, enquanto fazias aspas com meus dedos. — Então, bonitão, uma cama dessas não deve ser um problema para o Tarzan aqui, não é?

Ele balançou a cabeça, como se ainda não aceitasse o fato de estarmos completamente ferrados, presos no meio do nada.

Às vezes, eu me esquecia do quanto Pablo podia ser direto. Mas, nesses determinados momentos, ele sempre fazia questão de me lembrar.

— Eu só disse isso porque nunca pensei que você fosse nos enfiar em uma droga de “espécie de floresta” — argumentou ele, copiando o meu gesto de aspas, completamente sarcástico. — É bem provável que uma cama de pedra seja mais confortável do que isso.

Eu já estava cansada de ouvi-lo reclamar sobre a porcaria da cama. Eu havia entendido que não dormiríamos bem ali, que aquele monte de

NACIONAIS-ACHERON

taboas velhas era desconfortável, mas reclamar disso várias vezes não tornaria a taboa macia.

— Por que você está tão irritadinho por causa de uma porcaria de cama?

Primeiro, ele me encarou como se não estivesse acreditando em minhas palavras. Em seguida, lembrou-me do dia em que nos conhecemos, sendo completamente grosso, ao dizer: — Nós estamos em lua de mel — gritou ele, com uma voz séria, como se eu fosse surda. — Nós deveríamos passar noventa por cento do nosso tempo livre em cima dessa maldita cama... Ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?

Aquilo foi a gota d'água, a única coisa que faltava para eu explodir.

Sem paciência para continuar com aquela discussão ridícula, eu finalizei, encerrando o assunto: — você é um imbecil... E, quer saber, fique aqui com essa cama, pois ela será tudo o que você vai foder nessa lua de mel, seu babaca.

Depois de dizer, com o mesmo tom de voz usado por ele, eu deixei o barraco, segurando-me para não começar a chorar.

Do lado de fora, contemplei a grande desgraça em que me enfiei. Toda a casa era feita de madeira e a pior parte, certamente, não era toda a tinta descascada. Ela parecia estar podre, prestes a desmoronar.

Era impossível não compreender Pablo em relação a péssima hospedagem. Entretanto, eu não conseguia aceitar a maneira como ele reagiu em relação a isso. Esse, definitivamente, não era o homem que escolhi para viver ao meu lado pelo resto da minha vida.

Cansada de encarar o que, provavelmente, era um dos meus maiores arrependimentos, virei-me, caminhando em direção a praia, a única coisa bonita de todo aquele lugar. Mas até mesmo a beleza dela possuía algumas controversas.

Por ser em um local afastado da cidade e muito pouco frequentado, a areia era limpa, mas completamente tomada pelo mato, que dominava praticamente toda a extensão dela, deixando apenas uma pequena trilha que levava até bem próximo do mar. O mato só chegava ao fim perto da areia úmida.

Eu tirei os meus chinelos, um par de havaianas na cor rosa, e comecei a andar, acompanhando a margem do mar, molhando os meus pés, enquanto pensava na briga que tive com Pablo.

As palavras dele conseguiram me irritar mais que o lugar, pois elas me mostraram que em nosso primeiro obstáculo — um muito idiota, por sinal — nós dois optamos por brigar em vez de superá-lo juntos, como um casal deveria fazer.

— ESPERE!

A voz de Pablo fez com que eu caminhasse ainda mais rápido, ignorando o seu pedido. Eu ainda não tinha digerido todo o episódio do “ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?” Mas, infelizmente, de nada adiantou, Pablo correu, alcançando-me em pouco tempo. Ele nem mesmo se esforçou.

Ele me encarou por alguns segundos, provavelmente, pensando em como se desculpar por agir feito um idiota, a sua maior especialidade.

Eu reconhecia aquele olhar de cachorro sem dono, algo arquitetado para que eu sentisse pena dele. Mas, desta vez, o seu olhar não funcionaria,
NACIONAIS-ACHERON

ele teria que se esforçar um pouco mais.

— Desculpe pela parte de “te foder na areia da praia” — comentou ele, tentando permanecer sério enquanto pronunciava a frase “foder na areia da praia”. — Eu... eu sou um imbecil e sei muito bem disso. Mas, em minha defesa, você já sabia disso antes de se casar comigo.

Continuei em silêncio, mostrando a ele que nós ainda não estávamos nada bem. Se ele quisesse acertar as coisas comigo, precisaria de uma desculpa bem melhor, de preferência uma que não me culpava por seus erros.

— Ei, amor... — Pablo sorriu do seu jeitinho especial, roubando-me um meio sorriso. Aquele canalha sabia bem como me derreter, foi impossível não sorrir com aquela expressão em seu rosto. — Desculpe por eu ter surtado, jogando toda a culpa em cima de você. — Pablo tornou a rir, antes de completar: — por mais que ela realmente seja sua. Eu... eu acho que só queria que tudo fosse perfeito. E, no meio disso tudo, eu acabei me esquecendo de que você é a coisa mais perfeita na minha vida. E, sim, esse lugar é uma droga, mas ter você aqui comigo o torna, de alguma forma, um pouquinho melhor.

Eu parei de andar, rendendo-me completamente a ele. Eu deveria judiar um pouquinho mais de Pablo, mas não consegui — e depois, provavelmente, me arrependeria.

Aquele homem era o meu ponto fraco, o meu calcanhar de Aquiles.

Pablo aproximou-se, mantendo os olhos fixos em mim, como se estivesse prestes a me devorar. E, talvez, ele realmente estivesse cogitando essa ideia, pois avançou sobre mim como um verdadeiro predador, beijando-

me de uma maneira voraz.

— Eu estou começando a achar que você realmente quer que eu te foda na areia da praia — disse ele, sem afastar os nossos rostos. As suas mãos, que estavam em minha cintura, desceram, agarrando a minha bunda com força, de uma maneira dominadora e safada. — Minha loirinha top.

Eu empurrei ele, antes de dizer: — você falou “top”? O nosso casamento terminou aqui.

Ele tornou a me agarrar, prendendo-me em seus braços fortes e protetores.

— Eu posso não dizer tanto quanto eu queria, eu posso não demonstrar tanto quanto eu sinto, mas eu quero que saiba que te amo e que sempre vou amar — disse ele, com uma voz séria, olhando dentro dos meus olhos. E, então, Pablo sorriu, finalizando: — minha loirinha top.

Enquanto meu marido envolvia-me daquela forma, finalmente eu fui capaz de notar toda a beleza daquele lugar. Ela não estava no barraco que aluguei, não estava na areia, tampouco no mar. Estar com ele era o que tornava aquele lugar maravilhoso.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Sabor da Traição

Traída — Capítulo 1

Depois de um tempo jogando o “jogo da vida” — que não é aquele de cartas, que consegue ser ainda mais chato, diga-se de passagem —, você descobre que os contos de fadas acabam por uma razão bem específica.

O maravilhoso “felizes para sempre” não costuma durar tanto tempo assim — pelo menos, não durou comigo.

Por mais ridículo que possa parecer, eu costumava me ver como uma espécie de Cinderela da vida real, pois vim de uma família bem humilde e, estranhamente, casei-me com um milionário, alguém que pensei ser o meu príncipe encantado, o meu “amor verdadeiro”.

Sim, eu costumava ser uma mulher bem inocente — ou uma extremamente idiota, se preferir.

A pior parte de tudo isso, em minha opinião, era que o meu casamento estava sendo muito feliz, não existiam problemas entre nós dois. E, se eles realmente estavam ali, eu desconhecia — o meu marido certamente se esquecera de me contar.

O nosso amor — aquele que eu pensei ser mais forte do que tudo — se tornou frágil demais, começando a acabar depois de eu assistir a uma única cena protagonizada por ele.

Era uma noite fria de domingo, eu estava parada em frente à porta,

sem reação, completamente devastada, encarando-os naquele momento totalmente asqueroso — algo que eu nunca mais seria capaz de esquecer —, logo depois de tê-lo seguido até a nossa casa de campo, em um ato desesperado.

Todos os meus problemas começaram quando eu resolvi dar ouvidos aos conselhos da minha mãe.

“Aquela mulher não me engana nenhum pouco, Greice. E se você não abrir os seus olhos logo, ela vai abri-los pra você”, dissera a minha mãe, logo depois que a minha amiga deixou a sala.

E, agora, depois de tudo isso, eu descobri o quanto ela estava certa, pois os meus olhos nunca estiveram tão abertos.

Em um primeiro momento, eu afastei todas essas possibilidades da minha cabeça, porque, por mais que a minha mãe estivesse com todas aquelas acusações, eu confiava completamente em Frederico e também na mulher que a minha mãe acusava sem nenhuma prova.

Beatriz — “aquela mulher”, de acordo com a minha mãe — era uma amiga tão próxima quanto uma irmã, eu nunca pensaria uma maldade como aquela — pelo menos, não uma que a envolvesse daquela forma.

Não, eu confiava plenamente em Bia.

Algo muito engraçado sobre a confiança é que, não importa o quanto ela seja forte, quando alguém te traz um pouco de dúvida, toda a sua estrutura se abala completamente, transformando-a em uma espécie de taça trincada, algo que pode se quebrar a qualquer momento.

E, quando essa semente é plantada em sua mente, tudo se transforma, fazendo com que você precise tirar uma prova, algo que consiga

afastar todas as vozes em sua mente. E, quando você menos percebe, o seu principal foco passa a ser silenciar todos esses sussurros.

Nos últimos tempos, Frederico viajava muito para a nossa casa de campo para passar o fim de semana com os amigos, as famosas “noites dos homens” — como nós dois costumávamos chamá-las.

Eu nunca enxerguei nenhuma maldade no fato de ele ir se divertir com os amigos algumas vezes no mês — ao menos, não até a minha mãe plantar a desconfiança em minha cabeça.

E, quando ele me contou que estava indo viajar, que passaria o fim de semana inteiro fora, instantaneamente, eu fiquei abalada, tão mexida ao ponto de nem mesmo conseguir disfarçar isso.

Essa foi uma das primeiras vezes que em que brigamos. E, mesmo depois de eu implorar para que ele ficasse, para que passasse o fim de semana comigo no lugar de se divertir com os amigos, ele me deixou em casa, partindo em direção a nossa casa no interior.

Eu não pensei bem, simplesmente, troquei de roupa e fiz com que um dos nossos motoristas me levasse pra lá. Eu cheguei algumas horas depois dele.

A princípio, estranhei o fato de nenhum dos carros dos amigos de Frederico estar estacionado ali, mas ignorei esse fato, pois existiam milhões de explicações para isso. Eles poderiam ter combinado de chegar depois ou, simplesmente, o meu marido havia desmarcado o encontro, optando por descansar a mente, passando um período de tempo sozinho depois da briga que tivemos.

Sim, eu gostava de me enganar, encontrando desculpas idiotas para as perguntas sem respostas ou, simplesmente, arrumando respostas

alternativas para as que eu já possuía. Eu costumava fazer isso inconscientemente.

Mas, como deveria ter imaginado — pois praga de mãe é mais forte que macumba —, Frederico estava mesmo colocando-me chifres, uns tão grandes ao ponto de me fazer andar curvada.

Provavelmente, essa era a causa das minhas dores nas costas.

Maldito!

Quando adentrei a casa, o encontrei na sala, completamente despido, dividindo o sofá — que costumávamos usar juntos — com a pessoa que se dizia ser a minha amiga, a melhor delas, mais especificamente.

Enquanto eu encarava-os, podia sentir as várias facadas perfurando as minhas costas, Bia e Frederico nem mesmo me deram uma chance de se defender de seu ataque covarde.

Naquela fração de segundos, eu não queria gritar, gastando a minha voz com aqueles dois, não valia a pena, eles não mereciam. Eu queria ter soado de uma maneira elegante — algo que a mãe dele sempre me acusava de não possuir —, eu queria parecer, de alguma maneira, completamente superior a aqueles dois safados.

Mas, infelizmente, eu não consegui.

Em vez de tudo isso, eu gritei com eles, acabei puxando o cabelo dela, quebrei algumas unhas e deixei um olho roxo na cara daquela falsa.

O meu sangue era quente demais para ignorar.

Se existia uma única regra entre amigas, com toda a certeza, era a de não pegar o homem da outra. Isso era quase uma lei da natureza, não se deve roubar a casa de quem te dá abrigo. Mas Beatriz nunca foi uma mulher

inteligente.

Eu já não sabia o que me deixara mais surpresa; o homem que eu amava com outra mulher ou a minha melhor amiga dormindo com o meu marido. Talvez não houvesse diferença, provavelmente me machucaram em uma intensidade parecia, pois eu não conseguia distinguir, só sentia a dor do golpe.

E eu continuei sentindo, por mais dois anos.

Se eu me separei de Frederico após descobrir aquela traição? Não, eu continuei casada com ele, fingindo que o nosso casamento era algo mais que uma grande fachada.

Eu não poderia chutar o balde, a situação era um pouco mais complicada. E, por mais que não tivéssemos filhos, eu não teria como me manter sem o dinheiro dele.

Tudo o que eu tinha era a minha mãe, que também vivia da fortuna do meu marido.

“Greice Rafaela da Silva Brandão, eu te criei para ser uma dama. E uma dama você se tornou. Não jogue tudo fora por causa de um filho de uma puta”, dissera a minha mãe, quando confirmei as suas suspeitas.

E, desta vez, eu segui o seu conselho sem questionar.

Por eu não ter dinheiro, a família dele só concordou com o nosso casamento se ele ocorresse com separação total de bens. E, naquela época, eu não me importei, pois vivia na ilusão de que nós dois ficaríamos casados para sempre, que nunca deixaríamos de nos amar.

Eu nunca me importei com o dinheiro dele, só me casei com Frederico porque estava verdadeiramente apaixonada. Naquele tempo, eu

acreditava que dinheiro não era a melhor coisa do mundo, que somente o amor verdadeiro poderia trazer a felicidade para a vida de uma pessoa.

Eu só não imaginava que essa felicidade possuía um prazo de validade tão curto.

Sem saber, eu, literalmente, assinei o meu péssimo destino, condenando-me a uma vida miserável ao lado de alguém ainda mais miserável.

E quanto a minha querida amiga, ela continuou como estava, solteira e completamente rodada. As amantes nunca aprendiam a lição. Por mais que um homem jurasse lealdade a você, por mais que ele pronunciasse mil vezes o “eu te amo”, jamais iria se separar da atual mulher para te assumir perante a sociedade. Para eles, existe uma grande diferença entre a mulher com quem se dorme escondido e aquela com quem acorda pela manhã.

E, mais uma vez, a minha mãe não estava errada.

Depois de tudo o que aconteceu com Beatriz, Frederico me pediu perdão, prometendo não me trair novamente, jurando que faria o impossível para consertar a nossa relação, para se redimir comigo.

Tudo isso, acompanhado de um belo colar de diamantes, claro — o melhor presente possível para um pedido de desculpas.

Eu o perdoei, afinal, as pessoas podiam mudar, não é? Todos deviam ter direito a uma segunda chance.

E, realmente, o meu marido mudou, mas só por exatos três meses, até eu descobrir uma nova traição. Talvez ele nunca tivesse realmente deixado de me trair.

Dessa vez, pelo menos, o cretino não usou a nossa casa de campo para transar com a vadia, deixando para fazer o seu trabalho sujo em um motel barato.

Eu só descobri sobre a traição porque a sua mais nova — ou velha — amante me enviou as fotos pelo Facebook, em uma tentativa patética de se vingar dele.

Como não sou boba — não depois de ter que aprender a cortar as galhadas em minha cabeça —, ajudei ela na vingança, vazando as fotos e envergonhando os dois, de uma só vez. Mas o infeliz do meu marido foi mais rápido do que eu e conseguiu remover todas as fotos da internet em um único dia, acabando com todo o meu plano vingativo.

A minha sorte foi que Frederico nunca descobriu que havia sido eu a vazá-las e não a sua amante revoltada. Pelo menos, o meu plano serviu para afastá-los de uma maneira definitiva.

Depois disso, Frederico se desculpou comigo novamente, jurando nunca mais me trair e, é claro, eu fingi acreditar nele, pois eu não tinha nenhuma outra opção além de aceitar continuar vivendo naquele ciclo eterno de traição.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

ANNE MILLER

“Anne Miller é, simplesmente, uma autora independente que começou a sua jornada na plataforma Wattpad. Como muitas outras, ela sempre sonhou em contar as suas histórias — com uma pegada bem quente — para o mundo e, finalmente, está tendo a chance de vivenciar esse sonho. Além do conto “Selvagem”, também tem o livro “Marido de Aluguel” — o seu primeiro livro — disponível na Amazon”.

Acompanhe-me nas redes sociais e fique por dentro de todas as novidades.

Wattpad: www.wattpad.com/iannemiller/

Facebook: www.facebook.com/annemillerautora/

Site: annemilller.blogspot.com.br/